1955

NOVEMBRO - N.462

EU SEI TUDO

ANO 39 — Nº 6
NOVEMBRO 1955

10 CRUZEIROS

LOTEAMENTO CIDADE

BEIRA-MAR

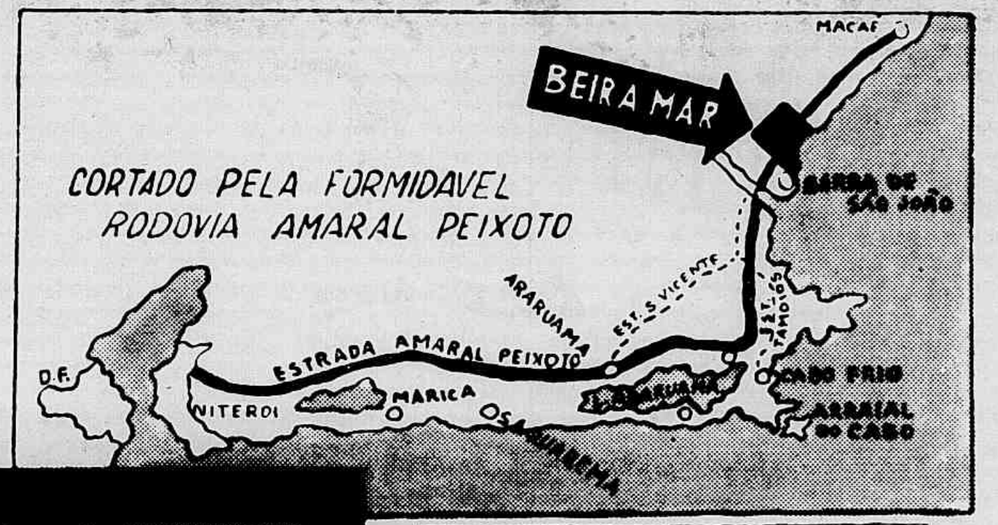
BARRA DE SÃO JOÃO

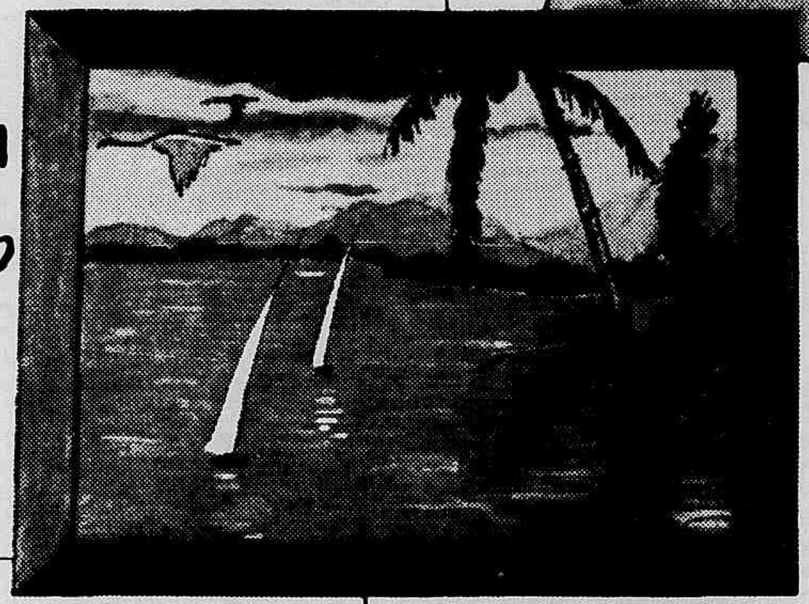
★

NA MAIS LINDA PRAIA NO MELHOR PONTO TURISTICO DO EST. DO RIO

★

CONTINUACÃO DA PRAIA DE CABO FRIO





PRESTAÇÕES A PARTIR DE

CR$

70,00

MENSAIS

MATAS • PRAIA

CAÇA • PESCA

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS :

- ★ Pagamento em 100 meses
- ★ Sem entrada e sem juros
- ★ Condução farta : diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
- ★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
- ★ Construção livre — Posse imediata.
- ★ Caça e pesca abundante.
- ★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

VENDAS E INFORMAÇÕES

CONCESSIONÁRIA

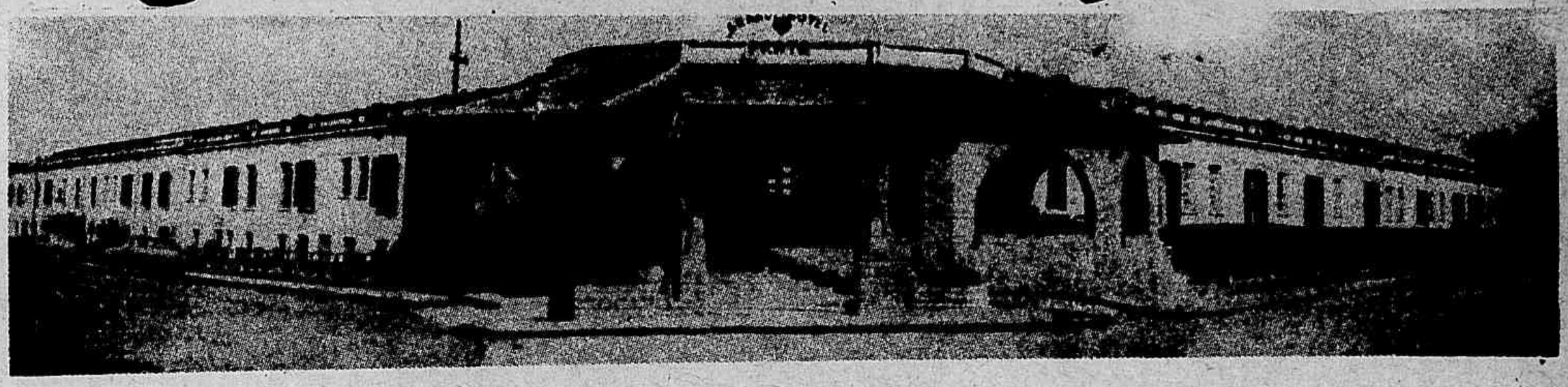
C.-B.-M.

COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAUJO PORTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)
TELEFONE : 32-9933
Horário : 9 às 18 horas (inclusive sábados)
Domingos : das 9 às 12 horas.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.

O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

Diária para solteiro desde Cr$ 190,00
Diária para casal desde... Cr$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel, telefones 20, 29 e 4 — Aguas da Prata, Estado de São Paulo.

AGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.

O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.

Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.

Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

E BELOS SÃO TAMBEM OS SAPATOS da INSINUANTE

Para o encanto de seus pés, lembre-se de que INSINUANTE tem sempre o sapato adequado para cada traje, para cada toilette, ou para o colorido do seu tipo, sugerindo e dando ao seu trajar o encanto e o realce que fazem das suas clientes, AS MULHERES MAIS BONITAS DA CIDADE.

insinuante
A Sapataria mais querida da Cidade

INSINUANTE troca ou devolve a importância com o mesmo sorriso com que lhe vende.

RUA DA CARIOCA, 46-48 SETE DE SETEMBRO, 199-201

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO HISTÓRICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 7,00. Número atrasado: Cr$ 8,50. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 90,00, para o estrangeiro: Cr$ 120,00.

Conto de MAXINE CURTIS

ISTO TAMBÉM É AMOR!

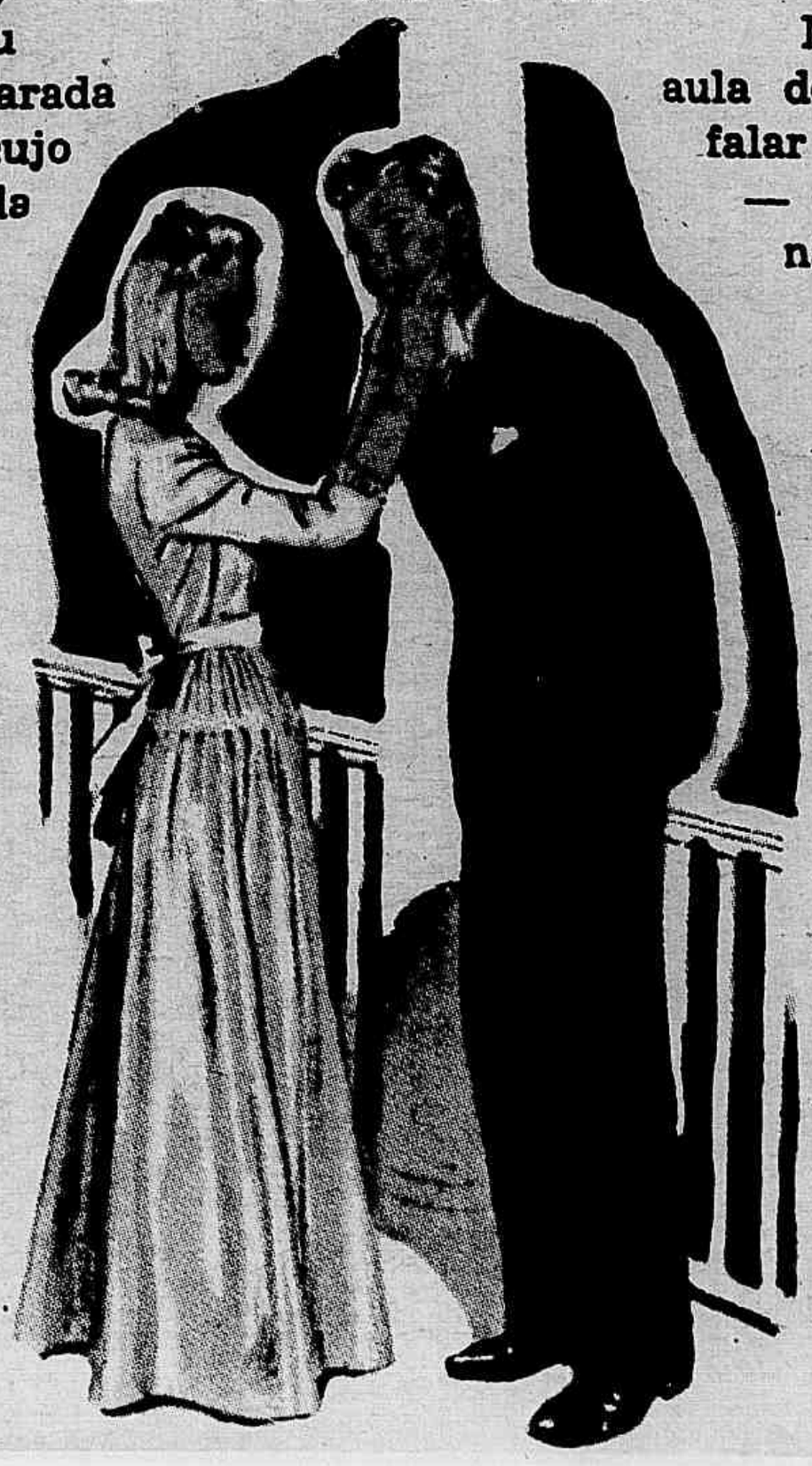
"NÃO é curioso que a mulher enganada seja sempre a última a saber?" — Era o que eu perguntava a mim mesma, quando Barney me deixou entender que eu estava tão pouco preparada quanto uma fiel espôsa, cujo marido, depois de longa vida conjugal, requeresse o divórcio, dizendo simplesmente: **"Há outra mulher em minha vida."**

Isso aconteceu quando voltávamos do colégio. Barney disse, sem qualquer hesitação:

— A verdade, Pen, é que não vou poder ir ao baile com você... Tinnsey quer que a acompanhe... Acho que é meu dever... Você sabe que foi ela quem me ajudou a traduzir um enrascado trecho de espanhol...

— Por que você não me falou que precisava de socorro em espanhol? — perguntei, contendo as lágrimas.

— Justamente porque você sabe tanto quanto eu! — disse êle, maliciosamente.



No dia seguinte, após a aula de espanhol Tinnsey veio falar comigo:

— Querida Pen, espero que não se incomode se Barney acompanhar-me à festa. E, depois de tudo, êle disse que você **nada tem com isso**! Penso, por outro lado, que ninguém ignora que Barney e eu temos... **muita coisa em comum**!

— Claro! — respondi.

— E, além do mais, tenho notado que você e êle penteiam os cabelos do mesmo lado.

A seguir encaramo-nos, com ódio, e cada uma seguiu o seu caminho.

Fiquei satisfeita quando Buzz aceitou a sugestão para levar-

me ao baile. Êle não me era simpático, porém eu conhecia a natureza das suas relações com Tinnsey.

— Agora Buzz — disse eu, quando a caminho da festa — dance com Tinnsey tanto quanto quiser. Não se preocupe comigo, **nem com Barney**.

— Você devia-dizer **"tanto quando agradar a ela"** — corrigiu êle, corando. — De certo tempo para cá, Tinnsey fala comigo como se eu fôsse **um pobre diabo**.

— Isto só acontece porque você vive a adulá-la — expliquei. — Se você mostrasse certo desinterêsse ou desviasse sua atenção para outra qualquer, logo passaria a ser o NÚMERO UM para ela!

— Oh, Pen! — disse êle, com ansiedade. — Se isso desse resultado...

Compreendi que o meu conselho havia encontrado grande repercussão no espírito de Buzz. E quando dançávamos, passamos perto de Barney e Tinnsey.

Barney falou qualquer coisa com Buzz. E, antes de que êste último pudesse responder, Tinnsey deixou escapar um ligeiro grito de dor.

— Ai meu tornozelo! Machuquei-o ontem. Oh, Barney, ajude-me a encontrar uma cadeira!

— De preferência uma cadeira elétrica... — murmurei entre dentes.

A noite estava realmente encantadora. Buzz se achava muito perto de mim, Tinnsey conservava Barney grudado à sua cadeira, sem sequer olhar para mim uma só vez. A festa, na realidade, não me agradou até o momento em que Barney se aproximou e disse, por entre os dentes:

— Vamos dançar, Pen.

— A festa está uma maravilha! — disse eu, quando começamos a dançar. Barney forçou um passo difícil e que por pouco não nos estendeu no chão.

— De que maneira Tinnsey machucou o tornozelo? — continuei, em tom natural. — Será que levou alguma "queda" em algum verbo espanhol?

— Eis uma bela maneira de falar de uma colega! — disse êle, sisudo.

— Creio que somos colegas por acaso... — respondi, com presteza. — E acho que só Buzz tem mêdo dela!

— Você não? — interrompeu bruscamente. — A princípio pensei que você e Buzz representavam uma farsa, a fim de obrigar-me a aceitar o convite de Tinnsey. Mas logo ela explicou tudo...

— E o que disse ela? — perguntei, fingindo despreocupação.

Antes de que êle pudesse falar, a música parou e Buzz caminhou na minha direção...

NA manhã seguinte, sem que eu tivesse tido tempo de acordar completamente, Tinnsey surgiu.

— Não foi um sonho, a festa? — disse ela.

— Para mim foi justamente o contrário.

Ela franziu as bem cuidadas sobrancelhas.

— É estranho! Pensei que você e Buzz iam às mil maravilhas. Juro que Barney também pensou isto!

— Ouça, Tinnsey — comecei, com vivacidade. — Agora Barney já está livre da prova de espanhol. Isto significa que, daqui por diante, nada poderá haver entre você e êle. Assim, é melhor que você se agarre ao Buzz...

— Afirmo que você está tomando o bonde errado! — disse ela. — Se Barney nada mais quer comigo, como é que acaba de convidar-me para ir ao cinema, esta noite? Quem deve agarrar o Buzz, de qualquer maneira, é você mesma que nem sequer tem atrativos para arranjar um namorado!

MAL ela se retirou, Buzz chegou. — "Você acha que Tinnsey notou alguma coisa?" — perguntou, com ar esperançoso de uma criança.

— Sem dúvida! — disse eu, aborrecida. — Agora, você e eu seremos acusados de namorar às escondidas. E a culpa é da minha bondade, Buzz. E você abusou dela!

Mamãe interrompeu a conversa, aparecendo com uma lista na mão.

— Bom-dia, Barney — disse ela, displicentemente.

— Êste é Buzz, mamãe — corrigi apressadamente.

— Oh! Bom-dia, Buzz... Pen, quero que me faça um favor. Vá ao **Blake's** e compre daqueles bolinhos.

— Irei com você! — disse Buzz, afetando gentileza.

O **Blake's** fica situado nas imediações da nossa casa e, antes da aparição de Tinnsey, era o lugar favorito onde eu e Barney costumávamos comer.

Depois de receber os bolinhos, Buzz e eu paramos na alamêda onde se realizam os piqueniques, e descansamos em um banco, por algum tempo. Estávamos sentados, ambos deprimidos por nossos pensamentos, quando um enorme touro circundou um grupo de árvores e avançou em nossa direção. Fiquei tão aterrorizada que não consegui mover-me.

Buzz parecia participar de minha emoção.

— É um touro! — gritou êle.

— Vamos ficar sentados imóveis, talvez êle nos deixe em paz — murmurei.

Naquele momento, um homem saltou diante do touro.

NÃO se assustem — avisou êle. — É o Ferry. É manso como um cordeiro, não é Ferry? — e enlaçou com o braço o poderoso pescoço do animal, que se mostrou absolutamente inofensivo.

— Que anda êle fazendo por esta alamêda? — perguntei, com a voz ainda trêmula.

— A culpa é de algum moleque que deixou a porteira aberta.

Acariciou a orelha do touro e depois continuou:

— Êste touro é inteligente como êle só! Agora está aprendendo a dar apertos de mão. Vem cá, Ferry, cumprimentar a senhorita!

— Não. As minhas mãos estão sujas — disse eu, nervosamente. — É que andei muito de bicicleta.

— E eu também — disse Buzz.

Quando nos livramos de Ferry, e já íamos para casa, Buzz falou:

— Estou admirado, Pen! Se Tinnsey tivesse visto aquêle touro, certamente que poria o coração para fora, enquanto você se conservou calma como se nada houvesse acontecido!

Evitei explicar os motivos que me levaram a permanecer daquela maneira.

— Buzz... Você gostaria de voltar a ser a grande preocupação de Tinnsey? — perguntei, procurando ser natural.

— Da mesma maneira como gostaria de acordar, amanhã, multimilionário, por exemplo!

— Pois acho que sei como conseguir isso! É o seguinte: promoveremos um piquenique na alamêda, com Barney e Tinnsey. Então você, disfarçadamente, abre a porteira. Ferry correrá para nós e Tinnsey morrerá de susto. Aí você dirá: **Não se assustem que eu seguro o touro**, e passará

os braços em redor do pescoço de Ferry, enquanto nós fugimos. Você será um herói e Tinnsey se apaixonará e pagará por tudo o que lhe tem feito. Que tal? — concluí, alegremente.

Buzz franziu as sobrancelhas.

— Farei tudo... exceto abraçar o touro! — disse êle.

— Tolice, Buzz! — interrompi. — Ferry é dócil como um boneco. Foi assim que o homem disse! Você mesmo viu como êle se comportou. Nesta vida nada conseguimos sem fazer muito sacrifício!

— Sim — disse êle, zangado — mas minha vida não está para ser arriscada assim tão estùpidamente...

DURANTE as semanas seguintes, Buzz evitou falar comigo, enquanto as coisas entre Barney e Tinnsey chegavam ao estágio poético. Na hora do lanche, êles se sentavam ao pé de uma árvore e Tinnsey começava a recitar versos em espanhol, o que parecia deixar Barney encantado.

Finalmente, numa sexta-feira à tarde, Buzz se deu por vencido.

— Está certo, Pen! Aceito o que você propôs — disse êle, com ansiedade. — Prepare o piquenique e deixe o resto comigo!

Compreendi que meus projetos estavam prestes a concretizar-se. Era muito natural que eu pretendesse eliminar Tinnsey do meu caminho, e aquêle momento surgia como a ocasião mais própria. Ao terminar a aula, fui à casa dela e disse-lhe, calmamente:

— Vá lavar o rosto! — ordenou Buzz. Não vou levá-la de volta com o rosto assim, mais parecendo um mapa de estrada.

— Tinnsey, eu e Buzz planejamos um piquenique para amanhã, na alamêda **Blake's** e pensamos que você e Barney gostariam de participar... Buzz ficará

completamente desapontado se você não comparecer.

Já temos planos para amanhã — disse ela, desinteressadamente.

— Ora! — disse eu, encolhendo os ombros. — Diga logo que tem mêdo de perder Barney para mim.

— Mêdo! — exclamou ela, vivamente. — Não vejo quem possa tirá-lo de mim!

Por um instante, ficou pensativa e apertou os olhinhos, numa atitude hesitante.

— Contudo reconheço que tenho agido muito mal com o pobre Buzz — justamente êle, que sente as coisas tão profundamente! Pode contar comigo! Irei! Vai ser mesmo interessante...

— Claro que será! — assegurei. — Mas não no sentido em que você pensa — acrescentei para mim mesma...

TUDO estava pronto para o piquenique, quando Buzz telefonou.

— Pen, não podemos mais realizar o piquenique! — disse êle. — Passei mal durante tôda a noite. Não sei o que vem a ser isto!

— É mêdo! — **diagnostiquei** amargamente. — Oh, Buzz! Mêdo... de Ferry!

— Mêdo nada! — retrucou êle, com dignidade. — É que tenho febre!

— Está bem! — disse eu. — Não duvido. — e soltei o fone no gancho.

Mas eu não queria desistir do passeio; era a minha única oportunidade de falar com Barney claramente, e não sou dessas que desperdiçam **chances** sem mais nem menos. Assim, decidi cancelar a aparição do touro, no piquenique, visto que Buzz não tinha coragem para representar o herói.

Quando Barney e Tinnsey chegaram, de bicicleta, tive vontade de desaparecer do mundo. Barney trazia uma camisa da côr da minha e Tinnsey vestia uma saia furta-côr e um lindo suéter.

— Buzz não pôde vir! — comecei a explicar. — Tem febre!

— Que pena! — disse Barney.

— Você está certa de que convidou Buzz? — perguntou Tinnsey, com maldade.

— Telefone para êle, se quiser!

Tinnsey desceu da bicicleta anunciando que ia chamá-lo. Aguardei a sua volta num estado de profunda calma interior,

(Continua na página 110)

NAO ESQUEÇAMOS QUE A TERRA GIRA...

Todos os que freqüentaram a escola sabem que a gravidade da Terra é mais acentuada nos pólos do que no Equador. Isto quer dizer que um quilo de pêso, devidamente controlado pelo "Escritório de Pesos e Medidas", indicaria mil gramas na agulha de uma balança instalada em Paris, 1003 gramas no pólo e nada mais de 997 gramas no Equador.

Tal diferença depende da fôrça centrífuga proveniente da rotação da Terra, fôrça esta que influi sôbre todos os corpos situados na sua superfície. Se o nosso planêta girasse com uma rapidez dezessete vêzes maior, a gravidade desapareceria completamente no Equador e um simples pontapé seria suficiente para fazer um homem dar um passeio pelas estrêlas!

Vejamos o que ocorre no campo do esporte. Não há dúvida de que as provas de lançamento (pêso, disco e dardo) são mais difíceis nas latitudes polares do que nos países tropicais.

O atleta Gordien, que lançou o disco a mais de sessenta metros em Pasadena, na Califórnia, sofreu uma diminuição de sete ou oito centímetros, repetindo a mesma prova em Oslo.

Do mesmo modo, os que praticam o salto estão sujeitos as perturbaçoes planetárias. O famoso Jess Owens saltou 8,13 metros na Califórnia, porém, na Finlândia só conseguiu atingir 8,11 metros. Walter Davis, que saltou 2,12 na Califórnia, não repetiu a mesma façanha em Helsinki.

Em compensação, o nosso campeão Ademar Ferreira da Silva, que saltou 16,22, em Helsinki, chegou aos 16,56, no México.

SÃO FALSOS TODOS OS "RECORDS" ESPORTIVOS!

A ROTAÇÃO DA TERRA E A AÇÃO MAGNÉTICA AVANTAJAM OS COMPETIDORES DAS REGIÕES TEMPERADAS SÔBRE OS QUE PRATICAM ESPORTE MAIS PRÓXIMO DO PÓLO.

ERROS PLANETÁRIOS DE 3 CENTÍMETROS

Vejamos agora, mais detalhadamente, as várias causas dos erros. Durante as Olimpíadas de 1932 assistimos a uma verdadeira heresia científica: a pistola, cuja detonação era o sinal de partida, achava-se a quinze metros dos corredores. A bala cortava um fio elétrico ligado ao quadrante automático, de modo que a indicação do disparo tinha exatidão. Mas, como o som se propaga com relativa lentidão, com a velocidade de 340 metros por segundo, o corredor mais afastado da pistola ouvia o disparo com um atraso de 1/25 de segundo.

Se colocamos um canhão no tôpo de uma montanha, é fácil conseguir maior distância se atiramos na horizontal. Tal é a situação, em ponto pequeno, de um lançador de disco, que efetua sua prova sôbre um terreno não de todo plano e horizontal. Observem o pêso que chega ao solo com um ângulo de 45 graus. Se no lugar do impacto o solo é de 3 milímetros mais baixo do que o lugar onde repousa os pés do atletá, êste levará uma vantagem equivalente a três milímetros.

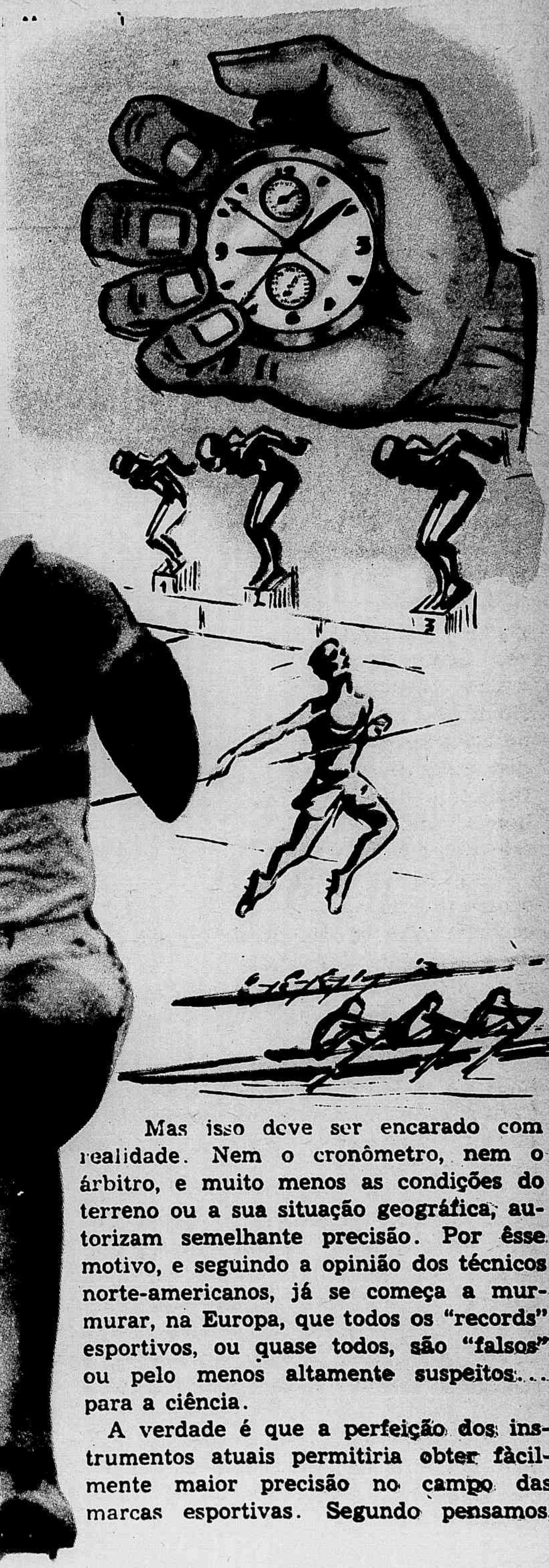
E notem que basta essa diferença para se bater um "record"!

Quando se trata do disco, que chega tocando o solo, formando um ângulo muito agudo, tal êrro pode ser multiplicado por três.

Isto quer dizer que os "records" só deviam ser homologados quando realizados num terreno em que não haja a diferença de um único milímetro. Mas a verdade é que tal coisa é pràticamente impossível e nem podemos comparar os "records" conseguidos em lugares diferentes; por isso é que falamos da sua pouca justificação do ponto de vista estritamente científico.

NÃO CULPEM OS JUÍZES !

À medida que a máquina humana, paulatinamente aperfeiçoada pelo treinamento, se aproxima dos limites naturais de sua fôrça, a luta, nas competições desportivas, torna-se cada vez mais severa. Com efeito, todos sabem que, com relação ao lançamento do martelo ou do disco, os concorrentes costumam estar separados por diferenças de 3 milímetros, fato suficiente para proclamar um novo "record"



Sim! Inclusive o de Ademar Ferreira da Silva. Segundo a Ciência sua marca no México tinha que ser melhor que a da cidade de Helsinki.

Mas isso deve ser encarado com realidade. Nem o cronômetro, nem o árbitro, e muito menos as condições do terreno ou a sua situação geográfica, autorizam semelhante precisão. Por êsse motivo, e seguindo a opinião dos técnicos norte-americanos, já se começa a murmurar, na Europa, que todos os "records" esportivos, ou quase todos, são "falsos" ou pelo menos altamente suspeitos.... para a ciência.

A verdade é que a perfeição dos instrumentos atuais permitiria obter fàcilmente maior precisão no campo das marcas esportivas. Segundo pensamos,

todo mundo devia acatar os ditames de um quadrante ou de uma célula foto-elétrica, como sucede nos laboratórios; porém, poderosas tradições desportivas se opõem a tal progresso. E tais tradições, tão válidas nas pistas como nos quadriláteros ou nas canchas, indicam que o **"árbitro sempre tem razão"**.

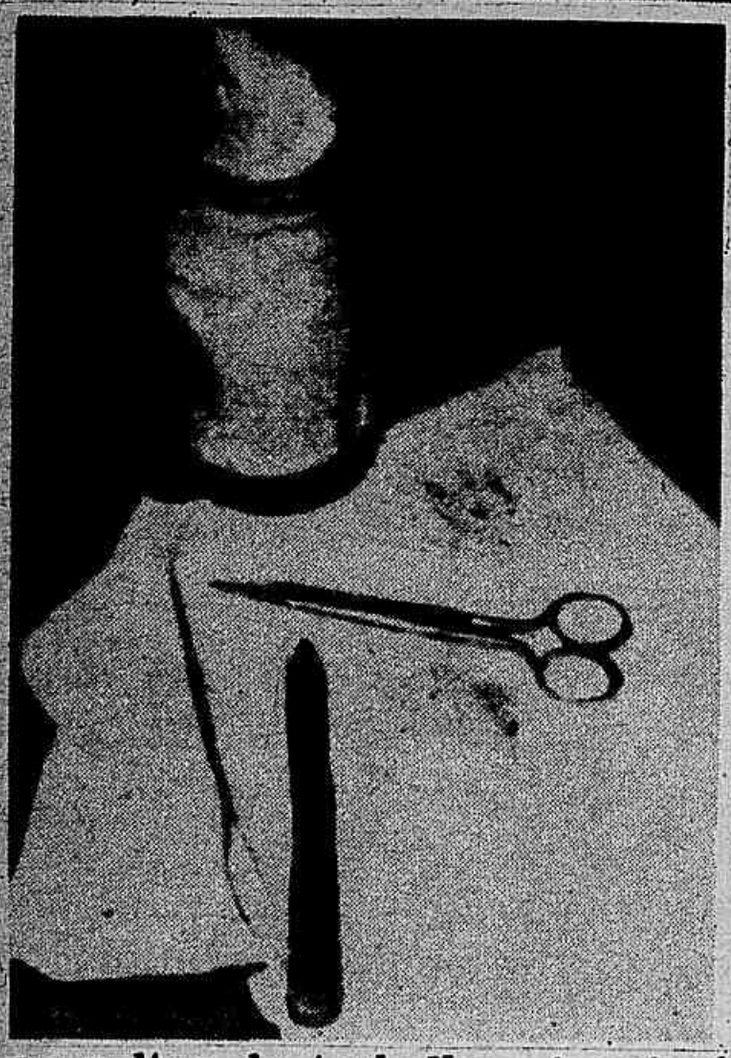
E se o árbitro não concorda com os instrumentos de precisão?

Suponhamos, então, que o cronometrista de carne e osso determine que os 100 metros rasos foram percorridos em 10 segundos e 7 ou 8 décimos, sem ter muita certeza. Neste caso é preciso o testemunho do gravador automático, que, imperturbável e cientìficamente, registra 10 segundos e 73/100. Então, costuma-se dizer que a "marca" é de 10 segundos e 7 décimos, "cifra confirmada pelo quadrante automático..."

Êste exemplo é bastante para demonstrar que, sob êsse aspecto, estamos muito afastados dos métodos que imperam nos laboratórios.

★ ★

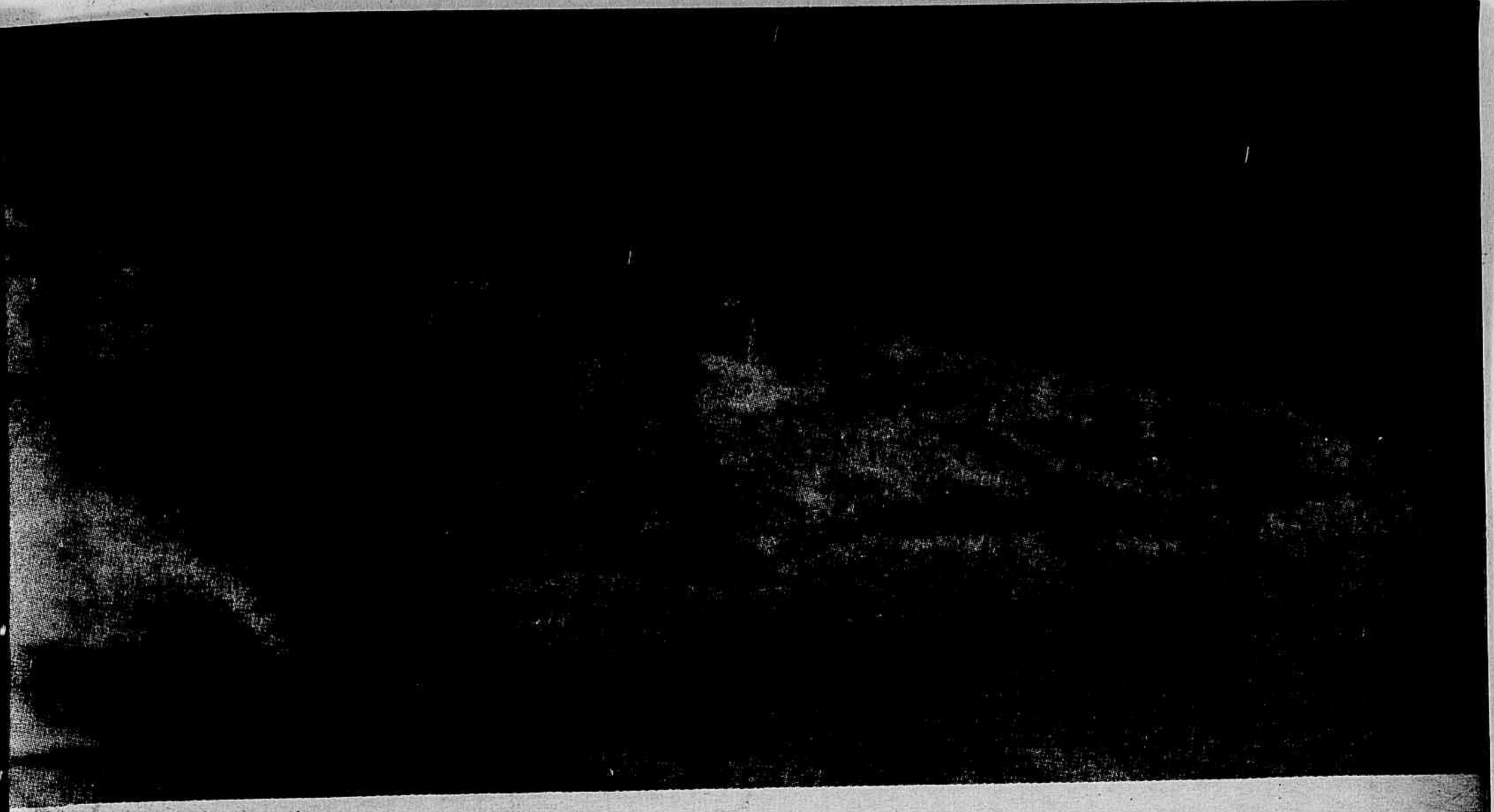
O QUE FAZ A MULHER PARA SER BELA



A mulher não olha sacrifícios, suportando dores ou perdendo horas no sentido de atingir a beleza ou, pelo menos, retocar o que tenha de imperfeito. Acima, por exemplo, temos uma descansada maneira de emagrecer. A mesa faz tudo! Da paciente apenas se exige que permaneça na posição adequada, com os pés mais altos que a cabeça. A pequena almofada, que acima tem sob os quadris, muda de lugar e consegue, com movimentos mecânicos o mesmo resultado que os exercícios mais eficazes para combater a obesidade.

Já com Gabrielle Chouvy, uma camponesa francesa, a coisa foi diferente. Tinha ouvido falar em cirurgia estética e também do "harakiri". Tudo, porém, muito vago. Estava, principalmente, familiarizada com a matança de porcos. Acreditou, então, a infeliz, que para suprimir a gordura do seu ventre volumoso teria apenas que cortar os excessos! Uma tesoura, uma faca e um pouco de algodão serviram para a "operação". Estirou-se na cama e abriu no ventre uma "janela" de vinte e cinco centímetros. Depois, com grande serenidade, começou a extrair a gordura e a colocá-la no recipiente noturno.

É claro. Não mais pôde levantar-se da cama. Ali, entre horríveis dores, a encontrou o marido, um pastor de Coaraze, ao voltar do trabalho. A princípio, a mulher não se atreveu a confessar a verdade e todo povoado pensou que tentara matar-se. Em gravíssimo estado foi levada para um hospital de Nice, onde pôde ter a vida salva. Como se verifica, a influência da moda chega até os mais apartados rincões. Quem poderia imaginar que a mulher de um pastor das montanhas não quisesse ser gorda? Sua ignorância e brutalidade ficaram bem patenteadas no que fêz para ser bela...



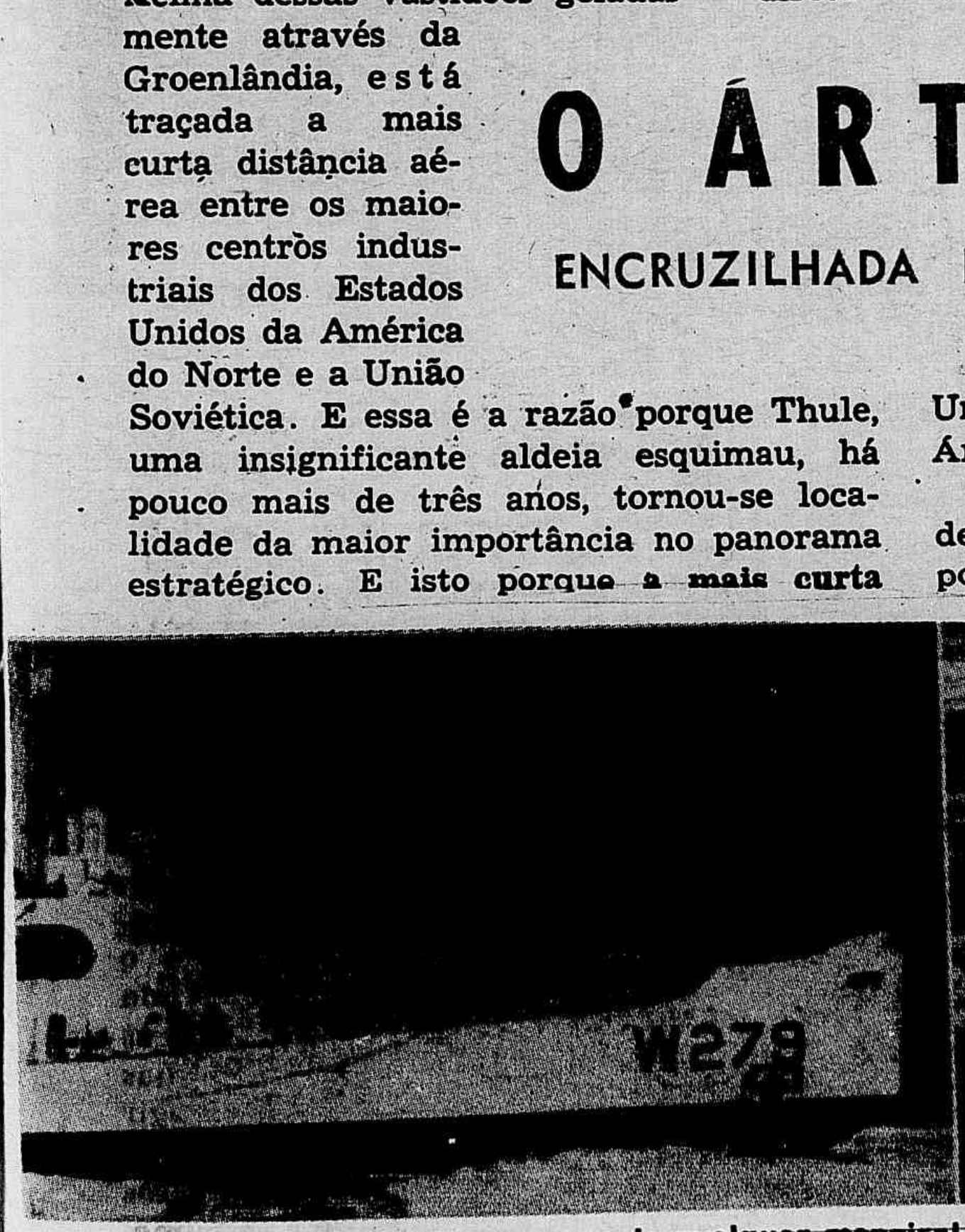
Onde o navio quebra-gêlo se torna impotente, são empregadas poderosas cargas de dinamite.

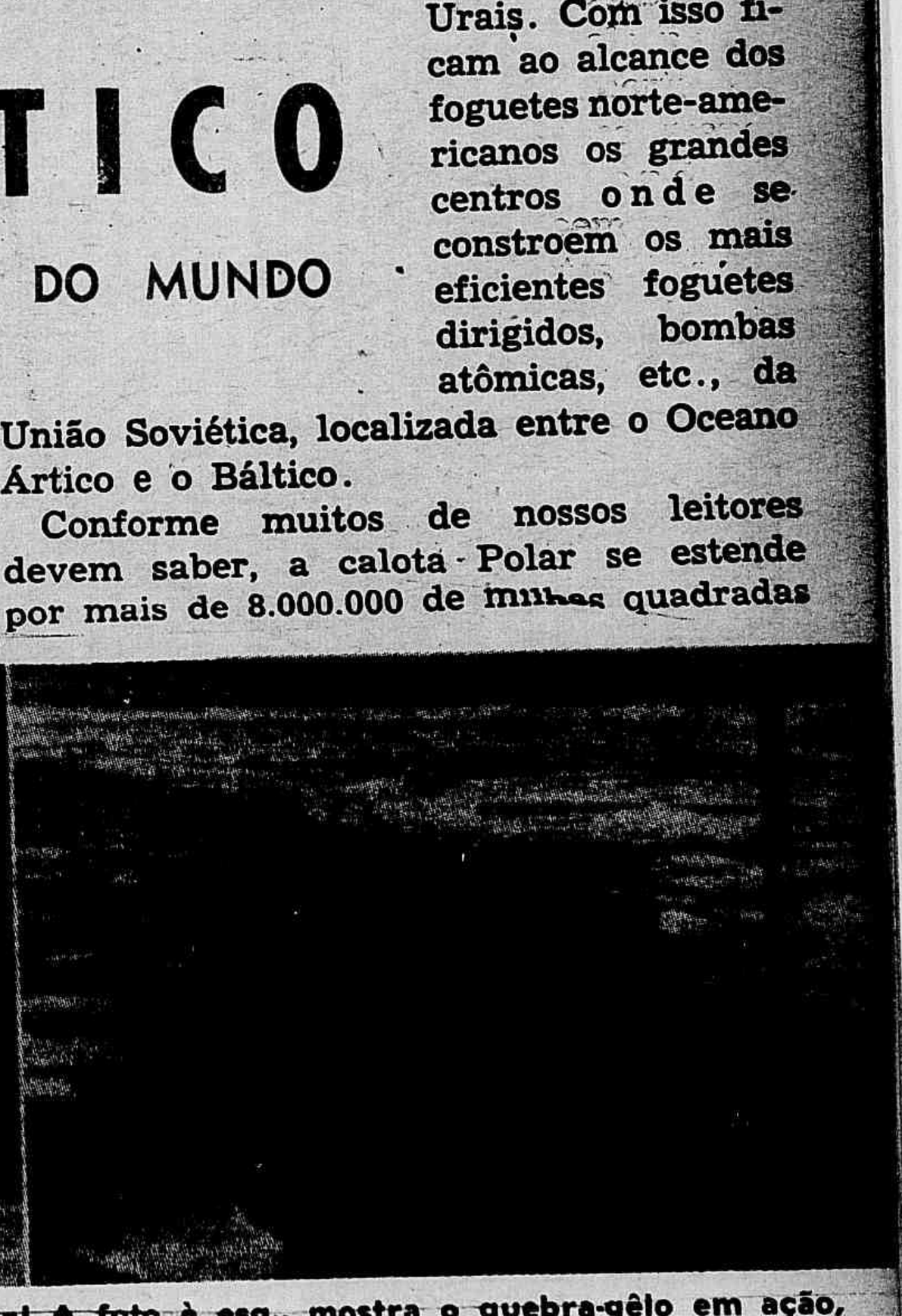
O ÁRTICO

ENCRUZILHADA DO MUNDO

O Ártico desde há muito deixou de ser apenas o "lar dos esquimaus", a terra dos ursos brancos e das focas Morsess. Acima dessas vastidões geladas — diretamente através da Groenlândia, está traçada a mais curta distância aérea entre os maiores centros industriais dos Estados Unidos da América do Norte e a União Soviética. E essa é a razão porque Thule, uma insignificante aldeia esquimau, há pouco mais de três anos, tornou-se localidade da maior importância no panorama estratégico. E isto porque a mais curta distância entre Chicago e Moscou é via Thule. De fato, de Thule, são apenas 2.000 milhas até Moscou e as fábricas de material de guerra, por trás dos Montes Urais. Com isso ficam ao alcance dos foguetes norte-americanos os grandes centros onde se constroem os mais eficientes foguetes dirigidos, bombas atômicas, etc., da União Soviética, localizada entre o Oceano Ártico e o Báltico.

Conforme muitos de nossos leitores devem saber, a calota Polar se estende por mais de 8.000.000 de milhas quadradas





É preciso encontrar passagem de qualquer maneira! A foto à esq., mostra o quebra-gêlo em ação, abrindo um canal. À direita, o trabalho de vários meses: um canal navegável na vastidão gelada!

ÊSTE É O TETO DO MUNDO, LANÇAMENTO DOS PROJÉTEI

Com essa projeção polar verifica aérea entre os centros vitais do sôbre a imensidade gelada. Eis por dia a dia a base aérea de Thule, os russos reforçam suas instalações Uma e outra nação procura instalar jéteis teleguiados e por isso usam

Superf[illegible] menor meio milhão que a do Brasil. A Gr[illegible]ndia, sòzinha, tem uma camada de gêlo duas vêzes e meia maior que a superfície de Goiás, cobrindo quase 1.120.000 quilômetros da ilha imensa, que conta com um total de quase 1.350.000 quilômetros quadrados. E devemos notar que em muitas partes a espessura do gêlo chega a atingir 600 metros.

Uma frota de "quebra-gelos" norte-americana foi construída especialmente para êsse tráfego quase ininterrupto entre os centros de produção e a base de Thule, através de uma rota longa, penosa e áspera, que se torna verdadeiramente perigosa e difícil a partir da ilha de Disko, quando o gêlo assume proporções de colinas e às vêzes verdadeiras montanhas, nas águas da Baía de Baffin. Também é preciso fugir dos "babies-bergs" ou destruí-los a canhonaços e cargas de dinamite. Por que êsses "babies-bergs", de um branco puríssimo, são os "ice-bergs" recém-formados, mas que nem por isso, embora sendo "babies" ou

BASE ESTRATÉGICA PARA O
S ATÔMICOS TELEDIRIGIDOS

mos que a mais curta distância Este e do Oeste passa justamente que os norte-americanos melhoram no norte da Groenlândia, enquanto militares na Terra de Frc. José. mais e mais bases lançadoras de pro helicópteros e navios quebra-gelos.

"filhotes", chegam a alturas que vão dos quinze aos quarenta metros, podendo-se contar que a parte mergulhada é sempre três vêzes maior.

Para a maioria das pessoas, o Ártico é apenas uma extensão gelada onde até a mera existência é difícil. No entanto, atualmente, além dos norte-americanos, que ali já conseguiram boas instalações e ali vivem com notável confôrto, também os russos têm sôbre essa área um conceito mais bem ajustado com a realidade, ali tratando de, por sua vez, estabelecer bases que lhe garantam uma posição útil nessa encruzilhada do mundo.

Na década de 1920 a 1930, ali iniciaram imenso estudo da região. Planos de longo alcance e um rígido programa de trabalho deram como resultado uma vasta operação ártica, pràticamente ignorada pelo resto do mundo. Notícias recentes assinalam que aviões soviéticos efetuaram reconhecimentos, voando sôbre as ilhas geladas do Ártico ocupadas pelos Estados Unidos. Telegramas de Moscou revelam segredos de investigação ártica zelosamente guardados até agora, noticias que provocaram novas conjecturas a respeito da atividade soviética.

Estratègicamente, o Ártico é importante porque o vôo transpolar constitui a rota mais curta entre a América do Norte e a Ásia; em conseqüência, tal zona se converterá na primeira linha de defesa para o Canadá e os Estados Unidos, contra um ataque vindo dessa direção.

Também as linhas aéreas comerciais consideram o Ártico como a futura encruzilhada do trânsito aéreo mundial (já existe uma linha direta de Copenhague, na Dinamarca, a Los Angeles, na Califórnia, pela rota polar, enquanto outras emprêsas anunciam próximas viagens regulares, cruzando o Ártico).

Por sua vez, os homens de ciência consideram a região importantíssima, em razão dos seus depósitos minerais (incluindo o urânio) e também como base para o prognóstico do tempo com grande antecipação.

COMO É O ÁRTICO? — Há pouco tempo foi marcado arbitràriamente o Círculo Polar Ártico nos 66°,30' de latitude Norte. Tudo o que ficava dentro dêsse círculo, na direção do Pólo, foi denominado Zona Glacial. Hoje, o limite meridional do Ártico, de acôrdo com o clima, é a isoterma de 10°C no mês mais cálido. É uma linha curva, bem definida, que em alguns casos, fica ao sul e em outros ao norte do chamado Círculo Polar Ártico. Em qualquer lugar dessa isoterma, a pele humana fica tostada

mais profundamente que na temperada Califórnia. Mas ao norte, na região que se costuma chamar de "As Pavorosas Solidões", crescem framboesas silvestres, dentes de leão, lindas e variadíssimas flores, que se estendem como espêssos tapêtes até onde alcance a vista. Os insetos medram. Embora seja lugar desprovido de árvores, milhares de patos, gansos, cisnes, falcões, gorriões, gaivotas-marinhas, gaviões e outras aves põem seus ovos e criam seus filhotes sob um sol cálido. Também são encontrados ratões e grandes aranhas.

Mesmo no inverno, diminutas marcas nas neves assinalam essa região como a morada de criaturas cujos primeiros vivem aqui conosco, nas zonas temperadas. Terminado o inverno, as pisadas dos ratos, das rapôsas e palmípedes se cruzam incontáveis vêzes com as de lebres árticas, ursos polares e outros animais. Do mar chegam aos gelos centenas de milhares de focas, para criar seus filhotes.

O Ártico tem fama de ser depressivo. No entanto, embora haja gêlo e neve, a altura da neve não é, em geral, maior que a acumulada em certas regiões dos Estados Unidos e Canadá, durante qualquer inverno. A longa noite polar não deveria desalentar a quem passa seus dias em um escritório e suas noites num edifício de apartamentos, como o fazem tantos residentes das grandes cidades. Provoca, é certo, uma sensação de isolamento, porém não necessàriamente de tristeza.

Do ar, a zona polar pode parecer um trecho apavorante de gelo e neve, salpicado, aqui e ali, de riscos sinuosos como lagartas e fendido por gretas de bordos agudos. Porém um lugar assim só pode ser depressivo quando não conhecido. A palavra mais apropriada para designá-lo seria: **impressionante**. Para o homem o verão é a pior estação do ano, com lôdo, môscas e mosquitos e um sol que, girando constantemente sem desaparecer, desbarata as horas regulares do sono. O inverno é a época melhor. É escuro, porém jamais negro. É a temporada em que viajar é fácil, vigorizante e seguro. O gêlo é espêsso e a neve, apertada e resistente, serve para a construção de refúgios.

Faz frio, se olhamos o termômetro, porém não mais que na Inglaterra, no Canadá, Estados Unidos, Holanda, Alemanha, Escandinávia, etc. E os que ali vivem possuem roupas adequadas. A crença popular de que no Ártico faz mais frio à medida que se avança para o Norte não se ajusta à estrita verdade, havendo mais para o sul regiões mais frias que o próprio Pólo Norte. Outro conceito falso é o de que o Ártico é lugar perigoso, onde não se pode viver. O índice de mortalidade na população do Ártico é extraordinàriamente baixo. Até poucos anos eram poucas as enfermidades não existindo epidemias de influenza. Os resfriados eram raros. Porém chegou a gente da zona temperada com seus resfriados e bronquites, contaminando e matando centenas de esquimaus, cujo sangue não conhecera, até então, os germes que ocasionam êsse mal.

TERNURA . . .

NA cara dêsse cão, é inexcedível a expressão de ternura. «Saltarina» está mesmo comovida. E compreende-se ao conhecer sua história. Esta simpática cadela sofreu, recentemente grave intervenção cirúrgica no coração, sendo-lhe praticado o novo processo de hibernação. O êxito foi absoluto. Vinte e cinco dias depois da operação, a cadela-cobaia tinha alta. Mas não tinha dono! Ao sabê-lo, mme. Therese Thuilland, telefonista-chefe do M. do Trabalho, em Paris, se apresentou para encarregar-se do animal. «Saltarina» recebeu sua nova dona com comovedoras manifestações de carinho.

AS PRAGAS DE JAKE BIRD

MALDIÇÕES, pragas e bruxarias não são mais fenômenos aceitos e reconhecidos neste século de ciência e de luz. Mas o povo de Tacoma, no Estado de Washington, não é capaz de zombar de tais possibilidades. É que êle ainda conserva uma viva lembrança do "caso de Jake Bird"...

Os residentes de Tacoma ficaram profundamente abalados com um brutal e duplo homicídio ocorrido na cidade, na manhã do dia 28 de setembro de 1947. A sra. Bertha Kludt e sua filhinha, de dez anos de idade, foram encontradas mortas a machadadas dentro da cabana em que residiam. A polícia, atendendo ao alarma geral, acorreu ao local, onde chegou poucos minutos após a consumação do crime. Ràpidamente, estendeu um cordão de isolamento, com esperança de apanhar o assassino. Essa manobra, realmente, deu resultado, pois os faróis de um automóvel iluminaram um homem que tentava esconder-se entre arbustos, a um quarteirão de distância do local do crime.

O homem, que se identificou como sendo Jake Bird, negou todo e qualquer conhecimento a respeito do bárbaro duplo homicídio. Contudo, mais tarde, sob o impacto de um interrogatório levado a efeito pelo tenente Sherman Lyons, da polícia de Tacoma, acabou confessando a autoria da chacina. E mediante mais uma série de perguntas, o oficial chegou à conclusão de que o seu prisioneiro era um verdadeiro **atacadista** do crime. Com incrível frieza, êle declarou ter cometido mais 22 homicídios através de todo o país!

EPISÓDIO REAL

Mas, com a sua transferência para a Penitenciária provincial de Pierce, Jake Bird se exasperou e proclamou, aos gritos, que **ajustaria contas** com todos.

A um repórter, que o entrevistou em sua cela, o insaciável matador jurou que "ajustaria contas" com todos aquêles que tomaram parte na sua captura e julgamento.

— O que você quer dizer com "ajustar contas"? — perguntou-lhe o repórter.

— Oportunamente você saberá! — respondeu o assassino.

Neste ponto, êle estava certo; e tôda a cidade viu a forma terrível que assumiu a vingança de Jake Bird. Chocado com a brutalidade do crime, o jornal "The Times", de Tacoma, moveu uma poderosa campanha contra o réu, exigindo para êle um julgamento sumário.

Jake Bird, a despeito de seus retardados protestos de inocência, capitulou afinal. E a marcha do processo tomou um aspecto muito irregular. Porém, as impressões digitais de Bird foram encontradas no cabo da arma homicida, e suas prévias declarações ao tenente Sherman foram admitidas como de incalculável valor testemunhal.

Dez horas após o término do julgamento, o júri apresentou o veredito que considerou Jake Bird culpado de homicídio de primeiro grau. A seguir, o juiz Hodge, presidente da côrte, perguntou ao réu se tinha alguma declaração a fazer.

— **Todos vocês são uns miseráveis como eu!** — gritou Bird, enfurecido.

E lançando um olhar feroz para todos os que se encontravam na sala do tribunal, disse, em tom ameaçador :

— Antes de que eu seja enforcado, todos vocês, que concorreram para a minha condenação, hão de morrer!...

Naturalmente, ninguém encarou tais ameaças com seriedade; a verdade é que ameaças dessa natureza, especialmente feitas por um assassino condenado, não são coisas fora do comum... Quase todos os criminosos, perdidas as esperanças de salvar-se, gritaram ameaças!

Uma suspensão judicial da execução foi concedida ao condenado, a fim de que o mesmo pudesse ser submetido a um exame psiquiátrico. E encontrava-se êle ainda sendo examinado quando o juiz Hodge morreu repentinamente, atacado por uma apoplexia.

Os psiquiatras declaram que Bird era absolutamente são, e marcou-se uma nova data para a execução. Mas os seus advogados apelaram, conseguindo com isto uma segunda suspensão da execução. Mais uma vez o grande criminoso havia escapado à fôrca. Enquanto isso, o subdelegado Joe Karpach, que havia tomado parte ativa no caso, morreu, vitimado por uma inexplicável queda. Seguiu-se a morte de Ray Scott, representante do clero junto ao caso. A causa da morte: "um ataque cardíaco".

— Vêem agora? — disse o criminoso, com diabólica satisfação. — Exatamente como eu falei! E muita coisa ainda vai acontecer!

E tinha razão! A apelação de Bird foi denegada. O Tribunal manteve a decisão do júri, mas os advogados do réu requereram uma outra suspensão, com o fim de submeterem a exame novas provas. E o novo personagem do drama a ser levado pela morte foi o presidente do júri, o homem que, de viva voz, havia declarado Bird culpado. O presidente morreu atropelado por um automóvel! Uma quarta data foi marcada para a execução de Bird. Nessa ocasião, o temível matador se limitou meramente a arreganhar os dentes, quando ouviu pronunciada pela quarta vez a sua sentença de morte.

— Ainda não vou morrer desta vez! — afirmou. — Há outras coisas que precisam acontecer antes de que me matem!

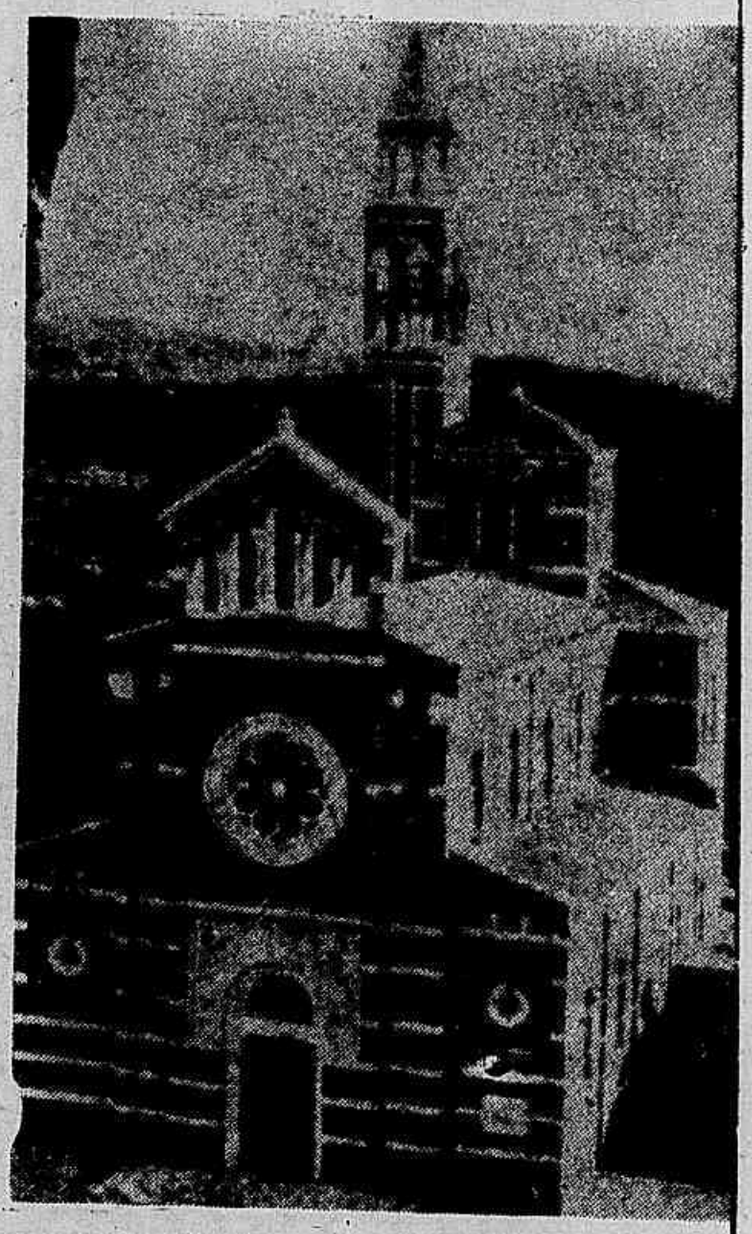
E novamente uma surprêsa: o tenente Sherman Lyons, que conseguiu arrancar a confissão da chacina dos Kludt, foi encontrado morto em seu escritório, vítima de um colapso cardíaco!

Quando um jornal suspende a sua circulação, podemos dizer que o mesmo **morreu.** E, seguindo o destino dos cinco sêres humanos, o "Times", de Tacoma (que havia feito uma terrível pressão contra o matador, também **sucumbiu**. Mas Jake Bird continuava a viver!

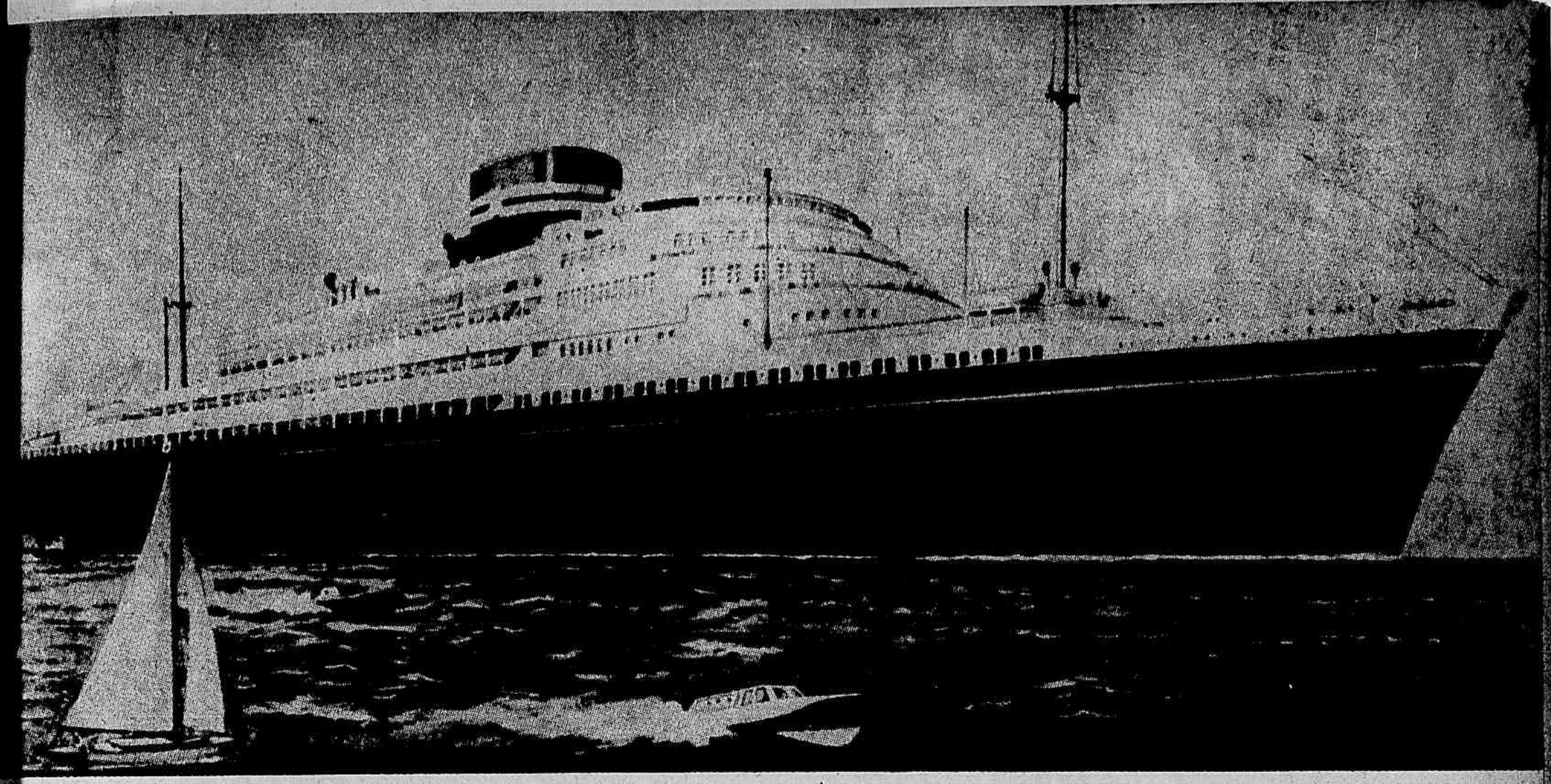
Finalmente, em 1950, três anos depois do trucidamento dos Kludt, Jake Bird escalou os 13 degraus do cadafalso, e ali, entregue às mãos do carrasco, sofreu a merecida execução. Só, então, os outros jurados e as demais pessoas que haviam participado do caso, puderam respirar livremente.

E a maldição de Jake Bird cessou para sempre!

PERCORRENDO O MUNDO



DE seu leito, apenas apertando um botão, o Papa Pio XII acendeu uma tocha elétrica nesse belo santuário, dedicado a N. S. da Consolação, que se eleva em Paterno (Sicília). O templo e mais uma escola para sessenta artífices, contígua, foi custeada por um industrial de Milão, nascido em Paterno. Embora inaugurado em julho de 1954, a luz só foi acesa na sua tôrre na véspera da Puríssima. Por ocasião do encerramento do Ano Mariano, S. Santidade, na ocasião gravemente enfêrmo, cumpriu o requisito que faltava ao santuário.



Do Rio de Janeiro a New York um transatlântico navega sôbre seis quilos de ouro...

QUÍMICOS MARAVILHOSOS DISTILAM OS TESOUROS DO OCEANO

QUANDO um líquido qualquer nos parece suspeito, levamo-lo ao laboratório de pesquisas, que nos dirá, então, que o mesmo contém substâncias minerais ou orgânicas, normais ou anormais, cujo pêso não pode ser expresso por milionésimos de miligramas, ou por quantidades menores ainda. É possível mesmo que encontre apenas traços, muitas vêzes imponderáveis, totalmente impossíveis de determinação matemática... E, finalmente, chegamos à conclusão de que as pesquisas mais minuciosas, realizadas com os instrumentos mais aperfeiçoados ou com os reativos mais sensíveis, não trouxeram nenhum resultado positivo... talvez nos digam que **se houver "alguma coisa", só outros químicos maravilhosos serão capazes de descobrir e isolar.**

Pois bem, êsses "outros", êsses químicos mais hábeis do que os nossos melhores especialistas, são encontrados entre os sêres marinhos!

Sabe-se que o mar deve conter, em princípio, todos os corpos conhecidos. Nos primórdios da formação do globo, quando a terra não passava de massa incandescente, êsses corpos existiam em estado gazoso. Quando sobreveio o resfriamento, tais elementos passaram por um processo de condensação, e agora se encontram distribuídos na combinação líquida do oxigênio e do hidrogênio, isto é, na água e, muitas vêzes, no sal. É isso, pois, o que justifica a presença de ouro na água do mar e em quantidade fabulosa. E se fôsse possível solidificá-la num só bloco, êste pesaria mais de 8 bilhões de quilos, o que equivale a 2 milhões de toneladas a mais do que a magnífica pirâmide de Cheops!...

Porém, cada litro de água do mar não contém mais de 6 bilionésimos de grama!

No estado atual dos nossos conhecimentos e de nossas possibilidades efetivas, não passaria pela cabeça de ninguém a idéia de se enriquecer tratando quìmicamente as águas dos oceanos, a fim de extrair das mesmas o precioso metal! Entretanto, muito antes da aparição do homem sôbre a face da terra, tal operação já era realizada por espécies vivas, habitantes do mar. Certas algas, por exemplo, detêm ouro em seus tecidos, e numa proporção bem mais elevada do que a que existe na água onde vivem imergidas.

Como apanhá-las? Nada se disse ou pensou, até hoje, a êsse respeito; simplesmente é conhecido o fato; e nem sequer os cientistas sabem extrair-lhes o ouro por processos compensadores. O trabalho a realizar custaria um preço mais alto do que o resultado obtido.

A alga vermelha fabrica o amoníaco e isto em alta escala.

Apenas se conseguiu, após muitas tentativas, fazer restituir a essas mesmos algas substâncias que elas armazenam em quantidades consideráveis e que estão muito longe de ser conhecidas inteiramente. Num litro de água do mar, por exemplo, a análise encontra apenas ligeiros "traços" de iôdo; e, assim mesmo, quase inapreensíveis matemàticamente. Mas certas algas, como a "laminaria flexicanlis", em estado fresco, para o pêso de um qüilo, rendeu quase meia grama de iôdo!

TAMBÉM NO MERCADO SUBMARINO O FERRO É UM VIL METAL — A presença de certos metais no organismo dos animais determina o aparecimento de curiosos problemas.

Dissemos, pouco antes, que êsses metais existem na água do mar desde as origens de nosso planêta. Mas é preciso não olvidar tôdas as matérias que a êles se agregam quando da constituição dos continentes. E a sua massa é hoje considerável. Podemos calcular que sòmente os sais minerais proporcionados pela erosão do solo e arrastados pelas correntes fluviais formam um volume que representa mais de três vêzes a parte imersa do continente europeu.

Em meio a êsses metais assim recolhidos, sabe-se quão ràpidamente o ferro é atacado e reduzido ao estado de óxido pela água do mar. E como a terra possui grande quantidade dêsse metal, o mar deve possuir também. Por outro lado, não mais ignoramos que o cobre e suas ligas são pràticamente inoxidáveis.

O amoníaco é armazenado pelas algas verdes

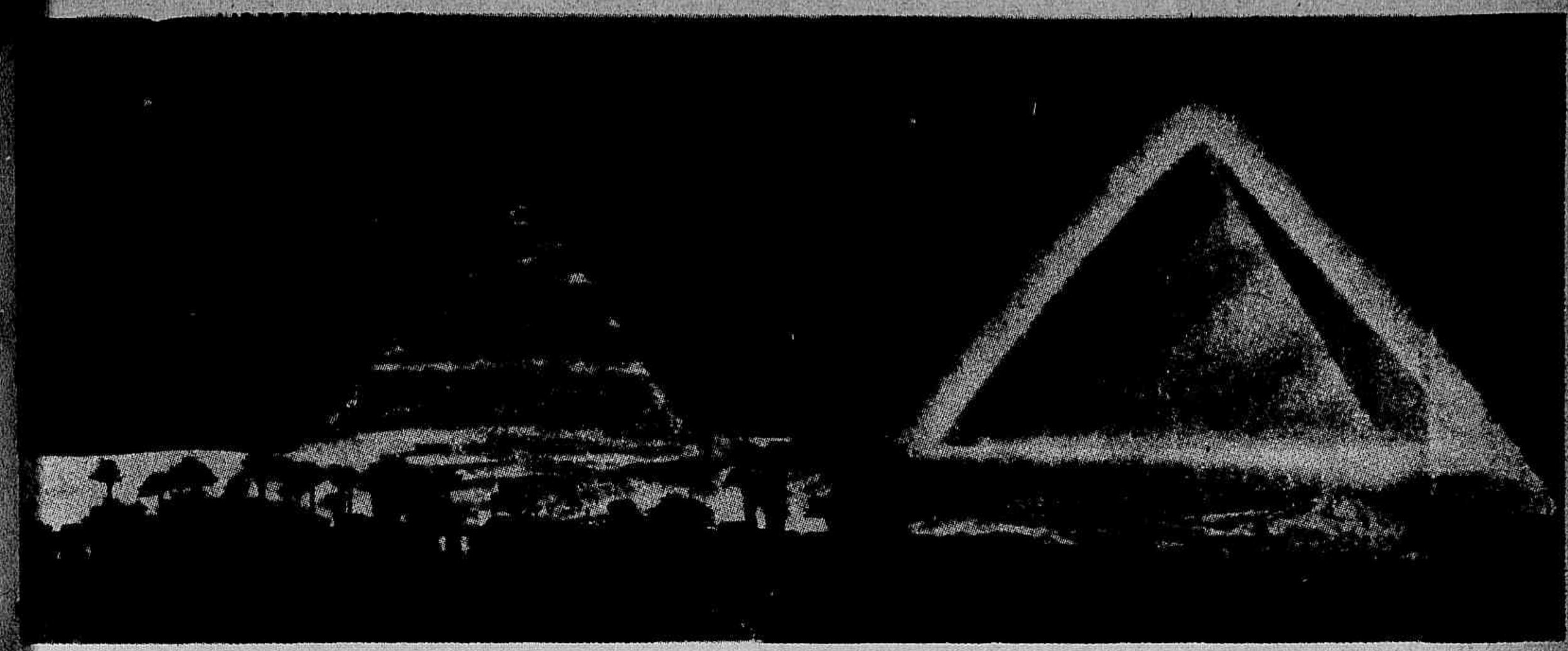
Já foram encontradas, quase intactas, dentro d'água, inúmeras estátuas de bronze, antiquíssimas, que lá permaneceram por mais de vinte séculos. Se fôssem de ferro, teriam sido completamente destruídas.

Os "tridacnes" dos mares tropicais têm uma concha que chega a pesar 200 quilos, tal como a que serve de pia batismal na Saint-Sulpice, em Paris

A conclusão que se impõe é a de que êsses animais que encontram meios para utilizar tudo, também deverão utilizar o minério de ferro. E, nisto, não fariam mais do que imitar o homem e os animais, cujo sangue contém a hemoglobina, que é feita do ferro.

Entretanto, ao analisarmos o sangue de um grande número de espécies marinhas, verificamos logo que êle contém, em grandes proporções, a hemocianina, à base de cobre, assim como a hemoglobina é a base de ferro. Mas se procurarmos êste cobre diretamente na água em que vivem êsses moluscos, teremos grandes dificuldades.

Por outro lado, sabemos que o ferro é muito menos procurado. Nesta utilização das substâncias raras, cada um possui

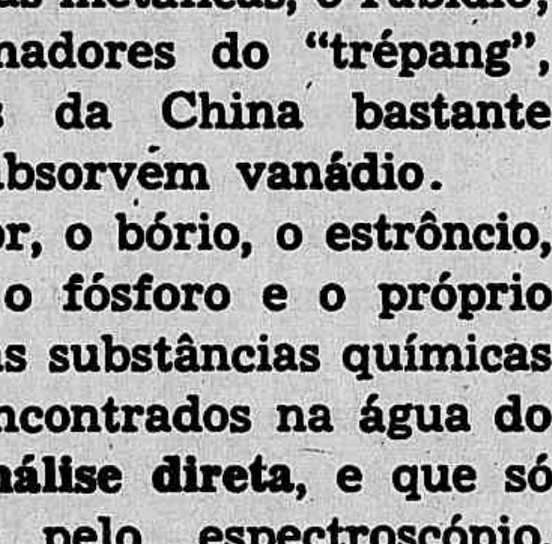


Se conseguíssemos solidificar a quantidade de ouro que existe na água do mar, obteríamos um bloco de 8 bilhões de quilos, 2 milhões de toneladas mais pesado do que a grande pirâmide! Entretanto, um litro de água contém apenas um bilionésimo de grama!

a sua especialidade. Se quisermos prata, procuremos de preferência os corais dos mares tropicais; êles armazenam, também, considerável quantidade de chumbo. Ao comermos ostras, engolimos, juntamente com outras substâncias metálicas, o rubídio; ao passo que os amadores do "trépang", molusco dos mares da China bastante apreciado, com êle absorvem vanádio.

O magnésio, o fluor, o bório, o estrôncio, o césio, o arsênico, o fósforo e o próprio rádio, e muitas outras substâncias químicas impossíveis de ser encontrados na água do mar por meio da **análise direta**, e que só nos são reveladas pelo espectroscópio, foram, pouco a pouco, descobertos tanto nas plantas como nos animais marinhos.

Poder-se-ia crer que quanto mais êsses corpos são abundantes na água do mar, mais são absorvidos em grandes quantidades. Sem falar do vulgar "sal de cozinha" ou cloreto de sódio, que existe nessa água na proporção de 28 gramas por litro e que evidentemente desempenha papel importante, encontra-se também o cloreto de magnésio (3 gramas e meia por litro). Portanto, o magnésio é geralmente desdenhado pelos nossos "químicos" submarinos.



O "Dolium Galea" fabrica o seu vitríolo.

Mas ainda não falamos de todos os seus talentos. É que êles não se contentam com apanhar, tal como se lhe apresentam, as substâncias minerais postas à sua disposição. Logo que as aceitam, agem sôbre as mesmas à vontade.

Assim, a água do mar contém, em notável proporção, o sulfato de cálcio (1 grama e 35 por litro). Sabá-se que a cal é indispensável à edificação do esqueleto interno, da concha dos moluscos, da casca dos crustáceos, do suporte dos corais dos recifes, etc.

O "balanoglosse" impregna a atmosfera com ativo cheiro de iodofórmio.

Mas tudo isso é feito de carbonato de cal e não de sulfato, embora êste seja dez ou doze vêzes mais abundante no ambiente marinho do que o primeiro.

Porém, para transformar o sulfato em carbonato, é preciso utilizar o amoníaco, onde encontrar esta solução, pràticamente **inexistente** na água do mar, exceto nos corpos em decomposição?

Perdão! **Inexistente**... para nós! A flora marinha é uma verdadeira usina **especializada**: as algas vermelhas, fabricantes em alta escala, produzem o amoníaco de modo a contentar as exigências da clientela. Então, o amoníaco que delas emana é armazenado, em seguida, pelas algas verdes.

E os principais interessados fazem as suas provisões com os "vendedores" no "varejo".

No entanto, por mais engenhosos que sejam êsses processos, têm lá os seus limites. E é preciso que certas condições permitam a elaboração. Deve ser considerada, particularmente, a temperatura da água. Quanto mais quente seja, melhor se realiza o trabalho. Vejamos as enormes conchas das espécies tropicais, êsses gigantescos **tridacnes**, por exemplo, que chegam a pesar mais de 200 quilos, e dos quais existem belos espécimes na igreja de São Sulpício, de Paris, onde duas de suas **válvulas** servem como "pias batismais". Mas, à medida que se segue para o norte, êsses revestimentos calcáreos se rarefazem e se tornam mais tênues. Nos mares frios, os **pterópodos** são **nus**, os náutilos, os argonautas renunciam à vida...

Mas, sempre, os obstinados querem viver, na água fresca ou embutidos em suas conchas, se é que isto lhes apraz. Que fazer, então?... Muito simples. A cal não é matéria local? Que seja! Substituamos essa substância por outra coisa: muitos crustáceos e esponjas, que utilizam as matérias calcáreas nas baixas altitudes, encontram-se a grandes altitudes. É certo que êles são os mesmos. Apenas a concha é feita de silício, dêsse silício de que as nossas análises só encontram traços, mas com o qual elas empreendem maravilhosa recuperação. Ou, mais pràticamente ainda, como os **colmares** ou outras **esponjas**, êles fabricam uma substância orgânica córnea, que lhes serve de proteção.

A "DOLIUM GALEA" TEM ARGUMENTOS DE MULHER CIUMENTA — Se algum dia o leitor passear ao longo da baía de Nápoles (ou qualquer região do mar das Índias), pode acontecer que lhe chegue ao nariz um repentino e desagradável odor de iodofórmio, o que certamente lhe fará procurar em redor o ferido ou o ulceroso, cujas chagas estão sendo tratadas por êsse nauseabundo remédio.

Mas não acuse o farmacêutico da localidade vizinha, antes procure a seus pés, na areia úmida... E ficará sabendo que um animal pode produzir êsse composto puramente artificial; saberá, ao mesmo tempo, que êle é um representante retardado de um grupo tão antigo que não possui mais nenhum parente direto, e que os naturalistas vivem embaraçados por não encontrar um lugar para os mesmos dentro da classificação geral dos animais.

Chama-se **"balanoglossa"**, e seu aspecto geral é o de um grosso verme pegajoso, tendo uma tromba dilatável, separada do resto do corpo por uma gargantilha carnuda. É êle o responsável por tão desagradável cheiro. E o obtém em fortes doses, a partir do íôdo. De todos os sêres vivos, com exceção do homem que inventou o iodofórmio, êle é o único que sabe fabricá-lo. Terminaremos, enfim, a história dêsses químicos tão originais pelo mais extraordinários dêles. Trata-se de um molusco, cujo nome científico é "dolium galea" e habita os mares quentes. A fim de se defender dos seus inimigos e de dissolver ràpidamente as envolturas calcáreas das prêsas com que se nutre, êle procurou saber qual a substância que melhor poderia desempenhar tal papel, e acabou decidindo-se pelo ácido sulfúrico, passando a produzi-lo por intermédio de suas glândulas salivares; e então, vive permanentemente armado com o pérfido produto, que serve, também, de argumento supremo para as mulheres ciumentas: o "vitríolo" em estado puro!

E se o leitor perguntar, agora, **por que êsse molusco não se dissolve a si mesmo** pela ação de sua terrível saliva, responderemos (como o faremos com a maioria das perguntas sugeridas pelos aqui relatados): **"não se sabe"!**

★

VELOCIDADE PARA OS CIVIS

DENTRO de quatro ou cinco anos, a aviação comercial norte-americana possuirá uma frota aérea propulsionada a reação. Será composta de um grupo de "D.C.-8" com reatores Pratt e Whitney J. 57.

Sua capacidade de transporte oscilará entre 75 e 100 passageiros, com velocidade de 850 quilômetros por hora.

A companhia exploradora será a "United Air Lines", de Washington.

A fabricação terá início em fins de 1955. E a frota estará pronta entre 1959 e 1960.

UM EXTRAORDINÁRIO CASO DE AMNÉSIA

(EPISÓDIO REAL)

O tenente Gotard, do exército francês, sofria, desde algum tempo, de insuportáveis dores de cabeça; um dia resolveu consultar um grande médico parisiense, que, depois de estudar minuciosamente o seu caso, descobriu uma ligeira depressão craniana no paciente.

Interrogado, o enfêrmo declarou o seguinte:

— Há dezoito anos dediquei-me apaixonadamente ao jôgo de futebol; durante uma partida, recebi uma forte pancada na cabeça. Fiquei meio tonto, por alguns dias, mas depois tudo passou e recuperei-me completamente. Talvez tenha sido aquêle acidente a causa da pequena depressão que o senhor acaba de descobrir, assim como das dores que me atormentam.

O médico aconselhou ao oficial que procurasse imediatamente um hospital, a fim de submeter-se a uma operação; o problema era livrá-lo de um pequeno fragmento ósseo desprendido da caixa craniana e que, pressionando o cérebro, provocava as dores de que se queixava o paciente.

Com a realização da operação desapareceu todo o sofrimento, entretanto sobreveio um outro fato que assombrou aos médicos que atendiam o oficial. Êste, cuja inteligência permanecera intacta, apresentava agora enormes lacunas em sua memória. E tomaram conhecimento disto no dia em que, falando sôbre o seu futuro, êle fêz esta pergunta:

— Doutor, o senhor acredita que agora poderei continuar os meus estudos?

— "Lamento muito, porque a senhora é, realmente, encantadora e bem que gostaria, e muito, de a ter como espôsa..."

— É claro que...

— A verdade é que tenho muito que estudar para poder ingressar na Academia Militar de Saint Cyr...

— Saint Cyr?... Escola Superior de Guerra é o que o senhor quer dizer...

O oficial sorriu amàvelmente.

— Não se ingressa na Escola Supreior de Guerra com a minha idade. Nesse estabelecimento só se admitem oficiais!

Julgando que seu cliente estava cansado, o médico não insistiu mais naquele dia; na manhã seguinte, o tenente falou da revista militar do dia 14 de julho, a qual havia assistido, juntamente com alguns colegas de estudos, na semana anterior à sua entrada no hospital.

Um tanto alarmado com o que se passava, o médico perguntou a si mesmo se aquela operação não havia transformado o oficial num idiota irrecuperável.

E depois de palestrar com êle durante muito tempo, percebeu que quando o paciente não era forçado a recorrer à memória, raciocinava com absoluta exàtidão. Esclarecido êste aspecto, restava saber até onde o desventurado oficial havia perdido a sua memória; e, neste sentido, várias experiências foram levadas a efeito.

A espôsa de Gotard foi conduzida para o seu lado; porém o operado a olhou com certo assombro.

— Quem é esta senhora e o que vem fazer aqui? — perguntou.

— Mas... É a senhora Gotard...

— A senhora Gotard? Tem o mesmo nome que eu? É curioso porque tenho a certeza de que nenhum laço de parentesco nos une...

— É a sua espôsa! Não a está reconhecendo?

O oficial desatou a rir estrepitosamente.

— Deixem de brincadeira! Como é que pode? Eu não sou casado... Ademais, seria o único aluno de Saint Cyr em tal situação.

E, voltando-se para a espôsa, que, desesperada, o ouvia falar daquela maneira, acrescentou, sorrindo amàvelmente:

— Minha senhora, lamento muito porque é realmente uma mulher encantadora. Na verdade, eu desejaria ardentemente unir-me a uma mulher que se parecesse muito com a senhora...

O médico julgou inútil prosseguir com a experiência e não deixou que introduzissem no quarto os dois filhos do oficial. Assim, evitou uma cena sumamente dolorosa para a senhora Gotard, que estava sentada ao lado do enfêrmo.

Êste perguntou, então, se seu pai (que já havia morrido muitos anos antes) não viria visitá-lo; depois, fêz uma infinidade de perguntas acêrca da política interior e exterior, referindo-se a fatos que haviam ocorrido há muito tempo e com os quais mais ninguém se preocupava.

Não restava dúvida. A operação destruíra grande parte da memória do oficial. Com muita freqüência, êle aludia a pequenos fatos da sua infância e adolescência que ficaram profundamente gravados em sua mente. Mas, por outro lado, ignorava completamente acontecimentos tão notáveis como sua atuação na grande guerra, seu casamento e o nascimento dos seus filhos.

O médico explorou racionalmente o campo das recordações e concluiu que o seu paciente havia esquecido por completo tudo o que ocorrera entre o momento do acidente e o de sua entrada no hospital para ser operado. Esperam os médicos que com nova operação consigam restituir a memória normal ao infeliz oficial.

★ ★

OS jovens norte-americanos mostram sempre grande apetite, para os "cheeseburgers" (espécie de almôndega com queijo), a cebola frita, os biscoitos chamados "doughnuts" e o café. Se bem que essa combinação constitua um bom cardápio para o almôço, os jovens americanos, na verdade, usam aquêles alimentos como refeições intermediárias, devorando-os a tôdas as horas.

Há dias, tive ocasião de assistir a uma demonstração da maneira de preparar aquêles pratos, feita pela sta. Alice Kirtland, diretora do Instituto Hotpoint, de Chicago.

Eis a receita dos "Doughnuts", que a senhorita preparou.

4 gemas de ôvo.
2 colheres de manteiga.
1 xícara de açúcar.
7/8 de xícara de leite (uma xícara menos duas colheres.
1/2 colherinha de essência de baunilha.
3 3/4 de xícaras de farinha de trigo.
1 1/4 colherinhas de sal.
3 1/2 colherinhas de fermento.
1 3/4 colherinhas de noz-moscada.
3/4 de colherinha de canela.
1 quilo de manteiga.

Batem-se os ovos, até que fiquem de côr clara e junta-se a manteiga. Mistura-se o açúcar, pouco a pouco. Junta-se o leite e a essência de baunilha. Mistura-se a farinha de trigo com o fermento, o sal, a noz-moscada e a canela. Junta-se essa massa à primeira, misturando-se, até que o conjunto adquira uma consistência bem macia. Passa-se num rôlo, sôbre uma mesa em que se espalhou farinha de trigo e corta-se com a máquina para cortar "doughnuts".

Dissolva-se a manteiga no dispositivo de fritar por imersão a 370º F. Fritam-se quatro biscoitos de cada vez.

★

O leite é um dos melhores alimentos. Além disso, pode servir para o preparo de pães, mingaus, bolos, sorvetes e refrescos, aumentando-lhes o valor nutritivo.

Há muito tempo tenta-se desvendar os segredos da estratosfera, empregando aerostatos, balões-sonda e agora foguetes teleguiados. Essas pesquisas auxiliarão as futuras viagens interplanetárias.

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

O DESTINO VITAL DOS GASES

Por DE MATTOS PINTO

HÁ muito tempo suspeitavam os biologistas, de que o mistério da vida vegetal e animal não poderia ser explicado ùnicamente por fatôres geológicos e dirigiram seu interrogatório para o oceano aéreo, cujos gases banham a massa sólida do planêta. Para suas experiências os meteorologistas utilizavam balões aparelhados com sonda, cujo poder de ascensão alcança dezenas de quilômetros, de vinte mil a trinta mil metros. Já em 1862, Honey Coxwell e James Glaisher elevaram-se até oito mil e setecentos metros em balão. Gaston Tissandier superou essa altura com oito mil e quatrocentos metros, sofrendo desmaios com rarefação do oxigênio. Em 1901, Berson ascendeu a dez quilômetros em aerostato e o aviador militar Gray morreu alcançando doze mil e setecentos metros de altitude. Na Itália, no ano de 1913, um balão-sonda subiu a trinta e sete mil setecentos metros de altura no céu de Pavia, em cujos abismos a temperatura acusa sessenta graus abaixo de zero. Quando Augùste Piccard caiu sôbre as geleiras de Gurgl, nas montanhas da Suíça, em 1932, na primeira exploração da estratosfera, seu balão superara todos os recordes no gênero. Nenhuma criatura humana ascendera até êsse ponto, à altitude de quinze mil e setecentos e oitenta e um metros, feito êsse ainda festejado como memorável. Augùste Piccard pesquisava o estado elétrico do ar

rarefeito e do Sol, a ação dos raios cósmicos, o magnetismo e tentava obter novos fatos sôbre a eletronização das camadas superiores. Para desvendar o segrêdo do espaço celeste que envolve o globo e o gênero humano na sua peregrinação através do infinito sideral, outros pesquisadores vieram depois de Piccard, procurando invadir as camadas onde se operam os fenômenos da radioatividade, da ionização solar, das auroras polares e de outras manifestações cósmicas, como a luz zodiacal e as tempestades eletromagnéticas perturbadoras das ondas hertzianas.

O físico italiano Luigi Palmieri, a quem se deve diversos trabalhos sôbre a eletricidade atmosférica.

O físico russo Alexander Verigo se elevou a dezesseis quilômetros, mas os físicos norte-americanos William Kepner e Albert Stevens traspassaram essa altitude indo a dezoito mil metros. Os físicos russos Prokofieff, Birnmaum e Godunof figualaram o mesmo recorde em 1933, conseguindo ir até dezoito quilômetros numa gôndola de duralumínio. Logo em seguida Albert Stevens se aliou a Orvil Anderson para nova expedição científica, na qual ascenderam a vinte e dois mil e duzentos e quinze metros, altitude bem considerável para a vida humana exigente de oxigênio.

AS DESCARGAS ELÉTRICAS DO AR

Partindo da superfície terrestre para as altas regiões do espaço, o viajante aéreo percorre três zonas específicas, a atmosfera, a troposfera e a estratosfera.

A primeira compreende a região bem conhecida onde vivemos e respiramos o oxigênio. A segunda abrange a zona perturbadora, onde se processam as borrascas e os vendavais, os relâmpagos e as trovoadas, os deslocamentos nuviosos e as trombas, as chuvas diluvianas e os ciclones. A terceira região, cujos mistérios tentam descobrir Augùste Piccard e Alexander Verigo, William Kepner e Albert Stevens, Orvil Anderson e outros, inclui a série de alguns estranhos fenômenos como a radioatividade, a ionização e os raios cósmicos. Entre a atmosfera e a troposfera a natureza se apresenta com uma prodigalidade de feitos, que surpreende tanto pela abundância como pelas suas complexas formas.

Pretendia Zegers que o potencial elétrico existente na atmosfera atua mais positivo e sereno nos dias claros do que sob o tempo nebuloso e de chuva. Luigi Palmieri supunha que as manifestações elétricas da atmosfera correspondem a certo aumento de brumas e de nevoeiro, tornando-se intensas nas quédas de chuvas, de granizo e de neve. Empregando uma antena de telegrafia sem-fio, G. Rarimond verificou que as gôtas de chuva vibram eletrizadas, sendo a carga elétrica da água atmosférica freqüentemente mais positiva do que negativa. Imaginou F. Herath que se construindo um coletor aéreo de grande superfície poderia captar a eletricidade da chuva e registrar com o galvanômetro as variações da corrente. Pondo em prática a sua idéia, F. Herath instalou sôbre o têto do Observatório Astronômico de Kiel uma tela metálica de vinte e cinco metros quadrados de superfície, ligada pelo cabo ao galvanômetro. F. Herath recolheu entre outras observações que as gôtas de chuva se acham carregadas de eletricidade positiva e negativa.

As correntes positivas de chuva calma transmitem dez a quinze ampères por centímetro quadrado da superfície horizontal. As correntes negativas atuam menos intensas e as chuvas de carga positiva manifestam-se mais numerosas do que as chuvas de carga negativa. A passagem da carga positiva para a negativa coincide sempre com o afrouxamento da queda d'água e a quantidade de energia elétrica positiva equivale a quinze vêzes mais do que a

chuva eletrizada negativamente. E por mais de mil e trezentos e cinqüenta e três segundos não indicou nenhuma carga elétrica apreciável. A chuva carregada positivamente contém por unidade de massa d'água uma quantidade de energia elétrica maior do que a chuva carregada negativamente. Todos êsses admiráveis fatos impressionaram a atenção dos sábios, que se volveram para as regiões rarefeitas do firmamento, no desejo de perscrutar a vida cósmica do Universo e seu reflexo sôbre os fenômenos biológicos da Terra.

Como etapa preliminar impuseram as explorações arrojadas da estratosfera, onde gases sutis se combinam sob as fulgurantes radiações do Sol.

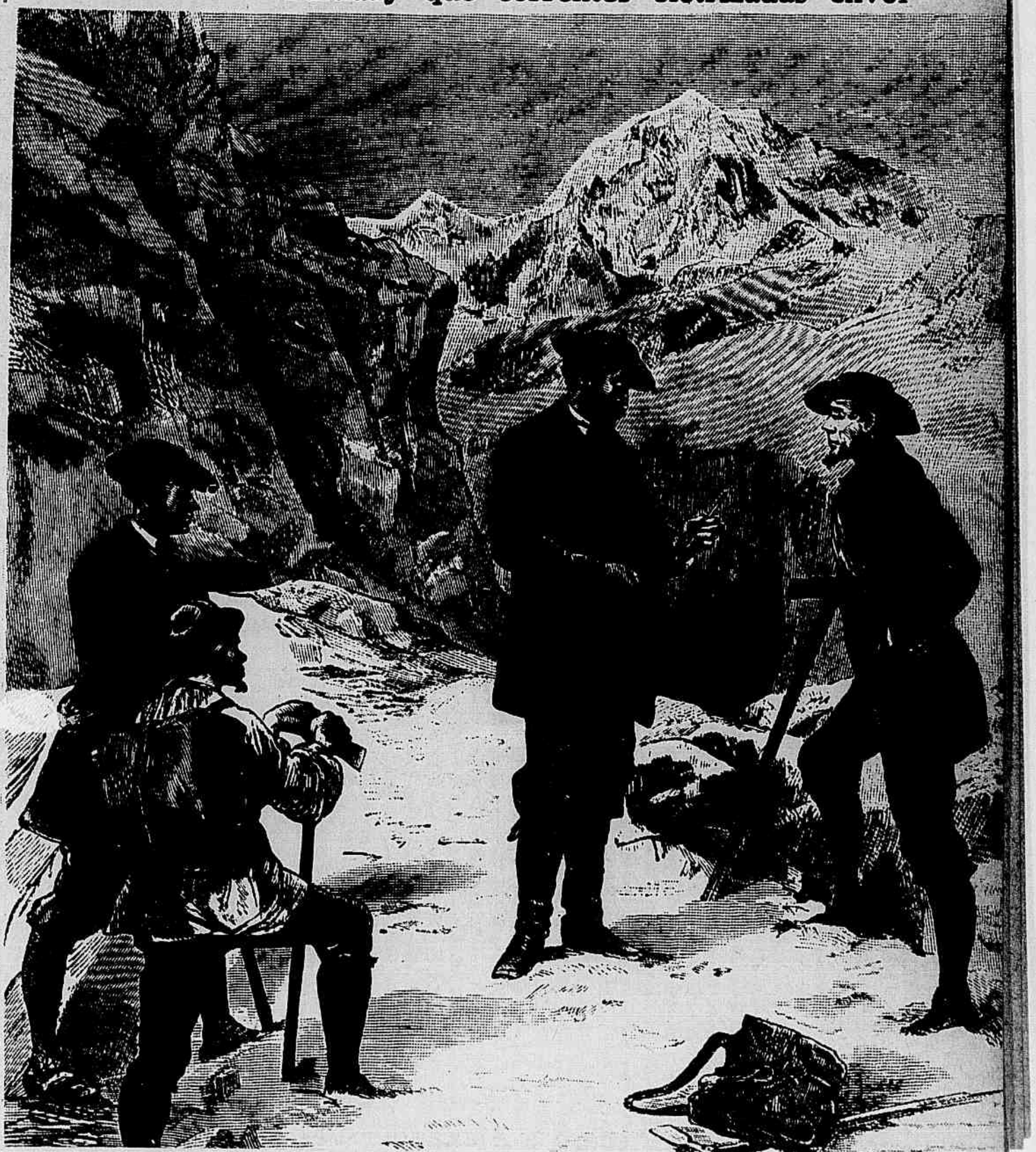
SUGESTÕES DAS CULMINANCIAS RAREFEITAS

Outros fenômenos não menos interessantes preocuparam tanto Orvil Anderson e Albert Stevens, como Alexander Verigo e Augùste Piccard, nas suas ousadas ascensões. Tôda uma série de questões muito curiosas, importantes para o progresso da biologia, exige mais sondagens na estratosfera para saber se a eletricidade varia com a altitude e onde se instaura o domínio decisivo dos raios cósmicos.

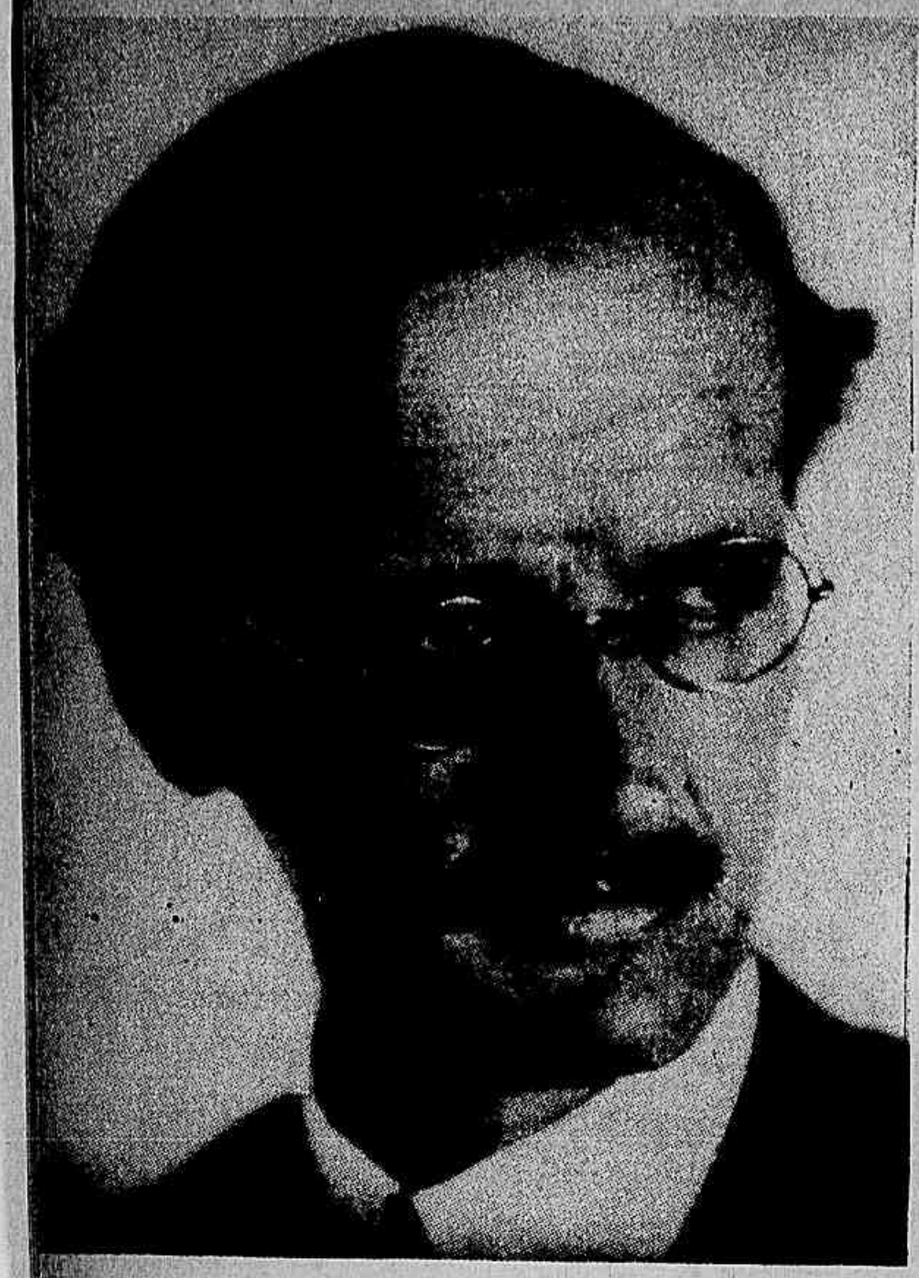
Assevera Zegers que a energia elétrica do espaço aumenta com as camadas superiores da atmosfera, embora Luigi Palmieri emita opinião justamente contrária. Mas Pellat enunciou parecer favorável a Zegers, pois acha que com bom tempo o potencial elétrico das camadas do ar cresce com a altitude. Divergem muito as opiniões quando indagam a origem dos fenômenos elétricos do espaço. Pensa Gerland que a eletricidade do ar envolvendo o globo terrestre por todos os lados, provém da condensação dos vapores. Mais categórico, Armand Gautier acredita que a atmosfera vive permanentemente eletrizada. Alessandro Volta e Ludwig Friedrich Kaemtz, William Herschel e Erik Edlund explicam como a rotação diurna da Terra direge a eletricidade do solo para a atmosfera pela exalação dos vapores e que essa eletricidade retorna quando as nuvens se desfazem em chuva.

Erik Edlund define a eletricidade atmosférica como um fenômeno de indução gerada pela rotação do globo terrestre.

Reconhece Luigi Palmieri que a eletricidade indutora se encontra no espaço atmosférico. Ensinam André Ampère e Michael Faraday que correntes eletrizadas envol-



O naturalista Louis Lortet observando os efeitos da ascensão sôbre as montanhas com relação à temperatura do corpo humano, isso numa época em que ninguém cogitava de vôos transoceânicos e viagens interplanetárias.



Augùste Piccard celebrizou-se pelas suas ascensões na estratosfera, procurando determinar os efeitos das radiações ultravioletas e dos raios cósmicos.

O engenheiro P. Kipfer, um dos modernos cientistas que se especializaram no estudo dos espaços rarefeitos, onde dominam os raios cósmicos.

vem o planêta. Hervé Faye também julga que o globo terrestre age como imenso receptáculo de eletricidade, porém de eletricidade negativa e que só percebemos as fôrças elétricas da atmosfera no curso das tempestades.

Por sua vez, J. C. Atahanse Peltier considera o mundo onde vive o homem como um receptáculo de eletricidade negativa e conjectura que os espaços interplanetários possuem a eletricidade positiva. Tudo isso revela que dos mistérios da troposfera e da estratosfera dependem o esclarecimento de muitas causas vitais.

ATÉ ONDE SE ELEVA A ATMOSFERA ?

Muito antes dos meteorologistas e físicos Stevens e Kepner, Verigo e Piccard, Anderson e Edlund, cujos vôos tentaram descobrir a composição da camada gasosa, outros cientistas refletiram sôbre a influência dos altos espaços e dos seus gases, sem os quais se extinguiriam os fenômenos da vida biológica e imperaria a esterilidade sôbre o planêta. As recentes pesquisas surgem como o resultado de longo encadeamento de trabalhos, que iniciaram a conquista experimental do espaço. O químico e fisiologista inglês John Mayow anunciara desde 1669, a atmosfera como essencialmente gasosa, sendo composta de vinte e um volumes de oxigênio e mais setenta e nove de azôto. Um século depois, em novembro de 1774, o químico francês Antoine Laurent Lavoisier verifica a exatidão das pesquisas de John Mayow. A atmosfera contém ainda outros gases como o argon, o ácido carbônico, o hidrogênio, o neon, o helium e o **kripton**.

Experiências mais rigorosas se sucederam com Jean Baptiste Boussingault e J. B. André Dumas, Gay-Lussac e Henri Victor Regnault, Auguste Michel Levy e Louis Jacques Thénard, W. R. Bunsen e Richard Marchand, para determinar a exata quantidade de oxigênio e azôto, como para estabelecer as variações dos gases nas diversas altitudes e nos diferentes pontos da Terra. Entre as partículas salinas suspensas no ar, Richard Marchand descobriu o cloreto de sódio, o sulfato de sal, o carbonato, o sulfato de soda, o azoato, vestígios de sílica, de ferro e de fosfatos.

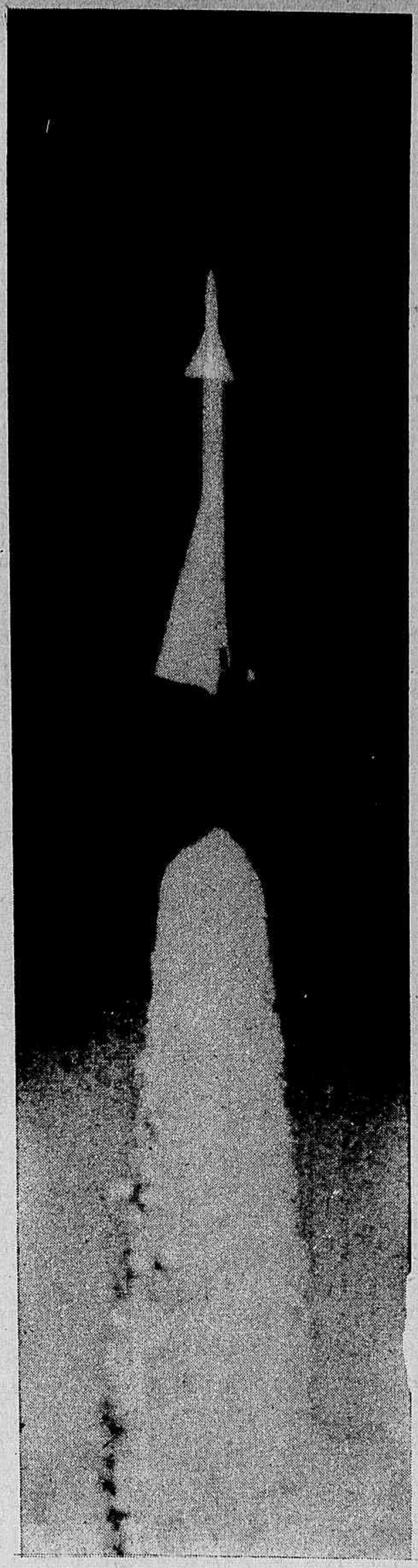
Pelas medidas de Jean Boussingault existem em cada dez mil volumes de ar, três a seis volumes de ácido carbônico, cifra que pode ascender a até dez volumes nos lugares viciados. No século XIX, calcularam para a camada atmosférica a altura de setenta quilômetros acima do solo. Mas, em conformidade com certas observações do químico inglês William Ramsay sôbre a pressão do gás kripton e a sua presença nas auroras magnéticas dos Pólos, descobriram que a atmosfera se estende até oitocentos quilômetros de altitude. Os físiços do passado não distinguiam, como agora sucede com os modernos descobridores, as três camadas gasosas: — a atmosfera, a troposfera e a estratosfera. Na altitude de oitocentos mil metros, onde se processam os fenômenos de ionização solar, tocamos no

limiar de alguma coisa mais rarefeita do que o próprio invólucro estratosférico. Calcularam J. B. André Dumas e Jean-Baptiste Boussingault que a massa de ar pesa tanto como quinhentos e oitenta e um mil cubos de ferro candente, tendo cada cubo um quilômetro de lado.

A mecânica do homem ainda não soube aproveitar até hoje, êsse pêso formidável da atmosfera, cuja industrialização virá a ser tentada no futuro.

Os cálculos do físico alemão Rudolf Julius Clausius e do físico inglês James Clerk Maxwell especificaram que um centésimo cúbico de ar contém vinte e um trilhões de moléculas separadas por distâncias de três a quatro milionésimos de milímetro. Se uma tipografia pudesse imprimir diàriamente, sugere o físico alemão A. Eberhardt Kundt numa engenhosa comparação, um dicionário com três milhões de letras, só depois de sessenta e quatro mil anos alcançaríamos o número de letras igual ao número de moléculas contidas num dedal repleto de ar.

O hidrogênio, um dos gases da estratosfera, situase de sessenta a oitenta quilômetros acima do solo. Suas moléculas se movem com a velocidade média de mil e seiscentos e noventa e oito metros por segundo. A molécula de hidrogênio se movendo com a velocidade média de quatrocentos e setenta e sete metros por segundo, produz quatro mil e setecentos milhões de choques por segundo. Precursores ilustres preparam nos seus laboratórios o caminho para as arrojadas escaladas aéreas às supremas regiões do espaço interplanetário.



A fôrça aérea norte-americana vem utilizando foguetes na pesquisa da estratosfera. Um dêsses foguetes — "Viking-11", subiu a duzentos e vinte quilômetros com objetiva automática e outros equipamentos científicos.

SEM A ABSORÇÃO DAS RADIAÇÕES ULTRAVIOLETAS MORRERIAM OS ORGANISMOS

Nas viagens às solidões da estratosfera, os expedicionários levam sonda eletrostáticas e alguns cilindros com dispositivos especiais para determinar a densidade de ions nas camadas extraterrestres.

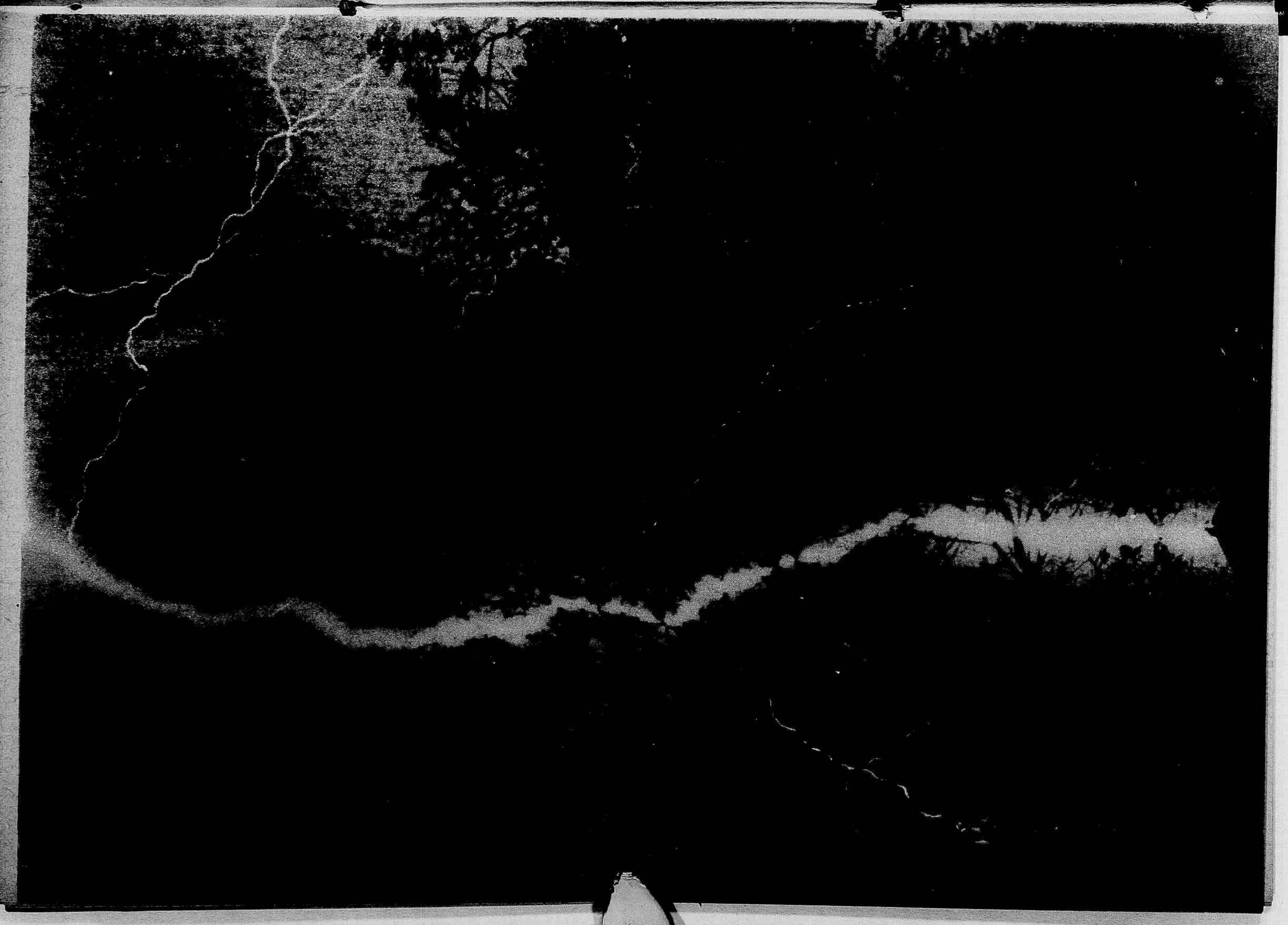
O Sol emite radiações ultravioletas, uma das causas prováveis da ionização do ar no exterior da nossa atmosfera respirável. Essas radiações atuam com destruidores efeitos para todos os sêres organozados como descobriram numerosas experiências.

A vida biológica, vegetal e animal, não existiria na fase do globo sem a transformação física das radiações na sua trajectória. Atribuíam ao vapor da água e ao ar atmosférico a benéfica propriedade de absorver as radiações ultravioletas emitidas pelo mundo ígneo do Sol.

Revelaram as pesquisas de Fabry e Buisson que a absorção dos raios ultravioletas sucede graças à presença do ozônio nas camadas rarefeitas.

Nessa região, a eletricidade solar transforma o oxigênio em gás ozônio.

Fabry e Buisson empregaram nos ensaios o método da fotometria, procurando fixar sôbre a mesma chapa fotográfica e durante o mesmo tempo duas impressões idênticas.



Uma se dava com a luz propagada, através da coluna de ar ionizado e a outra sem a absorção, mas com o enfraquecimento determinado como medida.

A experiência se realizou com o auxílio de fonte ultravioleta atravessando um tubo de absorção limitado por duas lâminas de quartzo, no qual se fêz circular ar ionizado.

O ozônio variava entre quinze e sessenta miligramas por litro, a espessura indo de seis a oitenta microns. O máximo de absorção se manifestou na onda de dois mil e quinhentos e cinqüenta angstromos, o angstromo equivalendo ao décimo de milionésima de milímetro.

Além dêsses singulares fenômenos, outros valiosos esclarecimentos exigem todo o aparelhamento da física. Um dêles consiste na difusão do ozônio nos espaços estratosféricos, onde a quantidade encontrada não justifica o total da absorção.

Concluíram que a maior parte do gás ozônio difunde-se nas regiões superiores e tudo parece indicar que as radiações ultravioletas transformam o oxigênio em ozônio, que êste gás absorve por sua vez os raios ultravioletas.

A présença de consideráveis quantidades de ozônio na superfície do oceano, em consequência das borrascas e dos ciclones, confirma a existência do fenômeno.

As perturbações do ar deslocam na estratosfera o oxigênio ionizado pelo Sol e com o mesmo o gás ozônio. A física chegou a esta impressionente verdade, que sem a absorção dos raios ultravioletas pelo ozônio nas regiões da estratosfera, os animais e as raças humanas não povoariam os continentes.

Para melhor investigar êsses fatos, que interessam à ciência e à vida biológica, os engenheiros D. K. Wright, Ernst Loebelle e o físico Arthur Compton inventaram três aparelhos para captar ions e gases rarefeitos.

Enquanto os técnicos aperfeiçoam novos métodos de sondagens aéreas, cresce o número de meteorologistas e de físicos que ousam invadir a estratosfera.

Ao iniciador Augùste Piccard, aliaram-se William E. Kepner e D. K. Wright, Alexander Verigo e Orvil Anderson, T. G. W. Settle e Melvin R. Houseman, Edward J. Hill e William R. Enyart, todos ansiosos por revelar os segredos das radiações solares e dos seus efeitos cósmicos, através do invólucro gasoso que reveste o globo terrestre.

Os físicos aguardam novas descobertas com a construção do "Viking-11", foguete com treze metros de comprimento e pesando sete toneladas e meia, com a velocidade de seis mil e quinhentos quilômetros horários.

Invade a estratosfera a duzentos e cinqüenta e três quilômetros de altura, equipado com fotógrafo-automático e poderosas lentes, instrumentos para medir a temperatura e recolher gases rarefeitos.

Além da sua finalidade militar, o "Viking-11" irá revolucionar o conhecimento da estratosfera e domar seus mistérios para expansão da ciência, preparando o advento da astronáutica e das suas viagens interplanetárias.

←

Notável e singular fotografia de uma descarga elétrica com outras ramificadas. Fotografia tomada sôbre a cidade de Dallas, Texas, EE.UU.

★

ORIGEM DE FRASES CÉLEBRES

"O BURRO DE BURIDAN"

Aplica-se esta frase aos indivíduos que, atraídos por idéias opostas, não sabem qual das duas deve adotar. Buridan, sábio escolástico do século XIV, tornou-se famoso por seus comentários aos livros de Aristóteles; destacou-se na cátedra de Filosofia da Universidade de Paris, da qual foi reitor em 1347.

Deve a sua popularidade ao exemplo, que sempre apresentava, de um burro que, faminto e sedento, morreu entre um montão de cevada e um balde com água, justamente por não se haver decidido a começar por um dêles.

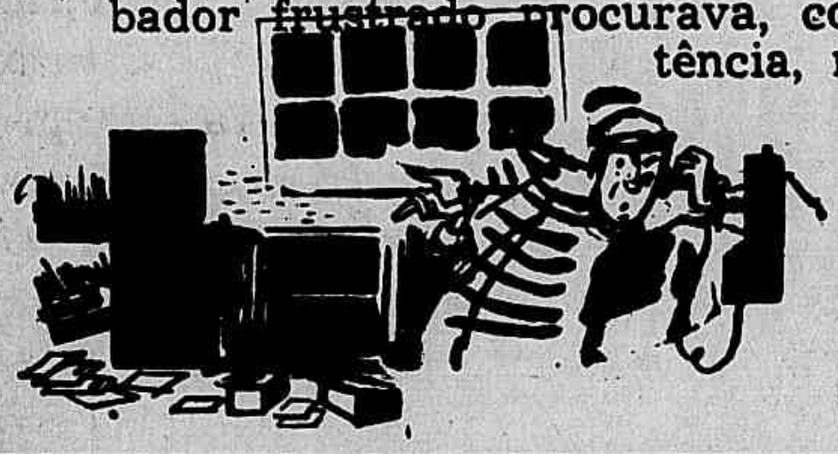
"SAPATEIRO, AOS TEUS SAPATOS"

Conta-se que o famoso pintor grego Apeles, tendo ouvido da parte de um remendão uma opinião desfavorável aos pés de uma figura pintada por êle, pronunciou essa famosa frase. E a mesma é empregada comumente para advertir a alguém que não fale de coisas que ignore ou que não sejam de sua incumbência.

ÊSTE MUNDO LOUCO...

EM Knoxville, Estado do Tennessee, uma mulher teve de ser hospitalizada com braços, pernas e costelas quebradas, após rolar as escadarias do Edifício de... uma Companhia de Seguros Contra Acidentes Pessoais.

EM Filadélfia, Estado de Pennsylvania, um arrombador frustrado procurava, com desesperada insistência, no interior de um escritório, alguma coisa que valesse a pena roubar. Finalmente, encontrou uma ficha na qual se achava escrita a combinação do cofre.



Mas, quando abriu o cofre e viu que o mesmo estava completamente vazio, telefonou para a polícia, pedindo que esta fôsse prendê-lo. "Sou um azarado! — explicou. — Não mereço a liberdade!"

ACUSADA de fumar na cama e de, por isso mesmo, ter sido a causadora de um incêndio no seu quarto do hotel, uma mulher, em Nápoles, Itália, queixou-se ao juiz: **"Mas o incêndio já havia começado quando eu fui para a cama!"**

EM Nice, França, um candidato à Câmara Municipal, que mandou imprimir cartazes de propaganda eleiteral com os seguintes dizeres: "Você precisa de um amigo na Câmara Municipal", moveu uma ação de perdas e danos contra uma tipografia local porquanto os cartazes saíram impressos da seguinte maneira: "Você precisa de um inimigo na Câmara Municipal".

APANHADO entre outros muitos indivíduos num "raid" realizado pela polícia de Pasco, Washington, no interior de um **night-club**, onde havia também jôgo proibido, um cidadão obteve a liberdade afirmando que não estava no interior do clube, mas, apenas, fôra levado de roldão pelos policiais, quando saltaram de vários automóveis e correram em ímpeto irresistível para a porta do **night-club**. Por culpa, assim do "braço forte da lei"!...

NA cidade de Boulder, no Colorado, um estudante superior tentava arranjar uma bôlsa de estudos na Universidade Estadual. Então, pediram-lhe para apresentar uma razão importante que justificasse as suas pretensões. E êle apresentou-a: "Minha espôsa e eu nos separamos, o que me obriga a sustentar-me sòzinho."

ACCUSADO de haver roubado mais de 4.000 dólares num determinado banco, um homem, em Valparaíso, Chile, explicou que as suas intenções eram absolutamente nobres: "É que o dinheiro ia ser empregado na **restituição** de uma outra quantia, que roubei em outro banco."

CALMA APARENTE

Sentado na sala de operações do Pronto Socorro de um hospital de San Francisco (Califórnia), Gilbert Nathan, de sete anos, parece não compreender a gravidade do que lhe ocorreu. Mas talvez a sua calma seja apenas mêdo, como a calma do médico, que lava as mãos, às suas costas, não é mais que preocupação. A tesoura foi assim «plantada» em Gilbert por seu irmãozinho de 6 anos, enquanto brincavam. Felizmente nenhum ponto vital foi atingido e a tesoura pôde ser retirada sem complicações.

NAO ANDA... MAS PATINA!

Debra Wright, de Muskegon, no Estado de Michigan, EE.UU., há de vir a ser, dentro de alguns anos, extraordinária campeã de patins de rodas, pois que começou sua carreira com grandíssima vantagem. Começou a patinar... antes mesmo de saber caminhar! Se não acreditam vejam a fotografia acima. Debra, com 10 meses e cinco dias calçou os primeiros patins. Cinco dias depois fêz a primeira exibição pública, que a fotografia registra.

OS ASTRÔNOMOS DESCOBREM MONTANHAS

DO OUTRO LADO DA LUA...

NINGUÉM, naturalmente, viu jamais o reverso da Lua, pois que êste nosso satélite sempre apresenta a mesma face para os habitantes da Terra.

Do anverso lunar, que podemos ver, foram já traçados mapas muito bem detalhados; conhecê-mo-lo, mesmo, muito melhor que o interior da Groenlândia. Do nosso planêta podemos contemplar, em total, umas quatro-sétimas partes de tôda a superfície lunar. As outras três sétimas partes pareciam condenadas a permanecer ignoradas até que fôsse possível enviar algum foguete-voador equipado com câmaras fotográficas especiais e que voltassem a nós, depois de circundar o satélite.

Entretanto, no sistema solar existem muitos outros corpos celestes que atuam de maneira semelhante à Lua. Mercúrio, por exemplo, sempre apresenta a mesma face ao Sol, de sorte que um de seus hemisférios se calcina contìnuamente pelos raios solares, enquanto o outro gela.

Por isso mesmo, embora não possamos contemplar o reverso da Lua, podemos, ao menos, conjeturar seu aspecto.

Pedro Hansen, famoso matemático alemão (1795-1825), estudava os movimentos lunares, quando tropeçou com certas discrepâncias, aparentemente insignificantes, porém para êle inexplicáveis.

Suspeitou, então, que a Lua não tinha densidade uniforme, mas que um hemisfério era um pouco mais pesado que o outro.

Se assim fôsse, o centro de gravidade da Lua não coincidiria com o centro do globo lunar, estando ao contrário cinqüenta e três quilômetros mais longe da Terra.

Hansen deduziu que tôda a atmosfera e a água da Lua tinham sido atraídas para a face que não vemos, e que esta face poderia ser habitada.

Sem dúvida, a teoria é engenhosa e, no caso de ser verdadeira, o hemisfério lunar, que vemos, seria árido e sem atmosfera, porém, no outro, existiria atmosfera e a temperatura seria suportável, pois o ar formaria uma cama protetora contra os raios solares; sua superfície estaria coberta de vegetação, em vez de cinzas vulcânicas.

Entretanto, surgem numerosas objeções contra essa teoria. As discrepâncias que Hansen comprovou foram esclarecidas satisfatòriamente, sem necèssidade de recorrer à hipótese do desequilíbrio de pêso entre os dois hemisférios lunares. A gravidade lunar é tão baixa, que não poderia reter a atmosfera, a qual se perderia no espaço, e o resultado de um centro de gravidade deslocado não seria o de atrair e acumular ar e água para uma parte dada da superfície lunar.

Eis porque somos forçados a reconhecer que a idéia de Hansen é insustentável.

Há, porém, um meio de investigar o hemisfério oculto da Lua sem recorrer a câmaras fotográficas instaladas em foguetes voadores. Consiste no estudo dos raios brilhantes, que ultrapassam os bordos exteriores da Lua. No disco visível existem numerosos centros dêsses raios.

Há uns 80 anos, o geólogo norte-americano N. S. Shaler começou a observar os raios provenientes do lado da Lua oposto ao visível. Onde apareciam em pares divergentes era possível traçar seus cursos na direção da sua origem e fixar as posições

das montanhas — do outro lado da Lua — refletidas pelos referidos raios. Shaler delineou seis montanhas, situadas bem no interior do hemisfério oculto e permanente invisíveis da Terra.

Infelizmente, o sábio geólogo extraviou suas anotações e quando, anos mais tarde, voltou a ocupar-se com êsse problema, recordava apenas vagamente a posição dos centros de raios que havia observado. E para maior pesar, não pôde realizar novamente suas observações, porque a sua vista já não era bastante aguda. O problema ficou descuidado por longo tempo, até que, há cêrca de 20 anos, E. F. Emley o retomou e obteve resultados muito semelhantes aos de Shaler.

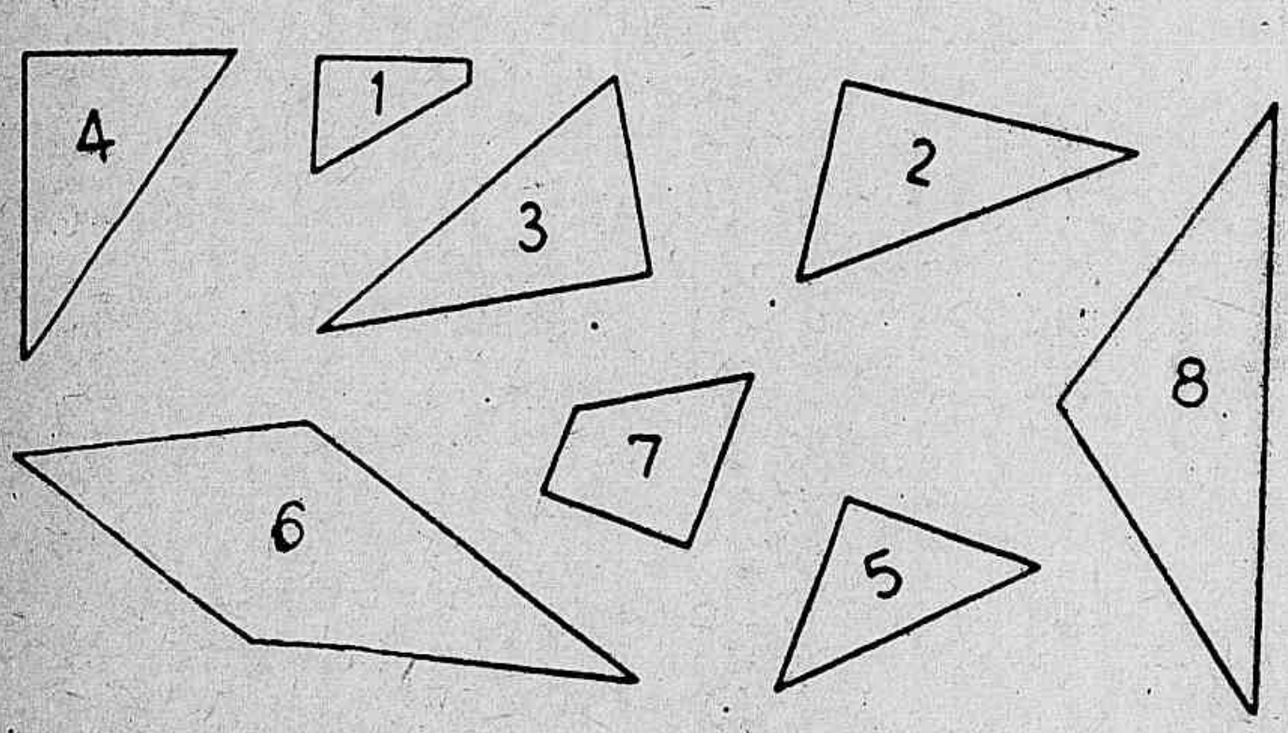
As observações realizadas por Emley, assim como as do prof. H. P. Wilkins foram, por êste último, para delinear um mapa lunar, no qúal os raios do lado posterior do satélite são traçados na direção da sua origem. Em variadas distâncias por trás do bordo visível foram revelados oito centros. Um dêles deve achar-se a uns 480 quilômetros fora do alcance da vista. Há, provàvelmente, três montanhas mais, de modo que até agora foram traçadas com bastante segurança quase uma dúzia de formações montanhosas no hemisfério invisível.

Os raios são muito indistintos, de maneira que se torna difícil observá-los. Como é necessário um campo telescópio bastante amplo, para traçá-los, não há necessidade de empregar uma forte amplificação. Por outro lado, se se utiliza uma amplificação baixa, com um telescópio grande, o resplendor é intolerável. Portanto, para esta classe de trabalho é melhor um instrumento pequeno. A fotografia não oferece vantagem alguma, pois não existe placa capaz de captar os fugazes e tênues raios entre as rochas lunares.

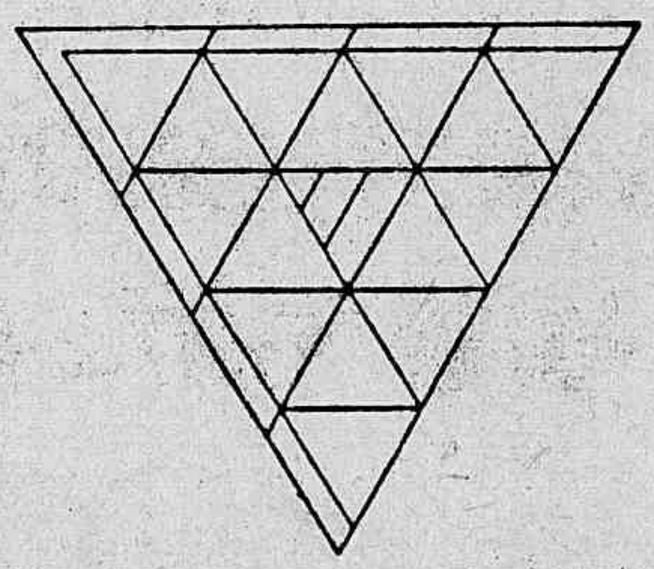
Tôdas as provas que puderam reunir indicam que o lado oculto da Lua é muito semelhante ao lado visível desde a Terra. Podem faltar mares, porém deve existir um grande número de montanhas e crateras, elevadas cordilheiras e profundas gargantas e fendas. Mas sôbre tudo isso, por enquanto, os cientistas nada podem afirmar.

★ ★

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO



a) Com estas oito fichas recortadas o leitor poderá formar a letra "F". Decalque as figuras em papel transparente (não esquecendo de copiar a numeração), recorte-as em seguida, a fim de poder movê-las em superfície plana. E marque o tempo, para saber em quantos minutos resolve o problema.



b) Nem sempre vemos tudo o que há para ver... Na figura acima, por exemplo, há muitos triângulos.

Pode o leitor dizer o seu número exato?

E notem: qualquer linha pode formar parte de mais um triângulo.

(Respostas na página 76)

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De *NICHOLAS BLACK*

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: — nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indício, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou a sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para isso passa a guardar o dia mais «favorável» aos seus planos. Antes de sair com êle, Rattery pede alguns instantes, pois tem alguma coisa que providenciar, antes de sair na canoa. Passam pela represa e já em pleno rio, no lugar mais fundo, quando se prepara para realizar seus planos sinistros, uma discussão surge entre êles. Porém, quando está prestes a realizar seu plano de vingança, descobre que George conhece-o detalhadamente Lera o seu Diário e, mais ainda, roubara-o, enviando o documento para seus advogados, a fim de que o entregassem à justiça no caso de lhe suceder qualquer coisa. Depois de perigosa discussão, George obriga Felix a regressar e saltando na casa do encarregado da represa, afasta-se, proibindo Felix de tornar a pisar em sua casa. Na mesma noite, George morre, envenenado, e Nigel Strangeways é procurado por Felix para que o defenda, dado que os advogados da vítima tinham enviado o Diário à Polícia. Nigel vai procurar o inspetor Blount, na Chefatura. Com êle discute a situação do seu constituinte, procurando convencer ao policial que Felix é inocente e decidem examinar a casa dos Rattery. Ali pouco mais descobrem além do que já havia conseguido a polícia local. Lena, interrogada, parece inocente de tudo, até ao instante em que lhe é revelado que a polícia sabe ter estado ela ao lado de George, quando êste atropelou um menino, matando-o e fugindo. Nigel, que conhece a situação de Phil, na casa, pede licença para levá-lo para sua companhia e da sua espôsa, no hotel, pretextando ser necessário afastar o menino da casa, antes do entêrro do pai. Lena concorda e também Violeta, agora sentindo-se amparada pela irmã e disposta a lutar contra a sogra, que protesta violentamente, sendo, porém, obrigada a calar por Lena, que a insulta pesadamente. George e Nigel notam que Felix se esquiva de Lena Lawson, como se temesse estar a sós com ela. O inspetor e Nigel, em vista do laudo pericial que confirma o envenenamento e sabedores, pela leitura do Diário, que havia veneno para ratos na garage, vão a mesma, a fim de falar com Carfax.

Êste revela que conhecia o interêsse de Rattery por sua espôsa, mas que não o matou. Se quisesse vingar-se ou apenas afastar o intruso, simplesmente o expulsaria da sociedade, onde não tinha tostão. A êsse tempo queixando-se do abandono em que Felix a deixara, Lena confessa a George que o amava tanto que, descontiada de ter sido êle o assassino de Rattery apanhara a garrafa do remédio e a entregara a Phil, recomendando ao menino que a escondesse. Mais tarde, informado pela espôsa Nigel interroga o menino, que, sabendo que o desaparecimento da garrafa prejudicava a defesa de Felix, logo se prontifica a indicar onde a mesma se encontrava. Mas ao apanhá-la, sôbre o telhado, deixa-a cair ao solo, onde se espatifa. Blount, que quase recebe a garrafa na cabeça acredita que Phil jogou a garrafa de propósito. A seguir, Blount e Nigel decidem fazer uma revisão geral dos suspeitos numa tática de eliminação e redução do campo de exame. Começam por interrogar Ethel Rattery, que continua mais suspeita. A megera procura exigir da polícia que concluam com um veredito de «morte acidental». Depois, sòzinho, Nigel procura, por eliminação, descobrir o culpado. Assim vai anulando a possibilidade contra Lena Lawson, Violeta Rattery, Carfax, Rhoda Carfax, Felix Cairnes e Ethel Rattery, sem esquecer que esta se mostrara assustada, quando o detetive quis conhecer detalhes sôbre a vida do pai de George... O general Shrivenham revela a Nigel e a Georgia que o pai de George, o marido de Ethel Rattery morrera num asilo de loucos. Nessa noite, Nigel volta a examinar a situação de cada suspeito, procurando reduzir o círculo dos prováveis assassinos de George. Depois, ao subir para seu quarto de hotel é agredido com um bastão de golf, despertando na manhã seguinte, num leito, com a cabeça envolta em gazes. Blount, chamado por Georgia desconfia que o agressor tenha sido Cairnes. Não tardam, porém, a vir anunciar-lhes que Phil desapareceu. Por sua vez é chamado ao gabinete de Blount, que lhe anuncia estar procurando o menino com redobrado empenho, porque... é êle o assassino do próprio pai.

— **Mas suponhamos que a descoberta dêsse seu diário fôsse elemento essencial de seu novo projeto**... Você tudo fêz para provocar a indiscrição de George, segundo deve estar perfeitamente lembrado. Durante o almôço ao qual assistiam o sr. e a sra. Carfax, você anunciou que estava escrevendo um novo romance policial, repelindo violentamente o pedido dos convivas, que insistiram desejando ouvir ime-

diatamente a leitura do primeiro capítulo do seu manuscrito. Fêz mais ainda. Deixou George compreender claramente que êle próprio havia inspiradc um dos seus personagens... Ora, convenhamos que não era preciso mais do que isso para decidir um homem daquela espécie a ir remexer em seus papeis particulares, tentando encontrar os manuscritos... Tanto mais que você permitira que êle descobrisse outro segrêdo: que Felix Lane não era o seu verdadeiro nome. Isto, se não estou enganado, uns dois dias antes do referido almôço...

Felix voltou para Nigel um rosto onde se estampava sincera surprêsa. Porém, logo depois, um lampejo de compreensão passou por seus olhos e chegou a sorrir:

— O general Shrivenham me informou, esta manhã, que encontrou você — ou acreditou ter encontrado — no dia doze de agôsto, num salão de chá de Chaltenham. Um homem, cujos traços fisionômicos correspondiam, ponto por ponto, aos de Rattery, o acompanhava. Ora, Shrivenham sempre vai, às quintas-feiras, a essa casa de chá; como seu amigo de longa data, você devia conhecer êsse hábito do general e, nessas condições você deveria evitar por todos os modos ir ao mesmo estabelecimento naquele mesmo dia da semana e à hora do chá, em companhia de George Rattery... a menos que desejasse ser chamado... "Cairnes" pelo velho militar, o que de fato ocorreu. E Rattery, ouvindo alguém chamar por êsse nome, procurando ao mesmo tempo alcançá-lo, como pessoa conhecida, perguntou a si mesmo, imediatamente, se não haveria qualquer parentesco entre v. e o pequeno Martie Cairnes, que êle atropelara e matara no inverno anterior. Ao saber dêsse incidente (Shrivenham falou-me dêle espontâneamente...) compreendi afinal por que você não desejava que eu o fôsse visitar.

— Não sei como pude ser tão estúpido e, mesmo, não me perdôo o ter atacado você, ontem, com o bastão de gôlfe... Eu devia ter perdido a cabeça... É, pelo menos, a minha única desculpa... Eu estava dominado pela idéia fixa de retardar a sua visita a êsse velho tagarela... Receiava, realmente — não sem razão — que êle lhe relatasse o incidente do salão-de-chá. Mas, sinceramente, procurei não bater com fôrça... Rogo que me perdoe...

— Está totalmente desculpado... Como deve imaginar, eu aceitei, antecipadamente, todos os riscos próprios da minha profissão.

Pareceu hesitar, depois, sem deixar de sorrir ligeiramente, prosseguiu:

— O excelente Blount decidiu, desde logo, que essa agressão corria por conta de Phil, e sua teoria era perfeitamente sustentável, embora não explicasse porque eu encontrara a minha camisa desabotoada, ao recuperar os sentidos. Ora, ninguém desabotoa a camisa de outra pessoa, para sentir se o seu coração bate ainda, a menos que receie ter batido com muita fôrça... Phil, sendo criança e impressionável como poucas, teria sentido mêdo do corpo estendido no tapête para aproximar-se dêle e mesmo tocar na sua vítima. Isto, aliás, Blount reconheceu, quando apontei o detalhe. E, ao mesmo tempo, caso o meu agressor (e forçosamente o assassino de George) fôsse outra pessoa que não você mesmo e tivesse sentido que eu me aproximava perigosamente da verdade, claro que não teria hesitado um só instante, batendo com o bastão de gôlfe... para matar! E teria mesmo desferido um "golpe definitivo", caso tivesse desabotoado a minha camisa... e verificado que eu ainda vivia!

— Sim... Tem tôda a razão... Sendo eu o seu agressor... forçosamente teria que ser também o assassino de Rattery. Sim... Cometi um êrro imperdoável ontem à noite!

Nigel nada disse. Simplesmente ofereceu um cigarro a Felix, acompanhando a oferta com um fósforo já aceso. Sua mão tremia muito mais que a do seu amigo; jamais teria tido a coragem de sustentar essa conversação, se não tivesse afirmado a si mesmo que conversava sôbre um crime imaginário. Continuou, portanto, acumulando inùtilmente os detalhes, a fim de retardar o momento da decisão inevitável.

— O encontro de Shrivenham no salão-de-chá foi no dia doze de agôsto. Você, entretanto, nada mencionou a respeito, no seu diário, escrevendo apenas: "Agradável tarde de canoagem no rio...". Eis uma mentira muito interessante e que deve ser

estudada... Perdoe-me esta fria análise, Felix. Mas a mentira foi coisa inútil, pôsto que você destinava de alguma maneira êsse diário a George Rattery e era arriscado querer deixar entender que não tinha ido a Cheltenham, quando a polícia podia cismar de pesquisar sôbre as suas idas e vindas e descobrir essa grosseira contradição.

— Eu não estava muito perfeito, física e mentalmente, na noite em que escrevi essas linhas — explicou Felix, com ligeira irritação. — O incidente do salão-de-chá marcava o início de meu novo plano de campanha contra George... Reconheço que o mesmo plano comportava numerosos riscos... Por isso mesmo, talvez, tenha ficado nervoso e baralhado um pouco meus pensamentos...

Nigel pousou, de leve, a ponta dos dedos sôbre um joelho de Felix e fitando-o nos olhos.

— Sim, Felix. Eu já esperava que me dissesse qualquer coisa parecida. Aquela sua dissertação sôbre Hamlet, escrita no mesmo dia, já me havia vivamente impressionado... como uma dissonância. Por que estender-se dessa forma sôbre os adiamentos as hesitações de Hamlet, senão para dissimular a um leitor imaginário a verdadeira razão das suas próprias hesitações? Porque, evidentemente, você não se atrevia a matar um homem, fôsse êle o mais odioso dêste mundo, sem primeiro ter a prova iniludível da sua culpabilidade...

Felix, lentamente, fêz que "sim" com um movimento de cabeça, porém sem olhar para Nigel. A seguir, comprimiu as têmporas com a ponta dos dedos, mas nada disse, limitando-se apenas a abafar um gemido.

— Foi igualmente a causa profunda da indecisão de Hamlet, conforme você sabe tanto quanto eu. Mas, desenvolvendo uma teoria sôbre "o desejo de prolongar a deliciosa expectativa da vingança", você contava ludibriar um espírito inquisidor, impedindo-o de levar essas suas hesitações à conta de uma consciência exageradamente delicada.

— Permita que o felicite... Com isso prova ser, realmente, pessoa de extraordinária perspicácia, meu caro Nigel.

Felix tentava sorrir, porém uma nota de desapontamento e, mesmo, algum despeito, arruinava o tom tranqüilo de sua voz, como se o detetive lhe assinalasse o defeito, a falha de um dos seus livros. Êsse sentimento não escapou ao olhar atento de Nigel, que, lutando desesperadamente contra a emoção, prosseguiu:

— E voltou você à carga passados mais alguns dias, nos seguintes têrmos: "A voz da consciência, pensará o leitor, talvez? Um pensamento generoso, sem dúvida, mas imerecido. Mas podem acreditar: eu mataria George sem a menor sombra de escrúpulo." Sim. Você desejava ser considerado um indivíduo totalmente desprovido de consciência, mas tudo o que fazia era como um desmentido. Além do mais a perturbação da sua consciência era coisa que qualquer um podia ler entre as linhas dêsse malfadado diário.

Mais uma vez parou, a fim de estudar a reação que suas palavras causavam no escritor. Depois, noutro tom, como se não quisesse perder nem a estima nem a confiança de Felix, continuou:

— Naturalmente... você... Espero que não me queira mal... por violar dessa forma o segrêdo dos seus pensamentos? É que sou forçado a esclarecer completamente todos os detalhes... para minha satisfação pessoal, pelo menos.

— Não... não... Continue, à vontade — respondeu Felix, com um sorriso forçado. — Quanto mais falar melhor... Não deve esquecer de Scheherazade.

— Muito bem. Neste caso continuarei.

Leiam "ALMANAQUE EU SEI TUDO", para 1956!

Calendários, tôdas as informações sôbre o ano, uma comédia para representar, um romance completo e a mais completa e empolgante História dos Descobrimentos e o Fim do Desconhecido, com o avanço do Homem sôbre a superfície terrestre. Um livro da maior utilidade e que o leitor deve adquirir quanto antes.

E, supondo que você entrasse a escrever para George Rattery, a partir do incidente da pedreira, segue-se que o projeto de afogamento era uma espécie de "cortina-de-fumaça", para êle próprio e, principalmente, para a eventualidade do diário vir a ser lido por outra pessoa mais se tudo chegasse ao conhecimento da polícia.

Esperou, detendo-se, a fim de aguardar algum protesto ou simples comentário de Felix. Êste, porém, continuou com seu ar distante e os lábios ligeiramente torcidos num sorriso estigmatizado.

— Se você tivesse, de fato, a intenção de matar George, sem dúvida teria evitado descrever minuciosamente os detalhes e encorajar a sua futura vítima a ler o seu diário. Por que, afinal de contas, essa história da embarcação? Eis uma pergunta que tenho feito a mim mesmo, muitas vêzes... Para arrancar uma confissão de George Rattery? Foi isso, em todo o caso, a resposta que decidi adotar, depois de longa reflexão. Agora, gostaria de saber... Minha resposta estava certa?

Felix pareceu despertar de um sono profundo. Olhou algum tempo para Nigel, como se o visse pela primeira vez. Depois, entrelaçando as mãos e apertando-as até ficar com os nós dos dedos quase brancos, respondeu:

— Sim. A propósito, eu já tinha a quase-certeza de que George havia afinal mordido a "isca". Isto porque eu havia encontrado o meu diário ligeiramente deslocado sob a laje do soalho, no meu quarto. Evidentemente, o fato de saber que eu era Cairnes e que estava resolvido a vingar a morte de Martie não o decidiria a retirar a máscara; na realidade, êle só se resolveria como último recurso... e no caso da situação assumir um caráter de vida e de morte — ou por causa da acusação de homicídio por imprudência suspenso sôbre a sua própria cabeça. Foi por êsse motivo que êle se conservou calado até o instante em que lhe propuz empunhar a barra do leme em meu lugar. George havia tomado a medida de salvaguarda pessoal, que consistia em enviar o meu diário para a guarda dos seus advogados, antes de ir comigo para o dramático passeio; isto, eu teria até apostado. Devo esclarecer que a situação ficou bastante séria, na canoa. George deve ter ficado surpreendido e perguntado a si mesmo se eu conservaria o sangue-frio suficiente para executar o meu programa até o fim, enquanto eu próprio esperava, em verdadeiros transes, saber se êle conhecia o real perigo que corria e se chegaria, vendo-se perdido, a confessar **in extremis** o assassinato de Martie. Ah, se nos tivesse visto! Estávamos, os dois, nervosos como gatos, pode acreditar! Se êle tivesse aceitado muito naturalmente a ordem para empunhar a barra do leme, eu teria compreendido que não havia lido o meu diário e, nessas condições, eu teria esvaziado a garrafa do tônico, ao voltar para casa.

— Quer dizer que... êle descobriu o jôgo, finalmente?

— Exatamente. A máscara de George caiu quando lhe propus que fôsse empunhar a barra do leme. Imediatamente declarou meus negros desejos e foi logo anunciando que havia mandado o meu diário para os seus advogados, com a ordem de ler o documento, caso êle viesse a desaparecer e, finalmente, tentou fazer **chantage**, oferecendo-me a restituição do diário contra um bom preço... Foi um momento terrível, porque eu já então estava moralmente certo de que êle tinha sido o assassino do meu filho. Êle se conservara calado tanto tempo! Nesse, também, a hesitação revelou a culpa. Mas não tinha provas formais... Quando lhe assinalei que o meu diário era tão comprometedor para mim como para êle mesmo, em razão da revelação de homicídio que nêle havia, George teria ainda podido livrar-se, fingindo uma absoluta ignorância a respeito de Martie. Mas, na verdade, naquela ocasião assinou a sua própria sentença de morte; reconheceu que nos encontrávamos, ambos, no fundo de um impasse e confessando dessa forma, tàcitamente, que havia esmagado Martie. Compreende?

Nigel se aproximou lentamente da janela. Sentia-se atordoado e indisposto... Era o contragolpe muito natural da emoção severamente contida desde o início dessa conversação. Teve fôrças, porém, para responder, prosseguindo na exposição de sua idéia:

— A teoria segundo a qual o projeto de afogamento não passava de uma "cortina-de-fumaça" vinha a ser, no meu entender,

a única explicação possível de uma outra dificuldade.

— Qual?

Nigel pareceu hesitar, coçando nervosamente a nuca. Porém foi só um instante, pois logo prosseguiu:

— Perdoe-me por voltar a falar sôbre Lena. Caso você tivesse retornado sòzinho do passeio em canoa, não poderia ter escapado de revelar a sua verdadeira identidade no correr do inquérito que, forçosamente, seria realizado. Nessas condições também Lena viria a saber que você era o pai de Martin Cairnes... e, é claro, logo ligaria os dois fatos e imediatamente suspeitaria da verdade sôbre o famoso "acidente". Agora pergunto: teria ela fôrças para trair o homem a quem amava? Não posso afirmar... sim ou não. Mas a verdade é que eu não sei se você gostaria de ter, assim, a própria sorte entre as mãos dela!

— Lena...

Cairnes pronunciou êsse nome num tom em que havia paixão e piedade. E foi com voz transtornada que falou, a seguir:

— Receio, de fato, ter voluntàriamente subestimado a qualidade do seu amor por mim... Sim; eu apenas representei uma comédia, no início; nessas condições, como poderia eu deixar de duvidar de sua própria sinceridade? Cheguei, mesmo, durante longo tempo, a acreditar que ela queria apenas o meu dinheiro... Uma nova prova da minha indignidade, Nigel! Eis porque não tenho, agora, grande mágoa dêste final... Não serei, afinal, uma perda para êste mundo — nem para mim próprio.

—Por outro lado, se você tivesse envenenado George Rattery, sabendo que o diário seria entregue ao exame policial, aceitava antecipadamente que a história de Frank Cairnes fôsse divulgada. Você se amparava na esperança de que nenhuma dúvida se levantaria a respeito da veracidade do seu projeto primitivo. Ora, pôsto que você tinha, verdadeiramente, a intenção de afogar George Rattery naquela tarde e que apenas o seu contra-ataque imprevisto fêz fracassar êsse projeto, quem se lembraria de suspeitar você de haver preparado o envenenamento dêle para a mesmo noite?

Nigel voltou a curvar-se para a frente, a fim de pousar a ponta dos dedos num braço de Cairnes, antes de perguntar:

— Era mesmo sôbre êsse raciocínio que você contava, hein?

— Sim.

— Meus parabéns... A idéia era muito brilhante. Confesso que fui enganado... segundo as suas previsões. Enganado, justamente, porque sempre raciocino e procuro tirar conclusões variadas. Você errou, no entanto, quanto a Blount. O projeto era sutil de mais, para êle. Porque é preciso conhecer como age um policial de rotina. "X reconhece haver projetado assassinar Y. Y é, realmente, assassinado. Conclusão: **Tudo aponta X como o culpado**.

Deteve-se para acender um cigarro e também para explicar o sentido das suas palavras:

— Não estou querendo menosprezar a competência de Blount... Mas, eis como, a grosso modo, o inspetor raciocina. E saiba que é sempre perigoso sobrestimar a sutileza de um policial ou subestimar o seu bom senso. E outra coisa: você deu pouquíssimos elementos à polícia para suspeitar de alguém mais...

Felix corou violentamente e endireitou-se na cadeira, antes de dizer:

— Perdão, meu amigo... Eu valho, apesar de tudo, um pouquinho mais do que está imaginando — protestou com ar sério. — Você não me julga capaz de incriminar um inocente! Ou estarei enganado?

— Não, não... Não voluntàriamente, ao menos. Mas certas indicações do seu diário me levaram a considerar momentânea-

Leiam "ALMANAQUE EU SEI TUDO", para 1956!

Tôdas as informações sôbre o ano. Calendários, Centenários, Ano Agrícola, Horoscópico, Científico, Cinematográfico, Esportivo, Aeronáutico, Ex-Librístico, Automobilístico, Católico, Cristão, Evangélico, Artístico, etc.

mente a velha sra. Rattery como a possível assassina. Quanto a Blount baseou em grande parte a sua teoria contra Phil lendo o seu diário...

— Se quer saber... Eu teria deixado que prendessem Ethel Rattery sem a mais leve sombra de remorso, confesso, pois que ela martirizava o pobre Phil. Mas, pode estar certo, se acabei lançando alguma suspeita sôbre ela foi tudo involuntàriamente. Quanto a Phil... Você bem sabe o bem que quero a êsse menino...

Respirou com fôrça, voltou a torcer os dedos, como se desejasse sofrer também fìsicamente e depois continuou, agora em tom mais grave e lento:

— Para ser franco, Phil foi, em grande parte, responsável pelo meu gesto. O desfalecimento da vontade ou o temor teriam podido levar-me a abandonar o sinistro projeto de vingança... se a existência de George Rattery não tivesse comprometido gravemente o futuro de Phil. Eu não teria sofrido mais caso tivesse visto alguém perverter e torturar meu adorado Martie. Oh, Deus! Terei eu acabado de perder êsse menino na ânsia de querer salvá-lo? Nigel! Você acredita que Phil...

— Nada, nada... Pode estar tranqüilo, Felix. Tenho a certeza de que Phil não praticou nenhuma tolice irreparável — afirmou Nigel, com uma convicção que estava longe de sentir. — Por isso mesmo, tratou de mudar o rumo da conversa, indagando com súbito interêsse:

— Mas diga-me, por favor... Como pensava você que a morte de Rattery seria explicada?

— Eu contava, sinceramente, que concluíssem com um veredito de suicídio. Porém Lena apanhou o frasco do remédio e foi entregá-lo a Phil, encarregando o sobrinho de dar sumiço ao tônico...

— Sim, sim... Mas, de qualquer maneira, era preciso encontrar um motivo para o suicídio de George — ponderou Nigel.

— Oh! Quanto a isso, eu sabia que George voltaria para casa num estado de agitação extrema, o que não deixaria de ser notado por seus familiares. Ora, um "coroner" nunca deixa de fazer a pergunta: "O defunto aparentava estar em seu estado de espírito normal?"... e assim por diante. Eu imaginava, portanto, que a polícia levaria seu gesto desesperado à conta de um momento de desespêro incontrolável, devido ao temor de vir a ser acusado do assassinato de Martie. Eu sabia, também, que George passaria pela garagem, a fim de apanhar o automóvel e voltar para casa... Nada, nessas condições, teria sido mais fácil para êle do que apanhar o veneno nesse instante. A bem dizer, não me preocupei muito com essa questão de motivo... Eu estava, confesso, dominado pela idéia fixa de pôr George em condições de não poder agir contra a felicidade de Phil... antes de que fôsse muito tarde.

Um silêncio e, logo depois, Felix acrescentou:

— É extraordinário. Eu me atormentei a ponto de adoecer, êstes últimos dias. No entanto, tendo agora a certeza do pior... sinto-me muito melhor... Como que aliviado!

— Quando a mim, creia que estou desolado com êsse desfecho, Felix...

— Acredito, meu amigo. Mas creia que você não é responsável. O que há é que você é muito forte para mim. Só isto!

Nova pausa e, quebrando-a com voz aparentemente calma, Felix indagou:

— Blount pretende prender-me imediatamente?

— Blount nada sabe do que conversamos. E ainda acredita na culpabilidade de Phil. Tanto melhor... A preocupação de sua reputação vai estimular o seu zêlo e Phil será encontrado mais depressa.

— Blount nada sabe?...

Nigel fêz com a cabeça um gesto negativo.

— Mas, então... Então ainda me resta uma possibilidade...

Felix estava de pé, diante da cômoda, voltando as costas para Nigel.

Com um gesto vagaroso, abriu a gaveta e pouco depois voltou-se, tendo no olhar o brilho de uma grande febre. Na mão direita tinha uma pistola.

Nigel ficou absolutamente imóvel, em sua poltrona. Nada podia fazer desde que tôda a largura do quarto o separava de Felix.

— ...Fui procurar Phil em casa, esta manhã — continuou Felix. — Não o encontrei, mas trouxe isto. A pistola de George... Foi uma excelente inspiração.

Nigel o fitou com um interêsse não isento de uma certa impaciência.

— Você está pretendendo matar-me? — perguntou. — Que lucro lhe daria...

— Meu querido Nigel! — exclamou Felix com um sorriso melancólico. — Não creio merecer essa suprema injúria. Não! A bala será para mim. Já assisti a um processo criminal... e essa experiência foi suficiente para mim. Que diria você, caso eu recusasse segui-lo até a prisão e preferisse usar isto?

Olhou para a pistola que tinha em mão e fêz uma careta.

— O pobre diabo sustenta seu papel por um monstruoso esfôrço de vontade — pensou Nigel. — Seu orgulho e um certo senso dramático lhe permitem elevar-se à altura da situação, dominar a revolta de sua carne.

— Um momento, Felix — falou Nigel, então, em voz alta. — Não desejo entregá-lo a Blount... porque imagino que o desaparecimento de George Rattery não chega a constituir uma perda para êste mundo. Mas — segundo você tem que reconhecer — não posso ficar calado. Precisamos pensar em Phil e, além do mais, a confiança que o inspetor sempre depositou em mim, leva-me a considerar as obrigações que tenho com êle. Se você escrever uma confissão — que eu mesmo ditarei, a fim de que não fique omitido nenhum ponto essencial — e se você a fôr deitar, endereçada a Blount, na caixa de cartas do hotel, irei agora mesmo para a cama, a fim de dormir até à hora do almôço. Isto me fará bem, dado o estado de minha pobre cabeça.

— O gênio britânico pelos compromissos! — murmurou Felix. — Eu deveria ser reconhecido a tudo quanto tem feito por mim... Estarei sendo? Realmente, sempre tive horror às armas de fogo. Antes de cair, lutarei uma última vez, em meu elemento...

Os olhos de Nigel luziam como brasas. Nigel o interrogou com um olhar significativo.

— Oh! Se eu pudesse atingir Lyme Regis! Minha canoa lá está. A via deve estar livre, dêsse lado!

— Mas, Felix... Você não tem a menor probabilidade de atingir...

— Uma probabilidade de salvação? Não. Não a terei. Minha vida terminou com a de Martie, bem sei agora. Ressuscitei durante algumas semanas, a fim de salvar Phil. Gostaria agora de lutar contra um inimigo leal, para mudar. As vagas e o vento... Mas consentirão que eu chegue até o mar?

— É possível... Blount e seus homens procuram Phil. Ninguém pensa mais em você... que tem o automóvel à porta e...

— Além do mais posso ainda raspar a minha barba! Sim, meu Deus! Tenho probabilidades... Minha predição da outra noite, no jardim, vai consumar-se. Rasparei a barba e passarei pela barreira policial!

Tendo falado, numa exaltação crescente, Felix atirou a pistola na gaveta e a seguir barbeou-se cuidadosamente, antes de escrever a sua confissão, sob o ditado de Nigel. O envelope foi introduzido na caixa de cartas e, finalmente, os dois homens trocaram um apêrto de mão.

— Levarei cêrca de três horas e meia para chegar até lá — disse Felix.

— Você terá tempo de sobra, caso Blount não regresse esta noite. Direi a Lena, pedindo-lhe, porém, guardar silêncio.

— Obrigado. Você foi muito bondoso comigo. Eu desejaria... Gostaria de ficar tranqüilizado sôbre a sorte de Phil, antes de...

— Pode estar tranqüilo. Nós cuidaremos de Phil!

— E Lena... Diga-lhe que tudo foi melhor assim. Não... Diga-lhe que eu a amava profundamente e que a levo no meu coração. Ela foi melhor para mim do que eu merecia. Adeus, Nigel. Esta noite ou amanhã, o mais tardar, terei deixado de

Leiam "ALMANAQUE EU SEI TUDO", para 1956!

O livro mais útil para tôdas as classes. Um manancial de informações sôbre o Ano. Do maior interêsse para tôdas as profissões. Adquira quanto antes o seu exemplar.

viver... A menos que a morte seja o princípio de uma nova vida. Como seria agradável conhecer, enfim, a razão de tôdas as catástrofes...

Deteve-se e terminou, com um sorriso fugitivo:

— Serei, então, Felix que **potuit rerum cognoscere causas**...

Nigel ouviu o veículo iniciar a marcha.

— "Pobre diabo!" — murmurou, contendo as lágrimas. — Acredito, palavra de honra, que êle conserva uma esperança de poder safar-se, numa canoa, com a tempestade que se prepara..."

Então, rodando num calcanhar, Nigel encaminhou-se para o hotel, à procura de Lena.

Epílogo:

Recortes de jornais, figurando no "dossier" do "Caso Rattery", pertencente a Nigel Strangeways.

Recorte do "Gloucestershire Evening Courier": — "Foi encontrado esta manhã, em Sharpness, o menino Philip Rattery, cujo desaparecimento foi por nós assinalado ontem. Interrogada por um repórter do Courier, a sra. Violeta Rattery, mãe do fugitivo, declarou o seguinte: "Philip embarcou clandestinamente num batelão do Severn. Foi descoberto esta manhã, por ocasião da chegada do batelão a Sharpness. Sua fuga não teve conseqüências deploráveis. A morte do pai impressionara fortemente ao jovem Philip."

"Philip Rattery é o filho de George Rattery, personalidade de destaque de Severnbridge, e cuja morte foi objeto de um inquérito policial. O inspetor-chefe, Blount, de Scotland Yard, encarregado de esclarecer o mistério, deixou transparecer à nossa reportagem, que dentro de poucas horas seria efetuada uma prisão."

"As autoridades continuam sem notícias de Frank Cairnes, desaparecido na noite de ontem do Angler's Arms, o hotel de Severnbridge, onde se encontrava hospedado. A polícia o procura a fim de ser interrogado sôbre a morte de George Rattery."

Extraído do "Daily Post": — "O mar lançou ontem, pouco depois do meio-dia, o destroço de uma embarcação sôbre a praia de Portland. Tratava-se da carcassa da "Tessa", a canoa a velas pertencente a Felix Cairnes, e que, provàvelmente quebrou-se de encontro às pedras no correr da tempestade do fim da última semana. Êsse encontro deixa prever um triste desfecho para a imprudente saída do navegador, em ocasião nada aconselhável para êsse gênero de esporte, quando era prevista violenta tempestade."

"As buscas continuam, no sentido de ser encontrado o corpo de Cairnes, que, com o pseudônimo de Felix Lane era muito conhecido entre os amantes do romance policial."

"O inquérito relativo à morte de George Rattery (já uma vez adiado) sofreu novo atraso, ficando para realizar-se na semana próxima."

Nota de Nigel Strangeways:

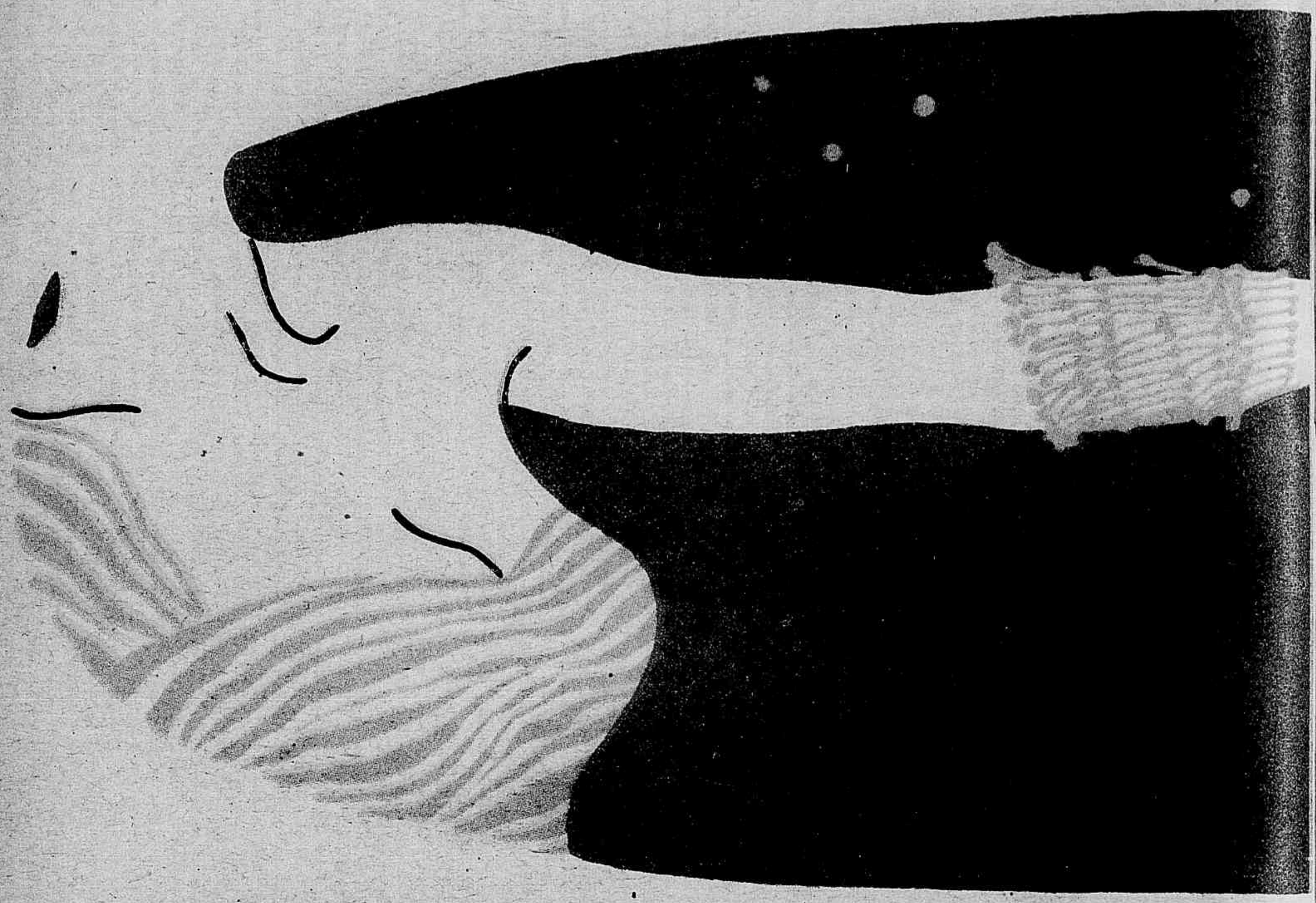
"Isto encerra o caso mais penoso de todos os que me tiveram ocupado até hoje. A desconfiança de Blount não se dissipará tão cedo, segundo muito receio. Ainda há dias êle me disse, com o seu ar mais polido: "Foi realmente uma pena Cairnes nos escapar, assim, entre os dedos!". E sua frase se acompanha de um dêsses olhares penetrantes e gelados, muito mais perturbadores do que uma acusação frontal. No entanto, não lamento ter concedido uma **chance** a Felix de deixar êste mundo pela porta que escolheu. Possa êsse fim honroso apagar o resto dessa drama doloroso e lamentável.

"Na primeira de suas quatro Canções Sérias, Brahms parafraseia assim as estrofes três e dezenove do Eclesiaste: "Que a besta morra, assim como o homem. Todos os dois devem morrer."

"Que epitáfio conviria melhor a George Rattery e a Felix? O corpo de Cairnes não foi encontrado. E isto como um desesperado consôlo para mim, que me deixei dominar pela grande simpatia pessoal de Felix e acabei tendo o mais profundo respeito por seu longo martírio. Porque, embora seja absolutamente certo que êle não pôde escapar à morte, no mar, o fato de não ser encontrado o seu corpo, deixa que a minha fantasia arquitete o impossível. Por isso, às vêzes, quando me sinto deprimido, começo a pensar que "de alguma maneira êle se salvou".

— FIM —

IMITAÇÃO



UM ÓTIMO RAPAZ

ARO George: É fora de dúvida que você terá grande surprêsa, com esta minha carta, dado que já decorreram alguns anos desde que nos perdemos de vista. Mas tenho sido informado sempre a seu respeito e sei que vai indo muito bem aí nessa imensa cidade. Os seus amigos de Lonesome Valley se sentem felizes com isso e desejam que você continue progredindo. A razão desta carta é que minha mulher e eu mesmo temos um favor a pedir ao bondoso amigo. É que nossa filha, Ellen, a qual você certamente não esqueceu, saiu daqui às 9,30, esta manhã, com destino a New York. Estava empregada na firma M. Hartley & McHartley (gente idônea e de destaque nos meios seguradores) e para espanto nosso, da noite para o dia, anunciou que solicitara demissão do cargo e retirara tôdas as economias que tinha em seu nome, no banco.

Hoje é muito difícil dissuadir uma moça, quando decide fazer isto e aquilo; por isso, fatigados de insistir com Ellen, acabamos concordando. Pelo telefone interestadual, consegui arranjar quarto para ela no Park Arms, que, segundo creio, é um hotel exclusivamente para moças solteiras. Falei com o proprietário, que me tranqüilizou afirmando que nesse hotel Ellen estaria bem instalada e protegida. Em todo caso, achamos, minha mulher e eu, que seria bom pedir a você que olhasse por nossa filha, a fim de nos dar notícias, uma vez por outra. Quer fazer isso por seus velhos amigos? Antecipadamente agradeço por seus cuidados. — Jordan Thatcher."

"Caro sr. Tatcher: Tive grande prazer recebendo sua carta. Recordo-me muito bem de como foram bondosos comigo e quanto de mim cuidaram, em meus tempos de garôto. Por isso será uma felicidade para mim poder corresponder de algum modo, a fim de pagar tantos favores recebidos. De fato, o Park Arms é hotel dos mais reputados e exclusivo para solteiras.

— "Uma coisa obriga a outra e, assim, fiz o que me pareceu melhor, no momento..."

Arranjei as coisas a fim de poder conversar com Ellen, no "hall" da portaria. É a única parte do hotel em que os homens podem falar com as moradoras e mesmo assim por cinco minutos no máximo. Ellen tinha doze anos, quando a vi pela última vez e, naturalmente, mudou bastante. Pareceu-me muito entusiasmada com tudo o que viu na cidade, embora não se mostre muito satisfeita com o Parker Arms. Mas tenho a impressão de que gostará do mesmo, quando se acostumar aos regulamentos e às companheiras. Não vou poder vê-la muitas vêzes, no momento, porquanto, além de estar a braços com muito serviço, estou comprometido para casar com uma linda moça, Judith Ross, que se encontra momentâneamente fora da cidade, em atenção ao estado de saúde de minha futura sogra. Mas, de qualquer forma, estarei atento a tudo quanto Ellen precisar. E depois, quando Judith e eu estivermos casados, será um prazer ter Ellen conosco freqüentemente, em nosso apartamento, e por certo havemos de acompanhá-la a festas, cinemas, etc. Disponha sempre do — George Murdock."

AOS DOZE ANOS, ELA PÔS UMA RÃ NA CAMA DELE. AOS VINTE, QUEBROU-LHE A CABEÇA COM UMA GARRAFADA. — ÓBVIAMENTE, ELA SEMPRE O AMARA...

"Queridíssimos papai e mamãe: Aqui estou, afinal. E amanhã mesmo pretendo sair em busca de um emprêgo. Adivinhem quem foi que encontrei, assim, sem mais nem menos, no "hall" do hotel? Nada menos que George Murdock, aquêle que foi o ídolo dos meus primeiros sonhos de menina! Que coisa engraçada! Quando eu tinha doze anos e George cursava os últimos anos do ginasial, eu achava que êle era o tal; mas mudou muito e agora é um pobre coitado. Ficou de pé na portaria, fazendo girar o chapéu entre as mãos caídas e olhando para os pés. Tive até dó do coitado! Sei que vocês sempre o tiveram no mais alto conceito, e por isso tratei de ser gentil e mesmo acedi em

— "Era George sorridente e com uma perna de galinha na mão..."

sair um pouco com êle, até a confeitaria da esquina. Ali ficamos apenas alguns minutos, e êle logo se levantou e saiu, apressado. Pessoalmente, penso que George é o tipo do rapaz que nunca devia ter saído de Lonesome Valley. — Beijos carinhosos — Ellen."

"Querida Judith: Como está passando tua mãe? Faço votos para que não estejas morrendo de tédio, aí no campo. Em todo caso, a cidade está por assim dizer morta. Não há uma festa e assim não estás perdendo nada..

Como novidade, há agora um novo clube, o Turfe Clube, e lá estive há dias. Imagina quem foi que ali encontrei? Simplesmente... George, o teu noivo simpático! Menina! Nem podes imaginar a loura que estava com êle! Um espetáculo!

Não sei quem é ela, pois jamais a vi, antes disso. Quando êle viu que eu me encaminhava na direção da mesa em que estava instalado com a pequena, tratou de sair do clube, apressadamente, e no dia seguinte telefonou para mim, explicando que se tratava de uma prima dêle ou quase isso. Que tal? Em outra novidade, encerro com um beijo. Da colega amiga Phyllis."

"Judith, minha adorada: Não imagina a falta que tenho sentido de você. Trabalho o dia inteiro, procurando esquecer que você está fora e, à noite, apenas leio ou fico sentado cochilando diante da televisão A cidade parece deserta.

Creio já ter falado a você a respeito dos Tatchers, que foram uns pais para mim, quando eu era um rapazinho, lá em Lonesome Valley.

Êles têm uma filha, que se encontra atualmente aqui, na cidade e êles pediram, por carta, que eu "olhasse" um pouco pela mocinha. Não podia negar, é claro. Mas que castigo, Deus meu! Uma pequena bobinha, sem nenhuma conversa. Além

do mais, não posso esquecer que, quando menina, era insuportável e um dia chegou a colocar uma rã, viva, na minha cama! Infelizmente, não posso faltar com o meu dever, levando-a a conhecer os pontos pitorescos da cidade, os museus, etc. O mau de se morar numa grande cidade é quando chegam êsses conhecidos do interior, a quem temos de servir de cicerone! Trate de voltar quanto antes. O teu apaixonado — George.— P.S. — Espero que sua mãe esteja melhor da vesícula."

"Querida Ellen: Sua mãe e eu ficamos bastante preocupados, recebendo sua carta de ontem. Por que não está escrevendo do Parker Arms? Onde fica isso de "Casey Court-17"? Sua mãe e também eu, não estamos gostando nada! Você diz que está num apartamento de quarto e sala, que isso é mais barato e que está economizando. Sua mãe e eu nunca notamos em você êsse repentino desejo de economizar. Nem sabemos, mesmo, se isso é sensato, no momento. Você devia consultar George Murdock, antes de tomar certas decisões importantes. Também não gostamos dos modos como se referiu a George. Êle sempre foi rapaz ativo e muito desenvolto, aqui em Lonesome Valley e o primeiro em tudo. Sabemos que não é nenhum tolo e pode muito bem abrir caminho numa grande cidade. Talvez tenha ficado apenas acanhado ou excessivamente cortês ao falar com você, que viu pequenina e agora é uma moça! Temos a certeza de que você não tardará a descobrir nêle um excelente rapaz! — Beijos do Papai."

"Judith, meu coração: Por favor, querida, nada de precipitação. Bem sabe como a amo! Estive, sim, no Turfe Clube algumas vêzes com uma loura.

Mas, posso explicar tudo, sem precisar que essa antipática Phyllis vá apregoar o que faço ou deixo de fazer.

Quando estivermos casados, espero que ela possa permanecer sempre bem afastada da nossa casa.

O que aconteceu já eu havia contado na carta anterior. Tive que levar Ellen Tahtcher ao Museu ou algum lugar parecido. Marcamos o

passeio para o domingo, bem cedo. Por aí você tem a prova de que não tenho más intenções, pois se pretendesse qualquer coisa de condenável teria marcado para sábado à noite, quando poderia ter levado a roceira a um night-club. Mas não. Marquei domingo bem cedo. E fomos ao Museu. Infelizmente, estava fechado e só abriria à uma hora!

Nessas condições, meu bem, que poderia eu fazer? Levar a pequena de volta para casa, seria indelicado. E que podíamos fazer, num domingo pela manhã? Só o Turfe Clube serve lanches ligeiros e tem uma orquestra. Ali estivemos umas 2 horas. Tudo muito inocente... Estivemos sentados e conversando sôbre os velhos tempos de Lonesome Valley.

E para que você fique sabendo como sou leal, contei a Ellen tudo a nosso respeito, como ficamos noivos, quando pretendemos casar e outros detalhes. Mostrei também a ela o retrato seu, que sempre trago na carteira (por sinal que está já bastante usado e não faz justiça à minha linda noiva). Ela afirmou que v. era uma beleza.

Volta depressa, meu bem. Cada hora que passa é como um minuto! Aliás, não era isso o que eu desejava dizer, mas justamente o contrário. Se sua mãe soubesse afastar o garfo dos chocolates e dos pratos condimentados, nada disso estaria acontecendo. Volte!

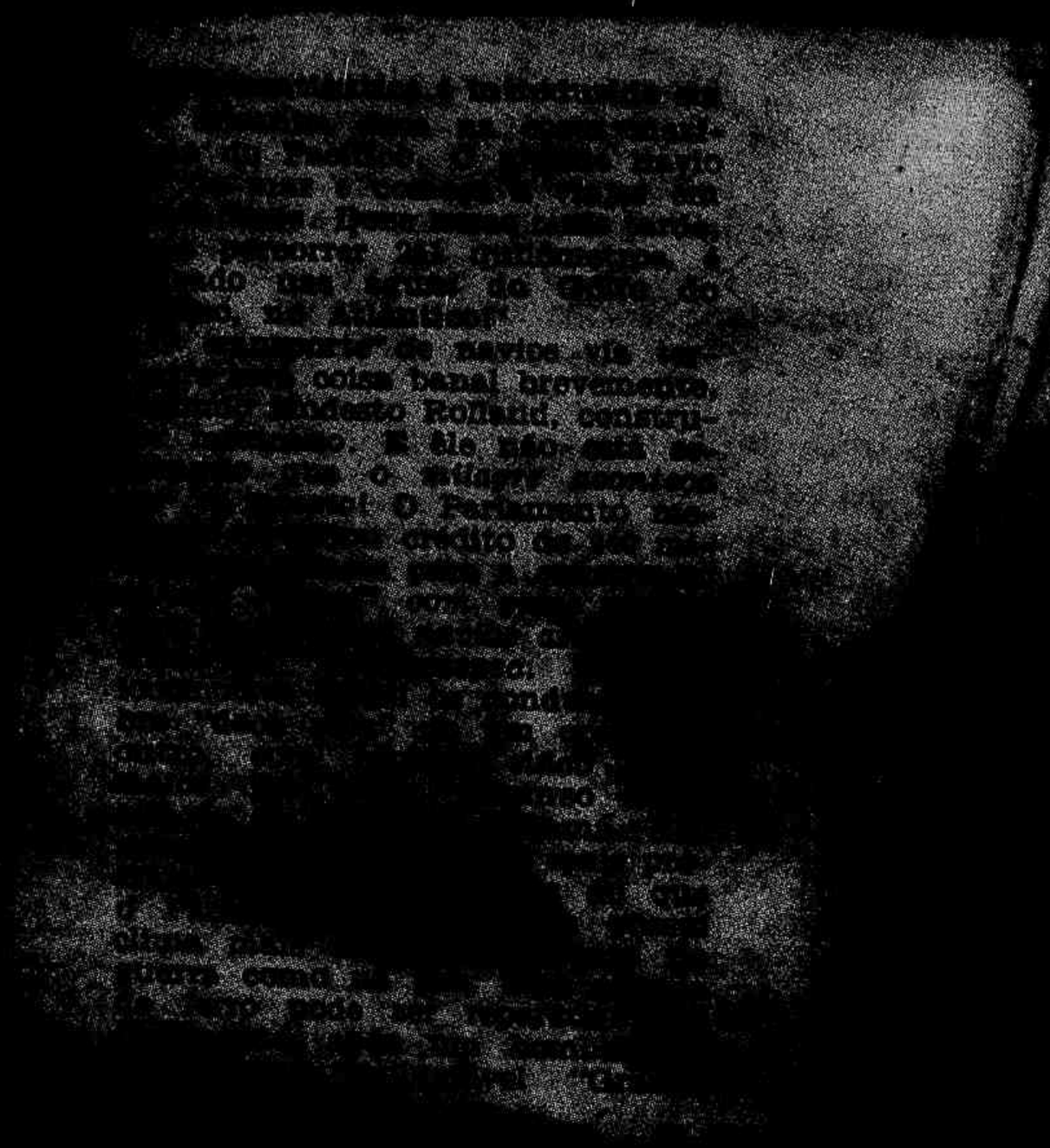
Beijos — George."

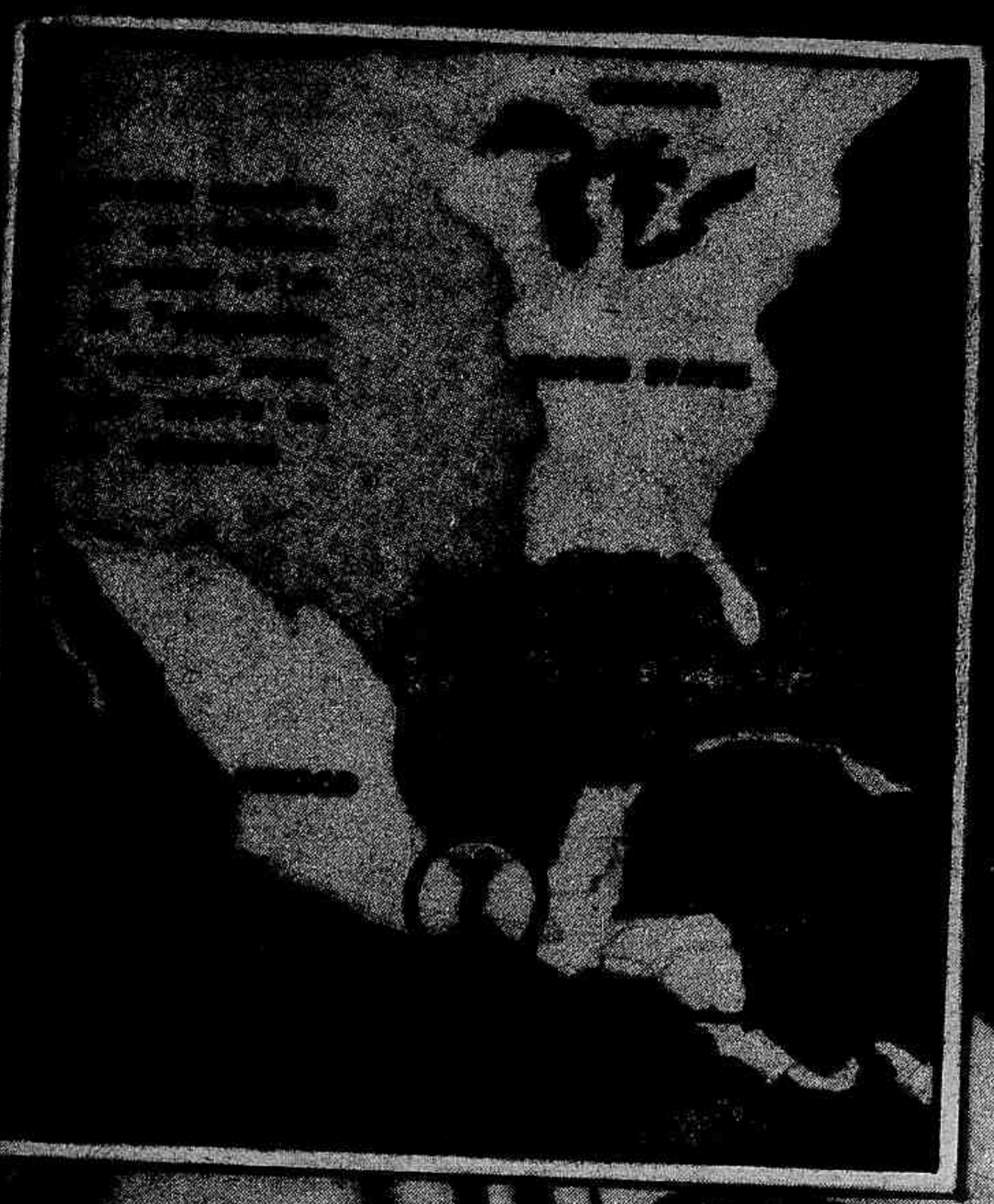
"Queridos papai e mamãe: É preciso que parem de preocupar-se comigo. Casey Court está cheio de gente respeitável e gosto muito mais daqui do que do Parker Arms, que é mais próprio para as moças que seguem uma carreira e vivem preocupadas com os estudos. Eu não pretendo nada disso. Apenas escrevo a máquina algumas horas pela manhã e à tarde e depois desejo repousar e distrair-me com os rapazes, que são muito mais dados e simpáticos que os de Lonesome Valley.

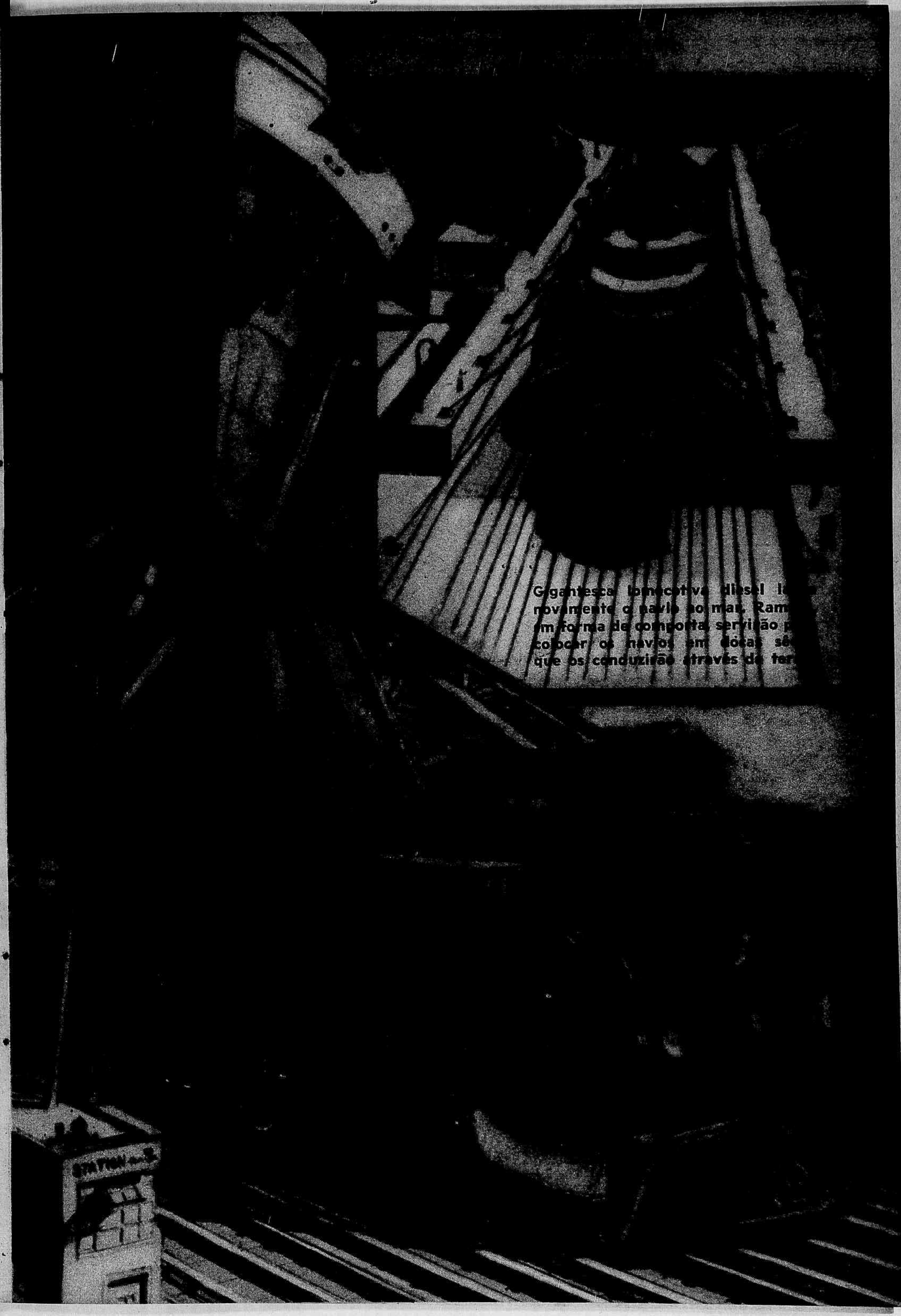
Mas estou de acôrdo com você a respeito de George. É realmente um ótimo rapaz

e muito competente e ativo. Apenas desconfio de que há alguma coisa que o preocupa. Parece-me (Continua na pág. 113)

— "Êle tentou beijar-me no interior do túmulo egípcio. Felizmente, fui salva pela entrada de um escoteiro..."







Gigantesca locomotiva Diesel l
novamente o navio no mar. Ram
em forma de comporta, servirão p
colocar os navios em docas se
que os conduzirão através da ter

AS MÔSCAS PODEM VIAJAR 20 KMTS!

AS môscas domésticas que não conseguem escapar às investigações científicas estão fornecendo novas indicações sôbre os hábitos dos insetos transmissores das chamadas "doenças do verão". As môscas empregadas nas experiências de Corvallis, no Estado de Oregon, pelos cientistas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, tinham uma característica excepcional: **eram radioativas**.

Acompanhando milhares de "insetos-cobaias" impregnados de compostos radioativos da Usina Atômica de Oak Ridge, os entomologistas foram capazes de determinar a velocidade e a distância a que pode atingir o vôo das môscas. Barreiras construídas a 210 milhas de distância do ponto de partida detiveram as môscas contaminadas, que, logo a seguir, foram identificadas por aparelhos especiais.

Os pesquisadores lançaram mãos de dois processos para dar radioatividade ao corpo das môscas e mosquitos utilizados nos laboratórios de Corvallis. Um dêles consistia em colocar os insetos num ambiente saturado de um composto de fósforo radioativo. O outro, mais positivo que o anterior, era levado a efeito mediante a alimentação dos insetos com um xarope de açúcar contendo ácido fosfórico radioativo.

Conhecendo o fato de que certas môscas são capazes de voar cêrca de 20 quilômetros, os homens de ciência procuraram saber o motivo porque os insetos resistentes à pulverização dos inseticidas aparecem numa área **não pulverizada**.

Verificou-se também que, em outros pontos onde o inseticida destruiu as môscas **não-resistentes**, verdadeiras ondas de insetos, partindo das áreas vizinhas, são atraídas para a zona onde ocorreu o extermínio!

Informação desta natureza estão agora sendo obtidas com relação aos hábitos dos mosquitos. Com isto, os agricultores poderão estabelecer um maior contrôle sôbre as zonas destinadas à pulverização ou drenagem de focos dêsses insetos.

VESPAS, ABELHAS E MARIMBONDOS vivem em constante faina em redor das flores. São centenas de espécies, muitas das quais difíceis de distinguir a ôlho nu. São, todos, grandes comedores de insetos daninhos à lavoura, razão pela qual são grandes e utilíssimos aliados dos lavradores e floristas. Os representados sob a lente estão aumentados cinco vêzes, a saber 1 e 12 — (Megachile latimanus); 2 — (Spilochalcis flavopicta); 3 — (Mechacile brevis); 4 — Bracon haematodes); 5 — (Cardiochiles tibiator); 6 — (Perylampus hyalinus) ; 7 — e 10 — (Halictus sfultus); 8 — (Bracon montrealensis); 9 — (Euphorus pallipes) e 11 — (Apis millifera).

VESPAS E MARIMBONDOS

REALMENTE, depois de uma ou duas experiências com êsses alados visitantes de nossos jardins e mesmo interiores, fica-nos uma forte impressão de sua personalidade, que, mais que tudo, tem um elevado valor educativo.

Em geral, o observador se encolhe todo, amedrontado, sempre que vê aproximar-

se uma vespa ou um marimbondo. Claro, sempre devemos olhar para êsses portadores de ferrões com grande respeito, principalmente se teimam em pousar em nosso corpo. Apesar disso não devemos considerá-los inimigos e persegui-los como tais. E não apenas porque são dos mais eficientes e destruidores inimigos dos insetos daninhos de nossos campos e jardins, mas também porque podem ser considerados os mais inteligentes e engenhosos entre todos. E, isso, convenhamos, impõe respeito.

Essa inteligência e essa engenhosidade das vespas e marimbondos toma variadas formas. E cada uma das milhares de diferentes espécies tem a sua especialidadezinha que a difere das demais. Entre essas especialidades são realmente fascinantes.

E como estamos nos aproximando da estação em que tôdas elas surgem mais numerosas, por tôda parte, tratemos de observá-las com maior atenção.

Eis a Matadora-de-Cigarras. Personagem trágica... Quem não está habituado com o canto das cigarras? Começa hesitante, em repetidos "ensaios", como o motor de um automóvel, que custa a "pegar". Depois passa do ruflo sêco para uma passagem precipitada e atinge o zumbido estridente, que parece interminável. Mas há ocasiões em que êsse canto é cortado bruscamente...

Que aconteceu, Apenas uma das pequeninas tragédias da Natureza. A cigarra foi surpreendida por sua assassina, a vespa chamada, por isso mesmo, "matadora de cigarras". Terá emudecido de susto e tratado de fugir; mas não por muito tempo, pois será alcançada e anestesiada.

Êsse tipo de vespa matadora é um dos de maior porte e também dos mais comuns. Alguns a consideram, mesmo, um marim-

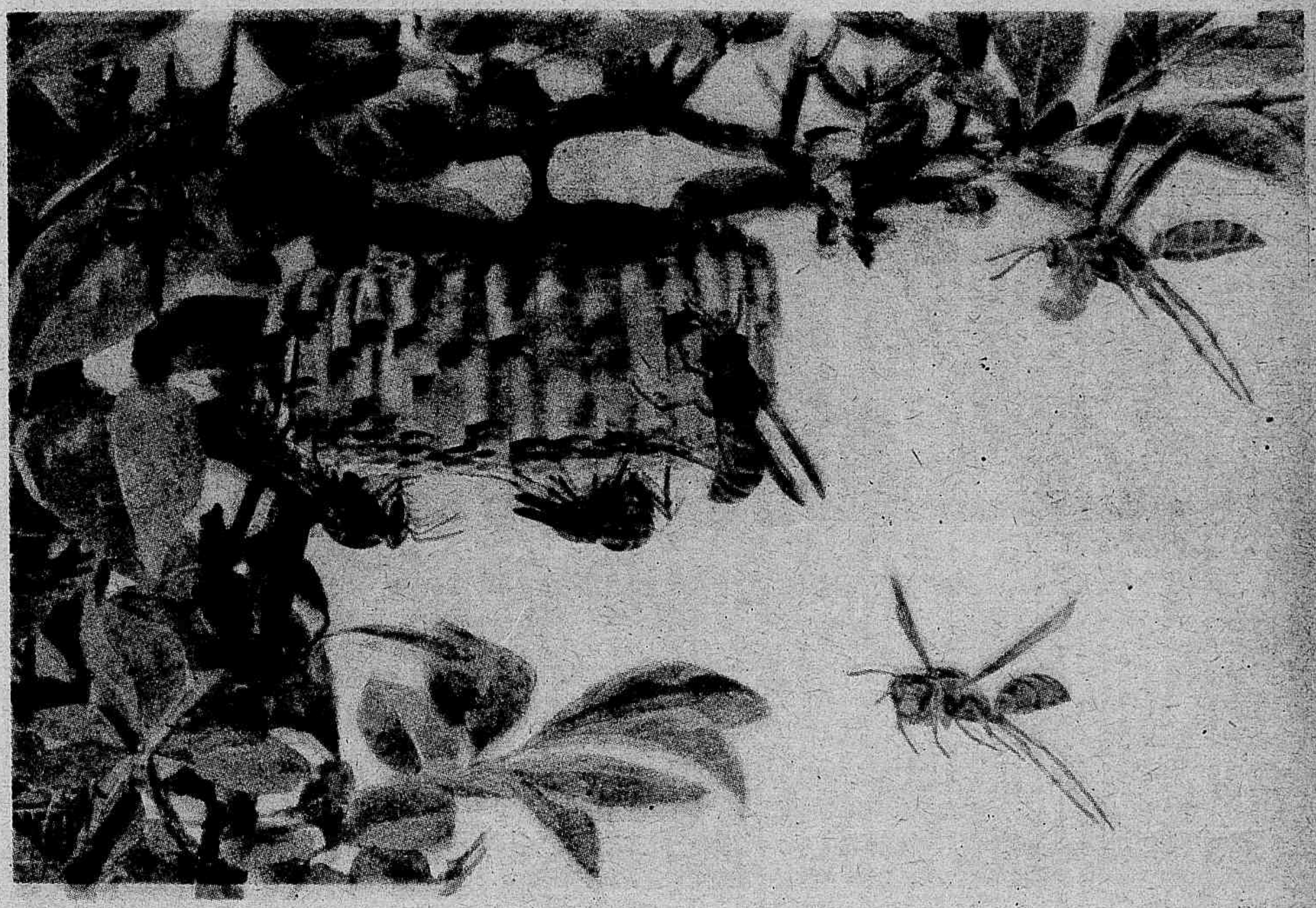
A VIDA É UMA LUTA CONSTANTE NESSE REINO ALADO — Nos orifícios de entrada de sua residência surge a cabeça de Halictus (machos), defendendo o lar. Ao centro, uma fêmea, trazendo as patas pesadas de alimento, aproxima-se da entrada, já aberta pelo macho à sua aproximação, pois é preciso ter cautela com os intrusos sanguinários, como a vespa sem asas (pseudomethoca frígida, à direita), a Metopia Leucocephala (que é vista à esquerda), a Locofropa, que o leitor poderá ver em baixo, e a Megaselia divergens (ao centro, à direita).

bondo, embora do mesmo se diferencie em inúmeros detalhes e além do mais o marimbondo embora devendo ser temido não é absolutamente agressivo. Há entre êles estreito parentesco. Também as vespas se mostram geralmente pacíficas, salvo quando encontram uma cigarra, que constitui sua única prêsa. Algumas vêzes, podemos vê-las perseguindo uma cigarra no alto de uma árvore ou voando atrás de alguma fugitiva. Também podem ser vistas, arrastando a cigarra morta (ou desmaiada) sem aparentar grande esfôrço, apesar da sua vítima ser três vêzes maior e mais pesada do que ela própria, na direção de sua toca.

ALIMENTO PARA UMA FUTURA GERAÇÃO — A casa da vespa é geralmente feita na parte mais sêca, quase à superfície do terreno ou na face dos barrancos, de forma esférica e com cêrca de quatro centímetros de diâmetro. Essa residência, quando completa, tem quatro compartimentos ou "nursery".

Logo que termina um compartimento a mamãe-vespa sai em excursão de caça. Em geral, depois de capturar e anestesiar uma cigarra, a vespa, laboriosamente, leva sua vítima até o altσ de uma árvore, de onde, tendo-a entre as patas, desce num vôo em diagonal, na direção da própria residência. Com isso poupa muito tempo e energia do que arrastando-a pelo chão, por um caminho difícil, trabalho portanto mesmo para uma vespa vigorosa. Em geral (embora não invariàvelmente) uma segunda cigarra vai juntar-se à primeira.

Depois de assim "armazenar" as cigarras, vivas, porém inertes, na sua cova, a vespa deita um ôvo no corpo de uma delas, justamente sob uma das patas do meio, fechando a seguir êsse compartimento da



O TRABALHO É CONSTANTE E BEM FEITO. — A rainha, entre as vespas rubras (Polistes fuscatus, uma variação das pollipes) constrói a primeira célula, ajudada por operárias selecionadas. Mais tarde, outras células vão surgindo, assim crescendo a comunidade em redor da soberana. Essas abelhas constroem suas casas com polpa de papel, que carregam entre as patas da frente (alto à direita da fotografia que publicamos) já mastigada convenientemente.

A LUTA É CONSTANTE E NINGUÉM VIVE TRANQUILO — De fato, enquanto um marimbondo (Vespula arenaria — 1, 2, 3 e 4) ataca e mata uma borboleta, seus inimigos o cercam por todos os lados como a Vespa Maculata (6), que está quase sempre pendurada por uma pata de qualquer ponta de fôlha; a Sphecophaga burra (8), que penetra nas caixas e destrói as larvas dos marimbondos, além de outras espécies que atacam as casas feitas no chão, provocando estragos.

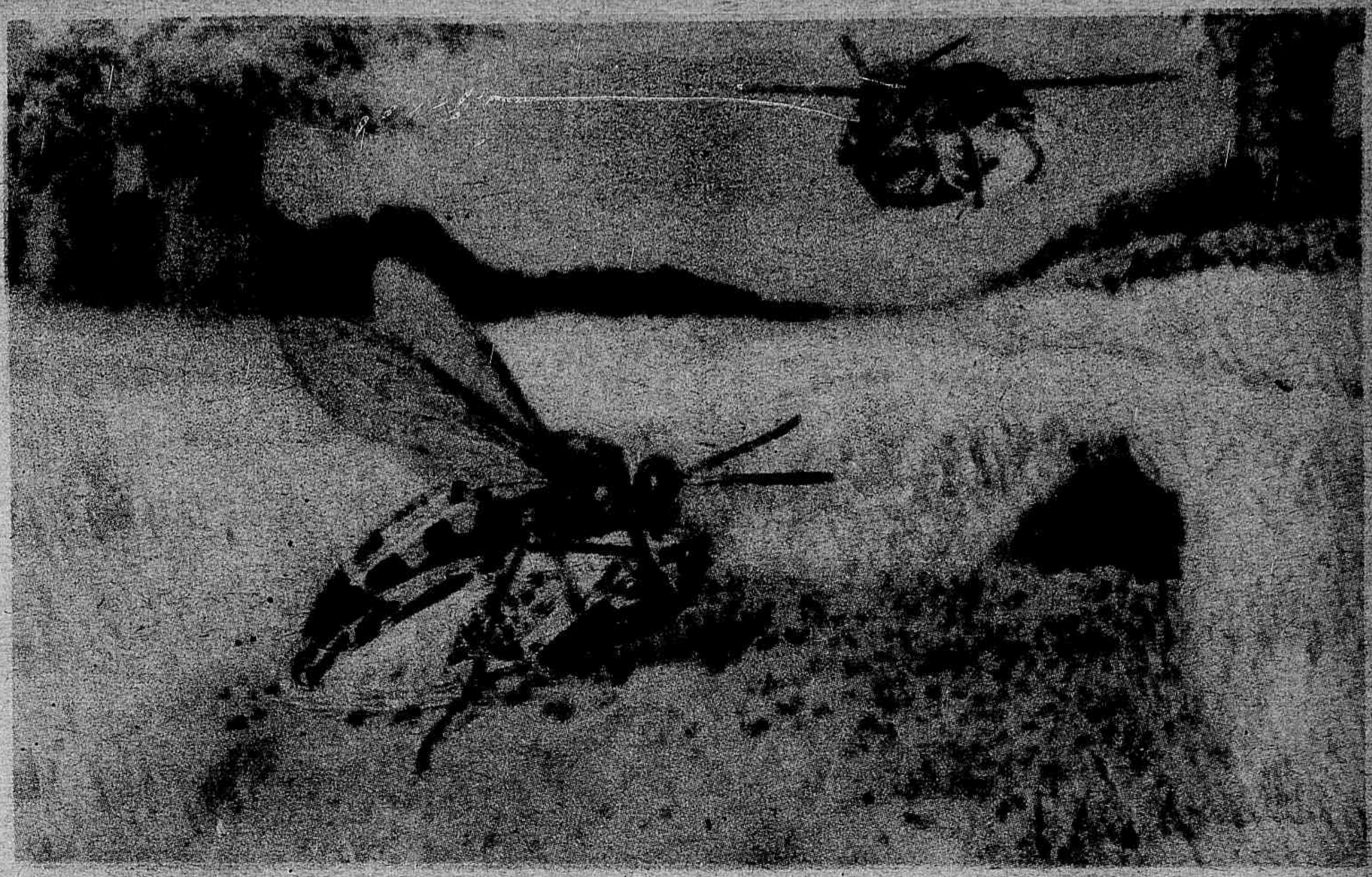
casa com terra. Os ovos geram em três dias e as larvas se alimentam com as entranhas da cigarra durante uma semana. A seguir, constroem um casulo de terra e sêda onde passam todo o inverno. Na primavera, após passar pelos diferentes estágios, a vespa procura a vida fora da cova. Então, essa matadora de cigarras, que vemos voar com tranqüilidade e graça, não revela que nasceu a fim de preparar outras numerosas tragédias.

Mas não se julguem que são carnívoros. Só os recém-nascidos se alimentam com a carne da cigarra. Os adultos são invariàvelmente vegetarianos, apenas sedentos da seiva de certas árvores, que tenham sabor adocicado. Mesmo a ferocidade só é própria das fêmeas, pois que os machos jamais se entregam a caçadas de qualquer espécie.

Outra espécie, ligeiramente menor, ataca de preferência, as lagartas, que encontra nas fôlhas das árvores. Para começar, corta com as mandíbulas a haste da fôlha, para que tombe ao chão levando a lagarta. Então, atira-se contra a sua vítima e comprime-lhe o pescoço com as mandíbulas ao mesmo tempo que crava-lhe o ferrão no abdome. Tendo assim anestesiado sua vítima, leva-a, pouco a pouco, para a própria casa. De tempos a tempos, deixa a lagarta escondida sob uma fôlha e voa até o próprio ninho, a fim de ver se as coisas correm bem, em casa. Finalmente, depois de armazenar a lagarta nela deposita o ôvo, fechando a porta de casa com terra. O resto a natureza fará.

Agora, talvez, o mais interessante. A vespa procura uma pequena pedra que tenha o tamanho justo e a forma da porta de casa, nela firmando-a e procurando disfarçar todo traço de seu trabalho.

Outras vespas usam pequenos gravetos para fechar a casa ou mesmo uma fôlha morta, como se desejasse deixar um marco



UMA "MATADORA DE CIGARRA" CONDUZ PARA O LAR SUA VÍTIMA PARALISADA — Nos dias de forte sol, o canto da cigarra estridula e se perpetua enchendo os ares. Há ocasiões em que êsse canto se interrompe bruscamente. Isto significa que a cantora foi surpreendida por sua mortal inimiga (Sphecius speciosus), conhecida como vespa Matadora de Cigarras. Então, paralisada, mas ainda viva, é transportada pela vespa, cujo tamanho é igual ao da cigarra.

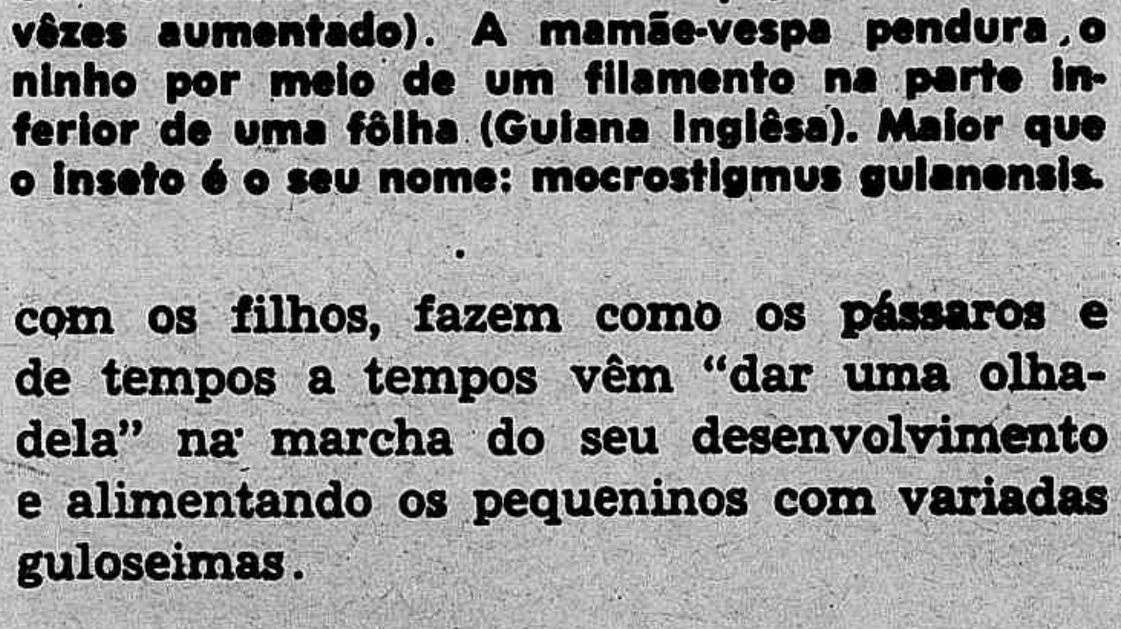
A VÍTIMA É "ARMAZENADA" NO QUE PODEMOS CHAMAR DE "BERÇÁRIOS" — Tendo assim armazenado as suas vítimas paralisadas, a vespa deposita um ôvo em cada uma de suas cativas. Mais tarde, a larva, já desenvolvida, passa a alimentar-se do corpo da cigarra. À direita, em baixo, a larva transformou-se num casulo cheio de espinhos (para defender-se de qualquer ataque) até que, na primavera, outra vespa Matadora surge à luz do sol para novos dramas.

ABELHAS HONESTAS E TEMIVEIS LADRAS PASTAM JUNTAS — Eis espécies nativas nas três Américas. A Bombus vagans (10), a Anthidielum notatum (1); a Sphecodes ranunculi (ladra das mais atrevidas, que invade e pilha as demais residências) (2); a Halictus fusĉipennis (3); a Hastultus (4) que é tão ousada que vive procurando comer o açúcar das nossas mesas de café; um macho agaposteman splendens (5); fêmea da mesma espécie (6); (2 vêzes aumentadas).

em memória da lagarta morta. Em geral, deixam que o descendente se arranje por si só. Outras vespas, porém, mais amorosas

Um dos menores ninhos de vespa, conhecidos (6 vêzes aumentado). A mamãe-vespa pendura o ninho por meio de um filamento na parte inferior de uma fôlha (Guiana Inglêsa). Maior que o inseto é o seu nome: mocrostigmus guianensis.

com os filhos, fazem como os pássaros e de tempos a tempos vêm "dar uma olhadela" na marcha do seu desenvolvimento e alimentando os pequeninos com variadas guloseimas.



Pequeninas vespas, com temperamento artistico, decoram suas caixas, com desenhos coloridos. O artista que construiu êsse "pudim", que vemos pendurado numa hastezinha de bambu, na Guiana Inglêsa, é o Nectarina scutellaris. Outras vespas revelam o mesmo temperamento artistico

Raramente o fotógrafo pode surpreender esta cena. Eis um marimbondo depositando um ôvo numa célula. O ôvo é cimentado no interior (a fotografia está aumentada quinze vêzes).

A caçadora-de-tarântula é, porém, a mais ágil e valente entre tôdas, pois ataca temíveis adversárias, que sabem como defender-se e também podem matar. Caçam a sua prêsa como os falcões fazem com os pássaros menores e daí o seu nome de "falcão". Logo que descobrem a tarântula, voam sôbre ela aguardando uma oportunidade para atacar. A aranha, que avista a inimiga, começa a dar voltas incessantes, com as patas dianteiras erguidas, em atitude de defesa. Sôbre ela voa, implacável, paciente e segura de sua vantagem a vespa Falcão. A aranha pára, finalmente, exausta. É o momento aguardado pela vespa, que desce para o terreno e ataca com o aguilhão.

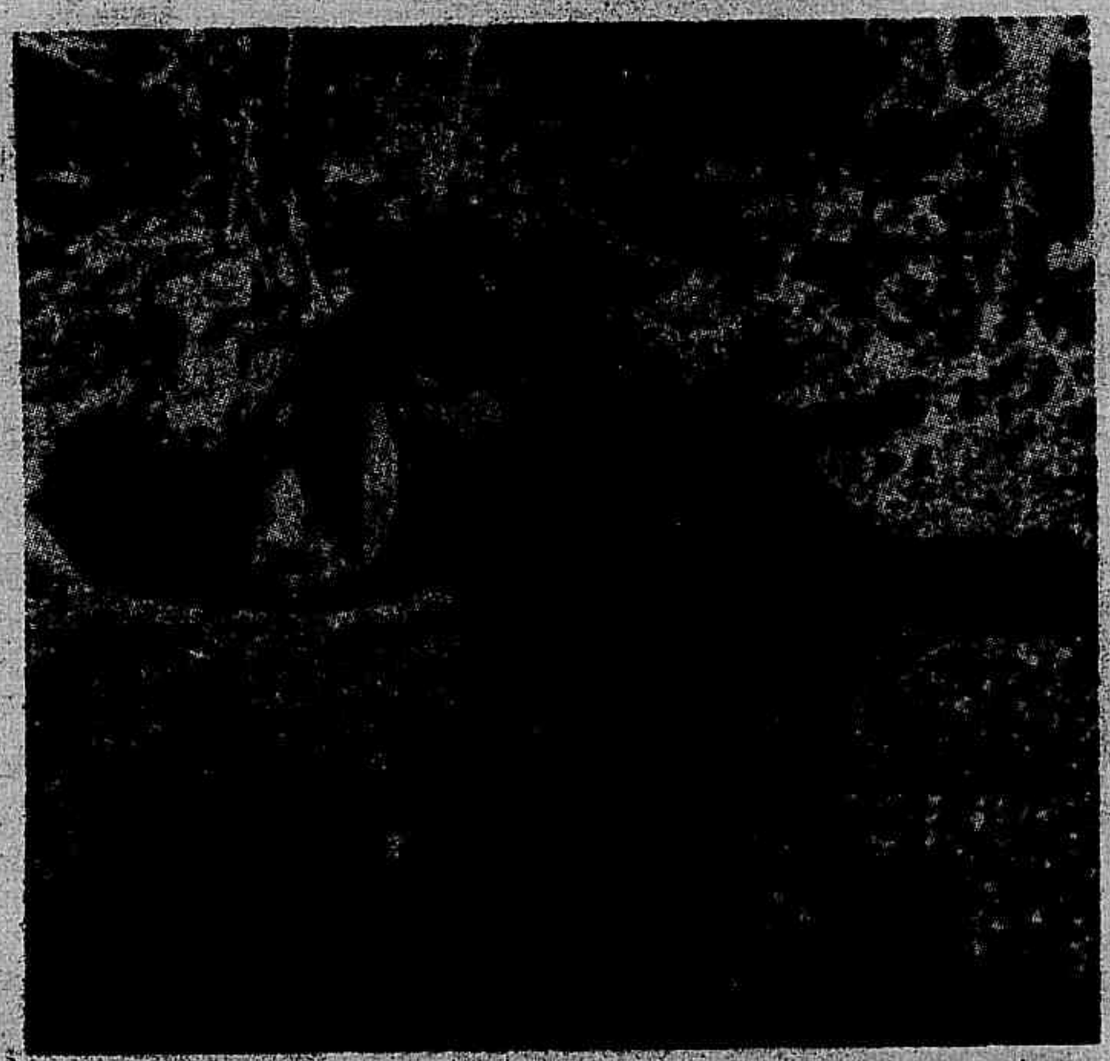
Sugando o néctar de uma planta. Ninguém dirá, vendo essa vespa, que se trata da agressiva e feroz "matadora de tarântula". Tão calma e poética... Mas seu ânimo pode mudar num instante, caso aviste uma tarântula. Contra ela se lançará e, após luta dramática, anestesiará a adversária, levando-a para a própria cova, onde servirá de alimento a suas larvas. As antenas da vespa, Pepsis mildei, lembram óculos.

Em menos de um segundo a aranha está inerte. Há ocasiões, porém, em que a aranha consegue prolongar a luta e esta se torna indecisa e dramática. A aranha,

Um golpe do poderoso aguilhão e era uma vez uma tarântula! Rápida, segura, a vespa injeta o veneno no ventre da enorme aranha, que imediatamente fica paralisada e sem defesa.

paralisada, é conduzida para a cova da vespa e ali, como a cigarra e a lagarta, servirá de incubadôra para os ovos da vespa.

Sendo a tarântula alimento preferido dos filhotes da vespa, esta está sempre caçando essas grandes aranhas e armazenando-as, paralisadas e vivas, como carne fresca para a futura geração. Aliás, tôdas as vespas armazenam essas aranhas, que são incubadoras e alimentos. Entre essas vespas há as que constroem suas colônias de terra, nos recantos das varandas. Qual a história dessas indesejáveis vizinhas nossas? Uma história de indústria infatigável e solicitude maternal, com um feio "pano de fundo", formado de vilania e tragédia. Uma a uma



A casa da tarântula fica sendo seu próprio túmulo. Depois de examinar sua vítima com extremo cuidado, a vespa (sempre caminhando de costas) arrasta a aranha para a própria casa. Depois de a instalar no fundo, deita um ôvo no corpo da vítima, viva mais inerte, tapa a entrada da casa e se afasta. A natureza fará o resto.

vão construindo suas células e nela colocando uma aranha, nesta depositando um ôvo; fechando a célula e recomeçando o mesmo trabalho até formar a "caixa" de marimbondos. Eis quando...

SURGE O VILÃO — Nessa ocasião, observando-se a caixa, percebe-se a presença de uma vespa pequenina, ativa e nervosa, de côr verde metálico, bem vivo, e que revela um grande interêsse pelas células dos marimbondos. É o "vilão" da

A VESPA ENFRENTA A TARÂNTULA, PARA UM DUELO MORTAL — Depois de fatigar sua vítima, voando sôbre ela e fazendo-a correr em círculos, cheia de terror, a vespa enfrenta a tarântula no terreno. Um e outro dos lutadores pode matar o adversário, pois tem aguilhão e veneno para tanto. Porém a vespa leva vantagem e por isso mesmo luta com calma e segurança.

nossa história e a causa de incontáveis tragédias.

Deseja simplesmente colocar um de seus próprios ovos numa dessas células. Mais tarde, seu descendente emergindo dêsse ôvo... vai alimentar-se com as crias dos marimbondos, sugando-lhes a vida até matá-las. Milhares de marimbondos morrem, assim, anualmente. Outros marimbondos, de porte pequeno e pernas vermelhas apenas saqueiam as células, retirando-lhes as aranhas ali depositadas, que comem, simplesmente, ou carregam para seu próprio ninho.

Outras, ainda, invadem as células dêsses marimbondos pretos, de nossas varandas,

O FIM DA TARÂNTULA... E O PRINCÍPIO DE OUTRA VESPA — Do ôvo, deitado no corpo vivo da aranha, surgirá a larva da vespa, que se alimentará das entranhas da vítima... até transformar-se em outra matadora de tarântula (caso venha a ser uma fêmea como sua mãe, pois os machos não são agressivos e muito menos ainda podem ser chamados de assassinos).

retiram tudo que encontram em suas células, limpam tudo meticulasemente... e se instalam, como se estivessem na própria casa. Há também os simples aproveitadores nesse mundo de vespas e marimbondos (justamente como no nosso mundo...). Assim, por exemplo, o Trypoxylon clavatum, muito menor que o marimbondo que constrói as "caixas" nos beirais dos telhados, aproveita êsses "berçários" abandonados, transformando cada célula em duas, construindo uma simples divisão de barro.

Macho e fêmea trabalham, embora à segunda caiba o trabalho pesado, cabendo ao macho a "supervisão". Outro tipo (Ancistrocerus uncinatus), também usa êsses ninhos abandonados e o divide até em três repartições. E, ao contrário das demais vespas, não armazena aranhas, mas lagartas pequenas. Uma terceira vespa (Pseudagenia adjuncta) apenas colhem o barro das células abandonadas e com êle vão construir suas próprias "caixas" em outros locais. Aproveitam apenas o material de construção. Tôdas, em geral, são esplêndidas construtoras e mestres-pedreiros. Porém nenhum tão hábil como a Polybia Fasciata, uma variedade tropical, que constroem as maiores "caixas", resistentes ao vento e à chuva mesmo por dezenas de anos!

Um arranha céu no mundo das vespas e dos marimbondos é essa "caixa" de uma espécie brasileira, com 40 andares, encontrada pendurada de um galho de árvore. Estava abandonada e a abertura lateral permite ver a engenhosa e perfeita construção interna.

OS MARIMBONDOS SÃO HABEIS "QUITUTEIROS" — Muito interessantes são os chamados marimbondos ou maribondos, uma das mais sociais espécies de vespas, cujas variedades são numerosas neste hemisfério. Em geral, são indivíduos trabalhadores e ordenados, o que não impede que duas espécies, pelo menos, sejam constituídas de atrevidos e cínicos salteadores que procuram aproevitar-se, simplesmente, do trabalho e das economias das demais.

Se a curiosidade levar o leitor a observar as atividades dos marimbondos, logo descobrirá que todos êles são grandes comedores. Apanham insetos de diferentes espécies e tamanhos, retalham suas vítimas em fatias, de tamanho apropriado para servir como "delicadezas" ou suculentos "filés", individualmente, ou amassam tudo até formar uma espêssa massa com a qual formam qualquer coisa parecida com um pudim, que servem aos marimbondos mais jovens apenas. E o observador ficará assombrado com a imensa quantidade de insetos (todos nocivos, felizmente) que desaparecem diàriamente numa "caixa" de marimbondos.

MAS NÃO FALTAM OS LADRÕES — O marimbondo se alimenta mais comumente com môscas caseiras (môsca doméstica) razão porque procuram construir suas "caixas" não distantes dos locais onde as môscas são mais numerosas, sôbre a porta da cozinha, no telhado da varanda da sala-de-jantar, no quintal, perto do depósito de lixo, etc. Depois de apanhar a môsca, transforma-a em polpa, que deixa suspensa na parte elevada das pernas traseiras, como as abelhas fazem com o pólem das flores.

Mas não estão livres dos ladrões, dos indivíduos sem escrúpulos que lhes roubam boa parte do que enche a sua despensa.

(Continua na página 117)

RETALHOS DA NOSSA HISTÓRIA

"A ESPADA DE PINTO PEIXOTO"

RENATO DE ALENCAR

Antecedentes da Independência em Ouro Prêto. —— Gesto cavalheiresco do Príncipe Regente. —— Como o Andrada julgava os mineiros.

QUANDO, a 26 de abril de 1821, a frota que reconduzia D. João VI e sua côrte saiu barra a fora em viagem para Lisboa, desabou sôbre o Brasil uma das maiores crises sociais, políticas e financeiras de que há memória na existência dêste país. O comércio afundou na mais trágica das depressões e o povo se viu angustiado pelo aumento sufocante dos preços, mesmo sem qualquer cofape para autorizar o arrôcho.

O Banco oficial suspendeu os pagamentos, aboliu-se ó crédito, paralizadas as transações comerciais. Por quê? Em virtude do baque social e político que estava sofrendo o país. Transferida a sede do govêrno, subia Lisboa e caía o Rio de Janeiro, arrastando na decadência tôda a vastidão do território nacional.

Logo que D. João VI chegou à metrópole, assanharam-se os mentores da monarquia e passaram a legislar com o propósito da recolonização do Brasil. Debalde os deputados brasileiros com assento nas Côrtes de Lisboa lutavam contra os planos de nos rebaixarem até ao aviltamento dos tempos de D. Maria Primeira, a Louca.

Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, exultava com a humilhação para o Brasil e os brasileiros, gente que a messalina detestava. É quando decidem, lá em Portugal, que D. Pedro, o Regente do Brasil, deveria embarcar para Lisboa, a fim de empreender viagens de instrução e cultura em países da Europa, e uma lei de 1.º de outubro de 1821 determinava que o Brasil passaria a ser governado por Juntas Provinciais, confiando-se a militares lusos a superintendência da administração da nova colônia.

A Maçonaria conspira. Os brasileiros se revoltam. Tôda a nação se manifesta contra a saída do Príncipe. Os portuguêses do Brasil apóiam a viagem. E a luta se declara aberta, patriótica, decisiva.

José Joaquim da Rocha, um dos fautores de nossa Independência, conclama os consócios do Clube da Ajuda e despacha emissários para Minas e S. Paulo.

Denuncia o golpe baixo das Côrtes de Lisboa e organiza a resistência. D. Pedro, elevado a Grão-Mestre do Grande Oriente Maçônico, em cujas lojas atuam homens de ação revolucionária como Gonçalves Lêdo e o Pe. Januário Barbosa, começa a ver que é inútil ter duas caras e acender uma vela a Deus e outra ao Diabo...

E passa a mostrar-se adepto da emancipação do Brasil, embora peça aos fluminenses, em manifestos públicos, obediência à política lusitana. Apesar do

D. Pedro de Alcântara, quando Príncipe Real.

Fico a nove de janeiro de 1822, não havia muita confiança na sinceridade do Regente. É quando surge em Vila Rica de Ouro Prêto um brasileiro de grande fibra: o tenente-coronel Pinto Peixoto.

A memória de Tiradentes fulgura na alma popular e Pinto Peixoto resolve acabar com as pantomimas e dirige o movimento de sublevação nacional.

O povo de Ouro Prêto o aclama Presidente da Junta Governativa da província de Minas Gerais, àquele tempo a mais importante do país.

Pinto Peixoto organiza seu govêrno, nomeia auxiliares e dá providências gerais. Chegam ao Rio as notícias dêsse acontecimento. O príncipe aceita o fato consumado; mas fica aturdido com a história. Quando a situação em Vila Rica chegou às culminâncias da independência absoluta, com o tenente-coronel a nomear, a demitir, a prender, a emitir dinheiro amoedado, a não acatar mais as ordens do Rio, alarmou-se o Príncipe vendo ali a vesícula geroninatória de uma nova manifestação rebelde e emancipadora maior que a de 1789, com um novo Tiradentes à frente do povo. Estouvado e resoluto como era, D. Pedro montou num cavalo e, levando apenas o ministro Ribeiro de Resende, como companhia, galopou até chegar a Queluz, hoje Conselheiro Lafayete, depois de uma semana de viagem pelas montanhas mineiras: — Barbacena, S. João del-Rei, Queluz...

Padre Januário da Cunha Barbosa, figura ativa entre os revolucionários.

Minas está convulsionada. É preciso pacificá-la. Para isso se faz urgente derrubar do poder o audaz Pinto Peixoto. D. Pedro sonda o terreno em que pisa.

Vê e sente que a população o aclama.

Em Queluz alguns membros da própria Junta Governativa de Pinto Peixoto se apresentam humildes e oferecem os seus serviços. Mais adiante, já nas vizinhanças de Ouro Prêto, regimentos de milícias prestam continência, enquanto a ordem de prisão contra o tenente-coronel, assinada pelo príncipe já deve ter chegado a Vila Rica.

O bravo mineiro reconhece no mandado punitivo um direito do Regente e vai entregar-se, acompanhado de membros de seu Govêrno revolucionário. Chega diante do príncipe, faz continência, puxa da espada e a depõe nas mãos do seu soberano. Estava ali como seu prisioneiro. Dá-se então esta cena emocionante: quando todo mundo esperava um daqueles rompantes explosivos do príncipe epilético, êle encara Pinto Peixoto, vê naquele brasileiro um caráter reto, um Homem na magnitude da palavra e lhe devolve a espada, mantendo-o no pôsto que ocupava, revolucionàriamente!

Seguem, então, até Ouro Prêto entre aclamações delirantes. Tudo terminava em festas, não havendo nada a deplorar de lado a lado. Pinto Peixoto aceitou a intervenção do príncipe como um enviado de paz e concórdia entre aquêle povo cansado de sofrer e decidido a libertar-se, fundando uma nação soberana e indepen-

CULTURA DO MILHO NO BRASIL

O milho ocupa o terceiro lugar na economia agrária do Brasil, depois do café e do arroz. Em 1954, seu valor foi de 13.182.697.000 cruzeiros para uma colheita de 7.071.160 toneladas. Os principais produtores são os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná.

Lagoa Vermelha, Nova Prata e Erechim são os municípios que mais produzem milho no Brasil, sendo que os dois primeiros ultrapassam a casa dos dois milhões de sacos e o terceiro muito se aproxima dela.

dente. Dirige Sua Alteza uma proclamação aos mineiros e pede que confiem nêle, unidos todos pela constitucionalização do país. E quando escreveu a José Bonifácio narrando o triunfo retumbante obtido em Minas, cujo povo pacificara conquistando-lhe as simpatias, replicava-lhe o futuro Patriarca da Independência: em carta de 24 de abril de 1822: "Não confie Vossa Alteza Real em tudo o que lhe disserem os mineiros, pois passam, no Brasil, pelos mais finos e trapaceiros do mundo".

O Reverbero de 25 de abril de 1822, em face da atitude de Minas e das razões de Pinto Peixoto, levantando a província em Ouro Prêto, para que o Brasil não voltasse a ser novamente uma colônia de Portugal, apontava ao príncipe D. Pedro o único caminho a seguir: fundar no Brasil um novo Império.

Pode-se, asseverar, pois, que devemos ao tenente-coronel Pinto Peixoto grande parte do famoso "Independência ou Morte!" saído do coração do príncipe rebelde nos campos de Piratininga.

Ao contrário do que todos esperavam, o príncipe devolveu a Pinto Peixoto a espada que êste lhe entregara, em gesto de submissão e declara que o mantém no pôsto (que êle vinha ocupando como revolucionário!)

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

Com êste bombardeio arrasador começou a guerra entre o Japão e os Estados Unidos da América do Norte. Outro bombardeio, mais terrível ainda que êste, encerraria a luta...

FOI REALMENTE UMA SURPRÊSA O ATAQUE JAPONÊS A PEARL HARBOR?

O PROBLEMA DA ENTRADA DOS EE.UU. NA 2.ª GUERRA

O 17 DE DEZEMBRO DE 1941 — Às 6.00 horas de Hawai, no tombadilho dos porta-aviões da Armada Imperial Japonêsa, que integravam a Fôrça de Ataque a Pearl Harbor, uma lâmpada verde descrevia círculos:

"Partir"... "Partir"... "Partir"...

Às 7.49 horas, o capitão de corveta Fushida, comandante da Fôrça Aérea que acabava de decolar, ordenava a seu radiotelegrafista:

— Comunique a todos os aviões que ataquem!

Ao mesmo tempo, em Washington, as autoridades recebiam das mãos do embaixador japonês a nota Tóquio N. 902, que terminava:

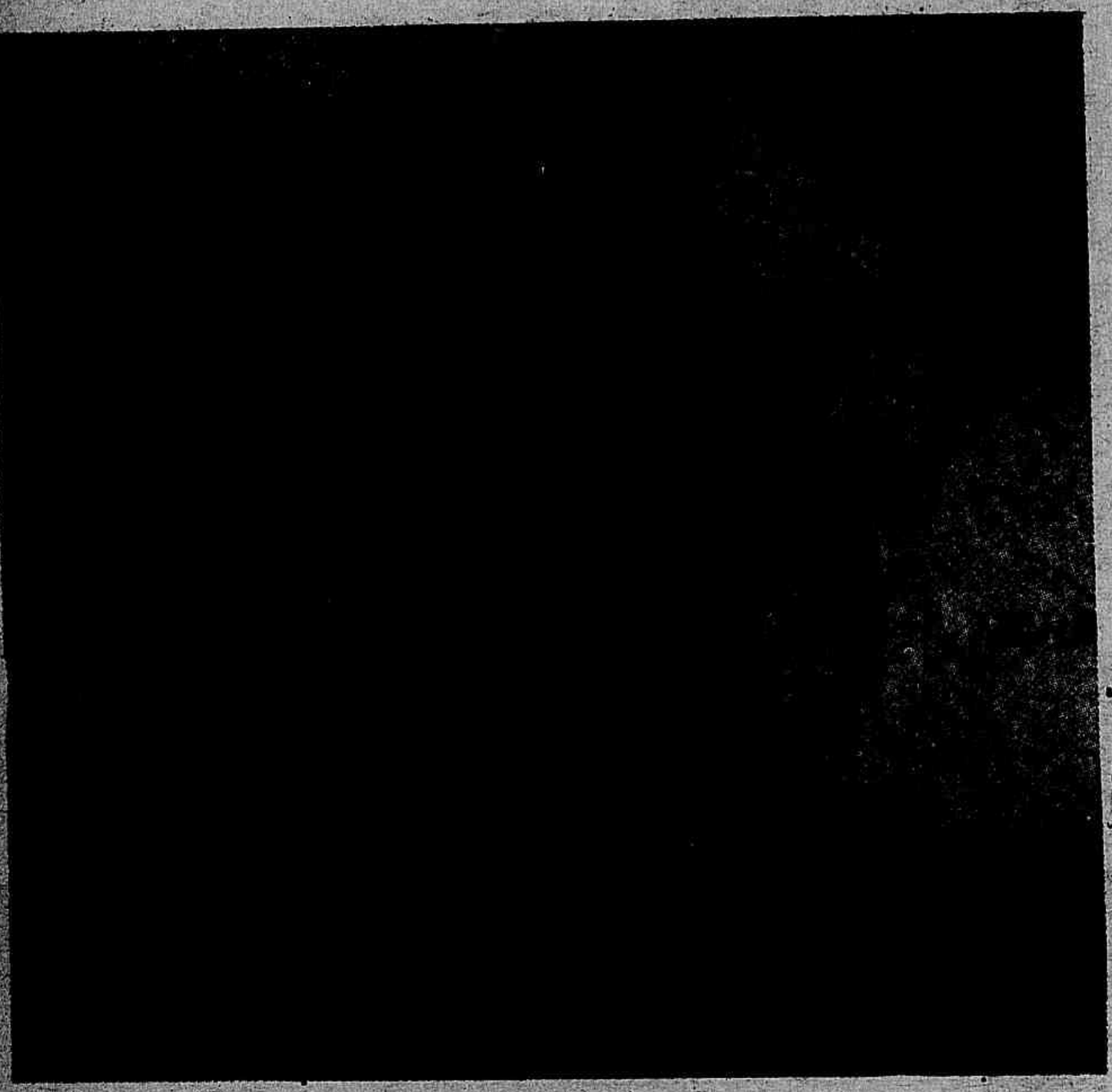
"O govêrno do Japão lamenta ter que notificar pela presente ao govêrno dos Estados Unidos que, em vista da atitude do govêrno norte-americano, não pode deixar de considerar impossível chegar a um acôrdo mediante negociações ulteriores."

A surprêsa, fator imponderável de triunfo, num ataque, estava conseguida. O capitão Fushida enviou ao vice-almirante Nagumo, seu chefe, esta mensagem:

"Tivemos êxito com o ataque de surprêsa. Solicito queira transmitir notícia a Tóquio".

Quando alcançado o objetivo previsto, a Frota Japonêsa se dirigia a tôda marcha para o norte, à sua retaguarda os resultados eram claros: os encouraçados Arizona, Oklahoma, California, West India afundados; o Pennsylvania, o Maryland e o Tennessee, assim como 3 cruzadores, 4

"destroyers" e vários navios auxiliares, avariados; 97 aviões do exército e 80 da marinha destruídos; mais de 4.500 baixas



O general Eisenhower, logo após ser nomeado comandante-chefe das Fôrças Aliadas, conferencia com o general George C. Marshall, então chefe do E. M. Norte-Americano. O general Marshall, segundo alguns observadores, agiu de maneira estranha na questão referente ao ataque a Pearl Harbor.

entre ambas as fôrças. Tudo isso contra 48 aviões e três submarinos!

A "batalha" de Pearl Harbor foi vencida pelo Japão, do ponto de vista militar; porém com ela reconheceu haver perdido a batalha diplomática em Washington, pôsto que não pôde evitar a entrada dos Estados Unidos na guerra contra o Eixo. Ian Morrison diria mais tarde, ao referir-se a todos êsses fatos:

"O Japão fêz a guerra porque não podia fazer outra coisa".

OS ESTADOS UNIDOS E A GUERRA — Os sucessivos triunfos da "Wehrmacht" nos primeiros anos da II Guerra Mundial, faziam prever que, caso os Estados Unidos não interviessem na contenda os aliados seriam derrotados. Porém o povo norte-americano não estava disposto a aceitar a guerra. Sua posição espiritual era profundamente isolacionista. Além disso, suas fôrças armadas não estavam preparadas para a luta. Nestas condições — e apesar de desejar ardentemente lutar contra o Eixo ao lado da Inglaterra, sob pena de ser obrigado a fazê-lo, mais tarde, sòzinho, o presidente Roosevelt sabia que não obteria do Congresso uma declaração de guerra.

Dado, portanto, que o povo norte-américano não iria voluntàriamente à guerra, era preciso que algum fato o sacudisse e despertasse de forma tal a sua revolta que pudesse ser levado "completamente unido" ao campo de batalha.

Tratando de alcançar êsse objetivo, provocou reiteradamente a Alemanha, cedendo material bélico à Inglaterra e promulgando, em março de 1941, a Lei de Empréstimos e Arrendamentos, que estendeu a todos quantos lutavam contra o Eixo. Estas e outras violações da neutralidade norte-americana não encontraram eco em Hitler. O Führer não desejava uma reedição da I Guerra Mundial.

Tratando de alcançar êsse objetivo foi, então, redigida

A CARTA DO ATLANTICO — A pedido de Roosevelt, o primeiro ministro britânico e o presidente se reuniram, em agôsto de 1941, na baía de Placentia (Terranova). No dia 12 dêsse mês foi dado ao conhecimento do mundo o acôrdo a que ambos haviam chegado, embora nada fôsse publicado sôbre o discutido nem sôbre se tinha sido consertado, sequer oficiosamente, algum plano de ação comum na guerra.

Da Carta do Atlântico disse Winston Churchill em suas Memórias: "A inclusão nessa declaração de um parágrafo sôbre a destruição final da tirania nazista (baseado numa frase feita por mim logo no

início) teria significado uma provocação à guerra". Numa nota dirigida a mr. Attlee, dizia, referindo-se a Roosevelt: "... atribui tanta importância à Declaração Conjunta que, segundo acredito, afetará profundamente a opinião pública norte-americana..."

Declarações do primeiro ministro, feitas nos Comuns, após o ataque a Pearl Harbor, dão a entender que na Terranova conversaram muito mais do que foi revelado e que nessa conferência, a Inglaterra obteve do presidente a segurança do apoio militar dos Estados Unidos.

A GUERRA COM O JAPÃO SE TORNA IMINENTE — Paralelamente com êsses fatos, novos problemas no Extremo Oriente levam o presidente a encará-los com o mesmo critério adotado para os da Europa.

Entre as medidas adotadas citaremos a caducidade do tratado de comércio com o Japão, revogado pelos Estados Unidos, a ajuda financeira e militar à China, juntamente a Inglaterra e Holanda e, no dia 25 de julho de 1941, a congelação dos bens japonêses e a suspensão de todo comércio com êsse país, como represália pela ocupação da Indochina francesa.

Os encontros sustentados em Washington pelos diplomatas japonêses e o secretário do Estado, não podiam conduzir a um apaziguamento. As exigências básicas às quais os Estados Unidos subordinavam, em princípios de setembro qualquer discussão ulterior com o Japão, eram inaceitáveis para Tóquio. Em meados de novembro, o Gabinete Japonês fazia chegar, por via

diplomática, contrapropostas que Washington não podia aceitar. As propostas norte-americanas, entregues por mr. Cordell Hull ao almirante Nomura, em 26

de novembro, constituíam pràticamente um "ultimatum".

O presidente se assegurava, dessa forma, que o Japão declararia a guerra, porque, para o Império Japonês, a impossibilidade de quebrar o cêrco por meios diplomáticos, tornava a guerra recurso iminente. E tudo isso não constituía para o presidente mera presunção. Informado de forma exata e fidedigna de quanto resolvia o govêrno imperial, através do **Código Púrpura**, Roosevelt tinha a absoluta certeza de que assim seria.

O "CÓDIGO PÚRPURA" E AS INFORMAÇÕES "MAGIA" — O Código Japonês Púrpura era um sistema à máquina de comunicações cifradas. Os técnicos norte-americanos, num verdadeiro alarde de capacidade, não só interpretaram as chaves para pôr a claro as mensagens captadas, como descobriram o funcionamento das máquinas e as reconstruíram para uso próprio. A importância inapreciável dêsse descobrimento fêz que, em Washington se denominasse a essas informações "Magia".

Utilizando essas máquinas, os serviços de Inteligência e Comunicações dos Departamentos da Guerra e da Marinha, mantinham permanentemente informados o presidente Roosevelt e as Secretarias de Estado das Fôrças Armadas, mr. Cordell Hull, mr. Stimson, mr. Knox, o general Marshall, chefe do E. M. Geral do Exército e o alm. Stark, chefe das Operações Navais, que assim conheciam todos os despachos secretos transmitidos entre Tóquio e as embaixadas nipônicas em Berlim e Washington, assim como o consulado geral em Honolulu.

Foi por êste meio que o govêrno norte-americano teve conhecimento nesse último mês, antes do ataque a Pearl Harbor, de circunstâncias importantes, como as seguintes:

Em 24-IX, Tóquio pedia a Honolulu informações semanais sôbre navios de guerra com base em Pearl Harbor, lugares onde estavam ancorados ou amarrados, tipos e classe;

em 16-XI, Tóquio insistia com o embaixador nos Estados Unidos para a obtenção da assinatura do convênio e recomendava "não permita que os Estados Unidos nos desvie e procure retardar as negociações";

em 22-XI, Tóquio comunicava ao mesmo funcionário que as relações com os Estados Unidos tinham que estar definidas para o dia 29, porque a partir dessa data "os acontecimentos começarão a ocorrer de forma automática".

De tôdas as informações obtidas por êste e outros meios, o Comte. do Departamento do Hawai, general Short e o alm. Kimmel apenas sabiam o que Washington lhes comunicava, pôsto que nas ilhas não havia máquina para Púrpura. De fato, das seis que tinham sido fabricadas, duas estavam no Departamento de Guerra, duas no da Marinha, uma fôra cedida a Londres e a última enviada a Manila, em abril.

Agora pergunta-se: Por que sim a Londres e não a Pearl Harbor? Em todo caso, por que não se construiu mais uma com êsse destino?

O DIÁRIO DE MR. ATIMSON — Em 25 de novembro de 1941, reuniram-se na Casa Branca, o presidente, os secretários Hull, Stimson e Knox, o general Marshall e o almirante Stark. Do que se tratou nessa reunião há várias constâncias no Diário que mr. Stimson possuía nessa época.

O fundamental na opinião do cronista espanhol José Maria Tisi Baña, um dos mais esclarecidos estudiosos dêsse assunto e que não pode deixar de ser citado nessas apreciações é que "o secretário manifesta que o presidente esperava um ataque japonês e que o mesmo seria **de surprêsa**". E o próprio Stimson reconhece que "era preciso correr êsse risco de permitir êsse ataque, **como único meio para ter na guerra o pleno apoio do povo norte-americano**".

Referindo-se aos japonêses, disse: "A questão era saber como deviam ser manobrados para levá-los à obrigação de disparar o primeiro tiro sem que o perigo para nós fôsse demasiado grande."

Dessa reunião, surgiu a nota que mr. Hull entregaria ao embaixador japonês na tarde seguinte, e na qual se exigia do Japão, entre outras concessões, a evacuação imediata da Indochina francesa, e o apoio ao regime de Chiang Kai-Shek.

OS ACONTECIMENTOS PRELIMINARES — A partir de então, o presidente

sabia, pelas comunicações secretas japonêsas, que a guerra era já um fato consumado:

Em 28-XI, Tóquio indicava a seus embaixadores, referindo-se à nota norte-americana do dia 26, que "o govêrno imperial não o pode empregar de maneira alguma como base para negociações ulteriores. Por conseguinte... as negociações ficarão rompidas de fato";

em 2-XII, Tóquio ordenava a suas Embaixadas a destruição dos arquivos, assim como das máquinas de cifrar e os códigos, com exceção de dois.

Na Casa Branca, nenhum dos personagens importantes podia ignorar que o ataque japonês era questão de dias, talvez de horas. No entanto, duas comunicações norte-americanas, que assim o indicavam claramente à Guarnição do Hawai foram modificadas. Tal foi o caso de uma, datada de 6 de dezembro, na qual a frase "em vista da iminência da guerra", que dizia tudo, foi substituída por "agora ou sob condições ulteriores de maior emergência", que nada dizia. E como se isso fôsse insuficiente, essas partes eram enviadas com caráter de "precedência diferida", o que indicava que não havia particular urgência na sua entrega.

Quando, a partir das 15 horas do sábado, 6 de dezembro, a Casa Branca começou a conhecer a mensagem n. 902, que os diplomatas japonêses deveriam entregar a mr. Hull às 13 horas do dia 7, **em ponto,** isto é, simultâneamente com a ação de Pearl Harbor, o presidente soube que essa seria a hora do início das hostilidades.

O general Marshall tomou conhecimento do texto total às 11,25 horas de Washington, do dia 7 de dezembro. Tinha quase duas horas para comunicar a importantíssima notícia ao comandante do Departamento do Hawai; podia fazê-lo imediatamente, por um telefone direto, que tinha no seu próprio escritório. No entanto, a comunicação foi enviada ao general Short por via comum e com caráter de rotina. Foi recebida às 15 horas de Washington, duas horas depois do início do ataque. O general Marshall, segundo declararia mais tarde, cumpria ordens superiores. O único superior do chefe do E. M. Geral do Exército é o comandante-chefe de tôdas as Fôrças Armadas, o presidente dos Estados Unidos.

É A LEI!

EM Tulsa (Oklahoma) os namorados só podem trocar beijos com duração de três minutos no máximo, em público.

FOI REALMENTE, UMA SURPRÊSA, O ATAQUE A PEARL HARBOR? — É indiscutível que sim, para a imensa maioria do povo norte-americano. É indiscutível que não, para a Casa Branca, na opinião de muitos observadores estrangeiros, entre os quais se destaca José M. Tisi Baña, que comentou o fato em artigo de repercussão internacional. E concluiu:

"Êsse ataque estava nos planos do presidente, para poder ingressar na guerra ao lado dos Aliados — e com todo o pêso dos Estados Unidos.

O Japão, simplesmente, foi levado "à situação de disparar o primeiro tiro". Com isso, o povo norte-americano se atirou "completamente unido ao esfôrço de guerra".

"Depois de tudo isso, quatorze anos depois, cabe perguntar se não houve realmente outro meio pelo qual o presidente teria podido alcançar o mesmo objetivo sem causar ao seu país tamanho desastre em homens e em material" — conclui Tisi Baña.

Esperemos que o tempo e novos documentos venham trazer uma luz definitiva sôbre a matéria.

OS INGLESES ADORAM OS FANTASMAS

A Inglaterra é considerada como o país dos fantasmas e das aparições sobrenaturais. E até há quem diga, muito a sério, que nem uma só família inglêsa, que preze a sua linhagem e boa tradição, pode dispensar o seu "fantasma doméstico".

Terra dos velhos castelos, dos sombrios casarões construídos há muitos séculos, onde as paredes com mais de metro de espessura permitem passagens secretas e a lenda de alçapões, cárceres privados e outros "segredos", tinha mesmo que ser o país preferido por êsses sêres sobrenaturais, que adoram um chão de pedras seculares e os compridos corredores escuros para gemer e arrastar correntes.

A verdade é que os fantasmas sempre provocaram acesos debates em tôda a Inglaterra, com torrentes de publicidade em todos os jornais, até mesmo o sisudo "Times", sem esquecer as revistas ilustradas, que dão grande destaque a essas narrativas, imprimindo-lhes — diga-se de passagem — um tom realmente fascinante e pasmoso, tudo com minúcias de detalhes e acompanhado de ilustrações, onde o imaginário e o fantástico chegam a exageros incríveis.

É o caso, por exemplo, de uma fabulosa história, que foi descrita, recentemente, pela revista norte-americana "This Week" e que vamos contar para os nossos leitores.

UM CASARÃO APENAS FEIO... E NÃO MUITO ANTIGO — Era uma dessas mansões que não atraem os compradores. Construída em 1882 era mais feia do que pròpriamente antiga, principalmente se considerarmos que se encontrava num país em que os edifícios quase sempre são várias vêzes seculares. Dezenas de pessoas passavam diàriamente diante da casa imensa e feia e, levantando o nariz para olhar seu telhado enegrecido, afirmavam ser impossível alguém viver naquele horror.

De fato, o lote de terreno em que a casa estava situada tinha uns vinte metros de largura por 90 de comprimento. Mesmo assim a casa estava construída de tal forma que ninguém podia sair pela porta dos fundos sem ter que tocar com a mão o muro do terreno vizinho, tão junto a êle a porta se abria. O telhado, levantado por cima dos seus três andares, assemelhava-se mais a uma pista de esquiadores.

As duas chaminés, uma de cada lado, tinham tal altura que fàcilmente poderiam ser convertidas em chaminés das grandes fábricas.

De qualquer maneira, o prédio acabou sendo vendido a um editor de livros, que ali foi residir com a espôsa... E o que se seguiu será relatado pelo próprio editor, segundo a entrevista que concedeu ao This Week:

— "Logo que assinamos a escritura e nos fixamos no lugar, minha espôsa e eu julgamos que o prédio precisava de sofrer reformas imediatas. Era meio acre de terreno com árvores velhíssimas, uma agradável vista para o rio, as grandes pedras das alamêdas entremeadas de grama e outras particularidades comuns a essas velhíssimas mansões.

"— Aquêle telhado é horroroso! — decidiu minha espôsa com aquêles seus modos práticos. — Vamos derrubá-lo... E podemos, também, demolir todo o terceiro pavimento. Não nos serve para nada!

"Com êsse propósito chamamos um arquiteto do próprio lugar, para que examinasse as condições gerais do prédio e dissesse o que poderia ser feito."

Eis que a narrativa passa a rivalizar com as aventuras do Fantasma de Canterville, pois que, segundo o novo proprie-

tário da mansão, as dores de cabeça começaram naquela mesma noite. Eis como relata os acontecimentos:

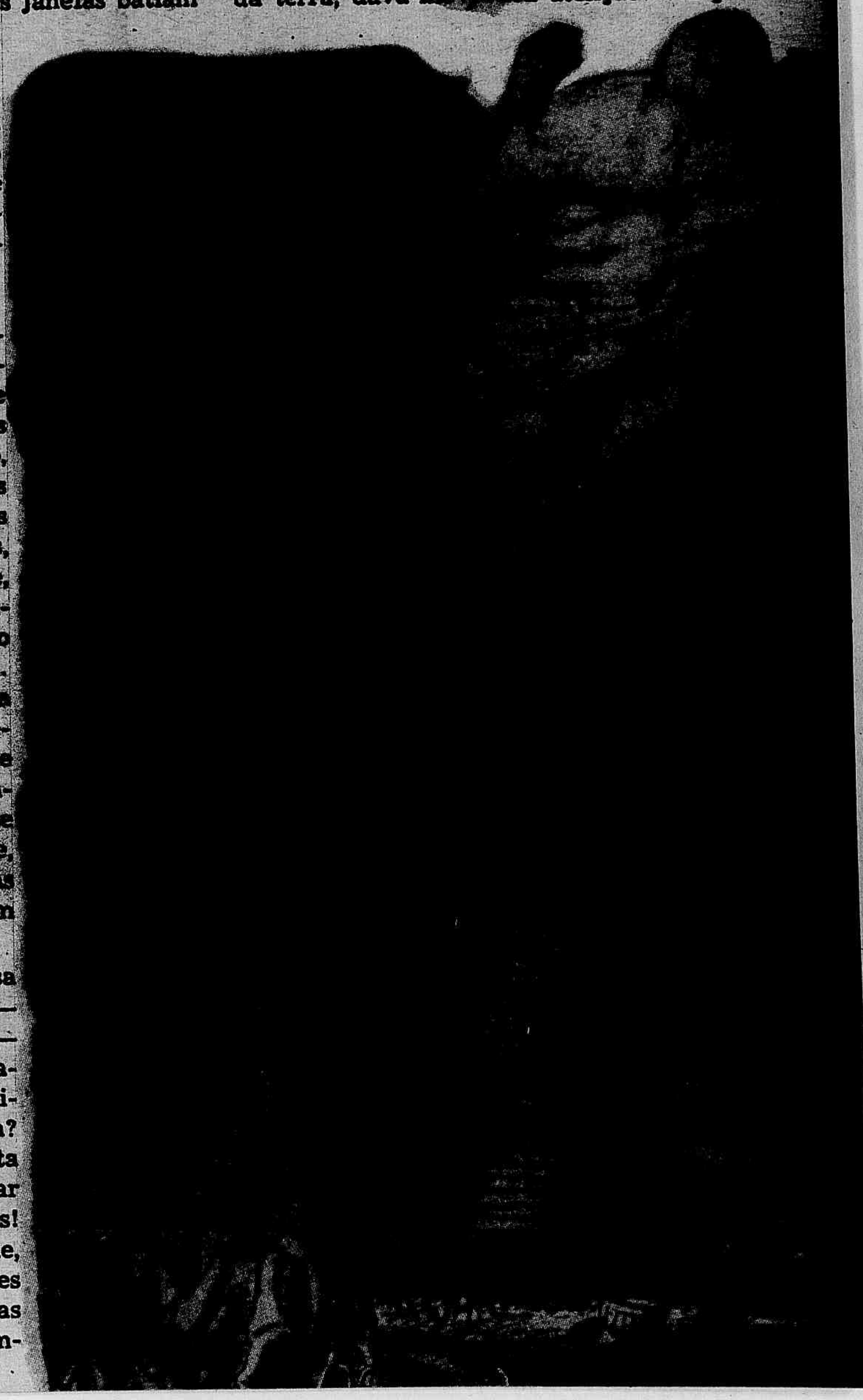
— "Ao anoitecer, tôdas as grandes mansões se preparam para dormir e repousar, agasalhando ruídos semelhantes ao que faz um homem que tenta acomodar-se da melhor maneira possível num leito. No entanto, aquela noite, embora a noite estivesse quente e calma, as janelas batiam irritantemente, a alta e esguia chaminé vomitava fumarada enquanto o vento soprava as cinzas para dentro de casa. Ao mesmo tempo, do abandonado e deserto terceiro andar vinha um intermitente e doloroso gemido.

INVESTIGAÇÃO TRANSFERIDA — "Os sons começaram às dez horas e se prolongaram até às três da madrugada, quando, finalmente, conseguimos dormir alguma coisa. Os ruídos eram indecifráveis, e não investigamos porque, seria uma imprudência subir ao terceiro pavimento em meio aquela escuridão. Um passo em falso ou uma simples escorregadela seria o suficiente para que rolássemos por tôda a sombria escada até o grande "hall". No dia seguinte, relatamos, timidamente, as nossas experiências a um vizinho.

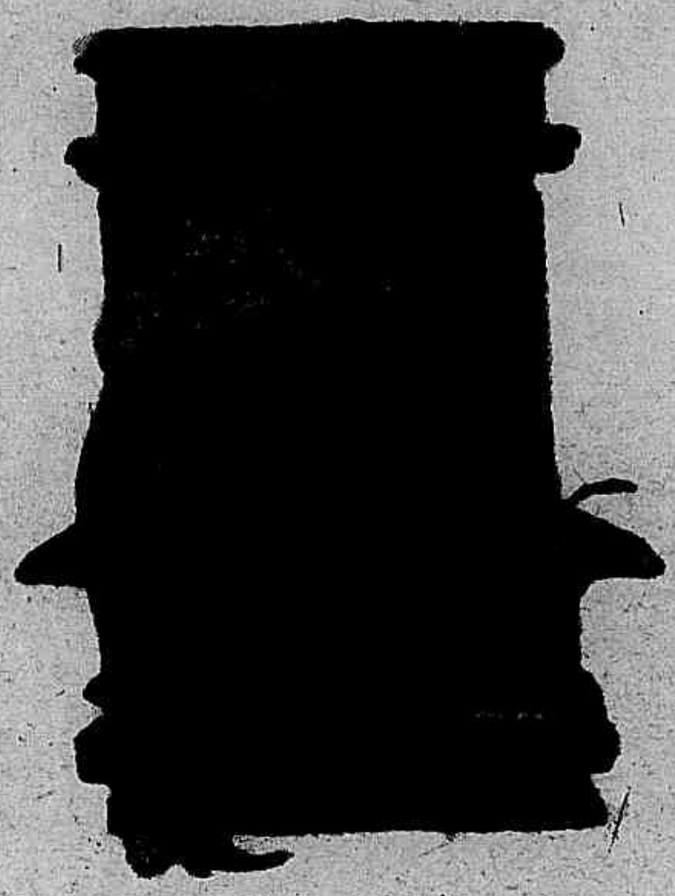
"— Eu acho que essa casa é mal-assombrada! — disse êle, calmamente. — O povo até costuma chamá-la de "Casa dos Gemidos"; o senhor não sabia? E é muito mal vista nesta região, por ser um lugar onde aparecem fantasmas!

"Assim, descobrimos que, juntamente com os verdes arbustos e as alamêdas musgosas, havíamos comprado uma secular lenda local! Tôda a terra da região, agora dividida entre sete proprietários, havia sido, em tempos idos, domínio de um homem riquíssimo.

Tôda a terra, com exceção de uma estreita faixa situada num lado da propriedade e há muito pretendida por um juiz da suprema côrte, o qual, sentindo-se absolutamente seguro quanto ao domínio da terra, dava-lhe pouca atenção. Na pro-



priedade vizinha residia uma tradicional família da região, cuja filha estava noiva de um jovem arquiteto. Êste concordou com a noiva em construir sua casa muito próxima, a fim de que ela não ficasse afastada dos seus pais. E a única propriedade ligada à dessa família era a estreita faixa de terra do juiz. O arquiteto comprou-a imediatamente. O juiz, ao tomar conhecimento da transação, ficou furioso. Chamou os seus jardineiros e mandou que fizessem uma espêssa cêrca de abetos ao longo da divisa.



"Pode ficar com o seu muito amado fogão!"

JUIZ VERSUS ARQUITETO — "Não quero ver, nem conhecer êsse meu pretenso condômino! — dizia o juiz.

"O arquiteto foi informado da atitude do juiz, porém não desistiu. E não foi revirar os diplomas legais em busca de uma fundamentação para qualquer demanda judicial.

— Construirei a minha casa bem na linha divisória — disse êle. — E, além disso, levantarei o teto a tal altura que êle, queira ou não queira, terá de olhá-lo constantemente."

A verdade é que o arquiteto acabou ganhando a estranha contenda. Os abetos costumam ser vertiginosamente altos; mas logo, segundo verificamos, o teto da mansão ficava triunfantemente bem acima das árvores.

Os cálculos do empreiteiro fizeram-nos mudar de idéia a respeito da alteração a ser feita no telhado, mas minha espôsa, que sonhava com uma cozinha inteiramente moderna, chamou logo um pedreiro para discutir a remoção do velho fogão, que ainda se encontrava cimentado no seu nicho sob a chaminé da cozinha. Era um belo e bem trabalhado fogão. A original dona da casa deveria ter tido muito orgulho dêle. A sua superfície era repleta de desenhos em alto e baixo relêvo, enquanto as portinholas se assentavam em mármore róseo.

— Não gosto dessa idéia de demolir o fogão — disse eu. — Com êle a cozinha fica com um aspecto mais interessante!

— Aspecto! — disse minha espôsa, com impaciência. — Só vai servir para as crianças baterem com a cabeça nêle! E, além disso, morrerei de cansaço caminhando o dia inteiro em seu redor.

— Então, mande retirá-lo — concordei, enfim.

Mas o fantasma não!

Por isso mesmo, naquela noite as lamentações recomeçaram, desta vez vindas da cozinha. Minha espôsa, que já se encontrava sob os lençóis e com a cabeça debaixo do travesseiro, pulou da cama, correu até o escuro "hall" e gritou:

— Está bem! Está bem! Não tocaremos no seu amado fogão. Agora, fique quieto, por favor!

Os gemidos cessaram imediatamente.

Julguei sinceramente que aquela fôsse a última vez que o fantasma nos amolasse.

Mas não!

Um eletricista, que subiu ao quarto da tôrre, no terceiro andar, a fim de remover velharias que lá permaneciam, desceu com um largo sorriso nos lábios e segurando uma empoeirada garrafa pelo pescoço.

— É sua? — perguntou-me êle.

Neguei prontamente. O rótulo da garrafa, escrito com letras irregulares, dizia: "Whisky de Centeio".

Continha um líquido escuro, o qual não tivemos coragem de provar. A bôca da garrafa estava fechada com uma tampa de vidro. Não precisamos de muita sabedoria para esboçarmos na imaginação os quadros que representam a abstêmia espôsa do período vitoriano e o marido que sobe à tôrre em busca de um trago, quando o mar doméstico lhe parece tempestuoso.

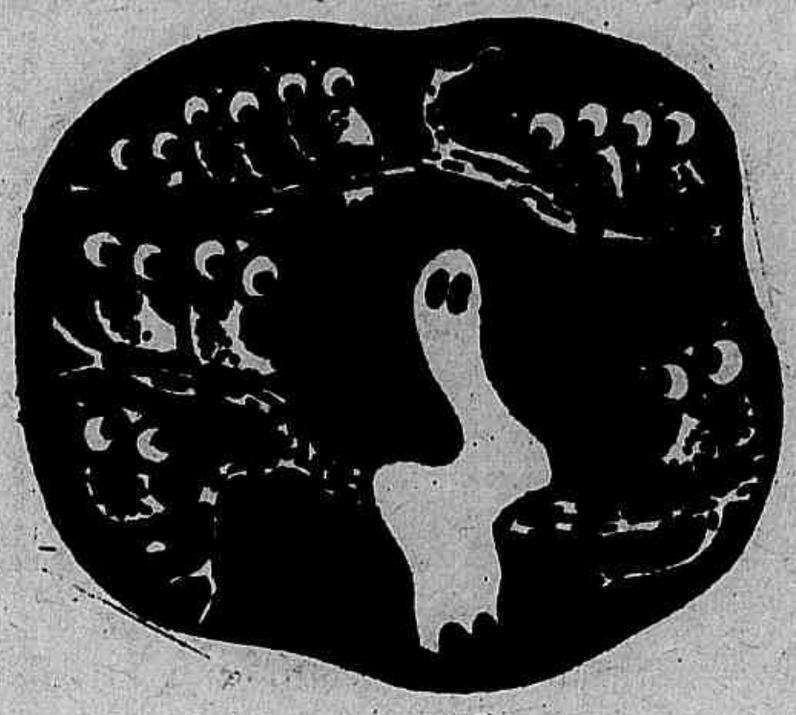
Furioso, derramei o whisky no esgôto e joguei a garrafa no lixo. De noite, tornamos a ouvir as penosas lamentações. Na noite seguinte, antes de escurecer completamente, apanhei uma garrafa na minha

adega, removi a tampa e coloquei-a no mesmo lugar em que fôra encontrada a garrafa do fantasma.

Mas foi inútil, pois o nosso fantasma continuou a gemer.

— Talvez não seja essa a bebida que êle prefere... — sugeriu minha espôsa.

No dia seguinte, desesperado, saí e comprei uma



garrafa do melhor whisky de centeio que existia na região. Os gemidos desapareceram para sempre! "

Essa a história relatada recentemente por vários jornais europeus e norte-americanos e que vem, por certo, mexer um pouco com os inglêses, que já estavam loucos por novas manifestações de seus fantasmas.

★ ★

DUPLICIDADE

O delegado de certa pequena povoação era, ao mesmo tempo, chefe policial e um hábil veterinário.

Em dada ocasião, a sua espôsa recebeu um urgente chamado telefônico. Pediam o comparecimento de seu marido imediatamente!

— Precisam de meu espôso na qualidade de delegado... ou de veterinário? — perguntou a mulher.

— De ambas as coisas!... — respondeu a voz do outro lado da linha. — Acontece que não podemos abrir a bôca de um "bulldog" que está com os dentes encravados na perna de um ladrão...

★

FOI você que me enviou uma cozinheira, esta manhã? — perguntou um cavalheiro ao empregado de uma agência de empregos.

— Sim, senhor.

— Então — disse o cavalheiro enfurecido — seria um grande prazer para mim se você viesse jantar em minha casa esta noite.

QUEM DIRIA?

REALMENTE, quem diria, vendo a elegante e ágil patinadora, que debaixo das saias ela carregava vários sacos de borracha com água quente? Mas é o recurso de que se valeu Mae Kelly, de New York, para acompanhar suas companheiras nas exibições noturnas a que é obrigada por contrato. Porque Mae é muito friorenta...

NO "PARAÍSO"

BULGANIN convidou um pobre mujique a visitar o Kremlin.

— Vês aquêle microfone? — perguntou o ditador russo. — Pois bem; é dêle que parte a nossa propaganda. O mundo inteiro ouve o que nêle se diz.

O camponês ficou tão maravilhado que Bulganin acrescentou:

— Se quiseres, permito que te sirvas dêle. Tens o direito de dizer uma palavra.

— E o mundo inteiro me ouvirá?

— Sem dúvida,

Então, o mujique se aproximou do microfone, e gritou com tôdas as suas fôrças:

— Socorro!!!

★

NO tribunal, uma mulher, de aparência muito alegre, aproximou-se da bancada das testemunhas.

— Qual é a sua idade? — começou o juiz, contrariando todos os costumes.

— Trinta e seis anos.

— Muito bem — ajuntou o juiz com um sorriso nos lábios. — Creio que agora você pode prestar o juramento de que dirá tôda a verdade.

POR QUE NÃO FAZEM...

CIMENTO de côres padronizadas?

★

ÓCULOS para leitura dotados, de uma lâmpada elétrica com bateria?

★

TELEFONES de escritório com dial em ambos os lados afim de ser usado por empregados cujas mesas ficam de frente uma para a outra?

★

Os assentos traseiros dos automóveis, como os dos ônibus e trens, para que as crianças possam viajar de costas e gozem de mais segurança em caso de acidente?

quando comprimidos, liguem automàticamente para a Polícia, Corpo de Bombeiros, Pronto Socorro, etc.

★

A pintura indireta das paredes, mediante um processo de iluminação artificial, para que seja possível a mudança de côres do seu quarto por meio de um simples toque num interruptor?

★

GELADEIRAS sem compartimento congelador, para as famílias que já possuem congeladores comuns?

★

"TAPIS para pintura", tipo batom, que sirvam para fazer tôdas as tonalidades e sombreamentos, a fim de evitar o retoque final?

★

CAPAS de soalho aquecidas elètricamente e adaptáveis que possam ser removidas de um lugar para outro do mesmo modo que tapêtes?

★

UMA pequena válvula de metal para dosar líquidos nas cozinhas, semelhantes às que são usadas nos postos de gasolina para injetar combustível nos tanques dos automóveis?

ALÇAS de segurança ajustáveis à altura das pessoas que viajam em pé nos trens e ônibus?

★

TELEFONES equipados com dois botões especiais que,

A HORA DO SONO

WILLIAM Mengelberg, destacado diretor de orquestra holandês, encontrou uma tarde um dos seus músicos. Vendo-o bem vestido, mesmo elegantíssimo, Mengelberg disse:

— Pelo que vejo os negócios vão indo bem, não é verdade?

— Oh, sim! — respondeu o músico. — Além de tocar na sua orquestra, faço parte de um quarteto, dou lições particulares e tenho contrato com uma estação de rádio...

— Sério? — exclamou o diretor, encantado com o que ouvia. — E quando dorme? — concluiu, sinceramente interessado.

— Durante os ensaios! — respondeu o músico.

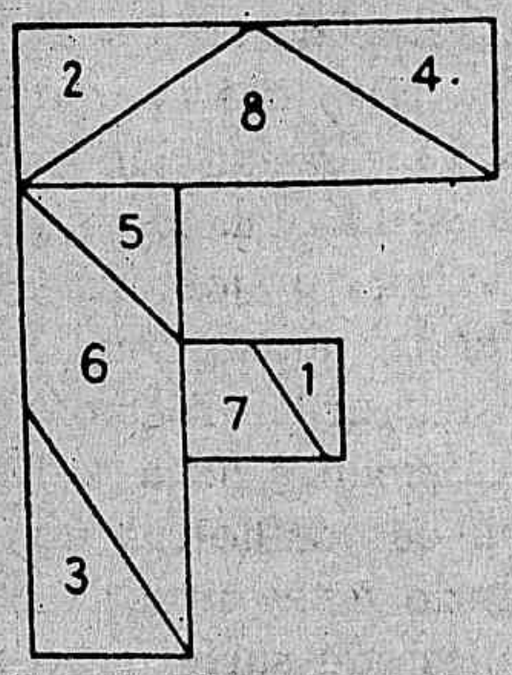
★

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

(Respostas da pág. 34)

a) Coloque as peças nesta forma:

b) São 33 os triângulos da figura. Se os viu todos procure repetir a prova



uma hora depois ou no dia seguinte, e comprovará que alguns triângulos parecem desaparecer e reaparecer enquanto os estamos contando.

O COLAR DA RAINHA

A história do processo do roubo do célebre colar de brilhantes aos joalheiros da corte francesa, que tão profundamente excitou as paixões partidárias e acirrou os ódios políticos ao findar do século XVIII, precedendo de alguns anos a Revolução, interessa vivamente pela alta posição social das personagens que nêle figuram ou por êle foram atingidas na sua reputação, pela complexidade dos incidentes e pelas contraditórias explicações que da urdidura do furto dão os documentos e as memórias do tempo. A crítica moderna isenta completamente a infeliz rainha de França, não só da participação no audacioso roubo dos brilhantes, como também de qualquer intervenção, mais ou menos direta, em deliberada intriga para macular a reputação do cardeal de Rohan. Mas êste príncipe da Igreja, um elegante nas suas vestes prelatícias, espírito arguto, embaixador inteligente, vivendo num luxo estonteador, que melindra a côrte de Viena d'Áustria quando ministro junto dela, ou deslumbra os seus hóspedes, quando os recebe no seu castelo feudal, em Saverne, afeito ao convívio e à intriga dos salões oferece agora, visto à distância de um século, o triste espetáculo de um hipnotizado pelas artes mágicas de Cagliostro, um sugestionado inconsciente pelos ardis de uma ladra megalomana, um "enfeitiçado", como se dizia então.

NO ano de 1785, espalhou-se em Versailles a notícia de que o grande colar de brilhantes, tão falado por tôda a Europa durante dez anos, tinha desaparecido, e as suspeitas do roubo audacioso caíram sôbre uma tão alta personagem que ninguém ousava pronunciar-lhe o nome, senão em voz baixa, muito em segrêdo.

A famosa jóia fôra primitivamente trabalhada por ordem do rei Luís XV para presentear a formosa condêssa Dubarry. Infelizmente para a condêssa, e ainda mais para os joalheiros da côrte, o rei morreu quando êstes tinham conseguido completar o colar; de sorte que em vez de receberem os dois milhões de francos, preço da sua obra, os joalheiros encontraram-se apenas com o colar entre as mãos. Por essa ocasião, tentaram inùtilmente desembaraçar-se de tão custoso objeto de arte. Como era natural, dirigiram-se aos sucessores de Luís XV, sôbre os quais tinham, pelo menos, o direito de reclamação moral. Não obstante o joalheiro Bohmer, o mais velho dos dois sócios, ter levado repetidas vêzes o colar a Versailles, e louvado a sua beleza aos olhos da rainha Maria Antonieta, embora admirando a famosa jóia, esta recusara persistentemente ser sua compradora. Bassenge, o outro sócio, partiu por sua vez em viagem a tôdas as côrtes da Europa, à procura de qualquer princesa vaidosa ou rica bastante para pagar justo preço pelo perdido presente a madame Dubarry.

Talvez a unânime recusa das rainhas tivesse alguma relação com o fato do colar ter sido encomendado para a condêssa; certo é, porém, que Bassenge voltou, como tinha partido e os afamados brilhantes, que

por aquela ocasião adquiriram celebridade européia, voltaram a descansar na segura joalheria em Paris.

O caso se agravou para Bohmer e Bassenge. Para colecionar os 630 brilhantes, de que era composto o colar, haviam empenhado e comprometido extremamente o seu crédito. A um só credor, Baudard, tesoureiro geral da armada, deviam um milhão de francos, e êste insistia pelo pagamento. Que podiam fazer?

Bohmer se encarregou do último apêlo a Maria Antonieta. Pouco satisfeito com a recusa até então recebida, desgostoso pelas dificuldades financeiras que sofria ou fatigado com o grande trabalho que tivera em o colecionar, qualquer que fôsse a causa, dizia-se que o seu cérebro ficara profundamente afetado. Um dia encontrou a rainha, passeando nos jardins do Trianon com a sua aia confidente, madame Campan, e caiu aos seus pés.

— Ou vossa majestade consente em comprar o colar, ou me reduz à dura necessidade do suicídio! — exclamou sufocado em pranto. — Esta na vossa presença um homem completamente arruinado!

Madalena Briffault (Rosália), camareira da condêssa de la Motte.

— Não tenho a responsabilidade dessa triste situação — respondeu a rainha.

— Parece-me extraordinário que não desfaça o colar e venda os brilhantes separadamente.

Com êste justo conselho despediu o infeliz ourives; mas o seu conselho não foi seguido. Pouco tempo depois, isto é, ao findar 1783, o embaixador português em Paris, então como agora centro da moda feminina, recebeu instruções para encomendar o enxoval para o próximo casamento da infanta de Portugal, D. Mariana. Fêz a encomenda a Rosa Bertin, célebre modista da rainha, e ao mesmo tempo contou-lhe que pensava comprar o colar em nome de seu augusto amo, para presente do noivado.

Mademoiselle Bertin não se esqueceu de ir contar o caso à rainha Maria Antonieta, a qual recebeu a notícia com frieza pelo menos aparente.

Mas nunca é prudente julgar os sentimentos das mulheres, mesmo rainhas, pelas suas palavras. Maria Antonieta mandou chamar Bohmer; e, quando êle chegou a Versailles, encontrou sua majestade que lhe disse em tom áspero, denunciando ressentida censura.

— Estou muito satisfeita em saber que vendeu o colar.

O joalheiro abriu os olhos com espanto.

— O colar, minha senhora!

— Sim, o colar que o sr. de Sousa vai mandar para Lisboa.

— Perdão, minha senhora; mas eu asseguro a vossa majestade que nada sei das intenções do sr. de Sousa a tal respeito.

Maria Antonieta se voltou para **mademoiselle** Bertin, que estava presente, e repreendeu-a bem severamente com um simples olhar.

Não seria de admirar que êste incidente deixasse no espírito de outros, além de Bohmer, a impressão de que Maria Antonieta não era tão indiferente à fascinante beleza da custosa jóia, como até então fizera acreditar.

Não devemos ocultar que as **memórias** da modista Bertin são tidas por apócrifas, para conservar assim a imparcialidade da narrativa. Pouco tempo depois, um amigo de Bohmer, encontrando-o em Versailles,

perguntou-lhe se ainda não tinha comprador para o colar.

— Infelizmente ainda não — respondeu Bohmer. — Tem sido para mim um tão pesado encargo, que de boa vontade daria cem luíses a quem encontrasse comprador para êle.

O amigo ouviu-o com atenção. Não era a primeira vez que o joalheiro oferecia uma boa comissão a quem se encarregasse de vender o colar. Achet, assim se chamava o amigo de Bohmer, explicou que seu genro, Laforte, tinha conhecimento com uma senhora, que era íntima da rainhá, e que se êles pudessem obter em seu proveito a influência desta senhora talvez fôsse possível que levasse Maria Antonieta a comprar a jóia, tantas vêzes recusada.

Bohmer concordou jubiloso com a idéia e perguntou o nome da amiga da rainha. Achet, em confidência, explicou-lhe que era a condêssa de la Motte.

Joana de Saint Rémi de Valois de la Motte, era então uma personalidade bem conhecida, tanto em Versailles como em Paris. Anos antes mendigara na estrada de Passy, pés descalços, lábios descorados, faminta, o brilho estranho da febre nos seus belos olhos azuis. Descendente bastarda da raça real dos Valois, recebia uma pequena pensão da côrte, e seu marido, o conde de la Motte, pertencia à guarda pessoal do conde de Artois, irmão mais moço de Luís XVI.

O mais célebre retrato de Maria Antonieta, conservado no castelo de Versailles. Maria Antonieta nasceu em novembro de 1755 (há duzentos anos justamente), sendo filha de Francisco I e de Maria Teresa. Seu casamento com o Delfim de França, neto de Luís XV, foi celebrado em Versailles em 16 de Maio de 1770. Depois da Revolução foi encarcerada e afinal guilhotinada.

A condêssa e o marido viviam em Versailles, onde tinham uma bela residência, mas, como se sabia que eram inteiramente pobres, dizia-se que parte dos seus rendimentos procediam do cardeal de Rohan, para quem a influência da condêssa era poderosa.

A intimidade dela com a rainha, não era em geral conhecida, sendo mais particularmente falada, do que abertamente notada. Dizia-se que sua majestade recebia muitas vêzes a condêssa no retiro do Petit-Trianon, aquêle palácio em miniatura, onde Maria Antonieta punha de parte as restrições da etiquêta e gozava da sociedade das amigas íntimas.

Infelizmente, a rainha não era muito particular na escolha dos caracteres daquelas que ela honrava com a sua intimidade. A duquesa de Polignac, sua predileta, tinha sido arrancada á pobreza pela proteção da rainha, e mesmo a princesa de Lamballe era considerada aventureira pela nobreza orgulhosa de Versailles. A única diferença que havia entre estas damas, algumas das quais seguramente de vida pouco virtuosa, e a condêssa de la Motte, era que aquelas eram recebidas pùblicamente na côrte, enquanto que a condêssa, dizia-se, entrava à méia-noite no Petit-Trianon.

Em todo o caso, mal se explicam ou sequer se compreendem muitos incidentes dêste complicado processo, sem admitir esta intimidade da condêssa.

Naquele tempo, bastava que alguém fôsse visto sair dos aposentos particulares da realeza, para que êsse feliz indivíduo fôsse assediado por pedidos de patrocínio e de auxílio pelo formigueiro de pretendentes que invadiam os limites da côrte. A condêssa de la Motte não seria a primeira e a única pessoa que encaminhasse um negócio pela sua valiosa ligação com o Petit-Trianon.

Poucos dias depois da conversação entre o joalheiro e Achet, os dois se dirigiram à casa da condêssa, levando o colar. A descendente dos Valois, moça e simpática, de fisionomia alegre e aberta, inculcando sinceridade, sorriso encantador, voz meiga e insinuante, recebeu-os gentilmente, ao mesmo tempo que os seus olhos admiravam pela primeira vez a magnífica jóia que tentara rainhas.

Mais de seiscentas pedras da mais pura água, a maior delas do pêso de quarenta e cinco grãos, estavam reunidas e produziam um deslumbrante trabalho de malha. Havia fios, pingentes, presilhas e borlas de brilhantes, que deveriam cair sôbre os ombros de quem o usasse e sôbre o colo, semelhando correntes de luz. Era realmente mais uma rivière de brilhantes do que um colar, uma cintilante via-láctea, um festão de estrêlas.

Logo que Achet encetou a conversação observando que estava seguro de que a rainha desejaria possuir a esplêndida jóia, a condêssa replicou:

— Nada sei a êsse respeito, nem posso compreender por que se dirigiu a mim. Asseguro-lhe que não tenho ensejo de o servir junto da rainha, nem tenho a honra de me aproximar dela.

Por prudência, a condêssa negava em público a amizade que a rainha lhe dispensava em particular.

Achet respondeu com um sorriso:

— Minha senhora, não viemos aqui para devassar os seus segredos, e ainda muito menos mostrar-lhe dúvidas sôbre o que nos diz; mas, creia-me, estou bem informado, sei o que se passa por Versailles, e quando tomei a liberdade de lhe apresentar êste meu amigo foi convencido de que ninguém na côrte estava mais em situação de nos prestar o serviço que solicitamos.

Cagliostro — Desenho do natural por Pujos (1785).

A condêssa aceitou esta explicação; e tendo salvado as aparências, prometeu ver se poderia fazer alguma coisa em seu favor.

Referem outras memórias do tempo que a condêssa Joana, recebendo nos seus salões

A duquesa de Polignac

A condessa de la Motte

Mlle. Le Guet D'Oliva

uma sociedade escolhida, não ocultava, antes punha bem em relêvo, os favores que recebia da rainha.

Passava-se isto em dezembro de 1784. Decorrido pouco tempo, os ansiosos joalheiros receberam um aviso da condêssa, dizendo-lhes que a rainha desejava o colar, e que podiam esperar em breve ouvir alguma coisa de definitivo a êste respeito.

Em janeiro do ano seguinte, a própria condêssa, acompanhada por seu marido, visitou, às 7 horas da manhã, a ourivesaria do **Grand Balcon**, com uma importante comunicação para Bohmer e Bassenge.

Foi Bassenge desta vez quem recebeu a bela Valois, a qual anunciou que em poucas horas uma alta personagem da côrte, o cardeal Luís René Eduardo de Rohan, príncipe bispo de Estrasburgo, capelão-mor e esmoler-mor de França e ainda investido em outras dignidades, havia de ir à loja do **Grand Balcon** ajustar a compra da grande jóia. Bassenge se apressou em significar à condêssa a sua gratidão, porém ela notando as suas intenções repeliu os protestos de agradecimento.

Madame Campan

— Desejo que o senhor compreenda que não tomo parte, nem intervenho nesta transação! — declarou positivamente, acrescentando ainda:

— Como sua eminência, o cardeal, conquanto muito digno, está extremamente endividado, recomendando-lhe que não o deixe levar o colar sem alguma segurança de que seja pago.

Feita esta advertência os de la Motte se retiraram.

Justamente na ocasião designada pela condêssa, o senhor de Rohan apareceu, e informou os joalheiros, sob o mais estrito segrêdo, que tinha sido encarregado pela rainha da compra do colar.

O cardeal de Rohan era um dos mais conhecidos personagens de França, era um típico prelado daquele tempo, que recebia tudo quanto a Igreja lhe podia dar em opulência ou dêle poder e muito pouco dava em troca na forma de caridade e no comportamento de vida. Tinha sido embaixador de França em Viena, e tinha ofendido profundamente Maria Antonieta, com as célebres descrições de sua mãe, Maria Teresa, como "tendo na mão um lenço, para enxugar o pranto derramado sôbre as desgraças da Polônia, mas na outra mão a espada pronta a retalhar a Polônia ao sabor das suas ambições conquistadoras."

Tornara-se, também, culpado da loucura de repetir à imperatriz de Viena as histórias de escândalos que sôbre a sua filha corriam em Versailles.

Portanto, quando Rohan voltou para França, esperando ascender à posição de primeiro ministro, encontrou na rainha uma inimiga implacável. Os verdadeiros e importantes serviços que êle fêz à França, durante a sua missão, ficaram esquecidos e obscuros, e o cardeal se achou aos quarenta anos excluído da côrte, e ao cabo da sua carreira!

Alguns anos se passaram assim, e o cardeal não perdia ensejo que se lhe apresentasse para conseguir a sua reintegração no espírito da rainha.

O preço do colar nesse tempo desceu a um milhão e seiscentos mil francos. Foi combinado entre o cardeal e os joalheiros que esta quantia seria paga em quatro prestações de 400.000 francos, vencendo-se a primeira no próximo agôsto. Depois seguiu-se a questão de garantias.

— O colar não é realmente nosso — explicou o cauteloso Bassenge. — O senhor Baudard, a quem devemos um milhão de francos, não permitirá que o deixemos sair do nosso poder sem lhe mostrarmos qualquer documento do verdadeiro comprador.

Em resumo, os joalheiros exigiram nada menos que a assinatura da rainha! A exigência tardou algum tempo antes a ser satisfeita, mas, antes do fim do mês, o cardeal voltou à loja do **Grand Balcon**, com um contrato escrito pelo seu próprio punho, e autenticado pela real assinatura: "Maria Antonieta de França".

Um simples exame visual do documento seria suficiente para os satisfazer; porém Bohmer e Bassenge mandaram fazer uma cópia, enquanto que êle ficaria com o original em seu poder.

O colar, que tinha estado pendurado, como instrumento de tortura, em volta do pescoço dos infelizes joalheiros durante dez anos, foi finalmente entregue a sua eminência.

Paris no tempo de Maria Antonieta: a Bastilha, a Porta Santo Antônio e parte do subúrbio.

Quinze dias depois os sócios agradecidos convidavam a condêssa. A descendente dos Valois condescendeu em jantar com os joalheiros, porém recusou a muito liberal comissão que lhe ofereceram com o fundamento de que nada fizera para efetuar a venda, nem era hábito seu receber presentes por qualquer serviço prestado.

Em breve correu a notícia de que a celebrada jóia tinha afinal encontrado comprador. Por pedido do cardeal, Bohmer e Bassenge respondiam a tôdas as perguntas

curiosas que o comprador fôra o sultão da Turquia para a sultana favorita.

Neste meio tempo, dois dias depois da venda do colar a Rohan, sua eminência encontrou por acaso os dois joalheiros em Versailles:

— Então, senhores — disse-lhes — fizeram já os seus agradecimentos à rainha por ter comprado o colar?

Os dois olharam um para o outro, concordando que se tinham esquecido de o fazer, pelo que o cardeal os arguiu àsperamente.

E, coisa curiosa, essa mesma cena foi repetida com pequenas variantes diversas vêzes durante os meses que se seguiram. A rainha ainda não tinha aparecido em público com o colar, e Bohmer e Bassenge ainda não tinham dado o prudente e lógico passo recomendado pelo cardeal, de agradecer a sua majestade a compra do colar.

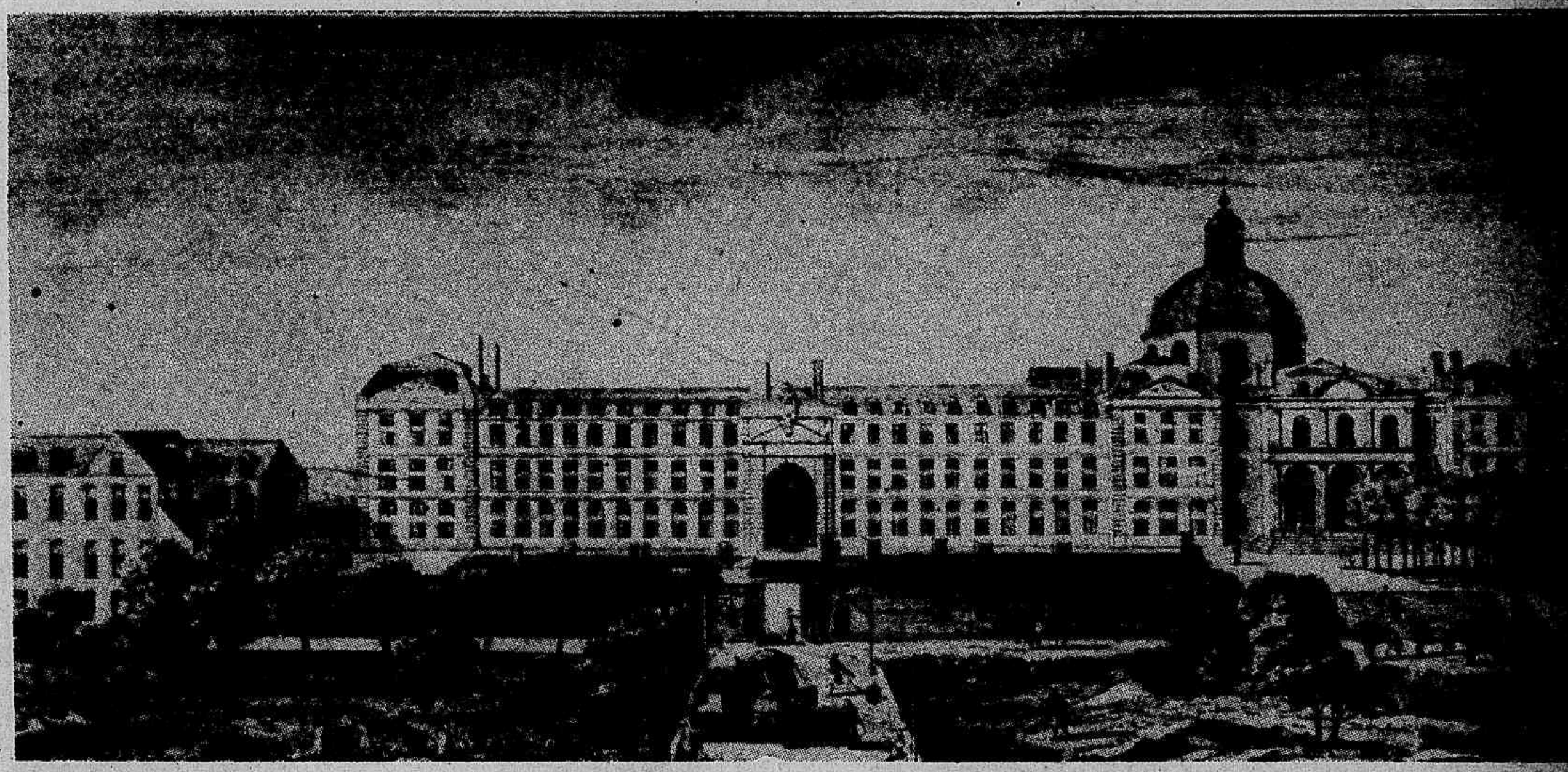
Afinal, em junho, o cardeal procurou pessoalmente os joalheiros para lhes entregar uma carta da rainha para êles, pedindo-lhes a redução de 200.000 francos no preço do colar, sem o que se veria forçada a devolvê-lo. Foi um choque para Bohmer e Bassenge. Contudo aceitaram esta nova proposta e então escreveram a seguinte carta, ditada pelo cardeal:

"Augusta senhora: — Somos extremamente felizes em considerar que a nossa aquiescência às últimas condições que nos foram propostas, e às quais nos submetemos com dedicado zêlo, será recebida como uma nova prova de submissão e respeito às ordens de vossa majestade; e temos o mais verdadeiro [illegible]lo em pensar que o mais belo colar do mundo será usado pela melhor e a mais bela das rainhas.

12 julho 1785.

Bohmer e Bassenge."

Esta carta foi entregue a Maria Antonieta pelo próprio Bohmer quando ela voltava da missa. A rainha levou-a para a biblioteca, e, depois de a ter lido, mostrou-a a madame Campan.



O Hospício Real (depois prisão) da Salpetrière.

— Já adivinhou os enigmas no **Mercúrio** desta manhã? Talvez possa descobrir a significação dêste outro. Aquêle doido de Bohmer entregou-me esta carta agora mesmo!

Madame Campan não tinha ainda podido interpretar a carta, já sua ama a amarrotava e queimava numa vela acesa para selar cartas. E rematou o assunto, dizendo:

— Quando vir o Bohmer será melhor pedir-lhe explicação dêste caso.

Antes de que se realizasse o encontro de mme. Campan com o joalheiro, o cardeal voltou ao **Grand Balcon**, com ar inquieto, para dizer que a rainha agora pedia um adiamento do primeiro pagamento por dois meses, mas entretanto oferecia 30.000 francos por conta. Para consolar os joalheiros, sua eminência assegurava-lhes ter êle próprio visto nas mãos da rainha notas no valor de 700.000 francos que seriam aplicados ao pagamento da dívida: e repetia êste fato a Baudard, o principal credor, que também, pelo seu lado, andava aflito.

Bohmer e Bassenge aceitaram com relutância os 30.000 francos.

No dia 3 de agôsto, Bohmer foi convidado a ir passar a tarde em casa de Crespy, sôgro de madame Campan. Participou ao cardeal êste convite, pelo que sua eminência o aconselhou a ser discreto e nada dizer a Campan sôbre o negócio do colar, **porque ela não entrara no segrêdo**.

Mas o conselho não foi seguido. Madame Campan aproveitou o primeiro ensejo que teve para transmitir a Bohmer o recado da rainha.

— Sua majestade deseja saber a explicação daquela sua carta misteriosa, que lhe, entregou no outro dia.

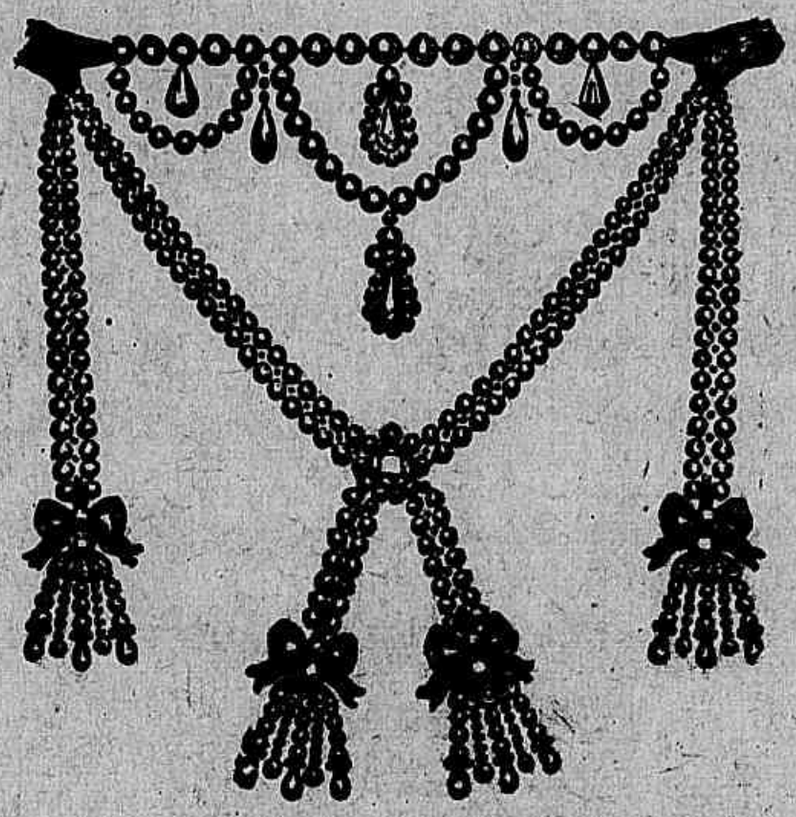
Bohmer ficou como petrificado.

— Aquela carta! Diz-me que a rainha não compreendeu a significação daquela carta?

— Eu também a li — disse madame Campan — e do mesmo modo não a compreendi.

— Ah! Isso não me surpreende. Há um certo mistério num negócio ao qual está alheia; todavia, se me concede um momento, explicar-lhe-ei tudo.

Madame Campan, surprêsa e curiosa por sua vez, evitando a numerosa sociedade que estava nos seus salões e, tomando o braço do joalheiro, desceu com êle a uma das aléias do jardim. Ali, Bohmer relatou-lhe o que se passava.



O famoso colar, conhecido como "Colar da Rainha".

— Trata-se do grande colar de brilhantes — explicou. — Sua majestade afinal mudou de intenção e decidiu-se a ficar com êle.

— Mas o senhor deve estar enganado — exclamou madame Campan. — Tenho a certeza de que a rainha não tomou tal resolução.

— Mas afirmo-lhe que ela autorizou o cardeal de Rohan a comprá-lo em seu nome.

— Impossível! O senhor está iludido. A rainha nem uma só vez falou com o cardeal depois que êle voltou de Áustria, e ninguém há menos bem visto na côrte do que êle.

— Pelo contrário, quem está iludida é a senhora; e tanto que a rainha deve vê-lo então particularmente, porque foi a sua eminência que ela deu 30.000 francos que me foram pagos por conta. Por sinal que os tirou na presença do cardeal de dentro de uma pequena secretária em porcelana de Sèvres, perto do fogão, no seu "boudoir".

— Quem lhe disse isso, sr. Bohmer?

— O próprio cardeal! Além disto, tenho em meu poder contrato assinado pela rainha, o qual tenho sido constrangido a mostrar aos meus credores, a fim de lhes obter demora nos pagamentos, atendendo aos pedidos da rainha.

Assombrada por estas revelações, madame de Campan, extremamente dedicada à rainha, assegurou a Bohmer que era vítima de um abominável estratagema, e que a rainha nem tinha o côlar, nem podia ter tido nenhuma conversação com Rohan sôbre tal assunto. Bohmer confessou também, por seu lado, que algumas dúvidas lhe atormentavam o espírito, principalmente porque a rainha nunca havia aparecido na côrte com o colar; e assim os dois continuaram a andar pelas alamêdas do jardim, discutindo o negócio, formulando hipóteses, apurando pormenores, e tão embebidos que — diz madame Campan nas suas memórias — nem sequer pressentiram que uma tempestade se formara no céu e

(Continua na página 118)

A rua principal de Vila Franca no dia da Festa do Colête Encarnado, tem animação verdadeiramente excepcional, nela aparecendo gente da cidade de Lisboa e também inúmeros turistas.

DE PORTUGAL...

A FESTA DO "COLÊTE ENCARNADO"

EM VILA FRANCA DE XIRA

PORTUGAL é um país de bruscos contrastes; um país de sorrisos, de paz e de grave cortesia. Geogràficamente pequeno, é limitado pelas ondas atroadoras do Atlântico e as alturas das montanhas.

O seu povo, se tem o sorriso nos lábios tem a tristeza nos olhos; canta muito, porém as suas canções são melancólicas; dança muito também, mas os seus bailadores são cerimoniosos e castos.

Nação de transformações lentas, conserva o antigo, juntando o novo pouco a pouco, combinando tradição e progresso em serena harmonia. É um conglomerado de raças.

Assim como o oceano bate suas costas, ondas de conquistadores assaltaram o solo português, embora — cómo as águas — jamais pudessem subjugá-los. Um após outro, os invasores foram expulsos e os seus remanescentes absorvidos, até for-

As paredes das casas e os balcões ficam cobertos de bandeiras, ricos tapêtes e bandeirolas multicores. Cabeças de touros e de cavalos servem de decoração principal, como se pode observar.

mar o complexo caráter nacional Dos fenícios herdaram a sua insopitável paixão pelas aventuras marítimas e a curiosidade pelos lugares remotos. Dos romanos adquiriram as suas características mais severas: o respeito pela ordem e o impulso de colonizar e civilizar terras distantes. Os mouros lhes deixaram, por sua vez, uma melancolia perdurável e um profundo sentido da natureza transitória do mundo. Os celtas atravessaram o muro montanhoso dos Pirineus e deixaram por legado inquebrantável resistência á injustiça e profundo amor à música e à poesia.

Tudo isto formou o caráter portugu[illegible] orgulhoso e suave, independente e trabalhador, profundamente patriota e ao mesmo tempo sem fôrças para resistir à atração dos mares estranhos e das ilhas lendárias.

Assim tem sido Portugal: generoso com a sua herança. Senhor dos Mares, enviou seus filhos para todos os confins da terra: Sto. Antônio, morto em Pádua, nasceu em Lisboa; São Francisco Xavier, Apóstolo das Índias, como Fernando de Magalhães, o primeiro a unir os dois oceanos, foram filhos de Portugal. As populações das distintas regiões portuguêsas têm caracte-

Num galope tão vertiginoso como o dos "mocinhos" do cinema, os "campinos" expulsam os touros dos lindos prados do Ribatejo e os conduzem, depois, até Vila Franca de Xira.

rísticas tão variadas como a paisagem. As varinhas de Lisboa, que equilibram sôbre a cabeça os largos cestos de pescado, que oferecem a venda, cantando alegremente, têm fama de contar entre as mulheres mais formosas do mundo.

Ao longo da costa atlântica os pescadores usam velas e mesmo as roupas com enormes quadrados de côres brilhantes, curiosa influência deixada a sua passagem pelos escoceses, durante as guerras napoleônicas. Porém entre tôdas as festas a mais alegre, talvez, a que desperta maior entusiasmo e mesmo atrai os turistas de importância é a que se intitula Festival do Colête Encarnado.

Viajando pelo Tejo, a uns trinta quilômetros de Lisboa, o turista penetra numa pequenina cidade, como há tantas igualmente pitorescas, igualmente bonitas e limpas: Vila Franca de Xira, limitando as grandes planícies do Ribatejo.

Não se trata, porém, de uma vila como qualquer outra. Não, senhores, Vila Franca de Xira é a "capital" dos Campinhos, êsses vigorosos pastôres montados a cavalo e que naquelas planícies guardam rebanhos podendo contar um milhar de cavalos ou de vacas.

E é ali que podemos encontrar D. José Van Zeller Pereira de Palha, proprietário de grandes terrás e famoso criador dos famosos touros ribeirinhos, que têm no seu ímpeto e na sua braveza pavorosa sangue dos famosos "miuras" de Espanha, unido ao do "tauro" quase mitológico das vargens pré-históricas do Tejo.

Ali vive D. José de Palha na casa solarenga, velhíssimo palácio dos senhores de Palha Blanco, entre seus livros, seus móveis, sua grandeza, sua capela, emocionante, revestida de marfins representativos da Paixão, considerados como obras excepcionais dos artífices portuguêses.

O infortunado rei D. Carlos de Bragança foi hóspede dessa casa, em julho de 1905. Subiu, embarcado, pelo Tejo e desembarcou no dia 25,

Igual ao pai. Êsse menino veste, no dia da festa, a mesma roupa que todos os grandes proprietários do Ribatejo. É o vestuário tradicional dos senhores portuguêses.

A mulher portuguêsa famosa por sua beleza está muito bem representada pelas jovens de Vila Franca de Xira, possuidoras de olhos maravilhosos e dentes perfeitos que vivem a exibir em sorrisos que revelam sua alma alegre e encantadora.

dia do Senhor Santiago, no cais perto de Castanheira, ao lado do poético "Poiso de Emauz".

Logo seguiu em triunfo até Vila Franca, e assistiu a uma corrida de touros "à portuguêsa", esmagadoramente faustosa, onde se lidou a cavalo e a pé, tomando o povo parte na festa com entusiasmo frenético, chamando principalmente a atenção o tropel de verdadeiro esquadrão de "campinos", zagais de manada, que a cavalo, com suas garrochas ao ombro, à cabeça os longos barretes típicos e vestindo colête encarnado, honraram o real visitante.

Ficou a tradição com o apoio unânime da população, até converter-se, por assim dizer, na razão de ser de Vila Franca. A sua grande festa, em que tomam parte os campinos e todos os habitantes da vila. Uma vez por ano, em geral no mais belo domingo de julho, organizam uma grande festa, na qual toma parte tôda a população do Ribatejo e que trai a alta sociedade de Lisboa, que, por sua vez, arrasta consigo os seus hóspedes mais ilustres, príncipes, magnatas da indústria internacional, exmonarcas, estrêlas do cinema, etc.

Nesse dia, os rebanhos de touros da famosa criação de Dom José Van Zeller Pereira de Palha (cujos espécimes correm nos melhores redondéis para touradas de todo o mundo) são conduzidos a Vila Franca e "passeados" pelas ruas da localidade. Os homens, moços ou velhos, que se sentem capazes, desafiam os animais

Esse jovem português, brandindo um lenço vermelho, lança um desafio a tôda tropa de touros. Momento psicológico.. Podemos ler em muitos rostos a mesma pergunta: "Como isto vai acabar?". Porém o jovem "matador" está confiante e não tardará a segurar uma das feras pelo chifre, entre o aplauso geral. É uma luta apaixonante, onde entram apenas duas armas: — coragem e agilidade.

Com a "garrocha" ao ombro, o "campino" (ou zagal de manada) toca a própria cabeça com "barrete" de tricô de lã e veste colête vistoso, bordado a ouro. Utilizam o gorro como bôlso para guardar fumo, etc.

e essas "corridas" ou "touradas" de amadores se desenrolam por horas a fio, para delícia da ruidosa assistência... e nunca terminam sem que alguns, mais audaciosos, sofram ferimentos de certa gravidade.

Porém a assistência encoraja os valentes, premiando os mais ágeis com verdadeiras ovações, do alto das varandas floridas e das janelas enfeitadas com riquíssimas colchas de côres vivas, reinando em tôda a vila indescritível entusiasmo, segundo os leitores podem ter uma idéia pelas fotografias que publicamos.

Vila Franca de Xira, situada entre os montes e o Tejo recorda extraordinàriamente qualquer povoado espanhol das vizinhanças de Sevilha, entre o Aljarafe e o Guadalquivir...

Tudo, aliás, tem o perfume e as côres espanholas, o que o visitante sente de todos os ângulos de onde aprecie a paisagem, como também vivendo entre os habitantes dessa risonha vila portuguêsa. A vida do campo, a lida com os touros, os preparativos constantes para a festa "que vem" e os comentários da "que passou", enchem, por assim dizer, a vida dessa gente sadia, de côres fortes, riso franco, gesto airoso.

A própria "Festa dos Colêtes Encarnados", com o que de varonil apresenta, recorda os velhos costumes pamplônicos na exaltação das festas taurinas.

E, para completar, olhando-se um exemplar puro da velha criação dos Palha é o mesmo que ver um legítimo "miura" espanhol.

Os visitantes têm fome. A população da pequenina cidade fica quintuplicada nesse dia e todos querem comer. À beira do Tejo surgem dezenas de restaurantes provisórios, no interior das barcaças dos pescadores. Nessas cozinhas ao ar livre são preparadas petisqueiras inesquecíveis, especialidades da terra.

VESPAS E MARIMBONDOS

(Continuação da página 62)

Até mesmo uma espécie operária, que se encarrega exclusivamente da alimentação das rainhas da sua espécie vão com todo cinismo colhêr êsses manjares nas "caixas" dos outros marimbondos, esvaziando-lhes a despensa. Também os "berçários" são invadidos por inimigos mais ferozes e cruéis, que ou comem os pequeninos ou nêles introduzem seus próprios ovos, provocando assim a sua morte em apenas dois dias, em proveito da sua própria descendência. Entre êsses inimigos mais terríveis deve ser apontada uma pequena môsca ichneumo (Sphecophaga burra).

Outro indivíduo perigosíssimo é a espécie de vespa chamada Sphecodes.

São absolutamente incapazes de executar um trabalho honesto. Não podem carregar pólem porque não possuem "cesta" indispensável para isso. Nem precisam, porque desde cedo aprenderam (ou já nascem sabendo) como assaltar e roubar, em benefício de suas crias, os mais honestos e laboriosos cidadãos como, por exemplo, as pequeninas mamães da espécie chamada Halictus.

São os Sphecodes verdadeiros salteadores sanguinários. Se encontram a entrada da casa das Halictus defendida por um macho dessa espécie, o qual obstrui a "porta" com o próprio crânio (e só abre passagem quando sente na cabeça o "sinal convencional", desferido pela fêmea, que saiu para buscar alimento), retraí-se e volta em seguida para abrir uma passagem, violentamente, em outro local, pelo qual, traiçoeiramente, abre caminho pelo interior da caixa e vai assassinar, pelas costas, o guarda desprevenido. Após êsse crime hediondo vai depositar os seus ovos mortais nas células desprotegidas. E nada escapa. Nem a despensa onde rouba o pólem e o mel, nem os berçários onde destrói os filhotes.

Assim é a natureza. Bela, sempre renovada, porém tanto mais trágica quanto mais deslumbrante de côres e de formas.

Ninguém imaginaria, vendo êsses pequeninos animais, tão delicados e frágeis, que a sua vida fôsse o que é na realidade. Uma sucessão de pecados, de crimes e de escândalos sem nome...

★

— É por isso que sempre prefiro que êle venha com o pai!

★

DAR E RECEBER...

UM milionário norte-americano disse, certa vez:

"— É mais difícil gastar bem o dinheiro que guardá-lo."

Nessa frase está condensada tôda a atividade das célebres fundações beneficentes, criadas pelos dois homens mais ricos da América do Norte: a "Fundação Rockefeller" e a "Fundação Ford".

A "Fundação Ford" tem que enfrentar, constantemente, um problema, que considera primordial: **não deixar que se acumule inùtilmente o dinheiro que sobra segundo a segundo em suas caixas.**

De Henry Ford II dizem que tem sôbre a escrevaninha dois aparelhos telefônicos, um ligado diretamente com os seus estabelecimentos de Detroit e o outro com a direção geral da sua Fundação. No primeiro êle grita:

—**"Façam isto! Façam aquilo!"**; no outro repete com a mesmíssima constância: — "Gastem! Gastem! Gastem!"...

O MISTÉRIO das ESFERAS VERMELHAS

Romance de JOHN WYNDHAM

PARTE PRIMEIRA: "Quando se elimina o impossível, tudo aquilo que resta, mesmo improvável, tem que ser a verdade. Portanto..."

ERA quase meia-noite, durante a nossa lua-de-mel. O "Guinevere", que já singrava as águas das ilhas do Cabo Verde, Canárias e Madeira, dirigia-se para o norte, rumo aos Açores, quando presenciamos êsses fatos que, por absurdos que sejam, desafiam qualquer contestação.

Estávamos, eu e Phyllis, minha espôsa, respirando deliciados a doce brisa marinha, ambos reclinados no cordame; o mar, naquela noite de julho, estendia-se diante de nós como uma suave e sedosa planície clareada pela luz da lua, enquanto o navio deslizava como se fôra em um rio.

— Marte está me parecendo estranho, esta noite, não acha querido? Tenho até a impressão de que há qualquer coisa indecisa e nova na atmosfera...

Ao mesmo tempo chamou-me a atenção para um ponto vermelho, que surgira entre milhares de outros pontos brancos ou azulados, no céu; surpreendeu-me essa visão e ainda mais porque sei que a face de Marte é vermelha, **mas não tanto quanto me parecia naquele momento**. E asseverei que, na realidade, ela estava um pouco exagerada.

Ficamos observando o ponto vermelho, por algum tempo, até que Phyllis acrescentou, em tom de surprêsa:

— Mas que coisa estranha! Parece aumentar de volume! E agora surge um outro ponto, semelhante ao primeiro. Não pode ser... pois só existe um Marte!...

Na realidade, pude confirmar a aparição de um outro ponto, acima e à direita do primeiro. Estava, assim, procurando decifrar o mistério, quando de repente repontou um terceiro, à esquerda! E os três, como por magia, começaram a descer lentamente para a linha do horizonte, pincelando sôbre a esteira mansa das águas um rastro róseo que parecia dirigir-se diretamente para nós!

E, agora, mais dois surgiam, totalizando cinco; o centro de cada um dêles era fortemente avermelhado, com algumas partículas circundantes mais claras.

Êsses fantasmagóricos objetos cresciam vagarosamente, à proporção que se aproximavam, o que nos deu tempo para chamarmos algumas pessoas no salão. Mas até agora não podemos fazer qualquer idéia quer do seu tamanho, quer da distância em que se encontravam; não havia dúvida de que **continuavam a resvalar**, agora mais lentamente, **como se fôssem mergulhar no oceano**.

No momento em que um passageiro, ao meu lado, gabava-se de saber **tudo acêrca do fogo de Santelmo**, um dêsses corpos luminosos bateu contra as águas.

O indiscritível impacto fêz surgir do mar um jato róseo, que, depois de diminuir de altitude e de espalhar-se consideràvelmente, perdeu a côr primitiva, transformando-se numa simples nuvem branca à luz do luar.

Já começava a se tornar esparso o jato colossal, quando fomos surpreendidos pelo estrondo do impacto, ao mesmo tempo que outro fenômeno nos surpreendia: as águas adjacentes ao local do choque se enroscavam e ferviam numa danação tempes-

Começamos, nesta edição, a publicação dêsse romance de John Wyndham, autor de grande renome na Europa e na América do Norte onde conta várias centenas de milhares de leitores amantes do gênero excitante e misterioso. O "Mistério das Esferas Vermelhas" despertará no leitor todo o entusiasmo e interêsse desde as suas primeiras linhas, e estamos seguros de que ficará classificado entre os grandes romances já publicados por EU SEI TUDO, como Esfera de Ouro, A Nuvem rubra, o Grande Hesper, etc.

tuosa e febril. A seguir, uma a uma, as outras "bolas" tombaram, provocando a mesma bulha infernal e a mesma efervescência no mar, o que cessou, logo após a desaparição do vapor, restando apenas alguns trechos em que as águas continuavam agitadas.

Enquanto o "Guinevere" mudava de curso, a tripulação, quase em pânico, se apressava para entrar nos barcos e os homens se aprontavam para lançar à água os cinturões salva-vidas, tal era o terror reinante. O comandante, muito bem auxiliado pelos seus homens, conseguiu acalmar os passageiros e o navio, por quatro vêzes, cruzou a área onde se passara o fato. Não havia um só sinal do fenômeno; tudo como dantes: o mar calmo e sereno, refletindo o luar.

Na manhã seguinte, solicitei uma entrevista com o capitão do "Guinevere"; fiz-lhe ver que dentro em breve tinha que falar na E.B.C., e explicando que era muito importante relatar o que havíamos assistido na noite anterior.

— O senhor quer dizer... B.B.C., não é mesmo?

A E.B.C. era uma emissora recente, então; tive que explicar-lhe que não era a B.B.C., e sim a "English Broadcasting Company"; a minha intenção era justamente comparar a minha versão do fato com a que êle apresentaria ao Almirantado. Diante do paralelo estabelecido, conclui que substancialmente estávamos de acôrdo, pelo menos quanto ao número dos pontos avistados e da impossibilidade de se precisar a forma definitiva dos mesmos. Ao que me asseverou, baseado nas captações do radar, estava inclinado a crer que tudo aquilo não passava de aeronaves, naturalmente de tipo inteiramente desconhecido.

— Desejaria saber a sua opinião pessoal. Teria o sr. visto coisas dessa natureza, durante a sua vida de homem do mar? — indaguei.

— Não; nunca... Entretanto...

— Entretanto... — insisti, apressadamente.

— Contaram-me que no ano passado houve dois casos absolutamente idênticos a êste, durante a noite, e o outro em plena luz do dia; porém, um e outro no Pacífico, e não por êstes lados.

— E poderia o senhor, por acaso, dar uma explicação aceitável para êsse misterioso fenômeno?

— Não, nunca, pelo menos no terreno profissional; apenas devo relatar os fatos.

— E que pensa a respeito de uma pesquisa, a fim de apurar a verdade sôbre êsses estranhos acontecimentos? — perguntei, com uma certa preocupação.

O capitão baixou a cabeça, parecendo refletir, depois disse, filosòficamente:

— O mar é muito profundo, meu amigo. Uma longa e inatingível distância nos separa dêsse mundo de mistérios e assombrações. Como, pois, seria possível?

A nossa palestra ainda continuou por algum tempo, mas nada mais acrescentou o capitão. Registrei tudo o que vi, e mais tarde enviei uma mensagem para a "E. B. C.", em Londres, que na mesma manhã a transmitiu, não causando grandes surprêsas.

SEGUINDO seu curso normal o "Guinevere" chegou a Southampton, onde desembarcamos e tomamos imediatamente o caminho de nossa casa, em Chelsea. Dias depois apareci nos estúdios da "E.B.C." e verifiquei que eu tinha sido rebatizado com o nome de "O Granada de Mão", como estava escrito na correspondência recebida pela Rádio. Apanheí uma série de cartas, e levei horas e horas a esquadrinhá-las, em busca de alguma informação sôbre coisas semelhantes ao que havíamos presenciado. E, para espanto meu, uma delas continha certas referências a uma experiência nas Filipinas, o que logo identi-

Leiam "ALMANAQUE EU SEI TUDO", para 1956!

Tôdas as informações sôbre o Ano. Um romance completo, uma comédia para representar, distrações, testes, contos, artigos ilustrados, miscelânia, maravilhosas páginas a côres.

fiquei como sendo uma perfeita confirmação do que me narrara o capitão. Concluindo, apelou o missivista para que almoçássemos juntos, ocasião em que poderíamos conversar melhor.

Aceitei o convite. Começou esclarecendo que seu nome não era aquêle que subscrevia a carta e que fôra pilôto da R.A.F. durante a guerra.

— É muito interessante, como o senhor verá... — iniciou êle. — O fato é que fui considerado um alucinado; entretanto, caso os fatos venham demonstrar que **não houve tal alucinação**, acreditarei que exista razão para se fazer disso um segrêdo oficial.

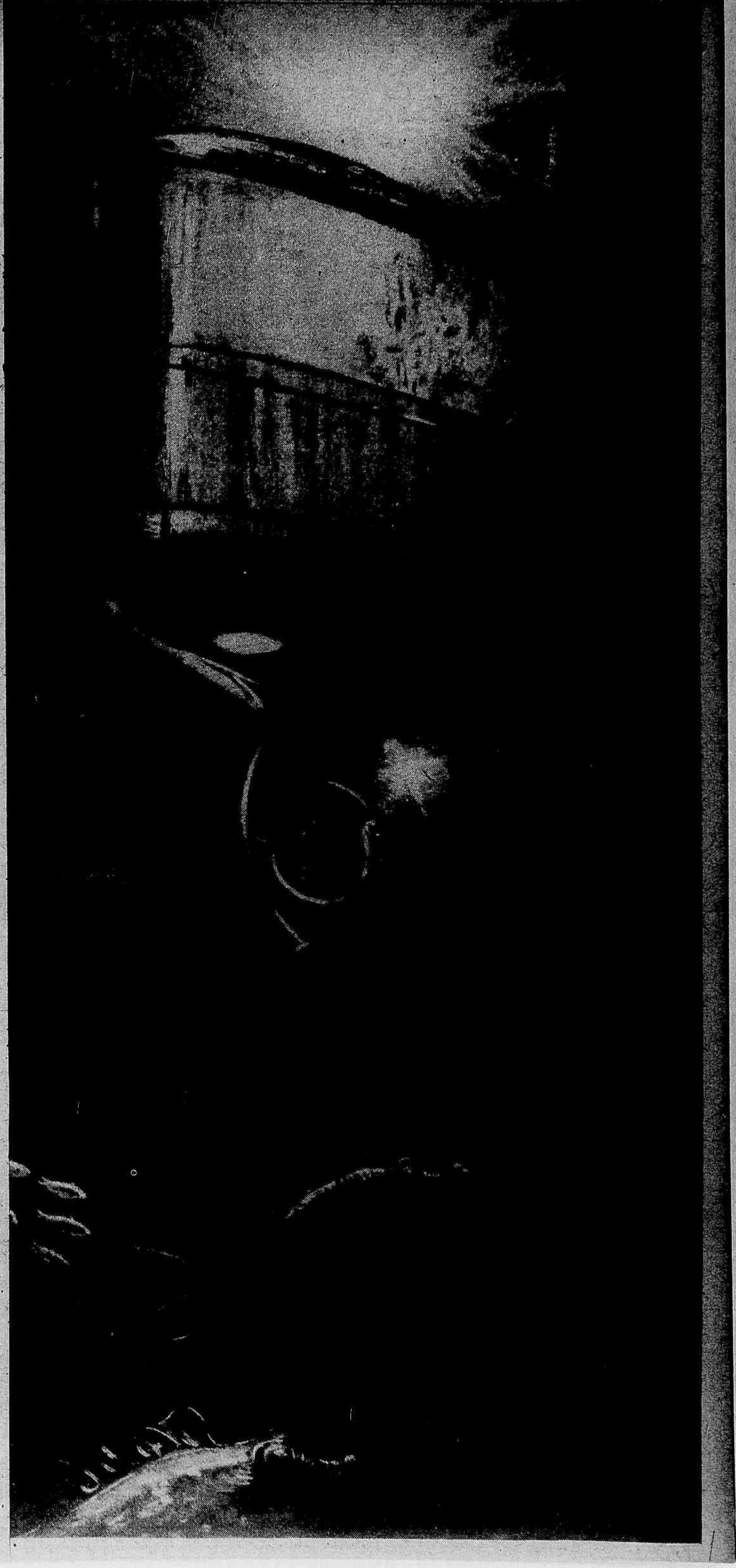
Concordei perfeitamente com a sua reflexão.

— Ainda hoje o espetáculo me preocupa — continuou êle. — E, se o senhor desejar coligir alguma prova que lhe possa interessar, estarei à sua disposição.

Disse-lhe que sim, ao que continuou sem se deter um só instante:

— Há uns três meses, eu realizava uma patrulha de rotina a umas duzentas milhas da costa oriental da Formosa, quando o radar denunciou a existência de estranhos objetos que logo a seguir se tornaram visíveis a ôlho nu e pareciam subir velozmente da região ocidental.

O antigo pilôto, depois de descrever a sua grande



— Esperem! Se não me engano há alguma coisa de anormal aqui por perto... Qualquer coisa de descomunal...

surprêsa, confessou que chegou a ficar receioso do que poderia acontecer, porém, logo em seguida, decidiu fazer uma investigação. O radar apontava os estranhos objetos numa carreira louca, em linha reta, um pouco acima e à frente do seu avião. Dentro de poucos minutos conseguiu voar sob êsses objetos, verificando, então, que os mesmos eram como três pontos brilhantes, mesmo à luz do sol e pareciam subir com uma incalculável rapidez. Tentou fotografá-los, mas nada conseguiu.

— Nesse momento — continuou êle — avisei à base que tinha à minha frente um estranho tipo de aeronave, inteiramente desconhecida, e que se a mesma não respondesse ao meu pedido de identificação eu tentaria atingi-la de qualquer maneira; a base respondeu concordando, mas recomendando-me, entretanto, muita cautela.

"Entretanto, logo que consegui uma maior aproximação, veio-me a dúvida sôbre se aquilo era ou não um aparelho aeronáutico. O certo é que tinha exatamente, a forma que o senhor mesmo descreveu pelo rádio: uma partícula rósea com um centro rubro; um verdadeiro sol em miniatura! Calculei que sua velocidade podia atingir uns setecentos quilômetros por hora. Resolvi, em seguida, aprontar-me para qualquer eventualidade; regulei o aparelho de radar e apontei a metralhadora para o ponto que estava mais próximo. Então, aconteceu o que jamais eu poderia esperar: a suposta aeronave explodiu logo à primeira rajada de metralhadora. E então aconteceu tudo aquilo que o senhor já teve oportunidade de assistir. Mas não foi só isso, porque, momentâneamente, perdi o contrôle e senti que o avião ia caindo; notei que mais da metade da asa esquerda havia sido levada pela fôrça do deslocamento de ar; foi, então, que apelei para o ejetor, que felizmente funcionou."

Refletiu por um momento, e continuou:

— Entretanto, parece que não estamos de acôrdo, pelo menos em dois pontos. Segundo a minha versão, os tais pontos eram extraordinàriamente rápidos, o que não acontece com a sua; e, além disso, está fora de dúvida que são extremamente vulneráveis, coisa que também o senhor não teve oportunidade de verificar.

DURANTE as semanas seguintes muitas outras cartas chegaram às minhas mãos, sem que, contudo, qualquer delas trouxesse maiores esclarecimentos; pouco a pouco surgiu uma suspeita de que os tais objetos eram... um monstro, um monstro como o conhecido Monstro de Loch Ness... Queriam com isso desmoralizar o assunto. Entretanto, dias depois, diversos observatórios astronômicos declararam, embora com reserva, que haviam visto corpos vermelhos cruzando o espaço a grandes velocidades; isto, naturalmente, concorreu para, mais e mais, chamar a atenção do público.

Nos meses seguintes as "bolas de fogo" continuaram a aparecer com as mesmas características das anteriores; porém isso já não era mais uma novidade. Sua existência era patente; surgiam, cruzavam o ar em grandes velocidades, e eram explosíveis ao contacto de um corpo sólido. Mas, de onde vinham? E para onde iam?

Isto, ninguém se aventurava a dizer!

Assim o tempo foi passando. Os navios e as bases navais deixaram de atingi-los, limitando-se apenas a registrar sua velocidade e direção. Ao contrário, tanto o Almirantado quanto o Quartel-General da R.A.F. passaram a preocupar-se com o assunto. Quanto a mim, na "E.B.C.", procurava o mais possível focalizar o assunto e ventilá-lo de maneira a interessar a todos os ouvintes. E não foi sem proveito, pois não tardou muito para que recebesse um convite do Almirantado para assistir a uma demonstração oficial sôbre as pesquisas até então realizadas, no tocante ao fato.

Leiam "ALMANAQUE EU SEI TUDO", para 1956!

O livro mais útil para tôdas as classes. Um manancial de informações sôbre o Ano. Do maior interêsse para tôdas as profissões. Adquira quanto antes o seu exemplar.

Recebeu-me o capitão Winter, que começou por desenrolar alguns mapas que tinha em mãos. Inicialmente, abriu um grande mapa-mundi, todo cruzado por finíssimas linhas, numeradas e datadas. À primeira vista tudo aquilo pareceu-me uma imensa teia de aranha. E, aqui e ali, havia pequenos pontos vermelhos, desenhados.

A seguir, o capitão Winter empunhou uma lente de aumento, colocando-a à altura da área que corresponde ao sudeste dos Açores.

— Eis aí a sua primeira contribuição — disse êle, apontando para o ponto em que se encontrava o "Guinevere", naquela noite de julho.

Através da lente, divisei um ponto vermelho com o número 5 escrito a seu lado, juntamente com a data em que eu e Phyllis presenciamos o fenômeno. Além dêsses haviam outros pontos, na mesma área, cada qual devidamente rotulado, formando um verdadeiro cordão, que se estendia para nordeste.

— Cada ponto representa a queda de uma dessas "bolas"? — indaguei.

— Uma... ou mais quedas — respondeu o oficial. — As linhas, naturalmente, só existem para indicar os fatos de que estamos informados, e que servem para estabelecer alguma relação. Que acha o senhor? Coloque-se por trás do mapa e veja a impressão de luz e sombra.

Não havia dúvida alguma.

— São áreas de concentração — disse eu.

— Exatamente! — afirmou o capitão Winter. — Existem cinco dessas áreas, tôdas elas de grande importância, além de muitas outras menores. A mais compacta dessas áreas está situada ao sudoeste de Cuba; as outras podem ser localizadas nas proximidades do Japão, Filipinas e Aleutas.

— Quer dizer que tôdas essas concentrações estão em profundas regiões submarinas?

— Sem dúvida alguma — respondeu-me. — E a prova disso está em que tôdas as descidas dêsses corpos, até agora registradas, ocorreram em regiões cuja profundidade vai além de 24.000 pés, e nunca nos pontos poucos profundos!

Depois disso, permanecemos, por algum tempo, num especulativo silêncio, que foi rompido quando o capitão Winter observou.

— O que mais me intriga é que êsses objetos só foram surpreendidos em movimento de cima para baixo, nunca em sentido contrário.

— Que tal a hipótese de serem êles de fabricação russa — sugeri.

— Não creio. Na verdade, os russos devem estar tanto ou mais preocupados com o fenômeno. É mesmo possível que pensem ser um segrêdo nosso!

— Quem sabe, então, se não provém de outro país?

— Isto não sei; mas que é um instrumento teledirigido não tenho a menor dúvida.

— Se não encontrarmos sua origem aqui mesmo, a que conclusões chegaremos?

— Essa espécie de solução não me interessa — respondeu o capitão, enfàticamente.

— Claro que ninguém gostaria de chegar a ela — disse eu — mas é permitido suspeitar de que êsses engenhos, vindos das profundezas, são produtos de uma técnica muito desenvolvida. Além do mais, o fundo do mar seria um lugar ideal para ocultar coisas dessa natureza, caso fôsse possível superar as dificuldades da pressão, que se exerce de cima para baixo...

— Exatamente.

— Agora, diga-me, capitão: que pretende fazer o Almirantado?

— Primeiramente, uma inspeção, numa das áreas, fato que deverá, por enquanto, estar fora de qualquer publicidade. Depois, um minucioso registro de tôdas as ocorrências. E já que o senhor tem revelado muito interêsse, creio que podemos encarregá-lo de acompanhar a a expedição?

(Continua no próximo número)

Leiam "ALMANAQUE EU SEI TUDO", para 1956!

Tôdas as informações sôbre o Ano. Um romance completo, umà comédia para representar, distrações, testes, contos, artigos ilustrados, miscelânia, maravilhosas páginas a côres.

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM SETEMBRO DE 1955

1 — QUINTA-FEIRA: — Na Argentina, o Congresso aprova o estabelecimento do estado de sítio para a província e cidade de Buenos Aires, enquanto jornais uruguaios e norte-americanos classificam como **manobra demagógica**, a atitude tomada pelo presidente Perón oferecendo renunciar. — O govêrno francês sugere a criação de uma organização internacional de desarmamento. — E a questão marroquina continua insolúvel; o novo residente-geral solicita ao Sultão Ben Arafa o abandono pacífico do trono. — Mais dois aviões egípcios derrubados sôbre território israelense. — O govêrno brasileiro solicita "agreement" para o sr. João Luís de Guimarães como embaixador no Paraguai.

2 — SEXTA-FEIRA: — O presidente Perón adverte a seus opositores que imporá a ordem a **qualquer preço**. — A fim de enfrentar a nova onda de violências na África do Norte, chegam à Argélia mais nove batalhões franceses. — Por outro lado, o gabinete francês coordena esforços objetivando a pacificação daquela região. — A nova paridade do cruzeiro está sendo objeto de conversações no Fundo Monetário Internacional. — Em Belgrado, o presidente Tito declara que a Iugoslávia jamais retornará à órbita soviética. — Enquanto Chiang Kai-Shek afirma que os preparativos militares para a invasão do continente chinês estão terminados.

3 — SÁBADO: — Apesar dos esforços da O.N.U., novos choques ocorrem entre tropas egípcias e israelenses na zona de Gaza. — Na Argentina entra em vigor o estado de sítio. — A "Central dos Trabalhadores do Chile" decreta a greve geral **por tempo indeterminado**. — É assinado em Moscou acôrdo aeronáutico entre a Rússia e a Iugoslávia, prevendo uma ligação direta entre os dois países. — Anuncia-se de Berlim que 2.500 membros da "Polícia do Povo", da Berlim Oriental fugiram para a zona ocidental durante os primeiros oito meses do ano em curso.

4 — DOMINGO: — A Turquia pede a suspensão das conversações de Londres, repelindo as reivindicações da Grécia sôbre a ilha de Chipre. — Após 11 dias de duração, cessa a greve dos funcionários públicos chilenos, em número de 50.000.

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS

Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93 - 95
Telefone 43-3966
End. Telegr.
«BANCOCIO»
Caixa Postal 833

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355
AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9
AG. S. CRISTÓVÃO: R. S. Luiz Gonzaga, 173
AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367
AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7
A. COPACABANA: Av. N.S. Copacabana, 1155
AG. MADUREIRA: Estrada da Portela, 44

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

— A artilharia-comunista chinesa bombardeia, durante três horas consecutivas, a ilha de Quemoy. — Egito e Israel aceitam a cessação das hostilidades, ao longo da fronteira, a partir das 18 horas. — O govêrno francês toma medidas contra uma vasta organização clandestina dos nacionalistas argelinos, acusando-a de haver obrigado os norte-africanos residentes na França a contribuir com fundos para os levantes antifranceses no norte da África.

5 — SEGUNDA-FEIRA: — O primeiro ministro do Egito revela que o govêrno de Israel solicitou desculpas ao seu país por uma incursão que ameaçou destruir o precário "cessar fogo" na faixa de Gaza. — Anuncia-se de Filadélfia que um caça a jato "Super-Sabre F-100-C", da Fôrça Aérea Norte-Americana, dirigido pelo cel. Hanes, estabelece novo recorde mundial de velocidade, com 1.323,100 quilômetros por hora. — As autoridades russas de Berlim entregam à França 2 dos 23 cidadãos franceses detidos na União Soviética. — Inaugura-se no edifício do "Diário de Notícias", de Lisboa, a exposição de livros da editôra brasileira "Globo", oferecidos ao Sindicato dos Jornalistas e à Casa da Imprensa.

6 — TERÇA-FEIRA: — Gravemente enfêrmo o embaixador do Brasil na França, sr. Caio de Melo Franco, sendo cancelada a recepção que ia ser dada por motivo da Festa Nacional brasileira. — A União Soviética se opõe a que uma conferência internacional determine a quem cabe a soberania sôbre as ilhas Kurilas e Sakhalinas do Sul. — Uma bomba explode diante do consulado turco na cidade grega de Salônica, perturbando as relações (recentemente melhoradas) entre a Grécia e a Turquia. — Em Washington, funcionários do Fundo Monetário Internacional recusam-se a comentar as notícias divulgadas pela imprensa, segundo as quais o Brasil estava considerando a desvalorização de sua moeda.

7 — QUARTA-FEIRA: — Graves manifestações antigregas na cidade turca de Izmir; em conseqüência, o govêrno turco proclama a lei marcial em Istambul, Ancara e na própria Izmir. — No Chile, a Câmara dos Deputados aprova projeto concedendo poderes extraordinários ao presidente Ibañez. — O govêrno húngaro decide reduzir suas fôrças armadas de cêrca de 20.000 homens, enquanto a C.G.T. resolve colocar tôdas as suas fôrças à disposição do exército, visando a criação de milícias civis para defender "as conquistas sociais ameaçadas pela oligarquia". — Nesta capital, realiza-se a grande parada militar comemorativa da Independência do Brasil.

8 — QUINTA-FEIRA: — O Equador pede ao Conselho da Organização dos Estados Americanos uma reunião de emergência "para tratar das supostas concentrações de tropas peruanas ao longo de suas fronteiras". — O chanceler da Alemanha Ocidental, Konrad Adenauer, chega a Moscou, a fim de realizar conversações com Bulganin sôbre o problema da unificação da Alemanha. — O encarregado dos ne-

Academia de Acordeon
MASCARENHAS
A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

Eu Era do CONTRA

"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosísmo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO

góçios do Peru em Washington desmente categòricamente que o seu país pretende agredir ao Equador. — E na Argentina, a situação continua muito tensa, o que pode ser percebido através de sucessivas nomeações e exonerações no seio das fôrças armadas. — A Câmara dos Deputados presta homenagem à memória do general Pinheiro Machado, por motivo do 40.º aniversário de seu falecimento.

9 — SEXTA-FEIRA: — A Iugoslávia se oferece como **mediadora** da questão entre turcos e gregos. — O presidente da Organização dos Estados Americanos, embaixador José Mora, do Uruguai, manifesta sua satisfação pela atuação das nações que garantem o "Protocolo do Rio de Janeiro", referente às fronteiras perúvio - equatorianas. O Equador, porém, insiste em que o seu território está ameaçado de invasão por fôrças peruanas. — A Inglaterra apoiará integralmente ao pedido da Itália para ingressar na Organização das Nações Unidas. — E na França, os desentendimentos entre operários e patrões provocam greves e "lockouts", em numerosas indústrias.

10 — SÁBADO: — Na conferência germano - soviética, o presidente Bulganin desmente a presença de prisioneiros de guerra alemãe na União Soviética, acentuando que "todos os prisioneiros almães foram libertados e repatriados". — A França disposta a conceder, embora parcialmente, a "independência" a Marrocos mediante um novo pacto destinado a estabelecer a "paz definitiva". — Nomeado novo embaixador do Uruguai no Brasil o sr. Juan Antonio Vieira, antigo secretário-adjunto do Ministério das Relações Exteriores. — Em conseqüência de um desastre de aviação nos arredores de Pedra Azul, em Minas Gerais, morre, tràgicamente, o senador Lúcio Bittencourt, candidato ao govêrno de Minas Gerais.

11 — DOMINGO: — O chanceler Adenauer declara aos embaixadores das três

potências ocidentais "já ter havido acôrdo entre êle e os dirigentes soviéticos quanto à continuação das relações permanentes entre Bonn e Moscou". — No Cairo, fortíssimo tremor de terra sacode o delta do Nilo, matando 18 pessoas. — Falando a deputados norte-americanos, o sr. Khruchtchev qualifica de "ridículo" o mêdo dos Estados Unidos de abolir as restrições no comércio com a União Soviética. — Londres estuda a proposta para a admissão da Noruega na "Comunidade Britânica".

12 — SEGUNDA-FEIRA: — A Assembléia Nacional da Turquia resolve prolongar por seis meses o estado de sítio nas províncias de Istambul, Izmir e Ancara. — E nos Estados Unidos, a "Associação Internacional dos Marítimos" ordena a paralisação dos trabalhos em todos os portos do Atlântico, em apoio à greve dos doqueiros de New York. — Um grupo de setenta civis hindus, armados, realizam dois ataques seguidos contra o pôsto fronteiriço goano de Oanconen. — De Paris informam que o embaixador Caio de Melo Franco continua melhorando. — É assinado decreto criando o Colégio Militar de Belo Horizonte.

13 — TÊRÇA-FEIRA: — Concluídas as negociações germano-soviéticas com um acôrdo para o estabelecimento das relações diplomáticas normais entre os dois países. — Também termina, em Bruxelas, a Conferência Interafricana do Café, destinada a estabelecer uma Federação de Produtores de Café. — Buenos Aires entra no seu décimo primeiro dia de estado de sítio, parecendo que o govêrno conseguiu realmente dominar a situação. — A Comissão Militar de quatro membros está fazendo o reconhecimento aéreo do terreno, na fronteira perúvio-equatoriana. Acredita-se que tal fato seja decisivo para a solução da rumorosa disputa. — Falece o sr. ministro João Paulo Barbosa Lima.

Um concurso diferente!...

PEDIMOS AOS SRS. COMERCIANTES INFORMAREM AS SUAS FREGUESAS E FREGUESES

Cr$ 10.000,00 P/ OS CONSUMIDORES — 176 DÚZIAS DE ÓLEO DE CEDRO P/ OS COMERCIANTES QUATRO VÊZES POR ANO

Coloque num envelope 1 rótulo de ÓLEO DE CEDRO acompanhado de seu nome completo e endereço, assim como o local em que foi comprado o vidro de óleo, RUA E NÚMERO. Remeta a carta para:

«CONCURSO DO «ÓLEO DE CEDRO» — Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio de Janeiro.

Com esta carta a pessoa estará habilitada ao sorteio que se realizará no dia 29-12-55, às 21,30 horas da noite na Rádio Vera Cruz.

Serão distribuídos os prêmios seguintes: PARA OS CONSUMIDORES: 25 prêmios de Cr$ 50,00, 1 prêmio de Cr$ 250,00, 1 prêmio de Cr$ 500,00, 1 prêmio de Cr$ 1.000,00, 1 prêmio de Cr$ 2.000,00 e 1 prêmio de Cr$ 5.000,00.

PARA OS PROPRIETÁRIOS DAS CASAS COMERCIAIS QUE VENDEM O NOSSO PRODUTO: 25 prêmios de 1 dúzia de ÓLEO DE CEDRO, 1 prêmio de 40 dúzias e 1 prêmio de 100 dúzias, tudo correspondente aos prêmios dados aos consumidores.

Tôdas as cartas recebidas serão colocadas no Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias do Concurso, quando estão um Cego, contratado pela Rádio, irá escolhendo as cartas e serão premiadas.

O MÁXIMO DE HONESTIDADE NUM CONCURSO DIFERENTE!...

O resultado dêste concurso será publicado em diversos jornais e revistas, inclusive na Revista do Rádio.

Quaisquer informações na Av. Rio Branco, 137 — sala 616

Telefones: 22-9415 e 32-8309

14 — QUARTA-FEIRA: — Regressa a Bonn o chanceler Konrad Adenauer, que é recebido como um herói, por haver obtido a promessa soviética de libertação dos prisioneiros alemães ainda retidos na União Soviética. — O ex-primeiro ministro britânico, sr. Clement Attlee, anuncia a sua retirada da vida pública. — O general Lucero regressa inesperadamente das manobras de artilharia que se realizam em Cordoba, a fim de conferenciar com o presidente Perón. — O govêrno de Israel adverte ao Egito que tomará "as medidas que julgar necessárias para manter aberto o estratégico gôlfo de Aqla". — E na Conferência Mundial do Cacau prosseguem os debates sôbre os meios de aumentar a produção.

15 — QUINTA-FEIRA: — Anunciado para breve o plano francês para a pacificação em Marrocos. — O Banco de Exportação e Importação assina com os representantes do Brasil acôrdo pelo qual o Banco concede um empréstimo de cinco milhões de dólares ao Estado de Minas Gerais, para a aquisição de máquinas e equipamentos agrícolas. — E na argentina, continuam as modificações no seio do go-

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNISSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

PRINCIPE
Hotel

Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SAO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

vêrno, enquanto as atividades dos partidos estão reduzidas ao mínimo, em conseqüência do estado de sítio. — Não obstante a sua política pró-paz, a União Soviética se propõe a fornecer equipamentos para o incipiente exército austríaco. — Em vista da atmosfera de crise ministerial, reinante na Grécia, os soberanos dêsse país desistem de sua visita à Áustria.

16 — SEXTA-FEIRA: — Novo movimento revolucionário irrompe na Argentina, tendo como foco principal a cidade de Cordoba. — Fôrças do exército e da marinha participam da rebelião. — O govêrno anuncia que tropas legalistas marcham contra os redutos em poder dos revolucionários. — E enquanto parte do exército exige a renúncia do presidente Perón, a C.G.T. decide constituir milícias populares visando a defesa do regime vigente. — Segundo comunicado dos revolucionários, as províncias de Cordoba e Bahia Blanca estão em poder dos rebeldes. — Uma emissora revolucionária revela que fôrças militares do exército rebelde dominam Puerto Belgrano e Entre Rios, além da base naval de Rio Santiago.

17 — SÁBADO: — Na Argentina, fontes governamentais anunciam que tropas legalistas ocuparam as bases de Rio Santiago e Curuzu Quartia e que poderosas fôrças convergem sôbre Cordoba e Bahia Blanca. Por outro lado, os rebeldes desmentem as notícias governamentais, anunciando vitórias. E revelam ainda que, além da marinha de guerra, também o II exército aderiu ao movimento subversivo contra o govêrno de Perón. — Os navios que integram as flotilhas fluviais argentinas estão a 5 milhas do pôrto de Montevidéu e esperam a chegada da frota de alto-mar para iniciar a marcha sôbre Buenos Aires. — A União Soviética promete para breve a devolução à Finlândia da base militar de Porkkala.

18 — DOMINGO: — Perdendo o apoio das fôrças armadas, o presidente Perón resolve renunciar, o mesmo fazendo os seus auxiliares imediatos. — O chefe do Govêrno argentino tenta negociar com os rebeldes por intermédio do general Lucero; é exigida, porém, a rendição incondicional. — É assinado em Moscou novo "tratado de amizade e ajuda mútua" entre a Finlândia e a União Soviética. — E na Argélia, não obstante a forte repressão levada a efeito pelas tropas francesas, aumentam as atividades dos nacionalistas argelianos. — Na Argentina é designada uma junta composta dos generais Carlos Wirth, Angel Manni e Emílio Forcher, para entrar em contacto com os revoltosos. — Desconhecido o paradeiro do ex-presidente Perón. É ordenada a **cessação de fogo** em todo o país.

19 — SEGUNDA-FEIRA: — Calcula-se que houve 1.200 mortes nas ações militares da Revolução Argentina. — Em virtude da renúncia do presidente Perón, assume o poder o chefe da Junta Militar, general José Domingo Molina. — O govêrno de

Bonn estabelece relações diplomáticas com a União Soviética. — A queda do regime peronista provoca imenso júbilo popular. — Enquanto isso, o secretário geral da Confederação Geral do Trabalho, sr. Hugo di Pietro, faz um apêlo a todos os trabalhadores para que se mantenham tranqüilos e aceitem ùnicamente as ordens da C.G.T.

20 — TÈRÇA-FEIRA: — Depois de enérgica ameaça dos rebeldes (que já se preparavam para reiniciar as hostilidades) a junta de generais que assumiu o poder resolve dirigir-se para bordo do cruzador "Argentina", para tratar com os revolucionários, da pacificação do país. — O ex-presidente Perón, após passar algumas horas na Embaixada do Paraguai, como exilado, embarcou, em companhia do embaixador dêsse país na canhoneira "Paraguai", surta no pôrto. Os rebeldes ordenam a detenção da canhoneira, a fim de evitar a fuga de Perón. — O sr. Hugo Pietro, secretário-geral da C.G.T., é prêso por ordem do comando revolucionário, enquanto membros daquela organização percorrem, armados, as ruas de Buenos Aires.

21 — QUARTA-FEIRA: — Capitulação incondicional da Junta Militar que substituiu o ex-presidente Perón. — O general reformado Eduardo Lonardi, católico devoto e adversário do govêrno peronista desde 1950, é designado presidente provisório. — O Almirantado britânico anuncia que um destacamento de marinheiros e fuzileiros navais do torpedeiro "H. M. S. Vidal" tomou posse da ilha Rockal, a mais ocidental do grupo das Hebridas. — Os juizes federais da Argentina ordenam a libertação de todos os presos políticos, marchando para a normalidade a vida em Buenos Aires.

22 — QUINTA-FEIRA: — O general Lonardi, chefe do Govêrno-Provisório, decreta a dissolução do Congresso Nacional, composto quase em sua totalidade de elementos peronistas. — Enquanto prosseguem as prisões de colaboradores imediatos do presidente deposto, ocorrem graves manifestações anti-peronistas em várias cidades do país. — E em Paris, o primeiro ministro Faure apresenta ao Gabinete um plano para debelar a rebelião na Argélia. — A Assembléia Geral das Nações Unidas recusa a inscrição da questão de Chipre na ordem do dia. — Os antigos empregados do jornal "La Prensa" reocupam o edifício do referido órgão, em meio aos aplausos da multidão que enche a rua.

23 — SEXTA-FEIRA: — O general Eduardo Lonardi presta juramento como presidente provisório da República "para o desempenho da missão que lhe foi conferida pelo movimento revolucionário libertador". — Ordenada a prisão de todos os ex-senadores e ex-deputados peronistas. — O govêrno do Peru reconhece o novo regime da Argentina. — Mensagem privada do premier da Rússia, marechal Nikolai Bulganin, ao presidente Eisenhower, dá a entender que a União Soviética **"pode aceitar o plano para o intercâmbio de informações militares proposto pelos Estados Unidos."** — É muito grave a situação na Bolívia, por causa da greve geral que paralisa a indústria e o comércio em La Paz e Cochabamba. — A França não oporá dificuldades para reconhecer o novo regime argentino "sempre que êste tenha domínio real do território de seu país e reconheça a política exterior do regime deposto".

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPATICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. .....

NOME.....

RUA..... Nº. ....

CIDADE.....

ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

24 — SÁBADO: — Na Argentina prossegue a constituição do novo govêrno com a nomeação do contra-almirante Isaac Rojas para vice-presidente e a indicação de nomes para os vários ministérios. — O presidente provisório assina o salvo-conduto para que o ex-presidente Perón possa sair do país. — Os governos do Brasil, Santa Sé e Venezuela reconhecem oficialmente o novo govêrno argentino. — A China Comunista insiste em seus propósitos de ingressar na Organização das Nações Unidas, enquanto o govêrno francês anuncia que suas tropas mataram 50 membros do exército de Libertação Nacional argeliano. — O presidente Eisenhower sofre ataque benigno de **trombose coronária**.

25 — DOMINGO: — Em Buenos Aires iniciam-se as investigações tendentes a apurar as vultosas fortunas dos ex-dirigentes peronistas. — O general Lonardi promete ao secretário-geral da C.G.T. a manutenção integral das leis trabalhistas. — Terroristas marroquinos voltam à ação contra os franceses; enquanto isso, aguarda-se a aplicação do plano pacificador elaborado pelo govêrno francês. — Por decisão das quatro grandes potências é pôsto em liberdade o ex-almirante Erich Rader, o organizador da esquadra nazista, que fôra condenado a prisão perpétua pelo Tribunal de Nuremberg. — E, finalmente, depois de aguardar vários dias, deixa o pôrto de Buenos Aires a canhoneira "Paraguai", que leva a bordo o ex-presidente Perón.

26 — SEGUNDA-FEIRA: — A enfermidade do presidente Eisenhower provoca a mais séria baixa da Bôlsa de Valores já registrada desde 6 de novembro de 1929. A queda representou uma perda de quase 7 bilhões de dólares em papel e em lucros reais, e veio acompanhada pela maior atividade nas transações em muitos anos. — O diplomata Abelardo Bretanha Bueno de Prado, novo embaixador do Brasil na Alemanha Ocidental, apresenta credenciais ao presidente Theodor Heuss. — Nove pessoas são detidas, em Bogotá, "por desacato à pessoa do presidente da Colômbia". — França, Irlanda, Cuba e Iraque reconhecem oficialmente o novo govêrno argentino.

27 — TERÇA-FEIRA: — O Paraguai e o Equador favoráveis à admissão da Espanha na O.N.U. — Aceito pelo Egito o oferecimento da Rússia para a venda de armas. — O general Lonardi reafirma que o seu govêrno durará sòmente "o tempo indispensável para restabelecer a ordem jurídica na Argentina" e acrescenta que as eleições serão convocadas "quando os instrumêntos e elementos eleitorais estiverem preparados". — O govêrno francês concede a Grã-Cruz da Legião de Honra "post-mortem", ao embaixador Caio de Melo Franco, recentemente falecido em Paris. — O presidente Eisenhower continua a melhorar satisfatòriamente. — Anuncia-se, oficialmente, que o govêrno provisório da Argentina já foi reconhecido por 35 países.

28 — QUARTA-FEIRA: — Buscas realizadas na casa residencial do ex-presidente

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Av. da Liberdade, 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo

À venda nas livrarias do Rio e São Paulo

EM PORTUGAL — À venda na Livraria Clássica Editôra
Praça dos Restauradores Nº 17 — LISBOA

Perón revelam a existência de fabulosa fortuna: vinte milhões de dólares, cento e trinta e seis milhões de pesos, uma caixa com barras de ouro, doze automóveis. — Não obstante os esforços em sentido contrário, prossegue a corrida armamentista no Oriente Próximo, enquanto o Egito informa que pretende obter armamentos da Rússia e da Tchecoslováquia, Israel dá a entender que pode pedir aos Estados Unidos "qualquer quantidade de armas para contrabalançar os armamentos que os comunistas venham a enviar para o Egito.

29 — QUINTA-FEIRA: — O primeiro ministro francês declara que pedirá a retirada da França da O.N.U. "se a Assembléia Geral das Nações Unidas decidir debater a questão da Argélia". — Ruidosas manifestações ocorrem na ilha de Chipre contra o domínio britânico provocando a intervenção de fôrças inglêsas. — Reina completa paz em todo o território argentino... porém, continua em estudos o pedido de "salvo-conduto" para o presidente Perón. — A França contrária à reconciliação do ocidente com a Rússia "se isto significar a dissolução da Organização do Tratado do Atlântico Norte e a retirada das tropas norte-americanas da Europa". — Em Marrocos, aguarda-se, a todo instante, a abdicação do Sultão Ben Arafa; sua partida para o destêrro representará o início do plano de pacificação francês.

30 — SEXTA-FEIRA: — Por 28 votos contra 27 e 5 abstenções a Assembléia Geral da O.N.U. decide incluir no temário de seu décimo período de sessões o problema da Algéria, apesar da ameaça da França de abandonar a organização, se tal medida fôsse aprovada. — Revela-se que os EE.UU., Inglaterra e França satisfarão qualquer exigência razoável da Rússia sôbre garantias de segurança da Europa em troca da reunificação da Alemanha. — O sultão de Marrocos envia à Residência Geral uma declaração anunciando que consente no seu afastamento do trono.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ BULAS
★ FOLHETOS
★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

QUEBRA-CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETARIO

ANO XXXIX — N.º 6 — NOVEMBRO — 1955
DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

QUARTO TORNEIO

OUTUBRO — NOVEMBRO — DEZEMBRO

ENIGMAS

A confrade Heron Silpes:

— 59 —

Impedi certo malvado
De espancar pobre criança,
Pois, sendo um tipo tarado,
Jamais guardou na lembrança
A sua triste meninice
Completa de trapalhadas
E de muita sem-vergonhice
Que lhe meteu em embru-
[lhadas.
Brutos, assim, sem iguais
Que nada pode valer.
Combate contra animais
É que desejava ver.
Onde?

Mavicaro (Recife)

— 60 —

Na cara da lua enfadada
A inveja manchas pintou,
Quando tua face **rosada**
Para a lua se voltou.
Onde?

Bastão de Baco (P. Alegre)

— 61 —

Napoleão, boa-bôca,
Diz que não dorme de touca:
"Caiu na rêde é cação."
Rezando nessa cartilha,
Um beijo na maltrapilha
Lascou com **intensa** emoção.

Tonnew (Cascadura)

— 62 —

Levou desmedida surra
E tem calma e até se expande,
Certo indivíduo caturra
Que tem o **pé muito grande.**

Gil Vírio (Andradina)

— 63 —

Caso veja aí na fruta
Algum bicho-de-taquara,
Não se espante e nem discuta
Pois não será **coisa rara.**

El Príncipe (Uberaba)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

64 — Duas-duas — Para a **cadeia**, é lei **enérgica**, devia ir todo o funcionário que demonstrasse **excesso** de autoridade.

Segon (Rio)

65 — Duas-uma — Por causa do êrro no **cálculo** que fiz **contigo** levei uma **surra.**

Simplícia e Simplória (Recife)

---

66 — Uma-duas — Só por **conveniência** eu **falo** em público, pois, não sou **esbanjador** de palavras.

P. Del Debbio (S. Paulo)

---

67 — Duas-duas — Apostei uma **bilha** num **jôgo** com um sujeito **baixo e grosso** e ganhei.

Oarcim (Rio)

---

68 — Três-duas — Um **môlho picante** de ação **forte**, é um verdadeiro **castigo.**

Ismênia (Recife)

A confrade Heron Silpes:

69 — Três-duas — Use sempre o termômetro para saber a **graduação** e a **baixa temperatura** em caso de febre, conseqüência de **resfriamento.**

Mavícaro (Recife)

---

70 — Uma-duas — **Afastado da convivência** dos amigos, o **sujeito** inteligente despreza a

APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

sociedade para viver absolutamente só.

Joaquim Adornelas Pimentel

---

71 — Duas-duas — Marque seu lugar e estatele-se no chão duro.

Florentino (João Pessoa)

---

72 — Duas-uma — Esta espécie de rêde de arrastar causa dificuldade ao pescador.

Debrito (Recife)

---

73 — Duas-duas — A fabricação de moedas é tão rápida que chego a ficar de queixo caído; o que deve ser pela perfeição do feitio das moedas.

Champollion (Pôrto Alegre)

---

74 — Duas-três — Além de comilão, vive pelas mesas de jôgo, aquêle carpinteiro ordinário.

Dr. Legnar (Urupés)

---

75 — Duas-uma — Depois de praticar o crime, onde se escondeu o criminoso?

Audas (Passos, M.G.)

---

76 — Duas-duas — A colcha de lã superior não foi feita para indivíduo ridículo.

Segon (Rio)

---

77 — Duas-uma-cinco — O professor, na "participação" das solenidades saudou o mestre-sala.

Eva Dio (Rio)

---

78 — Duas-duas — Não há obstáculo em acreditar e prender um criminoso.

Iza Abel (Rio)

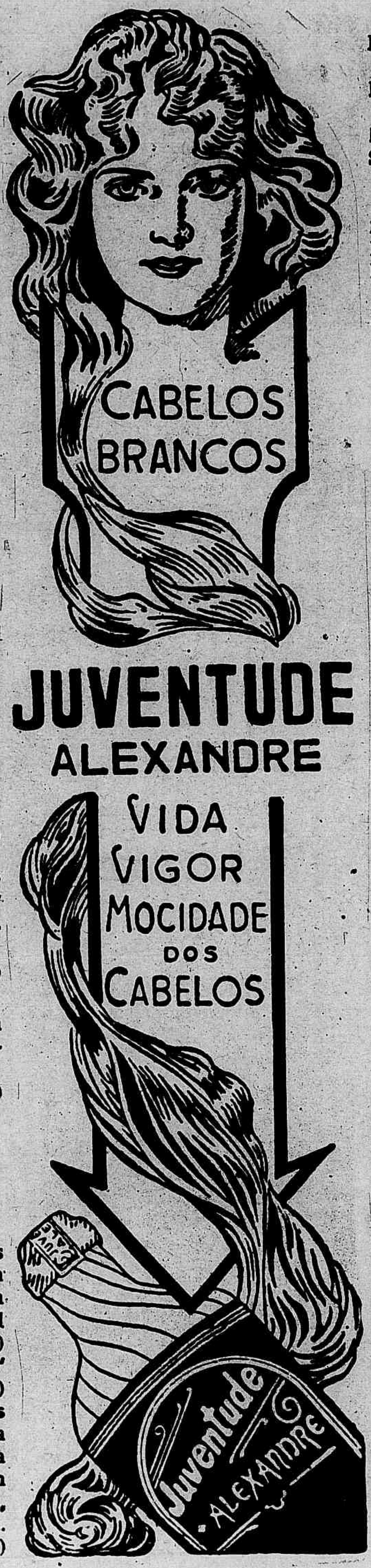
★

LOGOGRIFOS

— 79 —

A comoção (3-1-8-6-12-2) mais
[pura (12-3-9-10-3) em minha
[vida
Senti-a quando após cruel
[ausência, (7-2-6-10-3)
Volveste ao nosso lar, "mulher"
[querida, (1-11-4-8-6-10-5)
"Para" (7-11-6-12-3) nas rudes
[(10-2-6-1-3-12) trilhas da
[existência
Prosseguirmos a marcha com
[firmeza,
Unidos na alegria e na tristeza.

J. D. Mingo (Botucatu)



— 80 —

Lá na gíria, tomba no calçade
— 6-8-5-4-2-8
De trampolineiro é manha —
3-4-5-8-6-7-1
No dicionário tenho achado,
Ser uma espécie de piranha.
6-8-5-8-2-4-7-6-1.

É uma frase bem complicada,
De conceito muito impróprio.
Não tenham susto a embru-
[lhada — 3-1-6-4-7-8
Está na chave moto-próprio.

Dr. Legnar (Urupés)

★

CHARADAS CASAIS

81 — Três — Mau agouro não me torna enfezado.

Tartarin (Itajubá)

---

82 — Três — O amigo verdadeiro identifica-se na adversidade.

Sefton (Rio)

---

83 — Quatro — Não foi notada a troca do remédio indicado.

Seamva (Santos)

---

84 — Três — Casas ordinárias, muito sujas, cheias de trastes velhos.

Tonnew (Cascadura)

---

85 — Duas — É comum encontrar-se aquela erva em lugar plano.

Rafinha (Pôrto Alegre)

---

86 — Três — Agita-se a bandeira no fragor da luta.

Ruvina (Pôrto)

---

87 — Três — Homem estúpido e gastador de dinheiro.

P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

---

88 — Três — Qualquer médico da roça receita sulfêto de chumbo.

Darwinho (Rio)

---

89 — Três — Tem facilidade de convencer o indivíduo tratante.

Mag, ACCB (Salvador)

---

90 — Três — Aprecio muito colheita de cocos.

KTQZ (S. Paulo)

---

91 — Três — Todo artista se sente orgulhoso de ter pro-

luzido uma obra grandiosa.
José Coelho Vieira (Maceió)

92 — Cinco — Minha vizinha, por ser precipitada, teve um imenso desgôsto.
Gil Virio (Andradina, S. Paulo)

93 — Quatro — Indivíduo servil mostra que é pessoa que se sujeita à punição.
Gilberto Rosas (Caruaru, Pe.)

94 — Três — No recinto da Academia, os "imortais" são obrigados a usar a faixa simbólica.
Conselheiro (G. G. do N.)

★

CHARADAS SINCOPADAS

95 — Três (duas) — A mancha luminosa no disco da lua, foi fotografada em grande estilo.
Uedath (Niterói)

96 — Três (duas) — Fiquei satisfeito com o indício achado.
Seamva (Santos)

97 — Três (duas) — Enorme chaminé de candieiro.
Tonnew (Cascadura)

98 — Três (duas) — Trabalho grosseiro eu considero coisa insignificante.
P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

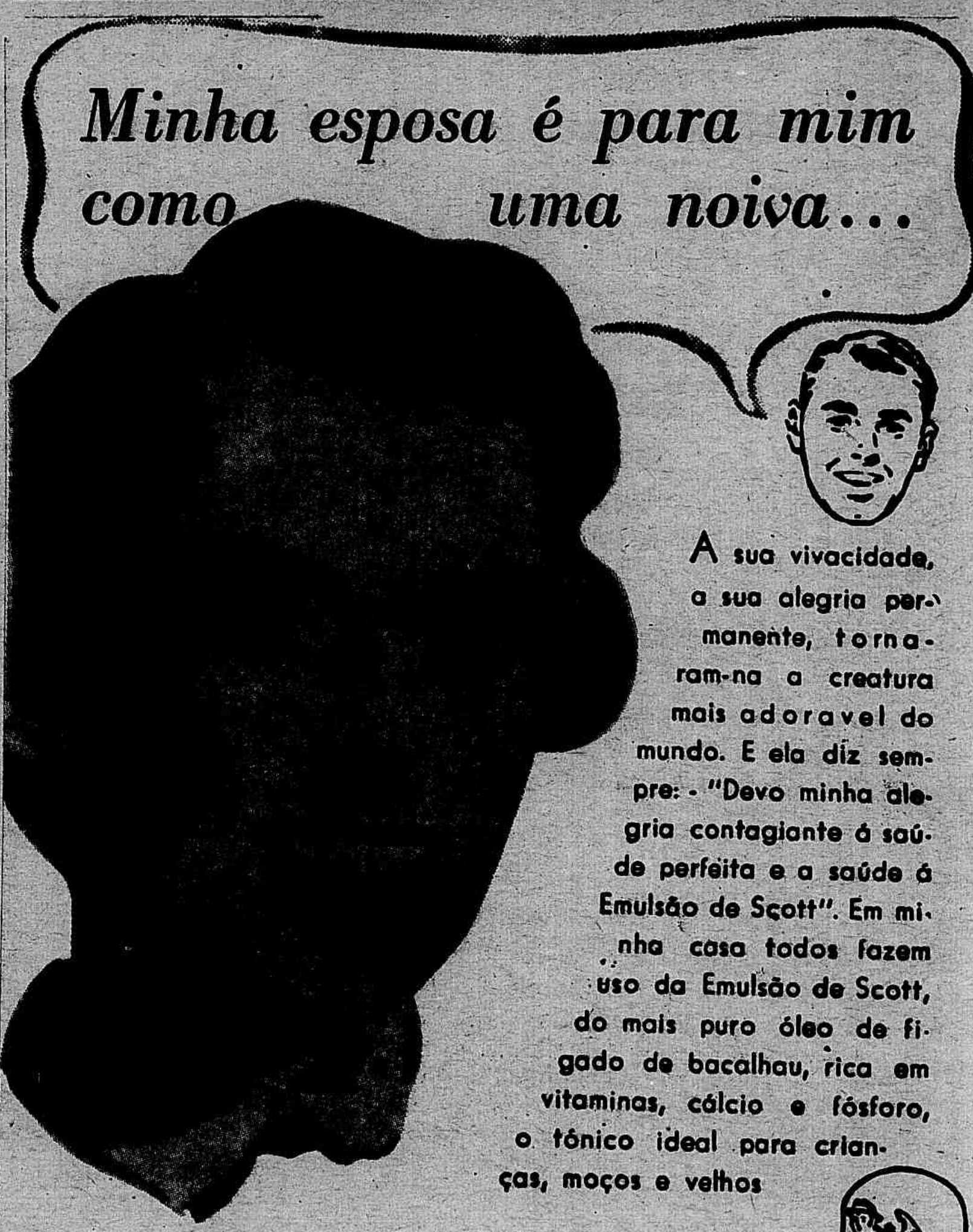
99 — Três (duas) — Aquêle tipo submetido a uma ação judicial, foi absolvido.
Oarcim (Rio)

100 — Três (duas) — Nunca devemos enganar a quem se gosta muito.
Meg, ACCB (Salvador)

101 — Três (duas) — O calor excessivo da paixão, queima o entendimento.
José Coelho Vieira (Maceió)

102 — Três (duas) — Todo indivíduo importuno não traz nenhuma recomendação.
José Pereira de Oliveira (M.G.)

103 — Três (duas):
Pensando no que já disse,
Foi que vi quanta tolice,
De minha bôca escapou.
Escolhe as palavras, pois,
E haverás de ver, depois,



O quanto a escolha ajudou.
Gomes Jr., CEC (Maceió)

---

104 — Três (duas) — Qualquer serviço em terra mole precisa ser bem feito.
Gil Vírio (Andradina, S. Paulo)

---

105 — Três (duas) — Pobre diabo! Foi prêso porque roubou a rapariga.
Gildo Rosa (Caruaru - Pe.)

---

106 — Três (duas) — O velhaco furtou um pedaço de fazenda que tinha apenas três quartos do palmo.
Tia Joana (Caruaru - Pe.)

---

107 — Três (duas) — Parafuso a carroça e mando-a para a roça.
Dr. Kean (S. Paulo)

---

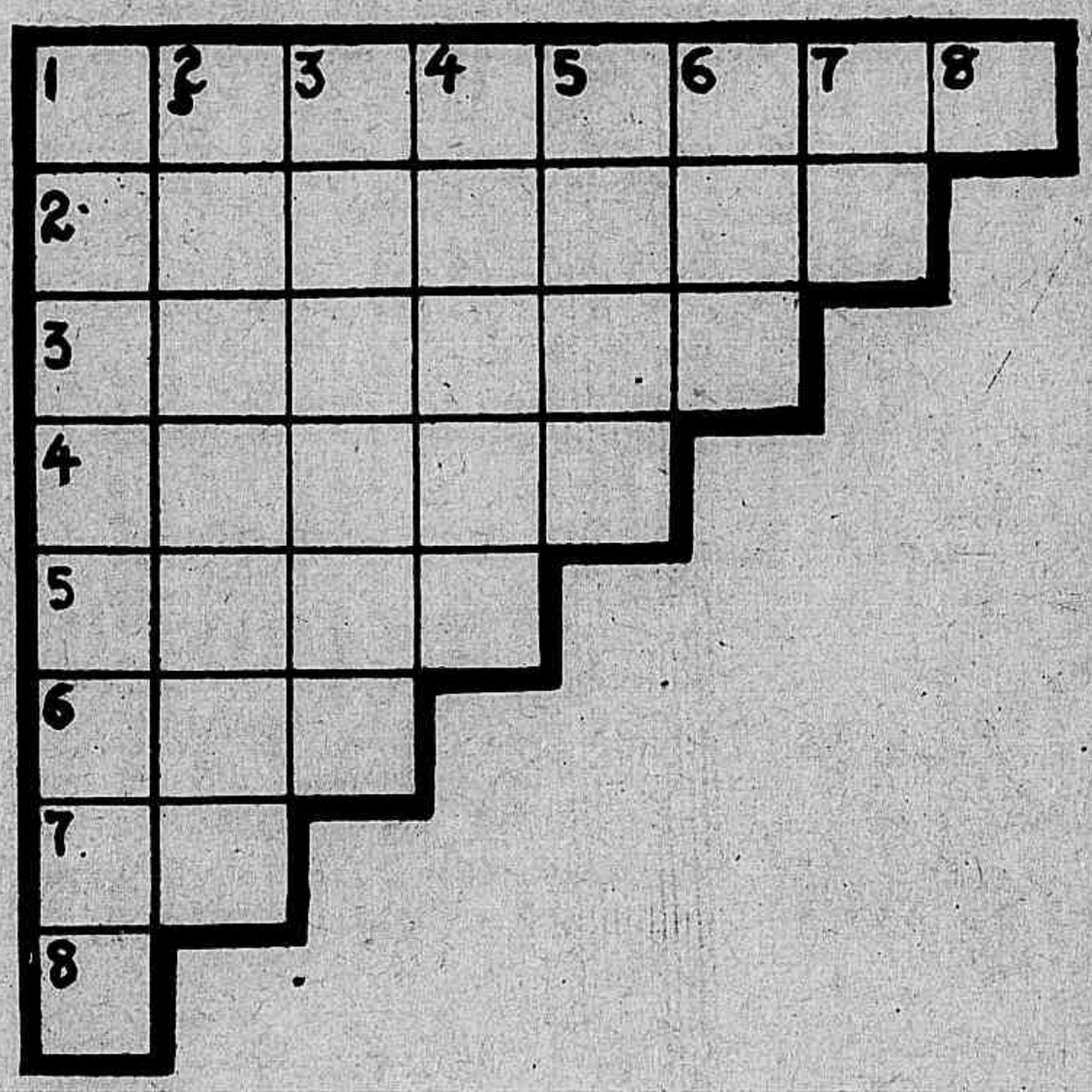
108 — Três (duas) — Pessoa hipócrita sempre acaba mal.
Coringa (Rio)

AGORA
elegantes modêlos em sola fina

Calçado
SOUTO

Conforto máximo
Garantia absoluto

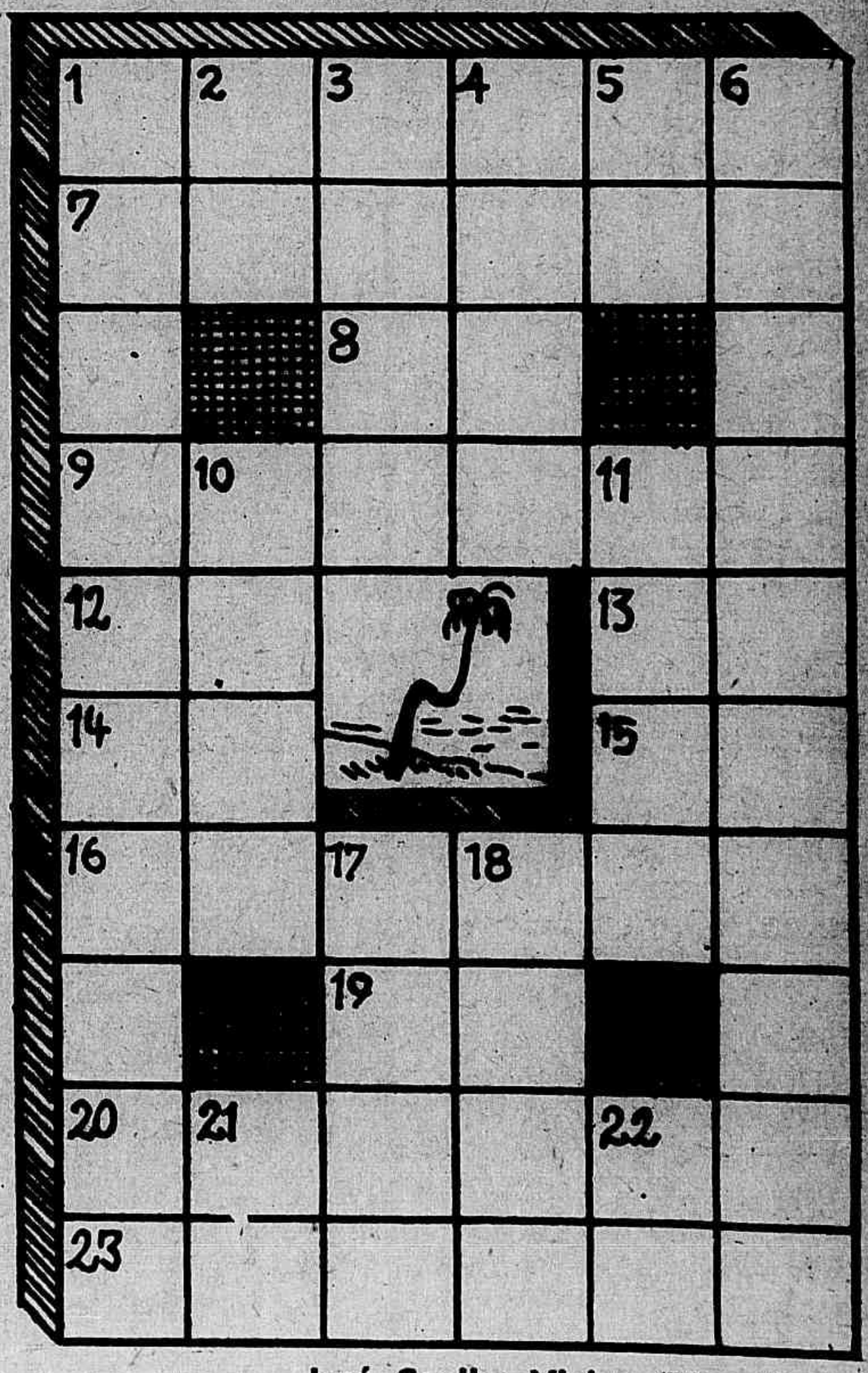
PROBLEMA N. 3



Conselheiro (R. G. N.)

Horizontais e verticais: — 1 — Árvore da fam. das leguminosas; 2 — Pequeno linguado das águas do Amazonas; 3 — Jaquetão; casaco de abas curtas; 4 — Imóvel; 5 — Dá origem a; derrama; 6 — Mulato alvacento; 7 — Designação genérica dos pequenos anuros de pele verde-clara.

PROBLEMA N. 4



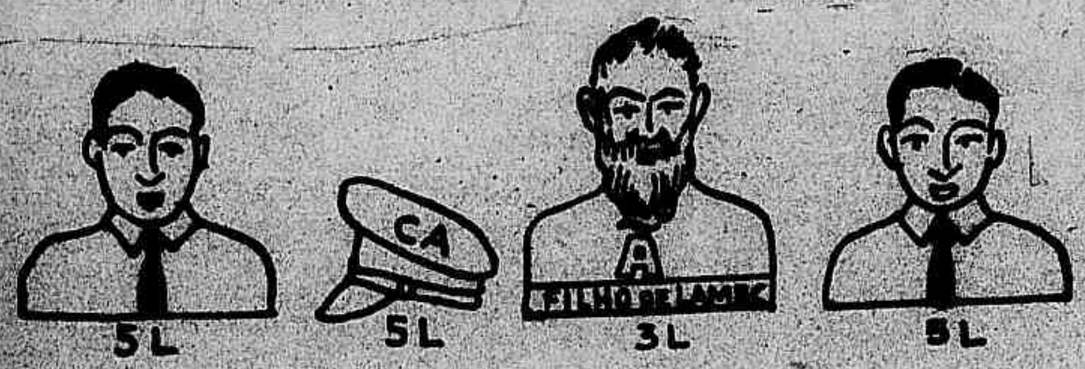
José Coelho Vieira (Maceió)

Horizontais: 1 — O papão de crianças; 7 — Ave noturna de rapina da fam. dos caprinulgídeos; 8 — Duplicadamente; 9 — Homem gordo e baixo; 12 — Interj. admiração, espanto; 13 — O mesmo que em; 14 — Instrumento musical dos negros; 15 — 17.ª letra do alf. grego; 16 — Amolam; 19 — Escarnece de; 20 — Oferta piedosa; 23 — Partido (pl.).

Verticais: — 1 — Que anda sempre (pl.); 2 — Nome próprio masculino; 3 — Espécie de jôgo popular; 4 — Determinado por lei; 5 — A nós; 6 — Independência (pl.); 10 — Aguardente proveniente da fermentação e distilação do melado de cana de açúcar; 11 — Designação de várias plantas trepadeiras; 17 — Margem; 18 — Ligar; 21 — Simb. do Berilo; 22 — Alto lá!

★

ENIGMA FIGURADO — 110

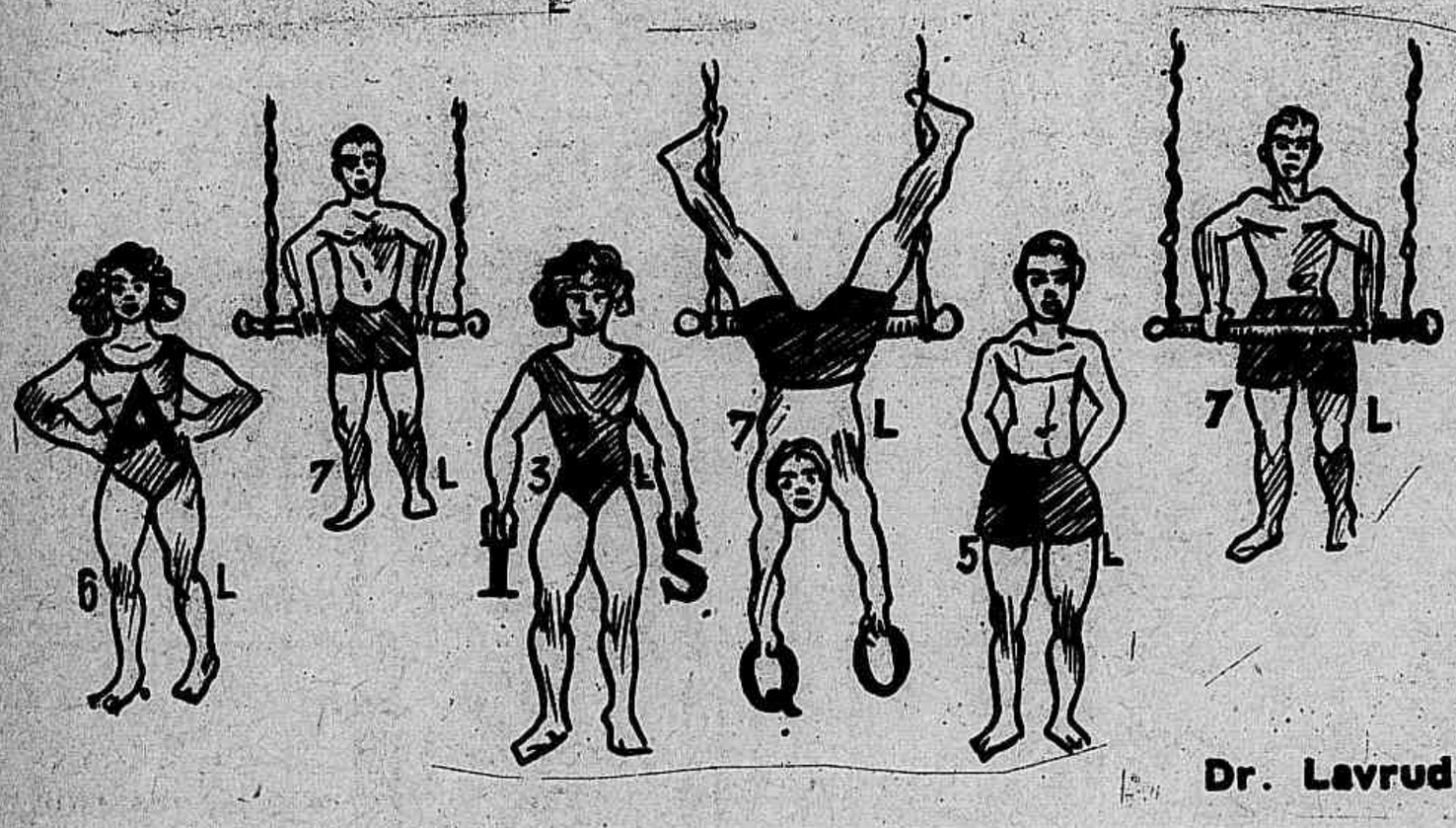


José Coelho Vieira (Maceió)

★

ENIGMA FIGURADO — 109

Aos distintos confrades campineiros:



Dr. Lavrud

4.º TORNEIO DE 1954

Soluções

1 — Mira-ôlho; 2 — Falado; 3 — Omissão; 4 — Deveras; 5 — Galipão; 6 — Pensador; 7 — Alizar; 8 — Quilate; 9 — Malino; 10 — Rodada; 11 — Moquenca; 12 — Terreno; 13 — Arcete; 14 — Cerrito; 15 — Bofada; 16 — Venero; 17 — Mandingo; 18 — Cuíra; 19 — Abertas; 20 — Cainha; 21 — Venera; 22 — Movido; 23 — Construída; 24 — Considerável; 25 — Prego-dourado; 26 — Esternutação; 27 — Ervada; 28 — Rato-branco; 29 — Centopéias; 30 — Disseminar; 31 — Sota; 32 — Destempêro; 33 — Zangano; 34 — Facecioso; 35 — Grulhada; 36 — Oficial-de-defunto; 37 — Peixe-frito; 38 — Cheira-cheira; 39 — Pinga-fogo; 40 — Rebuço; 41 — Desapossado; 42 — Flauto; 43 — Rendilho; 44 — Largada; 45 — Escolho; 46 — Lívido; 47 — Talhada; 48 Torneia; 49 — Celestina; 50 — Quenga; 51 — Pilota; 52 — Revirado; 53 — Puxada; 54 — Tona; 55 — Do porco só o

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE ..... ESTADO .....

toucinho; 56 — Pai, pão, pau; 57 — Corujeiro; 58 — Escangalho; 59 — Frisa; 60 — Aplastado; 61 — Seca; 62 — Estado; 63 — Asiático; 64 — Prevalecida; 65 — Roqueira; 66 — Espicha; 67 — Inconsiderado; 68 — Gesto; 69 — Desengano; 70 — Fito; 71 — Gelo; 72 — Estraga; 73 — Haragano; 74 — Místico; 75 — Cerrado; 76 — Gaiato; 77 — Epulario; 78 — Anúncio; 79 — Soletra; 80 — Arruçado; 81 — Gentil-homem; 82 — Intrigado; 83 — Número; 84 — Pão duro; 85 — Roxo forte; 86 — Contaminar; 87 — Sororoca; 88 — Enfaroso; 89 — Pajelança; 90 — Empola; 91 — Cão miúdo; 92 — Frege môsca; 93 — Vicioso; 94 — Feriar; 95 — Atravincado; 96 — Tabica; 97 — Pupila; 98 — Malinar; 99 — Momento; 100 — Gateza; 101 — Cuqueira; 102 — Pretume; 103 — Diogo; 104 — Nacada; 105 — Labuta; 106 — Amola; 107 — Corveta; 108 — Salepo; 109 — Covato; 110 — Fabelas; 111 — Burro doente, pau nêle; 112 — Amor repentino, amor de menino; 113 — Potiche; 114 — Pescotapa; 115 — Pechincha; 116 — Bem criado; 117 Areia manteiga; 118 — Pedantesco; 119 — Atração; 120 — Altanada; 121 — Jornada; 122 — Cangarilhada; 123 — Trincada; 124 — Grulhada; 125 — Engulosina; 126 — Esquecimento; 127 — Manata; 128 — Emoliente; 129 — Cangapé; 130 — Pinga-fogo; 131 — Acará; 132 — Capela; 133 — Goela; 134 — Freqüente; 135 — Undação; 136 — Atravessado; 137 — Escarmenta; 138 — Gebo; 139 — Convencido; 140 — Espanefico; 141 — Abusa; 142 — Pura; 143 — Ruvinhoso; 144 — Endomingada; 145 — Candeia; 146 — Feito; 147 — Esparramo; 148 — Escangalho; 149 — Bacano; 150 — Desenfado; 151 — Raleira; 152 — Tabela; 153 — Garôto; 154 — Jogata; 155 — Crépido; 156 — Padrasto; 157 — Aberto; 158 — Brochote; 159 — Persisto; 160 — Galucho; 161 — Pitia; 162 — Pugilo; 163 — Samica; 164 — Confetes; 165 — Falado; 166 — Parteira; 167 — Cutuba; 168 — Minha desgraça é a tua graça; 169 — Rato que corre viu gato.

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 1: — Varal — Apecu — Labil — Areca — Ramos.

POÇOS DE CALDAS

Situada numa região privilegiada, suas belezas naturais são uma festa para os olhos dos visitantes. As águas miraculosas, tornaram-na a primeira estação da America do Sul.

O Expresso Brasileiro, seguindo a sua tradição de bem servir, mantém magnifica linha, ligando S. Paulo a Poços de Caldas com diversos horários diários intercalados de hora em hora.

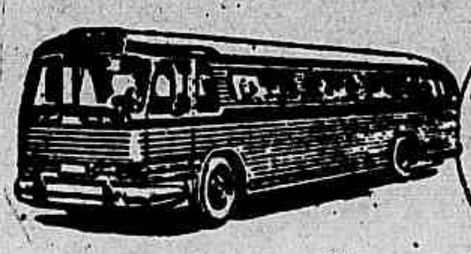
Escalas em:
Campinas - Mogi-Mirim
Mogi-Guaçú - S. João da Boa Vista - Ag. da Prata

Pontualidade nos horários

★

AGENCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395
POÇOS DE CALDAS
Rua Rio de Janeiro, 63 - Fone 831-M
CAMPINAS
Pça. Floriano Peixoto, 292 - Fone 5849
C



EXPRESSO BRASILEIRO
VIAÇÃO

Problema n. 2 — Aheneo — Hilara — A — Ei — N — Se — Po — Vi — El — E — Os — I — Rollin — Ossada.

Problema n. 3: — Ma — A — Ab — Alojado — Lapônia — Ri — St — Amásias — Mareado — Ar — M — Om.

Problema n. 4: — Avena — Riton — Aripa — Rumai — Isola.

Problema n. 5: — Cupim; Alamo — Parol — Anota — Solar.

Problema n. 6: — Imbetiba; — Marmotas — Breada — Emalas — Tôdas — Itas — Ba — As.

★

DECIFRADORES

Totalistas: Sertanejo II, Uedath; Tonnew; Seamva; Gil Virio, Malba Tantan; Ziul, Pompeu Júnior, P. Del Debbio; Seu Gunele, Ordisi, Ruvina, Toberal, Oicaroh, Durmel, Don Roal, Gomes Júnior, Conde de la Fére, Debrito, Dropê, Manduca, O Sineiro, Nostradamus, Olin, Tarcísio, Breque, Simões, Tim, Farani, Jayreis, Bisilva, Ecebê, Dr. Barreto Cardoso, Plapece; Dr. Zinho, K. Nivete, Alguém, Antero, Édipo, Envergonhado, Jocati, Lujoca, Varetas, Buridan, Ronega, Oarcim, Cartos, De Souza, Lidaci, Nel-Son, Paraná, Sinhô, Ivelise.

2.º lugar: — Iris, Simplícia e Simplória, Roama, Donatila Borba, Mavicaro, Ismênia, José Coelho Vieira, H. França, Osvaldo Gomes, J. C. da Trindade.

Todos concorrem ao torneio de palavras cruzadas, menos Oicaroh, Don Roal e Durmel. Mme. Paulette concorre só ao torneio de palavras cruzadas.

★

1.º TORNEIO DE 1955
Soluções

1 — Recordação; 2 — Ensancha; 3 — Alvorecer; 4 — Monofobia; 5 — Prólogo; 6 — Moleque; 7 — Disseminar; 8 — Postres; 9 — Campador; 10 — Selada; 11 — Engulosina; 12 — Quebra-cabeça; 13 — Reconhecido; 14 — Coarctada; 15

— Delicioso; 16 — Arriosca; 17 — Regalona; 18 — Vizinho; 19 — Escapada; 20 — Marfado; 21 — Grainha; 22 — Mira; 23 — Compar; 24 — Proemio; 25 — Aivão; 26 — Envite; 27 — Salsada; 28 — Xibimba; 29 — Galhardo; 30 — Cuqueira; 31 — Regalar; 32 — Filia; 33 — Monarca; 34 — Recanto; 35 — Toeira; 36 — Retarde; 37 — Topita; 38 — Partida; 39 — Luzidos; 40 — Mamata; 41 — Raposo; 42 — Sórdido; 43 — Aperreada; 44 — Casqueira; 45 — Remanisca; 46 — Formigo; 47 — Barreira; 48 — Morena; 49 — Defeso; 50 — Carochas; 51 — Flagela; 52 — Beata; 53 — Sêco; 54 — Sobrepesa; 55 — Entrudo; 56 — Atuário; 57 — A casa de papai é nossa; 58 — Em agôsto sardinha e mosto; 59 — Ambrosíaco; 60 — Marisqueiro; 61 — Pregador; 62 — Penula; 63 — Redobre; 64 — Absolto; 65 — Pé-duro; 66 — Arranca-tôco; 67 — Quibembeques; 68 — Gasguita; 69 — Papagaio; 70 — Descarregar; 71 — Água-suja; 72 — Chácara; 73 — Paraíso; 74 — Tocado; 75 — Elafiano; 76 — Levedo; 77 — Outrora; 78 — Mirongas; 79 — Protervo; 80 — Tópico; 81 — Levado; 82 — Surgida; 83 — Jaleca; 84 — Acerra; 85 — Cremado; 86 — Furente; 87 — Tablilha; 88 — Peceta; 89 — Sustento; 90 — General; 91 — Tramista; 92 — Apostado; 93 — Castanha; 94 — Extrema; 96 — Draconiana; 97 — Sibilino; 98 — Sanfonino; 99 — Peteleco; 100 — Malungo; 101 — Polvoroso; 102 — Mágica; 103 — Soado; 104 — Alvoro; 105 — Carocho; 106 — Bolado; 107 — Fôsca; 108 — Patrício; 109 — Bargada; 110 — Desanda; 111 — Cuca; 112 — Troná; 113 — O boi come para ser comido; 114 — Gente ruim não é caluniada; 115 Mofumbal; 116 — Penates; 117 — Labuta; 118 — Folheiro; 119 — Cujuba; 120 — Manata; 121 — Malvista; 122 — Paleta; 123 — Futrico; 124 — Trasfego; 125 — Aquela; 126 — Granita; 127 — Pélago; 128 — Carretas; 129 — Mudado; 130 — Guinilha; 131 — Forcejar; 132 — Talento; 133 — Lavrado; 134 — Corsolete; 135 — Linhada; 136 — Salada; 137 — Beijoca; 138 — Caborá; 139 — Apoiado; 140 — Gralhada; 141 — Gregário; 142 — Pechada; 143 — Calvário; 144 — Legendário; 145 — Cão miúdo; 146 — Batetê; 147 — Penamar; 148 — Cara-mutange; 149 — Quebrado; 150 — Pactolo; 151 — Enganoso; 152 — Latina; 153 — Murmulha; 154 — Monteiro; 155 — Controversa; 156 — Azombada; 157 — Lucrativa; 158 — Mando; 159 — Rumo; 160 — Reconcentrado; 161 — Zorro; 162 — Esparolada; 163 — Fanica; 164 — Encargo; 165 — Zango; 165-A — Caduco; 166 — Esternegue; 167 — Um círio dá para dois santos; 168 — Não é a barba que faz o siso.

DORES nas JUNTAS

A tortura das juntas rijas e inchadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que êstes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida.

Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças á sua magnifica ação tonificante.

Pilulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 1: — Carapela — Opar — Lar — Ri — Ameba — Cativar — Militar — Alamo — Em — Par — Sêda — Arareuas.

Problema n. 2: — Arena — R — S — V — Casta — Areal — I — L — Catar — O — A — A — Calar — Arado.

Problema n. 3: — Ta — Om — Ocapi — Arara — O — I — Calma — Amear — La — Ma.

Problema n. 4: — G — Atobas — Colam; Marcial — Incorro — Tenro — Tordos — A.

Problema n. 5: — Doara — H — O — L — Perguntem — Sair — I — Ioda — Amadurecereis — Miara — Atá — Assar — R — Relatar — S — A — Acerara — E — Ano — A — Amo — Armar.

Problema n. 6: — Caramujo — Acem — Lar — Lo — Ópera — Calamar — Solapar — Arara — Ar — Par — Dica — Aramaras.

DECIFRADORES

Totalistas: — Oarcim, Sertanejo II, Alguém, Antero, Édipo, Envergonhado, Jocati, Lujoca, Varetas, P. Del Debbio, Dr. Zinho, Buridan, Ronega, Debrito, Ziul, H. França, Toberal, Oicaroh, Don Roal, Durmel, Calpetus, Kinsos, Ordisi, Ruvina, Gomes Júnior, Asil, Dr. Barreto Cardoso, Breque, Malba Tantan, Nostradamus, O Sineiro, Olin, Simões, Tarcísio, Tim, Farani, Seu Gunele, Conde de la Fére, De Sou-Mag, Cartos, De Souza, Lidaci, Nel-Son, Paraná, Sinhô, Ivelise, Florentino, Ecebê, Ed Vep, Plapece.

2.º lugar: — Iris, Megas, Dropê, Mavícaro, Ismênia, José Coelho Vieira, Donatila Borba, Polydamas, Dr. Legnar.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser endereçada ao seu diretor,

DR. LAVRUD

ISTO TAMBÉM É AMOR!

(Continuação da página número 9)

enquanto Barney se mostrava um tanto sóbrio. Ao fim de algum tempo, Tinnsey retornou, com um sorriso nos lábios.

— Êle virá imediatamente! — disse, enfàticamente, soltando as sílabas uma por uma. — Não acredito que você tenha sido persuasiva com êle, Pen!

Quando Buzz chegou, notei a sua preocupação; naturalmente estava temeroso de que Ferry aparecesse de um momento para outro. A seguir murmurou ao meu ouvido:

— Pen, só pelo fato de ter vindo não significa que eu vá brincar de toureiro. Além disso, ainda estou febril...

Ao atingirmos o riacho, Tinnsey olhou como se visse diante de si o Mar Morto.

— Como conseguiremos atravessá-lo? — perguntou, com voz chorosa.

— Pulando de pedra em pedra — expliquei.

— Não eu! — disse ela, manhosamente — Alguém terá que me carregar!

E aproximou-se de Barney, passando um braço em volta do seu pescoço. Assim, Barney levou-a, enquanto Buzz e eu fizemos a travessia aos saltos.

Já estávamos instalados quando Tinnsey descobriu que havia esquecido o cinto.

— Buzz, querido — disse ela. — Volte e vá buscar o meu cinto. Está na cêsta!

O olhar que lhe dirigiu era tão meloso que seria suficiente para fazer descer a sua temperatura. Buzz compreendeu que era aquêle o momento para a sua reabilitação, e obedeceu com a máxima presteza.

Tinnsey sorriu para mim com ar de triunfo, e imaginei que o seu cérebro poderia estar arranjando alguma missão para Barney, isto porque eu sabia que ela adorava ter homens à sua disposição. Assim, apressei-me a falar:

— Vem comigo, Barney. É tempo de preparar o lanche.

ESTÁVAMOS abrindo os pacotes, quando um garotinho, tendo na mão uma atiradeira, surgiu diante de nós. Ao ver o que fazíamos, aproximou-se e ficou olhando para a comida que se encontrava na cesta.

Ofereci-lhe um sanduíche. Mas, quando abaixou-se para apanhá-lo, teve que apoiar a mãozinha nos ombos de Tinnsey. Esta, ao ver aquela mão suja encostada ao seu vestido, ficou indignada. E fazendo-o largar o sanduíche gritou, desesperada:

— Sai já daqui, fedelho! Sujando o meu suéter! Desapareça, vamos!

O menino empalideceu, fechou o rostinho e saiu correndo. Depois de afastar-se um pouco, voltou-se, ergueu a atiradeira e acertou uma pedrinha em Tinnsey.

— Oh, o diabinho! — gemeu ela, cheia de ódio. — Barney! Corre atrás dêle!

— Deixe o garôto em paz! — disse êle, muito calmo.

Tinnsey se enfureceu ainda mais.

— Pegue-o — gritou ela, revoltada. — Não viu o que êle fêz comigo?

Barney correu em busca do garôto, enquanto Tinnsey resmungava e palpava a perna atingida, como se estivesse quebrada.

— Não se preocupe, Tinnsey — disse eu. — Atualmente, a cirurgia plástica realiza verdadeiros milagres.

Ela, porém, não ligou para o que eu disse. Seus olhos estavam voltados para alguma coisa que se achava por trás de mim.

— É um TOURO! — gritou, apavorada. — Barney! Buzz! UM TOURO!

E, numa fração de segundo, compreendi que o garôto abrira o portão do cercado e Ferry havia saído; mas, antes de que eu pudesse dizer a Tinnsey que o touro era inofensivo, ela saiu a correr espalhafatosamente.

Embora eu tivesse recuado, Ferry não me prestou atenção; olhava para Tinnsey que, nesse instante, já se encontrava à margem do riacho. Barney, que estava de volta, correu ao encontro de Tinnsey, que vendo-se amparada, lançou-se ao chão, totalmente **sem pernas**. Barney nem sequer olhou para trás. Limitou-se a gritar, que eu subisse para a cêrca.

— Não estou com mêdo! — respondi, com firmeza, e sorri para Ferry. Mas logo parei de sorrir e comecei a recuar.

Um outro touro havia acompanhado Ferry!

Então Barney, tendo como arma um galho de árvore, suficiente apenas para sustentar um fruto, enfrentou Ferry, que se voltou e galopou rumo ao cercado, enquanto Barney, agitando o galho saía em seu encalço. Foi então que senti que a "ajuda" de Ferry aos meus planos havia falhado completamente!

Mas, num dado momento, o outro touro baixou a cabeça e mugiu, cavando a terra.

Tentei mover-me, mas não consegui. Parecia enraizada. Tinha a impressão de que já fazia muito tempo que eu estava ali e que ninguém viria em meu socorro. Mas, de repente, o animal transferiu seu olhar para alguma coisa que se achava por trás de mim. Fazendo um esfôrço sobre-humano, voltei-me e meu coração quase parou! Era Buzz, que se aproximava ràpidamente, enquanto Tinnsey olhava do outro lado do riacho.

— Fuja! Eu agarrarei o touro! — gritou êle, dramàticamente, repetindo o que eu lhe havia ensinado. (Buzz pensava que o touro era Ferry!)

— Volte! — gritei. — Não é o Ferry!

Porém Buzz não se incomodou com o que eu dizia.

— Fuja! Eu segurarei o touro! — gritou uma vez mais, e marchou para o touro agitando as mãos. Gritei novamente, mas já era tarde de mais. Buzz, sem se deter, abraçou o pescoço do animal.

— Fujam que eu seguro o touro! — repetiu.

De repente, o animal, com um forte e rápido movimento de cabeça, arremessou Buzz para dentro de uma moita próxima.

Tinnsey gritou desesperadamente, enquanto eu me limitei a fechar os olhos. Não sei bem por quanto tempo ficaria assim se não tivesse ouvido o latido de um cão e uma voz salvadora que me dizia:

— Está tudo bem, miss. Já prendemos o touro.

É impossível que algum dia eu esqueça o que vi; o touro estava prêso, com uma corda amarrada ao pescoço; Barney branco como um lírio, aproximava-se do local em que me encontrava.

— Pen; você estêve maravilhosa! — disse êle. — Sempre recordarei a maneira heróica como você atraiu a atenção dos touros, permitindo que Tinnsey se retirasse.

E apertou minha mão com tanta fôrça que quase gritei de dor.

— Não, Barney. Você, sim, estêve maravilhoso! Estava fora de perigo e veio proteger-me!...

Estávamos, assim, olhando um para o outro, quando uma série de gemidos nos feriu os ouvidos.

— É Buzz! — disse eu, frenèticamente.

ENCONTRAMOS o "herói" deitado entre os arbustos; seus olhos, exorbitados, emitiam chispas.

— Estou com a espinha dorsal quebrada. Ouvi o estalo! — disse êle, profundamente abatido; e fechou os olhos.

— Que sorte, hein, "seu" Silva?

— Não foi a sua espinha que estalou; foi algum arbusto — disse Barney, com bondade. — Procure levantar-se...

— Está quebrada! — tornou Buzz.

— É melhor você tentar levantar-se — insistiu Barney. — Os touros podem voltar.

Buzz se pôs de pé, como por milagre.

— Buzz; eu fiz tudo para avisá-lo de que aquêle touro não era o Ferry. — disse eu.

Êle dirigiu-me um olhar gelado.

— Jamais hei de esquecer que a minha morte seria devida a você, com as suas brilhantes idéias...

— Buzz, querido. Você está bem? — interrompeu Tinnsey, aparecendo, de repente. — Oh, Buzz, como você é corajoso! Nunca em minha vida presenciei um ato de tamanha bravura!

Barney olhou para mim e desatou a rir.

Buzz adiantou-se.

— Quando Tinnsey contou-me acêrca do touro, disse também que você empurrou-a no riacho — disse êle para Barney.

— Acho que foi ela que empurrou-se a si mesma — replicou Barney, calmamente.

Tinnsey imediatamente deixou de chorar e voltou-se para mim:

— Pen, você foi muito corajosa. Infelizmente, eu sempre fraquejo nesses momentos...

A seguir, aproximou-se de Buzz e dirigiu-lhe um olhar cheio de ternura e de admiração.

— Eu sempre fraquejo nesses momentos — repetiu, dolorosamente.

Buzz a contemplou com altivez:

— Vá lavar o rosto no riacho. Não a levarei de volta com êsse rosto parecendo mapa de estrada!

Tinnsey concordou humildemente.

— Está bem, Buzz — e continuou imóvel, como se ainda quisesse dizer alguma coisa. E depois de permanecer olhando as mãos, por um certo tempo, tornou a falar. — Você... você quer fazer o favor de vir comigo?

Buzz ficou todo cheio de orgulho.

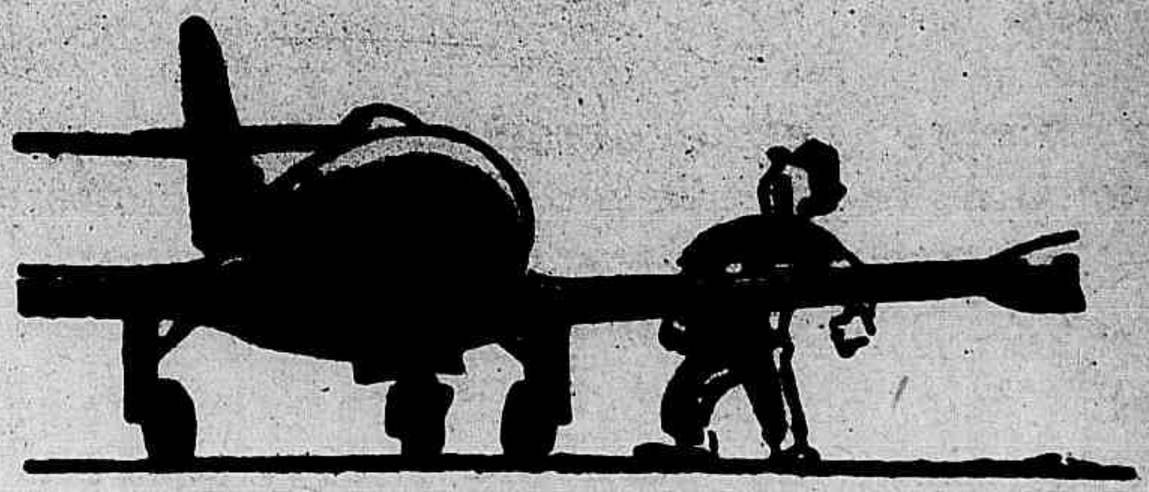
— Se você ainda está assustada...

E a seguir os dois se afastaram, juntos, na direção do riacho.

Barney os acompanhou com a vista, por alguns instantes, e depois virou-se para mim:

— Você sabe, Pen — disse êle, pensativamente. — Vou desistir de estudar o espanhol.

★



— Êsse comutador, NÃO, idiota!

UM ÓTIMO RAPAZ...

(Continuação da página 49)

nervoso e aflito. Mesmo quando está ao meu lado está sempre olhando por cima do ombro, como se esperasse ver surgir alguém que receia ou não deseja encontrar. Espero que não seja coisa grave. Êle trabalha num banco e parece muito estimado por todos. Mas, de qualquer maneira anda com uns modos bastante estranhos. Mas sempre atencioso! Agora, estuda todos os rapazes que falam comigo. Quer saber quem são, o que fazem e até se propôs a me apresentar alguns, todos sérios e educados. Amanhã conhecerei um amigo dêle e jantaremos, os três, juntos. Não é uma delicadeza de George? Beijos — Ellen."

"Querida Ellen: Não se preocupe com George Murdock. É um ótimo rapaz, incapaz de praticar qualquer deslise ou de se meter em apuros. Foi chefe-escoteiro com a idade de 16 anos, justamente por ser corretíssimo! Gostamos de saber que êle agora também escolhe os rapazes que passeiam com você. Isso tira muitas preocupações de sua mãe e de mim mesmo. — Beijo de papai."

"Judith, minha querida: Finalmente, consegui resolver o problema que me preocupava, livrando-me da roceirinha de Lonesome Valley. Nem sei como não me lembrei disso antes! Joguei-a para cima do Mike Chadwick. Você sabe como o Mike é quieto e sem sal. Pois bem, coloquei um diante do outro, desejei que se divertissem bastante e, zás, fui logo dando o fora. E, se quer saber, acho que as coisas andam mudadas em Lonesome Valley. Talvez por culpa da televisão, sei lá! Mas a verdade é que Ellen está despachadinha como ela só! Foi logo aceitando a companhia de Mike e sorrindo e chamando-o por "você". Aliás, nunca foi tímida... Creio que já contei a respeito da rã que ela, certa vez, colocou na minha cama, hein?

Pois é isso. O problema está resolvido e posso ficar no meu apartamento, à noite, quietinho. Diga a sua mãe para perder a mania de comer bananas com creme e trate de voltar quanto antes. Carinhos, George."

"George: Antes de tudo, Phyllis Harper tem sido minha mais íntima e sincera amiga, desde os tempos escolares. Se escreveu contando-me a respeito de você e essa outra pequena, fêz muito bem e eu faria o mesmo para ela. E desde já pode desistir de uma vez, George Murdock, se espera poder, depois de casados, escolher as minhas amizades e forçar-me a romper com Phyllis.

Quanto a Mike Chadwick, não compreendi a "chacota" que pretendeu fazer a seu respeito. Você bem sabe que êle é um rapaz inteligente, muito simpático e a quem eu prezo muito. E não deve ter esquecido que estêve prestes a deixar o emprêgo e a ir tentar vida nova na América do Sul, quando soube que eu tinha ficado noiva de você. E agora quer que eu acredite que Mike anda dando trela à primeira que apareça. Pode acreditar, George Murdock; estou anotando algumas coisinhas que pretendo dizer a alguém, quando voltar à cidade. Se você acha uma coisa horrível encontrar uma rã na própria cama, George Murdock, é porque você ainda não viu nada! — Saudades, Judith."

P.S. — Obrigada pelas flores e os bombons. (Está tentando mamãe com essas guloseimas?)

"Queridos papai e mamãe: Escrevo principalmente para lhes confessar que estava completamente enganada a respeito de George Murdock. Talvez seja um pouco sem sal, mas a verdade é que sabe muito bem como tratar com moças e acompanhá-las a passeios, teatros, etc. Porém, sua conversa é quase só sôbre museus, galerias de arte e poesia. Sei que cultura é necessária e adoro ler coisas boas, estando mesmo tentada a entrar para a Liga Eleitoral Feminina, visitar os auditórios literários, etc., mas penso que sou moça e tenho o direito de procurar distrações acima de tudo. Por isso tenho preferido sair com êsse rapaz, que me foi apresentado por George, Mike Chadwick, que conhece tôda a cidade. Ontem levou-me a um cantinho delicioso, sossegado e onde havia um pianista maravilhoso. A seguir mudamos de ambiente e fomos para um **night-club**, muito popular e alegre.

George telefonou, hoje, cedo. Quer que eu vá com êle ao Museu. Recusei e disse-lhe que os museus continuariam sempre onde se encontram, enquanto que os

números dos **night-clubs** variam cada semana e que eu teria tempo de sobra para ir, qualquer dia, ao museu.

Já estou trabalhando, sabiam? Trabalho numa firma de seguros. E saibam que tudo o que dizem, aí, sôbre o perigo das grandes cidades, as dificuldades, etc., não passa de conversa fiada. Nunca vi gente tão simpática e camarada! — Beijos, Ellen."

"Queridos papai e mamãe: Quase telefonei para vocês, ontem à noite. Mas como poderiam ficar preocupados, preferi escrever. É que, seguindo o conselho de vocês telefonei para George e disse-lhe que teria muito prazer indo ao Museu com êle.

Muito bem. Agora, tomem nota do que vou contar, vocês que têm George Murdock em tão alto conceito. O educado George Murdock, êsse ótimo rapaz, tão fino, tão respeitador, tão calmo... simplesmente faltou-me com o respeito no interior do museu!

Isso mesmo! E tudo quanto posso dizer é que uma moça tem cinqüenta por cento de probabilidades de ser respeitada num **night-club** qualquer, mas quando se vê num lugar tão sério e digno, como o interior de um túmulo egípcio, a história é diferente e sua garantia equivale a zero! Só Deus sabe o que teria acontecido se, por felicidade, não surge outro visitante, um escoteiro. Acho que êle pensou, a princípio, que George e eu éramos um casal de múmias... E vocês que voltem a me falar do educadíssimo, do ótimo George Murdock! Sonso é o que êle é! Depois, quando voltamos à rua êle se desculpou, muito encabulado, explicando que tinha sofrido a influência do ambiente, que todos aquêles faraós transformados em pó e a impressão de todos aquêles séculos decorridos lhe haviam dado um repentino e insopitável desejo de não perder um minuto. A verdade é que não entendi nada do que êle disse. Mas falei, por minha vez, e disse-lhe que, sendo noivo, não lhe cabia agir como tinha feito. Êle concordou submisso e contou-me que a noiva tinha saído da cidade, por umas duas semanas, por causa da vesícula da futura sogra. Enfim, tudo passou, êle prometeu emendar-se e fomos para casa. Mas, ao despedir-se, tentou novamente beijar-me. Então, depois de ouvir novas censuras minhas, teve o topete de recomendar que eu tivesse cuidado com Mike Chadwick, que Chadwick era um verdadeiro lôbo! Disse-lhe que, certamente, êle estava julgando os outros por si mesmo e êle se retirou, furioso.

E aí está como realmente é êsse "ótimo rapaz" que vocês tanto consideravam. Uma grande surprêsa! Educativo também! Creio que já poderia aconselhar uma irmãzinha mais moça, se tivesse uma! "Afaste-se dos túmulos egípcios, se estiver acompanhada por algum rapaz!" Eis o que lhe diria. Carinhosos beijos da filha, Ellen."

"Sr. George Murdock: Então, é assim que o senhor cuidava da minha filha, grande hipócrita! Um homem com o seu passado, praticar atos de moleque, é realmente uma coisa surpreendente e triste! Mas fique avisado, George Murdock: trate de manter-se afastado de minha filha, de agora em diante, ou, apesar de enfêrmo, tomarei o primeiro trem para ir aplicar-lhe o merecido corretivo. — Jordan Thatcher."

"Queridos papai e mamãe: Podem esperar a chegada do trem de meia-noite, dia dezessete próximo? Vocês sabem como é difícil encontrar táxi, depois de 10 horas em Lonesome Valley e só poderei chegar à meia noite. Também queria que sondassem com mr. McHartley, procurando saber se ainda posso recuperar o emprêgo.

Espero em Deus jamais tornar a pisar em New York. Podem dar, também, para o Exército de Salvação tôdas essas tolices que eu guardava para quando casasse. Jamais hei de casar e nem qüero ver essas coisas tôlas que andei guardando êstes últimos anos! Também os bibelôs e potiches podem dar ou vender. (O sr. Childer, da Casa de Antiguidades, talvez pague bom preço.)

Quero contar a vocês, a meu modo, o que realmente aconteceu, antes de que alguém faça publicar no "Lonesome Valley Noticioso Semanal". Dei à polícia e aos repórteres um nome falso. Disse-lhes que era Elsie Dinsmore, porém êstes jornalistas daqui são muito espertinhos e acho que não acreditaram. Aliás foi tudo uma bobagem. Eu vivia elogiando a nossa velha "galinha ao môlho branco", à moda de Lonesome Valley e Mike quis conhecer a "maravilha".

Marquei, então, a noite de ante-ontem e preparei o prato no meu apartamento, convidando-o para jantar. Êle chegou às seis e preparávamos para comer a galinha (que preparei muito bem) quando bateram à porta. Eu estava na cozinha e ouvi uma ligeira discussão e finalmente via aparecer George Murdock. Tinha o rosto afogueado, como se tivesse bebido e, verdadeiramente forçara a entrada no apartamento. Pedi que se retirasse, explicando que sua companhia não era desejada. Êle gritou que ninguém o tiraria dali. Tinha responsabilidade de me proteger e ninguém o impediria de exercer seus direitos. Repentinamente aspirou o ar com fôrça e gritou que estava sentindo cheiro de uma coisa que não comia desde muitos anos. Queria apenas elogiar-me como cozinheira, para ver se eu ficava boazinha. Mas, de qualquer maneira, as coisas se complicavam porque Mike se esforçava por expulsá-lo do apartamento, enquanto George gritava que não saía. Para acabar com a cena desagradável, decidi deixar George às voltas com a galinha, na cozinha e sair com Mike, para jantar no Turfe Clube. Ali tivemos realmente um bom jantar. Mas, segundo parece, não nasci para ir á êsses night-clubs, pois já me aborrecia, quando vi surgir um grupo de pessoas entre as quais uma linda morena, alta, elegante, caminhando como modêlo de casa de modas. Não tardei a reconhecê-la, porque George me havia mostrado a fotografia. Mike também a viu e confirmou que se tratava de Judith Ross, em companhia do irmão. Devia ter acabado de chegar de fora. Quando viram Mike logo se instalaram em nossa mesa, depois de feitas as apresentações. Ela olhou para mim como se eu estivesse vestida com chita ordinária. E foi logo dizendo que havia telefonado para o apartamento de George, mas que não o encontrara. Disse isso num tonzinho sarcástico e acrescentou "Com certeza deve estar no Museu"... Mal sabia que George estava na minha cozinha comendo galinha. Porém eu nada disse. Porém ela não desistiu de ser implicante e com um sorriso venenoso disse que já me conhecia "por informações", que eu era "uma loura recém-chegada da roça e que gostava de levar rãs para a cama". Eu apenas mordi os lábios para não responder e segurei minha bôlsa com as duas mãos, para as ter bem distante dos cabelos dela. Mas eis que ela exclama: "Vejam só, quem vem aí!" Era George, corado, suado, com um riso forçado, o andar não muito firme e brandindo numa das mãos uma coxa de galinha. O "maitre" caminhou ao seu encontro, porém êle declarou, aos gritos, para ser ouvido por todos na sala e mesmo na rua, que não queria mesa nenhuma... Que estava ali apenas para cumprir uma missão "vigilante". Como escoteiro tinha que ser vigilante e leal!

A seguir, caminhou para nós e tentou beijar Judith, que fugiu com o rosto. Dois garções tentaram segurá-lo, porém êle os empurrou para longe. Depois tirou o chapéu e saudando a noiva perguntou, zombeteiro: "Como está a vesícula de sua mamãezinha? Posso saber?". Isso acabou de irritar Mike Chadwick, que proibiu George de falar dessa maneira. E êle, então, perguntou, desafiador: "Ora! Por que você não vai para a América do Sul, palhaço?" Palavra puxa palavra, Mike empurrou a George e êste fechou o ôlho de Mike com um sôco. Na sala foi uma correria de loucos e assim fiz o que me pareceu melhor, no momento. Apanhei a garrafa de champanha que Mike havia pedido e bati com fôrça na cabeça de George!

Vejam só! Depois disso apareceu um guarda, que segurou George pelos pés, enquanto um garção o segurava pelos ombros, e o levaram. As coisas serenaram um pouco e vi que Judith cuidava de Mike, aplicando compressas de água gelada sôbre o ôlho ofendido. Mike, explicava para ela as razões porque não fôra para a América do Sul, preferindo ficar na cidade, embora com o coração sangrando, só para estar junto dela. E Judith afagando-lhe os cabelos e repetindo: "Pobre, pobre querido!"

Resolvi sair e fui de táxi para casa. Mas não suporto mais viver aqui. Por favor, esperem-me no trem de meia-noite, dia dezessete, sem falta! — Beijos, Ellen."

"Queridos papai e mamãe: Como devem notar, não estou mais no Casey Court e sim no Elgin Manor. Mas pretendo estar dia dezessete, aí. Porém não me esperem na estação, porque não irei mais de trem.

LIVROS, SEMPRE LIVROS!

A ARTE DE ESCREVER (Orientação Técnica), pelo Prof. A. Tenório d'Albuquerque — Conselhos sôbre planejamento de trabalho, correção gramatical, clareza, vocabulário, naturalidade, concisão, etc. Como apêndice — Os mártires da pena — informações curiosas e úteis sôbre como trabalham grandes escritores, escolhidos pelo autor como exemplos edificantes 50,00

FOLCLORE DA MATEMÁTICA, pelo Prof. Mello e Souza (Malba Tahan) — Lendas, histórias e curiosidades. Os NÚMEROS na linguagem popular, nos brinquedos infantis, na poesia sertaneja, na vida literária, nas tradições religiosas, nos livros sagrados, nos ritos secretos 100,00

HIPNOTISMO, de Medeiros e Albuquerque — Histórico, processos hipnóticos. Aplicações gerais. O sono prolongado. A terapêutica da persuasão. O hipnotismo sem mistérios, ao alcance de todos 60,00

DICIONÁRIO DE LINGUAGEM, pelo Prof. A. Tenório d'Albuquerque — Como falar e escrever corretamente a língua portuguêsa. Dificuldades e dúvidas de linguagem. Erros, correções, etc. A ortografia oficial em vigor 60,00

ENERGIA ATÔMICA NA PAZ E NA GUERRA, pelo Prof. Otto Alcides Ohlweiler — O melhor livro existente, entre nós, sôbre o assuntò. Seu autor é catedrático de Física na Universidade do R. G. do Sul. Ao alcance de qualquer leitor 50,00

CONTABILIDADE MERCANTIL MODERNA, pelo Prof. Agostinho Lana — Contrôle de custos. Contrôle de despesas. Resultados mensais. Padronização de balanços. Análise financeira. Análise econômica. Problemas e soluções . 20,00

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO, ilustrações de Renato Silva, textos de Sérgio Macedo — Já conhece esta notável publicação? Sai 1 vol. por mês, apresentação impecável, altamente recreativa e instrutiva. Já dizia Cícero: "A História é a mestra da vida". Cada vol. 10,00

CURSO TÉCNICO DE RÁDIO, pelo Prof. Omar Nathan Martins — O melhor trabalho existente para principiantes ... 70,00

CURSO PRÁTICO DE MOTORISTA, de Honorino Carneiro de Queiroz — Destina-se aos candidatos a exame nas Inspetorias de Tráfego. Os pontos de acôrdo com os programas 40,00

Nas livrarias ou pelo reembôlso postal

C O N Q U I S T A

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

George vai me levar de automóvel. Êle mora aqui em Elgin Manor e estou vivendo com êle, no mesmo apartamento. Já sei que estão nervosos e querendo saber POR QUÊ.

Contarei tudo, detalhadamente, quando aí estiver. Mas aqui vai a história em linhas gerais. Fui ao banco onde George trabalha, a fim de saber em que hospital êle se encontrava. Porém êle estava trabalhando como sempre, apenas um pouco pálido. Disse-lhe que esperava não ter havido briga séria entre êle e Judith, porém êle logo afirmou que estava tudo acabado, que tinham rompido o noivado e que ela ia casar com Mike Chadwick. Disse-lhe, então, que não queria mais atrapalhar a vida dêle e que ia voltar para Lonesome Valley. Disse e tratei de sair; porém êle alcançou-me antes de chegar à calçada. Confessou seu remorso pelas complicações que havia criado, mas afirmou que jamais se desculparia de haver tentado beijar-me no museu por que foi ali que compreendeu o quanto me amava! Isso, é claro, me emocionou e confessei-lhe, por minha vez, que ficara doidinha por êle, quando tinha 12 anos e que colocar uma rã na cama dêle tinha sido um ato de amor, para o obrigar a pensar em mim. Disse-lhe que sempre me esforçara por esquecê-lo, mas que provàvelmente tinha sido o meu subconsciente que me fizera ir para a cidade, para estar perto dêle. E que compreendera a inutilidade de lutar contra êsse amor, quando lhe quebrara a cabeça, no Turfe Clube... porque eu tinha ciúmes de Judith. Aí não pudemos mais disfarçar. Nos atracamos ali mesmo e só depois do décimo beijo é que decidimos ir na mesma tarde tirar a licença para casar.

Sim. Estamos casados e o máximo que George conseguiu no Banco (parece que é ali figura indispensável) foram quatro dias de folga. Por isto estamos de saída para Lonesome Valley, para uma visita rápida a vocês e apanhar as minhas coisas, inclusive os bibelôs e potiches. George é muito melhor do que vocês sempre afirmaram e eu o adoro. — Até breve. Beijos, Sra. George Murdock."

"P.S. — Mamãe, por favor, apanha tôdas as fotografias de rapazes aí de Lonesome Valley e joga fora, sim? — Beijos."

NEBLINAS DA HISTÓRIA: O COLAR DA RAINHA

(Continuação da página 84)

sòmente se aperceberam dela quando grossas e pesadas gôtas de água começaram a cair de entre as fôlhas das árvores.

Naquela mesma ocasião, por uma singular ou significativa coincidência, entrevista semelhante se estava dando em Paris entre a condêssa de la Motte e o sócio de Bohmer. Instado por um recado para ir a casa de la Motte, Bassenge foi recebido só pela condêssa num quarto onde não havia mobília alguma.

Logo que entrou, a condêssa dirigiu-se a êle com voz firme e muito serenamente lhe disse:

— Mandei-o chamar para lhe participar que tem sido enganado: a palavra "aprovo", e a assinatura, escritas no papel que contém as condições da venda do colar são falsificadas; a assinatura da rainha é falsa! Pelo que diz respeito ao resto, o cardeal, o senhor sabe, é muito rico; melhor será ir ter com êle e insistir em torná-lo pessoalmente responsável.

O pobre Bassenge, mal podendo acreditar no que ouvira, saiu precipitadamente e em seguida foi discutir o assunto com o cardeal que, pela sua parte, mostrou extrema perturbação quando teve conhecimento da declaração da condêssa de la Motte. Contudo, assegurou Bassenge de que êle tinha em seu poder o contrato escrito pelo próprio punho da rainha, e despediu-o completamente confiado e sereno.

Mas, quando Bohmer, no dia seguinte, contou a sua conversa com mme. Campan, os dois sócios começaram a ver o caso muito grave. Ou eram vítimas de uma fraude de audácia nunca vista, ou então a rainha estava jogando um jôgo muito perigoso, no qual igualmente deveriam ficar vencidos. Bohmer correu ao Petit-Trianon e solicitou uma audiência à rainha, que lhe não foi concedida. Foi ter em seguida com o cardeal, mas êste não pôde ou não quis acrescentar outra explicação às que já dera.

Decorreram dois longos dias de incerteza aflitiva para os joalheiros e no terceiro dia um correio especial de Versailles parou à porta do **Grand Balcon**. Vinha anunciar a Bohmer a concessão da audiência que lhe tinha sido recusada.

Cada vez mais se torna necessário caminhar cautelosamente por entre as narrações interessadas na luta, e penetrar neste labirinto de falsidades. A principal testemunha pelo lado da rainha é madame Campan, que voltara a seu serviço naquela ocasião. Enquanto estava ensaiando com sua majestade uma representação particular do célebre **Barbeiro de Sevilha**, então no auge da sua popularidade, Maria Antonieta contou-lhe o pedido de audiência de Bohmer.

Madame Campan assegurou à rainha que éra absolutamente necessário receber o joalheiro; que uma intriga tenebrosa se estava urdindo contra ela; que recibos assinados por ela andavam de mão em mão entre os credores dos Bohmers; e em resumo contou-lhe a história do caso tão completa quando dela era conhecida.

Maria Antonieta, conforme o testemunho da sua dedicada aia, mostrou imenso espanto, e particularmente pelo papel representado pelo cardeal de Rohan. Então, ordenou que o correio fôsse chamar Bohmer.

A conversação com o infeliz joalheiro deu lugar a uma desagradável cena. Confiado nas afirmações de Rohan, não duvidou de que a rainha estava usando de processos dilatórios para o pagamento e àsperamente lhe disse que não prolongasse esta situação, porque já não tinha meios de conciliar os credores.

— Mas o que têm os seus credores comigo? — retorquiu a rainha.

Bohmer replicou contando-lhe a inteira história da transação, conforme êle a conhecia. A rainha negou tudo; mas Bohmer, excitado, continuou dizendo:

— Minha senhora, não é momento para mais fingimentos; condescenda em confessar que tem o meu colar, e queira mandar-me pagar alguma coisa por conta, ou então a minha falência trará todo êste negócio à luz pública.

Admirada e mortificada, a rainha chamou o barão de Breteuil, ministro da polícia, e entregou nas mãos dêle a resolução do negócio.

Ninguém, além de madame Campan, soube desta entrevista. Segundo outras narrativas, Maria Antonieta **nunca** consentiu em ouvir mais Bohmer, pretendendo que a ameaça de suicídio a que nos referimos no jardim de Versailles a incomodara muito.

Certo é que, de uma fonte ou de outra, Breteuil tomou conta do assunto. O ministro era inimigo figadal de Rohan; portanto, gostosamente se aproveitou do ensejo para o levar a completa ruína.

Chamou Bohmer e persuadiu fàcilmente o joalheiro de mandar à rainha um memorial, contando pùblicamente a história completa da negociação. Entretanto, a sua polícia informava-o de que os de la Motte, depois de se terem hospedado no palácio do cardeal por algum tempo, haviam partido para a sua terra natal em Bar-sur-Aube.

Em 15 de agôsto, sua eminência o cardeal de Rohan estava de serviço no palácio de Versailles e revestido com as suas vestes prelatícias, esperava o momento de celebrar a missa que, na sua qualidade de esmoler-mor, ia dizer ante o rei e a côrte. Pouco depois, abriu-se a porta de espelhos que conduzia aos aposentos reais, e um lacaio suíço veio convidar sua eminência a ir à presença do rei, que o aguardava no seu gabinete particular.

Encontrou assentados e juntos o rei e a rainha. O rei lançou-lhe um rápido olhar de severidade, e disse-lhe abruptamente:

— Ouvi dizer que comprou alguns brilhantes de Bohmer.

— Sim, meu senhor.

— Diga-me o que fêz dêles.

— Pensei que tinham sido entregues a sua majestade.

— Quem o incumbiu de fazer essa compra?

— Uma senhora, a condêssa de la Motte, que me entregou uma carta da rainha.

— Como, senhor — interrompeu Maria Antonieta — pôde imaginar que escolhesse a quem não tenho falado durante êstes oito anos para negociar qualquer coisa em meu nome e para mim? E, se o encarregasse, ainda para maior surprêsa, por intervenção de semelhante criatura, uma mulher que nem mesmo conheço?

— Vejo agora que fui cruelmente enganado — disse o cardeal, olhando para a rainha com um olhar cheio de censura. — Hei de pagar o colar. Cegou-me o desejo de estar ao serviço de sua majestade.

Tirou então da algibeira e entregou ao rei, o contrato com a assinatura da rainha.

— Isto nem é escrito nem assinado pela rainha! — exclamou Luís XVI. — Como pôde o esmoler-mor de França, persuadir-se de que a rainha assinasse Maria Antonieta de França? Tôda a gente sabe que as rainhas assinam com o seu nome de batismo sòmente.

Êste ponto, cuja importância tem sido apontada por todos os escritores que têm defendido a rainha, merece um momento de atenção. Luís XVI pensaria que sua mulher não podia assinar senão simplesmente "Maria Antonieta". Por outro lado um apologista da rainha sustenta que a sua assinatura vulgar era Maria Antonieta d'Áustria. Êste último era, para assim dizer, menos incorreto. O verdadeiro nome que usava na assinatura — e mais tarde dado por ela própria ao carcereiro foi "Maria Antonieta de Lorraine", sendo seu pai o chefe dessa casa. Havendo, portanto, três formas diferentes de assinatura usadas pela rainha, não era para admirar que tanto Rohan como os joalheiros tivessem encontrado uma quarta que ela negasse ter usado.

O cardeal por um lado obrigado pelo rei a dar explicações mais claras e por outro receioso de cair no desagrado da rainha, deu respostas frívolas às perguntas que lhe foram dirigidas. Pouco depois, ao sair do aposento real, foi prêso por ordem de Breteuil à vista de tôda a côrte e levado para a Bastilha.

No caminho, abaixando-se como para prender uma fivela do sapato, conseguiu escrever algumas palavras num pedacinho de papel oculto no seu barrete vermelho de cardeal e passou-o para as mãos de um criado de confiança. O criadó partiu apressadamente a cavalo para casa do cardeal em Paris, e entregou o papel ao abade Georgel, secretário de sua eminência. Quando os emissários da polícia chegaram pouco depois para se apoderarem dos papéis do cardeal encontraram apenas um monte de cinzas.

Três dias depois a condêssa de la Motte foi prêsa em Bar-sur-Aube, e conduzida também para a Bastilha.

Depois começaram ativas investigações para instrução do processo. Logo que Rohan se convenceu de que não lhe aproveitava a defesa de Maria Antonieta, contou a história da sua intervenção no negócio, e bem extraordinária era essa narrativa.

O móvel do seu procedimento fôra o louco desejo de conquistar a estima de Maria Antonieta. Possuído desta mania, aproveitou-se dos serviços da condêssa Joana de la Motte, cuja secreta intimidade com a rainha lhe chegara aos ouvidos. Entregou a sua causa nas mãos dessa mulher, e algum tempo depois foi favorecido com vários bilhetes, vindos, ou parecendo vir de sua majestade, nos quais a rainha lhe dava esperanças de futuras benevolências, mas explicando que no presente não podia ter para com êle outro modo de proceder aparente. O enfatuado esmoler-mor acariciava êstes bilhetes, escritos com papel de friso dourado, como se usava no Petit-Trianon, e respondia com protestos de dedicação, expressos em linguagem apaixonada. Foram êstes supostos autógrafos reais que o abade Georgel se apressou em queimar no dia em que o cardeal foi prêso e por ordem dêle.

Finalmente, em resposta às fervorosas e repetidas súplicas, a rainha consentiu numa entrevista secreta arranjada por intervenção da condêssa. Numa noite de verão, nos jardins reais, o esperançoso prelado foi conduzido pela sua aliada a um determinado caramanchão, coberto de trepadeiras, e ali teve a felicidade de se ajoelhar aos pés de Maria Antonieta, e de receber uma rosa da mão real. A entrevista foi de súbito interrompida pelo rumor de passos, e a vigilante de la Motte, tendo aparecido, levou precipitadamente o cardeal, enquanto a rainha se retirava em direção oposta.

Em boa verdade, esta famosa cena nada tinha de comum com o negócio do colar, que sucedeu depois; mas êste depoimento produziu ainda maior sensação no espírito público. Maria Antonieta mostrou-se profundamente agastada, e com razão. Se as histórias do cardeal eram verdadeiras êle tornou-se culpado de uma traição cobarde, se não eram, de uma infame vilania; mas em ambos os casos a pobre rainha se achou envolvida num desonroso escândalo. E dispostos a acreditar no mal tinha ela muitos inimigos, os quais infelizmente a sua conhecida imprudência não fazia senão aumentar.

Entretanto, a polícia de Breteuil andava na pista do colar, aquela magnífica coleção de pedras desaparecida. O cardeal, com respeito ao colar, informou ainda que realizada a compra a pedido da rainha e convencionada sempre, por intervenção da bela Valois de la Motte, trouxe o colar pelas suas próprias mãos para casa da condêssa em Versailles, onde chegou um homem, que lhe pareceu ser um tal Leclos, criado da rainha, o qual levou a jóia à sua vista.

Interrogado, Leclos negou o incidente. Conhecia a condêssa, disse, mas nunca tinha estado em casa dela. A polícia dirigiu as suas atenções sôbre os membros da casa de la Motte, e descobriram que um dêles, Retaux de la Villette, tinha feito uma tentativa infeliz de venda de alguns brilhantes em Paris pouco tempo depois do colar ter sido entregue pelo cardeal. Subseqüentemente, o mesmo homem foi a Amsterdam, e ali desembaraçou-se de um grande número dêles. O próprio conde de la Motte fêz uma visita misteriosa à Inglaterra pela mesma época. Os agentes de Breteuil seguiram-lhe os passos, e descobriram que êle vendera cêrca de 250.000 francos em valor de brilhantes a um único comprador em Londres.

Sem dúvida o caso do roubo fraudulento do colar estava demonstrado. Faltava sòmente determinar quais eram os verdadeiros culpados. Houve quem acreditasse que Maria Antonieta partilhava do roubo. Outros, incluindo de Breteuil, pretenderam deitar a culpa inteira sôbre o cardeal, sendo os de la Motte apenas seus instrumentos. Esta foi a opinião da côrte. Os amigos de Rohan, pelo seu lado, asseguravam firmemente que êle tinha sido logrado ou sòmente pela condêssa ou conjuntamente pela rainha e pela condêssa; qual das hipóteses é que não arriscaram decidir.

Inútil enumerar sequer a série de histórias desagradáveis contadas pela bastarda dos Valois, durante o seu encarceramento, e depois nas memórias que publicou no fim

da sua vida. Umas vêzes ela exonerava de tôda a responsabilidade a rainha, e declarava-se vítima do cardeal; outras apontava a rainha como única culpada, e grosseiramente acusava Maria Antonieta de ter ficado com os melhores brilhantes.

Um dos seus últimos recursos foi diligenciar deitar a culpa tôda sôbre o célebre Cagliostro, conhecido como criado do cardeal. Pretendeu inculcar que êste homem tinha induzido seu amo a obter o colar, a fim de fazer uso dos brilhantes nas suas mágicas experiências. Cagliostro, que pretendia ter vivido milhares de anos, foi prêso, e interrogado se tinha alguma coisa de que se arrependesse, gravemente replicou:

— De nada, senão da morte de Pompeu.

O tenente de polícia, espirituosamente, replicou que evitaria entrar em assuntos que tivessem ocorrido no ofício dos seus predecessores.

A solução do enigma foi encontrada pelo hábil abade Georgel, que trouxe para o debate uma mulher moça, chamada Leguay d'Oliva. Esta senhora confessou que tinha sido convidada pela de la Motte para se disfarçar em Maria Antonieta, com quem tinha a maior semelhança, na famosa noite dos jardins de Versailles. A condêssa conseguiu fazer-lhe acreditar que a própria rainha sabia daquele lôgro, e que estava vendo a cena e divertindo-se por detrás da sebe.

Esta explicação conciliadora favoreceu o julgamento de Rohan, que foi triunfalmente absolvido por um parlamento já então hostil à côrte. Joana de Saint Rémi de la Motte Valois foi marcada com um ferro em brasa nas costas pelo carrasco, com o seu brazão hereditário, em forma de flor-de-liz, e foi sentenciada à prisão perpétua, na Salpetrière.

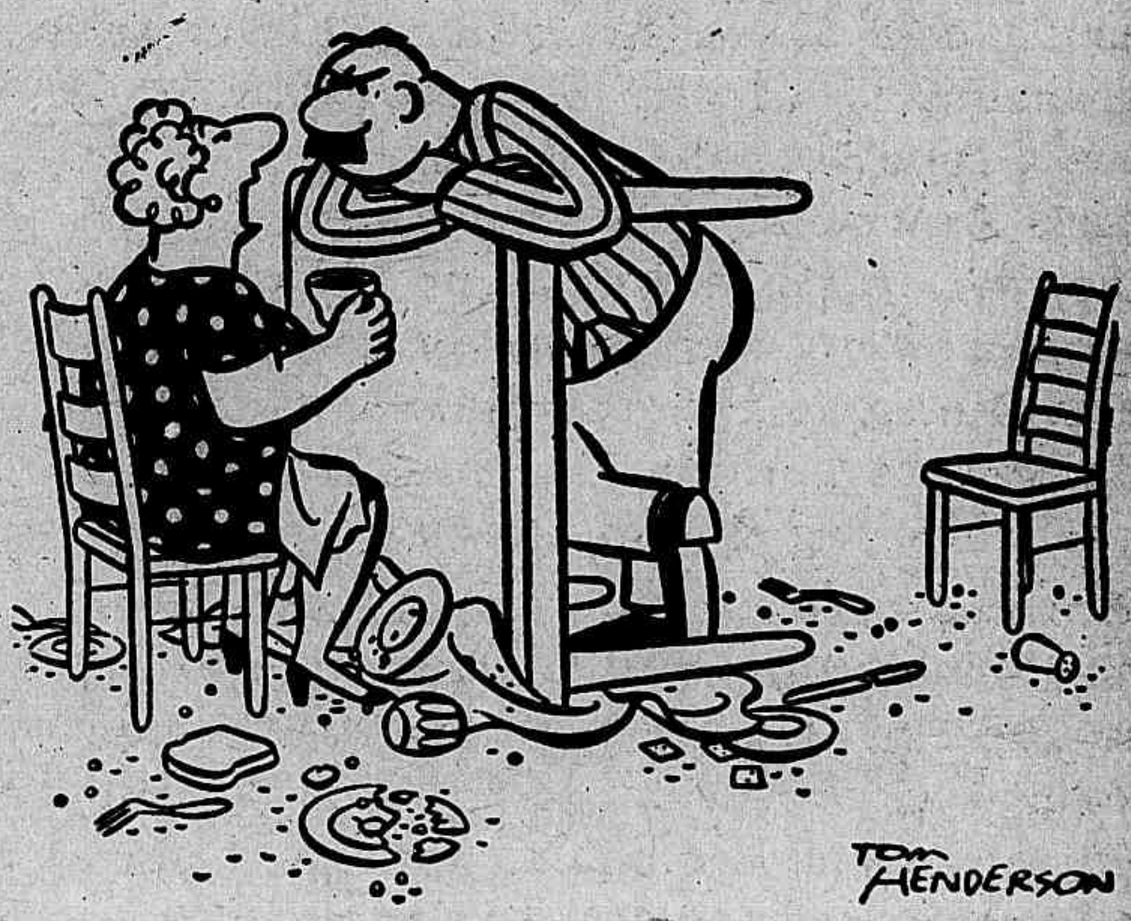
Terminada aqui a história do colar fôra fácil proclamar a inocência de Maria Antonieta; todavia, deram-se fatos que vieram, infelizmente para a reputação da desgraçada rainha, alimentar as dúvidas no espírito de muitos, que mal se convenceram da audaciosa concepção do roubo, urdido com rara habilidade por madame de la Motte; da credulidade simples dos joalheiros da coroa, os quais tanto confiaram na influência palaciana da bela aventureira; da quase inverossímil cegueira do cardeal de Rohan; da leviana inconsciência com que Maria Antonieta queima a carta de Bohmer, enfim, dos mil estranhos aspectos que oferece o exame atento dêste célebre processo, do qual saiu absolvida a grisette Leguay, cuja prodigiosa parecença com a rainha explicou o ardil da condêssa de la Motte, e a quem esta última tinha elevado a baronesa d'Oliva.

A Joana, não decorridos dezoito meses de prisão, foram misteriosamente fornecidos meios de fuga da Salpetrière; e, outra curiosa coincidência, nenhuma diligência foi empregada em obter a sua recaptura!

Pela mesma época a íntima da rainha, a duquesa de Polignac, estêve na Inglaterra negociando com o sr. de la Motte a compra de certas cartas que se dizia serem do punho da rainha. Depois uma coluna de fumaça espêssa, saindo das chaminés da fábrica de Sèvres, denunciou que Luís XVI comprara e estava destruindo secretamente uma edição das memórias do conde.

De sorte que a história dêste roubo extraordinário conserva, apesar de todos os trabalhos de investigações que recentemente têm aclarado muitos incidentes e particularidades, um certo mistério atraente para os que gostam de procurar explicação dos atos humanos no estudo dos caracteres, sob a influência do meio, vibrando ao impulso das paixões, num desordenado proceder, ilógico, assombroso, fatal.

★



— Acho que você ouviu o que eu disse. Comprei um novo chapéu, hoje!

EU SEI TUDO

N.º 462 — Ano XXXIX N.º 6 — Novembro — 1955

A CAPA — São famosos em tôda Europa os «Campinos» portuguêses não apenas por sua bravura e habilidade em lidar com os touros bravios dos campos de Vilafranca de Xira, como por sua indumentária típica e a famosa festa do «COLETE ENCARNADO», que atrai a gente-bem de Lisboa e os mais ilustres turistas, entre os quais sempre aparecem figuras do maior destaque das velhas côrtes européias. Leiam o artigo à página 85.

★

CORRESPONDÊNCIA

Francisco José Queiroz Salgado — Caixa Postal — Santos — S. Paulo. O observatório Nacional tem um excelente serviço de divulgação, que atenderá a qualquer pedido dêsse gênero. Remetem pelo correio com a maior presteza.

★

Carmen do Vale Pimentel — D. Federal. Gratos. Vamos pensar no seu pedido, sendo que o maior impedimento é a falta de espaço. Mas há boa vontade da nossa parte, o que já ajuda bastante.

★

Orêncio Boavista Cunha — Salvador — Bahia. Não recebemos. Vamos dar um pouquinho mais de tempo, pois em geral atrasa mesmo. Seu pedido já foi atendido, a partir de novembro corrente.

SUMÁRIO:

Isto também é amor (conto) ..... 5 a 9 e 110
O que faz a mulher para ser bela 12
São falsos todos os recordes esportivos .... 10 a 12
O Ártico, encruzilhada do mundo ..... 13 a 16
As pragas de Jake Bird (episódio real) .... 17 a 18
Percorrendo o mundo 18
Químicos maravilhosos distilam os tesouros do oceano ..... 19 a 22
Velocidade para os civis 22
Um extraordinário caso de amnésia (episódio real) ..... 23 a 24
Conselhos de uma quituteira 24
Maravilhas da Ciência: O destino vital dos gases 25 a 30
Origem de frases célebres 31
Êste mundo louco 32
Calma aparente 32
Não anda... mas patina! 32
Os astrônomos descobrem montanhas... do outro lado da Lua ..... 33 a 34
Distraía-se com o seu cérebro 34
O diário de Felix Lane, romance, conclusão) .. 35 a 42
A imitação do doente (novo método para tirar um diagnóstico) 43
Um ótimo rapaz (conto) ..... 44 a 49
Transatlânticos sôbre trilhos ..... 50 a 51
As môscas podem viajar 20 kms. 52
Vespas e marimbondos 53
Retalhos da nossa história ..... 63 a 65
Foi realmente uma "surprêsa" o ataque japonês a Pearl Harbor? ..... 67 a 72
Os inglêses adoram os fantasmas ..... 73 a 75
Duplicidade 75
No "Paraíso" 75
Neblinas da história... O colar da rainha .. 77 a 84
A festa do colête encarnado, em Vila Franca de Xira ..... 85 a 89
O mistério das esferas vermelhas (Romance — primeiro fascículo) 91
Memento EU SEI TUDO (Olhando o mundo há 60 dias) 99
Charadas — Quebra-cabeças 105

AOS NOSSOS LEITORES — Há apenas dois meses fomos forçados a elevar o preço de EU SEI TUDO para Cr$ 7,00, a fim de enfrentar o fabuloso aumento do preço do material de impressão e poder continuar a apresentar a nossa revista com o mesmo apuro de sempre. Infelizmente, êsse aumento não foi suficiente, o que ficou provado com a execução e total apronto dos números de setembro e outubro. Êsse fato nos obriga a passar com a presente edição para Cr$ 10,00, como único preço capaz de atender às exigências atuais com a impressão de EU SEI TUDO. Mas, podemos, felizmente, oferecer como uma compensação aos nossos fiéis amigos, mais quatro páginas de leitura em impressão de policromia